

FRITZ LEIBER

**OS CÉREBROS
PRATEADOS**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



FRITZ LEIBER

OS CÉREBROS PRATEADOS

**Tradução de Agatha M. Auersperg
Título original: The Silver Eggheads**

CAPÍTULO UM

Gaspard de la Nuit, escritor assalariado, passou o pano de flanela pela resplandecente chapa de latão da qual se elevava sua enorme Fábrica de Palavras, com o mesmo carinho meio distraído que, um pouco mais tarde, usaria para acariciar o quadril macio e ondulante de Heloisa Ibsen, escritora-chefe. Controlou automaticamente as fileiras de milhares de luzinhas (todas apagadas) e as fileiras de mostradores (todos indicando zero) sobre a fachada de dois andares de sua máquina eletrônica. Finalmente bocejou, massageando os músculos da nuca.

Durante todo seu turno de madrugada tinha tomado café, cochilado e também terminado de ler Pecadores Suburbanos dos Satélites e Cada Um Com Sua Própria Filosofia. Nenhum autor poderia desejar uma noite de trabalho mais fácil.

Enfiou a flanela numa gaveta de sua escrivaninha. Observou-se num pequeno espelho: passou os dedos entre os cabelos escuros e ondulados, ajeitou o drapeado romântico de sua exagerada gravata de seda preta e abotoou cuidadosamente os alamares trançados da casaca de veludo negro.

Logo em seguida caminhou apressadamente até o relógio de ponto e bateu seu cartão de saída. Seu substituto do turno da manhã já estava com um atraso de vinte segundos; entretanto não ligou. Quem devia se preocupar com estes detalhes era a comissão disciplinar do sindicato, não ele.

Parou ao lado da porta de saída do enorme salão, quase uma catedral, que alojava a meia dúzia de fábricas de palavras, grandes como órgãos, das editoras Rocket House e Proton Press, para deixar passar um grupo de visitantes de olhos arregalados, guiados por Joe, o Guarda, um velhinho todo curvo, que conseguia dormir em serviço quase tão bem como um escritor. Gaspard ficou satisfeito por não ter que aturar as costumeiras perguntas cretinas (Onde é que o senhor encontra as ideias que o senhor introduz na fábrica de palavras?) e os olhares excitados e desconfiados (porque o público de leitores acreditava, entre outras coisas,

que todos os escritores eram maníacos sexuais - o que era meio exagerado). Sentiu-se ainda mais satisfeito por evitar a curiosidade de um pai e filho com ar de xeretas. Vestiam macacões idênticos: o pai parecia pedante, com aquele ar de quem sabe tudo, e o filho estava malhumorado e chateado. Gaspard esperava que Joe, o Guarda, estivesse suficientemente acordado para evitar que o garoto começasse a mexer nos controles de sua adorada máquina.

Como havia espectadores, Gaspard tirou do bolso seu grande cachimbo recurvo, coberto de uma pátina escura, ergueu a tampa de filigrana de prata e começou a enchê-lo com fumo grosso, que tirava de uma bolsa de pele de foca bordada em ouro. Manteve uma expressão levemente pensativa durante toda a operação. A obrigação de fumar esta monstruosidade teutônica e o fato de ter que envergar roupas vagamente afeminadas eram os únicos detalhes de sua vida de escritor que não lhe agradavam. Entretanto os editores se mantinham inflexíveis a respeito destes pormenores contratuais; e também insistiam para que um escritor trabalhasse durante todo o seu turno, mesmo que as fábricas de palavras estivessem paradas.

Diacho, pensou enquanto sorria, dentro de pouco tempo se tornaria um escritor-chefe, autorizado a envergar calças Levis e camiseta, a usar cabelo bem aparadinho e a fumar cigarros. Aliás, como escritor assalariado possuía muito mais vantagens que um escritor aprendiz, que em geral era obrigado a se fantasiar de antigo grego, antigo romano ou de frade, quando não andava disfarçado de pagem medieval. Gaspard se lembrou de um coitado de escritor, obrigado por alguns sádicos do sindicato a assinar um contrato que especificava que o escritor devia usar roupas babilônicas e levar sempre consigo três tábuas de pedra, um cinzel e uma maleta. O público, sem dúvida, exigia que os escritores tivessem uma certa aura, mas aquela fantasia babilônica era um exagero.

Mesmo assim, os escritores levavam uma vida tão mansa, para não dizer luxuosa, que Gaspard não conseguia entender os motivos da insatisfação sempre crescente entre muitos escritores chefes e assalariados: murmuravam obscuras ameaças contra os editores e estavam todos convencidos de ter que transmitir uma séria e profunda mensagem ao público. Alguns odiavam abertamente suas fábricas de palavras e Gaspard achava que isto era pior que um sacrilégio. A própria Heloisa costumava desaparecer no meio da noite para participar de reuniões secretas de protesto (e Gaspard não queria nem ouvir nada a respeito), em vez de descansar depois de seu turno da tarde, preparando-se para a volta de Gaspard.

A lembrança de Heloisa esperando-o deitada numa cama cheia de babados, obrigou Gaspard a franzir a testa. Achava que duas horas dedicadas a ternas atividades horizontais com uma imaginosa escritora-chefe, era demais, para não dizer que era cansativo. Uma hora dava e sobrava.

- Veja, Filho, aquele é um escritor. - Como não podia deixar de ser, era o pai de macacão que respondia, com um cochicho penetrante, a uma pergunta do filhinho de macacão. Gaspard não se importou com o cochicho carregado de menosprezo e desaprovação, encolheu os ombros e saiu pela porta, com um sorriso cheio de subentendidos. Sabia que, sendo um escritor, era sua sina ter a fama de pertencer a uma profissão cujos membros eram chamados de maníacos sexuais. A mais, as duas horas seguintes de felicidade horizontal representavam uma solução de compromisso entre a hora que ele queria e as três horas exigidas por Heloisa.

A Avenida do Leitor, a avenida de New Angeles, Califórnia, onde se concentravam todas as editoras anglófonas do Sistema Solar, pareceu-lhe estranhamente vazia naquela manhã. Pelo menos, não via criaturas humanas (será que todo o turno diurno estava em atraso?); entretanto, viu um bom número de robôs de aparência primitiva - homens metálicos, angulares, com dois metros de altura, monóculos como Polifemo, com uma única tela de vídeo na testa e pequenos alto-falantes para poder conversar com os humanos (quando conversavam entre si, o faziam mediante um contato direto de metal a metal, ou através de ondas curtas silenciosas).

Animou-se logo, porém, ao ver um robô que conhecia, forte e bem-acabado em aço azulado, e que se destacava dos outros robôs primitivos como um cavalo purosangue entre uma porção de cavalos normandos.

- Olá, Zane! - gritou. - O que está acontecendo?

- Saudações, Gaspard - respondeu o robô. Quando chegou perto, continuou em tom muito mais baixo: - Não sei. Aqueles monstros não querem falar comigo. Você pode ver que se trata de jagunços, provavelmente a soldo dos editores. Talvez os carreteiros estejam mais uma vez preparando uma greve e os editores pretendam prevenir-se contra tentativas de interferência na distribuição dos livros.

- Neste caso não precisamos ficar preocupados - disse Gaspard, animado. - Você tem muito trabalho nestes dias, velho refugo?

- Preciso labutar durante todo o expediente apenas para ganhar energia suficiente para alimentar minhas baterias, velha carcaça - respondeu o robô. - Por outro lado, estou louco por energia.

Gaspard sorriu com ternura enquanto o robô ronronava amavelmente. Gaspard realmente gostava da companhia de robôs, especialmente de seu bom amigo Zane, embora os humanos reprovassem estas associações com o inimigo (como os robôs eram chamados), e certa vez, Heloisa, numa briga de namorados, acusara Gaspard de ser um "porco amigo de robôs".

Provavelmente suas preferências pelos robôs eram apenas uma consequência de seu carinho pela fábrica de palavras, mas Gaspard nunca tentara analisar seus sentimentos. Sabia apenas que se sentia atraído pelos robôs e detestava os preconceitos anti-robôs. Diacho, pensou, os robôs eram divertidos e boa companhia, e mesmo que um dia tivessem que se apoderar do mundo de seus criadores, o fariam de modo pacífico; a mais (pelo menos, era o que os cientistas afirmavam) nunca surgiriam questões de miscigenação ou outras besteiras para turvar o relacionamento entre as duas raças.

E Zane Gort era um sujeito formidável, um sujeito excepcional entre o povo metálico. Era um robô autônomo que se dedicava, sobretudo, a escrever histórias de aventuras para outros robôs: Zane Gort tinha amplos conhecimentos, era extremamente simpático e ostentava uma indiscutível atitude brunch (que era a expressão robotésca para "varonil") frente à vida, o que servia para qualificá-lo como uma criatura inteligente entre milhares.

Zane disse:

- Gaspard, ouvi um boato. Dizem que os escritores humanos estão planejando uma greve... ou talvez algo mais violento.

- Não acredite - retrucou Gaspard. - Se fosse assim, Heloisa teria me avisado.

- Fico muito satisfeito - respondeu Zane, com um zunido que não parecia convencido. De repente uma faísca azul se despreendeu de sua pinça direita erguida e penetrou em sua testa.

- Mil perdões - disse, enquanto Gaspard, sem querer, dava um passo para trás. - Preciso correr agora. Fiquei quatro horas sem saber como continuar meu novo romance. Coloquei o dr. Tungstênio numa situação muito delicada e não sabia como resolvê-la. Neste instante percebi a solução. Unidos, amigo!

Saiu pela avenida como um raio azul.

Gaspard continuou seu calmo passeio, vagamente curioso de saber como poderia ser a sensação de ficar durante quatro horas sem poder continuar um romance. É claro, a fábrica de palavras poderia ter um curto, mas não era a mesma coisa. Poderia ser como tentar resolver um difícil problema de xadrez? Ou, quem sabe, mais parecida com aquelas intensas frustrações emocionais que costumavam se apoderar das pessoas (e até de escritores!) nos difíceis tempos antigos, antes que inventassem a hipnoterapia, os hiper tranquilizantes e os incansáveis robôs psiquiatras?

Por outro lado, se era assim, como poderia ser esta frustração emocional? Gaspard, como já tinha acontecido antes, chegou à conclusão que estava levando uma vida excessivamente tranquila, excessivamente bovina, mesmo sendo um escritor.

CAPÍTULO DOIS

Estas vagas reflexões de Gaspard foram interrompidas de repente pela enorme banca de jornais que se encontrava no fim da Avenida do Leitor. Tinha o brilho esfuziante de uma árvore de Natal e Gaspard teve a impressão de ser uma criancinha de seis anos a ponto de se encontrar com Papai Noel.

Durante os últimos dois séculos a aparência do conteúdo de um livro de bolso não tinha mudado muito - era impressão escura sobre papel claro - mas as capas estavam super incrementadas. As meras sugestões utilizadas na metade do século vinte agora tinham se transformado em maravilhosa realidade.

Pela mágica da estéreo impressão e reprodução em "ação-4", moças sensuais, do tamanho de bonecas, se despiam sem parar, tirando uma peça após a outra, ou passavam continuamente por janelas iluminadas, apenas vestidas de alguns véus. Bandidos e monstros ostentavam um esgar, filósofos e ministros mostravam sua preocupação benévola com várias expressões. Cadáveres ensanguentados caíam, pontes ruíam, tempestades sacudiam árvores, naves espaciais atravessavam o infinito estrelado em janelas de doze e meio por doze e meio.

Todos os sentidos ficavam envolvidos - os ouvidos captavam músicas leves e suaves, fascinantes como o canto das sereias, entremeadas por estalidos de beijos demorados ou de chicotes sobre corpos femininos, a tosse distante de metralhadoras e o rugido abafado de bombas atômicas.

O nariz de Gaspard captava o aroma de peru assado, de fogueiras, de bosques de pinheiros, de flores de laranjeira, de pólvora, uma pitadinha de maconha, de âmbar e de perfumes persistentes como "Fer de Lance" e "Nébula Número Cinco". Ao mesmo tempo, Gaspard sabia que ao esticar a mão, poderia sentir, nos vários livros o toque de veludo, de visom, de pétalas de rosas, de couro cordovês, de bordo polido, de bronze patinado, de

cortiça marinha venusiana ou da pele quente de uma moça.

Naquele momento três horas de atividades íntimas com Heloisa Ibsen não parecia excessivo. Enquanto se aproximava da aglomeração de livros de bolso, que se apresentavam como enfeites sobre uma árvore de Natal (exceto os microfilmes dos robôs, austeramente enfileirados numa prateleira modernosa), Gaspard caminhou ainda mais devagar, para aumentar o prazer da expectativa.

Contrariamente ao que acontecia com a maioria dos escritores de sua geração, Gaspard gostava de ler livros, especialmente o produto quase hipnótico das fábricas de palavras, às vezes chamado apenas "palavrório", com suas nuvens rosadas e quentes de adjetivos, seus verbos de ação que sopravam como ventos selvagens, seus substantivos concretos em quatro dimensões e suas conjunções eletronicamente soldadas.

De fato, estava prevendo dois prazeres diferentes: escolher e comprar um novo livro de bolso que ia ler à noite, e ver mais uma vez sua própria primeira obra, "Senha Para a Paixão", ali exposta, e que era caracterizada por uma mocinha que, na capa, tirava sete anáguas de cores diferentes - um verdadeiro arco-íris. Na contracapa se via uma estereofoto de Gaspard, de casaca, numa sala com móveis Vitorianos, inclinado sobre uma mocinha muito bonita, que usava um penteado complicado do qual saía uma quantidade de longos grampos. Também vestia uma blusa de renda quase completamente desabotoada. Embaixo da foto lia-se: "Gaspard de la Nuit colhendo material para sua Obra Magna". Mais embaixo ainda: "Gaspard de la Nuit é um lavador de pratos francês com experiências extracurriculares como garçom de nave espacial, assistente numa clínica de abortos (onde trabalhou para a Surêté coligindo provas), motorista de táxi em Montmartre, copeiro de um visconde do ancien regime, madeireiro nas florestas de pinheiros do Canadá francês, estudante das leis interpla netárias do divórcio, na Sorbonne, missionário huguenote entre os negros marcianos e tocador de piano num bordel. Sob o efeito da mescalina, conseguiu reviver as carreiras infamantes de cinco célebres cafetões de Paris. Passou três anos recolhido num hospital psiquiátrico, onde duas vezes tentou assassinar enfermeiras a porretadas. Mergulhador destemido, segundo a imortal tradição de Jacques Cousteau, seu patrício, conseguiu assistir aos sadísticos ritos submarinos sexuais dos tritões venusianos. Gaspard de la Nuit escreveu "Senha Para a Paixão" em cinquenta e seis horas, valendo-se de um Rocket Wordmaster novinho em folha, equipada com

Advérbios Flutuantes e Reticências de Cinco Segundos. A obra foi desbastada num Simon Superjuicer. A Comissão de Editores conferiu à de la Nuit um prêmio por "prosa excepcional", representado por três noites no exótico e antigo bairro de Manhattan Baixa. Atualmente está colhendo material para seu segundo romance, cujo título será "O Aconchego do Pecado".

Gaspard conhecia as palavras de cor e também sabia que eram mentiras, exceto o detalhe de ter fabricado "Senha Para a Paixão" em sete turnos. Nunca estivera no espaço e nem em Paris, nunca praticara um esporte mais violento que pingue-pongue ou tivera um emprego mais exótico do que controlador de estoque; e, sobretudo, nunca tivera a menor psicose.

A respeito da "coleta de material" lembrava-se, sobretudo, das violentas luzes estéreo, durante a sessão fotográfica, e da modelo lésbica que se queixava continuamente por causa de seu mau hálito, enquanto torcia o corpinho miúdo em poses convidativas, olhando para a fotógrafa de aparência masculina. Por outro lado, agora tinha Heloísa Ibsen, e Gaspard não podia deixar de admitir que ela valia pelo menos por três mulheres.

Pois é, os comentários eram mentirosos, Gaspard já os sabia de cor, e mesmo assim era um prazer lê-los, parado ao lado da banca, saboreando todos os detalhes daquela repelente bajulação.

Enquanto estendia a mão para apanhar o livro reluzente (a moça da capa estava para tirar a última anágua lilás), uma língua de fogo, vermelha, escaldante e fedida, prorrompeu do lado e, num instante, reduziu o diminuto mundo da boneca sensual a um monte de cinzas. Gaspard, ainda perdido no mundo dos sonhos, que estava se transformando em pesadelo, deu um pulo para trás. Em três segundos a cintilante árvore carregada de livros se transformou numa armação retorcida, carregada de frutos pretos e enrugados. A chama se apagou e seu rugido foi substituído por uma cacofonia de gargalhadas obscenas. Gaspard reconheceu uma voz.

- Heloísa! - gritou, sem acreditar.

Não podia haver qualquer dúvida: a voz era a de sua amante chefe, que Gaspard imaginava estar na cama, preparando-se para o encontro amoroso - suas feições pronunciadas estavam distorcidas por uma alegria feroz, os cabelos escuros se agitavam como os de uma miríade, suas formas exuberantes pareciam querer saltar das calças justas e da camisa. Na mão esquerda segurava uma esfera escura, de aparência sinistra.

Estava acompanhada por Homer Hemingway, outro escritor-chefe, que ostentava uma

cabeça raspada, e que Gaspard julgava um cretino desajeitado, embora recentemente Heloisa tivesse citado com frequência suas observações. As peças mais excêntricas da fantasia de Homer eram um colete de atirador em veludo, cujos bolsos estavam repletos de caramurus gigantes, e um largo cinto do qual pendia um machado. Suas mãos peludas seguravam o bico de um lança-chamas.

Atrás do casal se viam dois escritores assalariados, com blusas listradas e bonés azuis. O primeiro segurava o tanque do lança-chamas e o segundo, além de uma metralhadora, levava uma espécie de bandeira com um "30" preto sobre fundo cinza.

- O que é que você está aprontando, Heloisa? - perguntou Gaspard, que ainda não estava reffeito do susto.

Sua apaixonada valquíria colocou as mãos na cintura.

- Isto é assunto meu, sonâmbulo! - respondeu às gargalhadas. - Desentupa seus ouvidos! Tire os antolhos! Dê uma arejada em seu cerebrozinho!

- Mas por que queimar livros, querida?

- Você acha que este lixo são livros? Você é um verme! É um inseto que se arrasta no chão! Será que você nunca teve vontade de escrever alguma coisa que fosse realmente sua? Alguma coisa realmente grande?

- É claro que não! - respondeu Gaspard, chocado. - Como poderia? Querida, você ainda não me explicou por quê...

- Isto é apenas o começo! - uivou Heloisa.- É apenas um símbolo! - Voltou a sorrir com ódio - A destruição vital está para acontecer! Vamos, Gaspard, você pode me ajudar! Esqueça sua preguiça e mostre que é homem!

- Ajudar em quê? Querida, você ainda não me explicou...

Homer Hemingway se intrometeu:

- Estamos perdendo tempo, boneca. - Olhou para Gaspard com desprezo.

Gaspard não tomou conhecimento.

- O que é esta bola de ferro que você está carregando, Heloisa? - perguntou.

A atlética huri achou a pergunta divertida.

- Você lê um monte de livros, não é mesmo, Gaspard? Já leu alguma coisa a respeito de niilismo e dos niilistas?

- Não, querida, acho que não.

- Você não perde por esperar, amoreco. De fato, você vai descobrir o que significa ser niilista. Homer, passe o machado para o Gaspard.

De repente, Gaspard se lembrou da pergunta de Zane Gort.

- Vocês pretendem fazer uma greve? - perguntou, sem acreditar. - Querida, você não me disse nada.

- Claro que não. Não posso confiar em você. Você tem pontos fracos, especialmente quando se trata de fábricas de palavras. Vou lhe dar uma oportunidade para mostrar que você é um forte. Tome o machado de Homer.

- Escute, querida, vocês não podem recorrer à violência - protestou Gaspard.- A avenida está cheia de jagunços robôs.

- Não se preocupe com eles, companheiro - afirmou Homer com ar de mistério. - Temos informações confidenciais sobre aqueles jecas de lata. Se você está apenas preocupado com isto, pode pegar o machado e destruir algumas fábricas de palavras.

- Destruir fábricas de palavras? - Gaspard perguntou como quem pergunta: "Assassinar o papa?", "Envenenar o Lago Michigan?" ou "Explodir o Sol?"

- Sim, senhor, destruir fábricas de palavras! - confirmou o simpático canibal. - Faça sua escolha, Gaspard! Você é um verdadeiro escritor ou apenas um zero? Você é um herói ou apenas um bajulador de editores?

Gaspard tomou um ar decidido. Aproximou-se de Heloísa e falou com voz firme:

- Querida, vamos para casa. Já!

Uma enorme mão peluda se chocou com seu peito e deixou Gaspard caído de costas sobre a calçada forrada de borracha.

- Esta senhora irá para casa quando ela quiser, companheiro - disse Homer Hemingway. - E irá comigo.

Gaspard se levantou e tentou dar um soco em Homer, mas o gigante o empurrou mais uma vez, tirando-lhe o fôlego.

- Você acha que é um escritor, companheiro? - perguntou Homer, aplicando outro soco que deixou Gaspard desmaiado. - Ora, meu caro, você está destreinado.

CAPÍTULO TRÊS

O pai e o filho, resplandecentes em seus macacões turquesa com botões de opala, contemplavam, satisfeitos, a fábrica de palavras de Gaspard. O escritor de turno não tinha chegado. Joe, o Guarda, dormia de pé ao lado do relógio de ponto. Os outros visitantes já tinham se afastado. Um robô rosado apareceu de algum lugar e sentouse em silêncio numa extremidade do enorme salão. Suas pinças estavam se movimentando sem parar; parecia estar fazendo tricô.

PAI: Pronto, Filho. Observe com atenção. Cuidado, não precisa se inclinar tanto para trás.

FILHO: Este negócio é muito alto, Paizinho.

PAI: Verdade. É bem grande. Esta é uma fábrica de palavras, Filho. É uma máquina que escreve livros. Livros de ficção.

FILHO: Também escreve meus livros de contos?

PAI: Não, escreve apenas livros para adultos. Uma máquina muito menor, uma máquina de tamanho infantil, escreve seus pequenos li...

FILHO: Vamos embora, Pai.

PAI: De jeito nenhum, Filho! Você quis ver uma fábrica de palavras, e insistiu e insistiu, e eu tive um trabalho enorme para conseguir um passe para visitantes, portanto faça o favor de observar bem esta fábrica de palavras e ouça minhas explicações.

FILHO: Sim, Paizinho.

PAI: Veja, é assim que... Não... É assim que...

FILHO: Pai, esta máquina é um robô?

PAI: Não, não é um robô como o electricista ou seu professor. Uma máquina de palavras não é uma pessoa, como um robô, embora ambos sejam metálicos e trabalhem por meio de eletricidade. Uma máquina de palavras é como uma máquina de calcular elétrica, mas em vez de números utiliza palavras. É como uma grande máquina para jogar xadrez ou para os jogos

de guerra, só que faz seus movimentos numa novela e não num tabuleiro. Mas uma fábrica de palavras não está viva como um robô, e não pode se movimentar. Pode apenas escrever livros de ficção.

FILHO (com um pontapé na máquina): Máquina estúpida!

PAI: Não faça isto, Filho. Veja, é assim: existem um sem-número de maneiras de escrever uma história.

FILHO (entediado, dando outros pontapés): Sim, Paizinho.

PAI: A maneira depende das palavras que foram escolhidas. Entretanto, depois de escolher uma palavra, as outras palavras devem combinar com a primeira palavra. Devem transmitir o mesmo sentimento, a mesma atmosfera, e se adaptar à corrente de suspense com precisão micrométrica. Depois eu explico.

FILHO: Sim, Paizinho.

PAI: Em primeiro lugar, a fábrica de palavras recebe as linhas gerais de uma história, que são registradas nos bancos de memória - muito maiores que os meus - e a primeira palavra é escolhida ao acaso: isto chama-se a senha inicial. Em outros casos, a primeira palavra é escolhida pelo programador. Entretanto, quando a máquina escolhe a segunda palavra, esta deve corresponder à mesma atmosfera, e assim por diante. Se uma fábrica de palavras recebesse as mesmas linhas gerais e as cem primeiras palavras diferentes - é claro, uma palavra de cada vez! - escreveria cem histórias diferentes. É claro, o processo é muito mais complicado do que como o expliquei, e tudo isto é complicado demais e meu Filhinho não poderia compreender. Entretanto, é assim que esta máquina funciona.

FILHO: Quer dizer que uma fábrica de palavras conta sempre a mesma história com palavras diferentes?

PAI: Sim, de uma certa forma.

FILHO: Acho que isto é uma tolice.

PAI: Não é uma tolice, Filho. Todos os adultos costumam ler contos. O Paizinho também lê contos.

FILHO: Sim, Paizinho. Quem é essa?

PAI: Onde?

FILHO: Essa pessoa que vem para cá. Essa senhora com as calças apertadas azuis e a

blusa desabotoada.

PAI: Hum! Não olhe, Filho. É uma escritora, Filho.

FILHO (ainda olhando): O que é um escritor, Pai? Quer dizer que esta é uma daquelas senhoras más, como aquela que quis falar com o senhor em Paris e o senhor disse que não queria falar com ela?

PAI: Não, Filho, o que é isto! Não. Um escritor (ou uma escritora) é apenas uma pessoa que cuida de uma fábrica de palavras, que limpa o pó, e coisas assim. Os editores fazem de conta que o escritor ajuda a fábrica de palavras a escrever um livro, mas é uma mentira, Filho, uma mentira das grossas, é um faz-de-conta divertido só para que tudo tenha uma aparência mais excitante. Os escritores podem se vestir de maneira extravagante e ter um comportamento reprovável, como os ciganos - isto é parte de um acordo sindical concluído no tempo em que foram inventadas as primeiras fábricas de palavras. Você nem poderia acreditar...

FILHO: Pai, ela está colocando alguma coisa nesta fábrica de palavras. É uma bola preta.

PAI (sem olhar): Ela deve estar lubrificando a máquina ou trocando um transistor, ou fazendo o que ela deve fazer com uma fábrica de palavras. Você não vai acreditar no que seu Paizinho vai lhe contar agora, mas deve acreditar, porque quem fala é seu Paizinho. Antes da invenção de fábricas de palavras...

FILHO: Paizinho, aquela coisa está soltando fumaça.

PAI (ainda sem olhar): Não interrompa, ela deve ter derramado o óleo ou qualquer coisa assim. Antes da invenção de fábricas de palavras, os escritores realmente escreviam histórias! Eram obrigados a pro...

FILHO: A escritora está indo embora, Pai. Ela está correndo.

PAI: Já disse para não me interromper. Tinham que procurar todas as palavras em suas memórias, para depois compor uma história. Deve ter sido...

FILHO: Pai, a coisa ainda está soltando fumaça e estou vendo faíscas.

PAI: Já falei para não me interromper. Deve ter sido um trabalho extremamente difícil, como construir as pirâmides.

FILHO: Sim, Paizinho. Olhe, ainda está solt...

BUUUMMM! A fábrica de palavras de Gaspard ficou reduzida a migalhas, no meio de uma barulheira infernal. O pai e o filho receberam em cheio o impacto da explosão e se

desintegraram em pedacinhos cor de turquesa e de opala. Terminaram sua existência sem qualquer dor, vítimas ocasionais de uma esquisita rebelião profissional. O incidente que provocou suas mortes era apenas um entre muitos que se repetiam nas redondezas, e as vítimas fatais, felizmente, foram poucas.

Ao longo de toda a Avenida do Leitor, que muita gente costumava chamar de Rua do Sonho, os escritores estavam destruindo as fábricas de palavras. Os escritores sindicalizados estavam incendiando e arruinando tudo, desde a árvore carbonizada de livros, onde Gaspard ainda se encontrava caído, até as bases de lançamento na outra extremidade da avenida. A multidão excitada e vestida de forma extravagante, com seus bonés, seus roupões, suas togas, seus babados, seus quimonos, suas capas, suas camisas esportes, suas gravatas borboleta, suas camisas rendadas, suas cartolas, seus coletes, suas camisetas e blue jeans, percorria a avenida central do gigantesco centro editorial totalmente mecanizado, único em toda a Terra, aliás em todo o Sistema Solar, como uma torrente sem controle; penetrava aos berros nas fábricas de ficção, levando a morte e a destruição às grandes máquinas que substituíam os escritores, os quais estavam reduzidos a meros mecânicos de fábricas de palavras. Eram as máquinas que produziam a matéria que alimentava os desejos e apaziguava as mentes subconscientes dos habitantes de três planetas, de meia dúzia de luas e de vários milhares de satélites e de naves espaciais durante suas trajetórias.

Entretanto, os escritores não mais satisfeitos com os elevados salários e as características aparentes que indicavam qual era sua profissão - como as fantasias antigas e os nomes sugestivos que podiam, aliás que eram obrigados a usar, e as aventuras amorosas exóticas ou esquisitas - estavam botando para quebrar, estavam destruindo e queimando, enquanto a polícia da Administração Trabalhista, que desejava destruir o poder dos editores, ficava parada, observando sem nada fazer. Os robôs pistoleiros, rapidamente contratados pelos editores apavorados, também ficaram inativos, pois foram proibidos de intervir por uma rápida ordem da Irmandade Interplanetária das Máquinas Independentes para Escritórios; estes robôs se mantinham imóveis - pareciam estátuas sinistras, com o metal amassado pelas tijoladas e manchado pelos ácidos, enegrecidas pelos raios portáteis dos piquetes - e assistiam mudos à morte de seus primos estacionários e desprovidos de mentes.

Homer Hemingway arrebentou com o machado o painel de controle de um Random House

Write-All e começou a destruir os tubos e os transistores.

Sappho Woolstonecraft Shaw enfiou um grande funil de plástico na unidade da memória de um Escriba Scribner e despejou oito litros de fumegante ácido nítrico em seu interior extremamente delicado.

Harriet Beecher Bronte encharcou um Romancista Norton de gasolina e relinchou quando as chamas começaram a se elevar para o céu.

Heloísa Ibsen, com a camisa rasgada sobre os ombros, e erguendo a bandeira cinzenta com seu "30" negro, que significava o fim da literatura feita com máquinas, pulou sobre as costas de três vice-presidentes encolhidos, que tinham saído para ver "como os robôs dariam cabo daqueles mecânicos insolentes". Por um momento, Heloísa mostrou uma marcada semelhança com "A Liberdade guiando o Povo", no famoso quadro de Delacroix.

Abelard de Musset, com a cartola inclinada e os bolsos repletos de proclamações sobre criatividade independente, apontou uma metralhadora contra um Conspirador Putnam.

Mareei Feodor Joyce lançou uma granada no associador de um Sério Schuster.

Dylan Bysshe Donne atirou com a bazuca contra um Trovador Bantam.

Agatha Ngaio Sayers envenenou um Cobrador Doubleday com óxido magnético em pó.

Somerset Makepeace Dickens abriu um Roteirista Harcourt com um martelo pneumático.

H.G. Heinlein enfiou estiletes explosivos num Appleton S- F e quase perdeu a vida na tentativa de empurrar a multidão para trás, a uma distância segura, até que o calor dos jatos tivesse fundido os grandes cordões de fios de prata.

Norman Vincent Durant explodiu um Criador de Livros Ballantine.

Talbot Fennimore Forester recortou um Histórico Houghton com um sabre e depois o arrombou com um pique; finalmente enfiou nos restos um líquido para produzir fogo grego, composto segundo uma antiga fórmula.

Luke Van Tilburg Wister descarregou seus seis revólveres contra um Whittlesey Western, e acabou a destruição com seis bananas de dinamite.

Fritz Ashton Eddison soltou uma revoada de morcegos radioativos no interior de um Fiction House Fantasizer (que na realidade era um Sonhador Dutton, modificado com Controle de Credibilidade).

Edgar Allen Bloch, agitando uma bengala elétrica, alimentada por baterias isotópicas

portáteis, conseguiu colocar em curto um andar inteiro repleto de cortadores, embutidores, polidores, apertadores, lubrificadores e outros apetrechos.

Conan Haggard de Camp jogou um caminhão de cinco toneladas contra um Espadachim Gold Medal.

Os Shakespeares destruíam, os Dantes traziam a morte eletroquímica, os Esquilos e os Miltons lutavam ombro a ombro junto com os Zolas e os Farrells; os Rimbauds e os Bradburys enfrentavam os mesmos perigos revolucionários. Ao mesmo tempo, tribos de Balzacs, de Dumas e de autores com o sobrenome de White (e que se distinguiam apenas pelas iniciais dos nomes), limpavam a retaguarda.

Foi um dia negro para os amantes da leitura. Ou talvez fosse apenas uma alvorada.

CAPÍTULO QUATRO

Um dos últimos incidentes do Massacre das Fábricas de Palavras - que mais tarde alguns historiadores compararam com o incêndio da Biblioteca de Alexandria e com os holocaustos nazistas de livros, enquanto outros afirmavam que se parecia com a Reunião do Chá de Boston e com a conquista da Bastilha - aconteceu na grande usina subterrânea partilhada pela Rocket House e pela Proton Press. Ali, depois do horrível atentado a bomba, de Heloisa Ibsen, que destruiu o Wordmaster de Gaspard, houve uma certa calma. Todos os sobreviventes fugiram, salvo duas professoras de meia-idade, abraçadas e encolhidas perto da parede: estavam em choque e não conseguiam se mexer.

Um robô esguio, com acabamento anodizado e colorido de rosa, se agarrava em ambas, parecendo ainda mais assustado. Era um robô com cinturinha de pilão, com tornozelos e pulsos bem finos, muito mais esguio que Zane Gort, e cuja aparência geral era estranhamente feminina.

Um minuto ou dois depois da explosão, Joe, o Guarda, conseguiu acordar ao lado do relógio de ponto. Atravessou o local vagorosamente e tirou de um armário uma vassoura e uma lixeira com pá e tampa. Voltou vagorosamente e, com movimentos ainda mais lentos, começou a varrer ao redor do enorme monte de destroços, em volta da fábrica de palavras destruída, recolhendo pedacinhos de metal, de material isolante e de fazenda turquesa. A um certo ponto apanhou um botão de opala no chão, ficou a observá-lo, sacudindo a cabeça e finalmente deixou-o cair tilintando na lixeira.

Os cinco olhos das duas professoras e do robô cor-de-rosa seguiam todos os seus movimentos. Como símbolo paterno e de segurança, Joe, o Guarda, era mais ou menos medíocre, apesar da escassa importância destes símbolos: entretanto era o único à vista e servia para quebrar o galho.

Joe, o Guarda, já tinha enchido e esvaziado duas vezes sua lixeira - e esta operação

requeria todas as vezes uma demorada travessia do local - quando os escritores, ébrios de vitória, apareceram em grande número, em formação de cunha: a ponta revelava a presença de três lança-chamas, e o fogo surgia rugindo dos bicos.

Enquanto os três times de lança-chamas começavam, urrando, o trabalho de demolição das cinco fábricas de palavras superstites, o resto dos escritores se movimentava pelo local, aos uivos. Sua aparência infernal recrudescia sob a luz avermelhada das chamas. Trocavam apertos de mão, batiam-se mutuamente nos ombros, se abraçavam e beijavam, gritando nos ouvidos dos companheiros os relatos de suas proezas, especialmente como tinham acabado com uma ou outra fábrica de papel que odiavam. E soltavam gargalhadas.

As duas professoras e o robô cor-de-rosa estavam ainda mais agarrados. Joe, o Guarda, olhou de esguelha para os invasores, meneou a cabeça e continuou seu trabalho, aparentemente praguejando em voz baixa.

Alguns escritores começaram a formar um cordão e logo todos os outros seguiram o exemplo, salvo os que estavam acionando os lança-chamas. Com as mãos sobre os ombros do escritor mais em frente, começaram a dançar e a arrastar os pés, formando uma espiral meio torta que dava duas vezes a volta no salão, passando entre algumas fábricas de palavras enegrecidas e fumegantes, e perigosamente perto das chamas. Enquanto avançavam - dois passos para frente, um passo para trás - emitiam gritos e rugidos num estranho ritmo.

Quando uma parte do cordão pareceu se aproximar, as duas professoras e o robô cor-de-rosa se comprimiram ainda mais contra a parede. Joe, o Guarda, ficou retido entre a espiral interna e a externa, mas mesmo assim continuou a varrer; apenas não parava se sacudir a cabeça e de murmurar.

Com o tempo, palavras começaram a emergir do barulho infernal de gritos e grunhidos, palavras que eram repetidas em coro, até que surgiu um cantochão cínico e claro:

Matem os editores! Matem os editores!

Pa-la-vrão!

Louvemos os programadores!

Fodam os programadores! Chega de fábricas de palavras!

Matem os editores! Matem os editores! Pa-la-vrão! Fodam os programadores! Chega de fábricas de palavras!

A este ponto, o comportamento do robô cor-de-rosa mudou de maneira radical. O robô - ou melhor, a robix, porque era do sexo feminino - se endireitou, afastou as duas professoras e depois avançou corajosamente, agitando os braços, como para afastar uma nuvem de mosquitos e chiando com uma vozinha tão fina que ficava completamente sobrepujada pelo cantocho.

Os escritores perceberam que estava se aproximando. Como todo o mundo, sabiam que era melhor sair do caminho de um robô quando este estava mal-humorado, e simplesmente abriram o cordão para deixá-la passar, vaiando e gargalhando.

Um escritor, com uma cartola toda abaulada e uma capa preta rasgada, gritou:

- É uma breen, rapazes!

- Este comentário provocou enormes gargalhadas, e uma escritora baixinha, com roupas masculinas do século XIX, completamente rasgadas - e que se chamava Simone Wolfe-Sand Sagan - berrou:

- Cuidado, Coradinha! O que vamos escrever agora provocará curtos em série nos circuitos de todos os robôs da censura do governo!

A robix cor-de-rosa chegou do outro lado do salão depois de interromper quatro vezes o cordão. Virou-se, e durante algum tempo continuou a agitar os braços e a chiar, enquanto os escritores mais próximos rugiam suas cantorias com todos os dentes à mostra.

A robix perdeu a paciência, bateu o elegante pé no chão, virou-se modestamente contra a parede e, inclinando a cabeça, modificou os controles embutidos em seu peito. Voltou a encarar os escritores e seu chiado se transformou num assobio ensurdecador. Todo o cordão se imobilizou, o cantocho morreu e o som daquele assobio era tão penetrante que até as professoras, do outro lado do enorme salão, colocaram as mãos nos ouvidos.

- Gente horrorosa! - gritou a robix cor-de-rosa com uma voz que poderia ser agradável, se fosse um pouco menos açucarada. - Vocês não podem imaginar o que estas palavras, que vocês repetem e repetem, provocam nos meus condensadores e nos meus relês! Se vocês soubessem, evitariam dizê-las! Se vocês repetirem isto mais uma vez, vou gritar de verdade! Meus coitadinhos transviados, vocês fizeram e falaram coisas tão horríveis, que não sei por

onde começar a corrigi-los... mas vocês não acham que seria muito melhor... muito mais agradável... se vocês cantassem em coro comigo? Vamos, tentem! A robix cor-de-rosa juntou as pinças sobre o peito e soltou a voz modulada:

Amemos os editores!

Pa-la-vras lim-pas!

Louvemos os programadores!

Vivam as fábricas de palavras!

A resposta dos escritores foi uma cacofonia de gargalhadas histéricas e rosnados furiosos.

Dois lança-chamas já não funcionavam por terem gasto todo o combustível, mas seu trabalho já estava acabado: as últimas fábricas de palavras (uma Proton Prosepress e uma Proton Protean) estavam reduzidas ao rubro em vários pontos da superfície e ao seu redor percebia-se um cheiro forte de material isolante queimado. O terceiro lança-chamas, cujo bico ainda estava nas mãos de Homer Hemingway, ainda chamuscava um Rocket Phraser em brasa - Homer tinha reduzido o jato ao mínimo, para aumentar o divertimento.

Os escritores não voltaram a formar cordão, mas um grupo - em sua maioria, aprendizes masculinos - se aproximou da robix cor-de-rosa, berrando confusamente todos os palavrões que conhecia. Logo se formou um coro ritmado. Tecnicamente, tratava-se de pessoas letradas e mesmo assim os palavrões, surpreendentemente, eram apenas sete.

A robix reagiu e começou a "gritar de verdade", acionando sua sirene a todo o volume, e percorrendo toda a escala, desde os assobios subsônicos até os ultrassônicos. O efeito era o de sete velhas sirenes dos bombeiros.

Todos cobriram os ouvidos com as mãos. Os rostos começaram a se contrair.

Homer Hemingway dobrou o braço esquerdo por cima da cabeça, cobrindo ambas as orelhas e apertando os olhos, dando a entender que o som o incomodava. Com a direita dirigiu a chama muito fraca sobre o chão, até que alcançou a robix cor-de-rosa.

- Cale esta boca, irmã! - rugiu, e passou repetidamente a chama sobre as pernas esguias.

O assobio cessou, sendo substituído por um som agudo e vibrante, como o de uma mola rachada. A robix cambaleou e começou a girar como um pião no fim da corda.

No mesmo instante Zane Gort e Gaspard de la Nuit apareceram no salão. O robô de aço azulado avançou rápido (o que significa cinco vezes mais rápido que os humanos) e apanhou a robix no último rodopio. Segurou-a com firmeza sem dizer uma palavra, mas olhando fixo para Homer Hemingway, que estava bastante preocupado e que, ao ver Zane Gort, voltara a dirigir a chama contra a Phraser.

Gaspard chegou às pressas, e Zane falou:

- Segure um minuto a coradinha aqui, amigo. Tome cuidado, ela está em estado de choque.

- Em seguida dirigiu-se a passos firmes para Homer.

- Afaste-se de mim, seu negro de lata! - berrou o escritor e sua voz saiu em falsete, enquanto virava o bico do lança-chamas para Zane. Não se sabe se o combustível acabou naquele momento ou se Zane possuía estranhos poderes: o fato é que ergueu o braço direito, apontou a pinça e a chama se apagou.

Zane arrancou o bico das mãos de Homer, agarrou-o pela nuca, obrigou-o a se dobrar sobre o joelho de aço azulado e aplicou-lhe cinco palmadas com o bico do lançachamas ainda bem quente.

Homer ululou. Os escritores ficaram pasmos, olhando para Zane como a plebe romana, louca por divertimentos, deve ter olhado para Espártaco.

CAPÍTULO CINCO

Heloísa Ibsen não costumava se preocupar com as trapalhadas infantis de seus homens. Enquanto Homer estava levando palmadas, Heloísa se aproximou de Gaspard com passinho de dança.

- Sua nova amiguinha não me entusiasma - afirmou passando os olhos na robix cor-de-rosa.
- Sua cor é ótima para o palco, mas está muito magrela.

Gaspard não teve tempo de responder, porque Heloisa continuou:

- É verdade que já ouvi falar em homens que recorriam a robôs para fazer amor, mas nunca pensei que conheceria um. Também é verdade que nunca pensei que conheceria um dedo duro de editores!

- Escute, Heloísa, não sou nenhum dedo duro! - protestou Gaspard, esquecendo a acusação anterior. - Nunca espionei e não pretendo fazê-lo. Você fez uma coisa horrível. Admito que quando voltei a mim, depois daquele soco de seu gorila branco, corri até aqui para ver se podia salvar as fábricas de palavras da Rocket. Encontrei Zane a caminho. Sim, acho que tudo o que estes assim chamados escritores fizeram é horrível, desprezível... se eu soubesse quais eram seus planos - e eu não sabia! - teria ido ao sindicato para registrar meu protesto, mas nunca falaria com os patrões!

- Pois sim, conte esta para o Flaxman - ironizou a ex-namorada, erguendo os ombros nus. - É possível que a Rocket House lhe entregue uma medalha de lata e con trate você para ajudar a inventar novos títulos para reimpressões, a quinze por cento da tarifa sindical. Seu dedo duro nojento, você tentou impedir que queimássemos a árvore de livros!

- Mentira! - gaguejou Gaspard. - E mesmo se tentasse, não seria por causa dos patrões. - Tentou afastar um pouco a coradinha, para poder discutir com mais liberdade, mas a robix vibrou e se agarrou aos seus braços.

- Olhe só, que doçura! - comentou Heloisa Ibsen. - Olhe só para a sua fofinha de lata

rosada! Pode ir se desculpar com Flaxman e Cullingham, ouviu, dedo duro?

Naquele instante chegou Zane Gort. Conseguiu uma informação de Joe, o Guarda, em apenas cinco segundos, um recorde até então insuperável, e depois de correr até uma porta, encontrou uma maca. Colocou a maca no chão e fez deitar a robix rosada com o maior cuidado.

- Ajude-me, Gaspard - falou apressado. - Precisamos levá-la até um local bem tranquilo e alimentá-la com um pouco de eletricidade, antes que ela queime todos os seu relês. Ponha-se do outro lado.

- Pois é, falei uma medalha de lata! - gargarejou Heloisa.- Não estranho mais que você seja um dedo duro, seu porco amigo de robôs!

- Heloisa... - começou Gaspard, mas logo viu que não era hora de falar. Os escritores que estavam se recuperando dos assobios da Coradinha e da audácia de Zane Gort, estavam agora avançando, ameaçadores. Quando apanhou o suporte da maca e começou a trotar atrás de Zane, Heloisa bateu com a mão no quadril e gritou:

- Aqui tem algo que seus amigos de lata não têm! - e desatou a gargalhar.

Os escritores furiosos começaram a jogar pedaços de metal. Zane caminhava tão depressa que Gaspard se viu obrigado a correr. Um Caramuru explodiu perto de seu ouvido.

-Arrgh! - soluçou Homer decepcionado, acendendo o pavio do outro Caramuru na parede em brasa da fábrica de palavras. Ao mesmo tempo procurou em seu não muito extenso banco de memória um insulto apropriado.

- Editores porcos! - berrou enquanto detonava o Caramuru.

A explosão não alcançou o alvo. O homem e o robô, carregando a maca, saíram pela porta. Quando chegaram na rua, Zane começou a caminhar mais devagar. Gaspard, com grande surpresa, descobriu que estava se sentindo muito bem - estava excitado, um pouco alto. Sua casaca estava rasgada, o rosto cheio de fuligem e perto do queixo ostentava um galo do tamanho de um limão - entretanto sentia-se vivo.

- Zane, o que você fez com Homer foi extraordinário! - gritou Gaspard.- Seu velho bastardo de metal, nunca imaginei que você tivesse todo este estofo!

- Não costumo fazer estas coisas - respondeu o robô com humildade.- Você sabe que a primeira lei dos robôs reza que jamais podemos machucar uma criatura humana, ma,s pelo

santo Isaac, a criatura em questão deve ser humana! Homer Hemingway não é humano. Por outro lado, eu não o machuquei, apenas lhe dei um castigo salutar.

- Na verdade, posso compreender a indignação dos escritores por causa das palavras da Coradinha - continuou Gaspard. - Imagine só: Amemos os editores! - repetiu gargalhando.

- Eu também acho esta hipersensibilidade discriminada dos censores bastante ridícula - comentou Zane, um pouco seco. - Por outro lado, Gaspard, você não acha que durante os últimos dois séculos a raça humana ficou viciada no uso de expressões vulgares e de palavras que se referem ao aparato genito-defecatório? Por isto, numa cena com o dr. Tungstênio e sua robix dourada, que sonha em se tornar humana, este diz: "Os humanos não são como você pensa, Blanda. Os humanos são matadores de sonhos. Os humanos tiraram as bolhas da espuma de sabão e chamaram o produto de detergente. Tiraram o luar do romance e determinaram que era apenas sexo". Mas vamos deixar de lado estas conversinhas sócio literárias, Gaspard. Preciso encontrar um pouco de eletricidade para a Coradinha e, aqui, na Avenida do Leitor, cortaram toda a força.

- Desculpe - falou Gaspard-, mas não seria mais simples se você lhe desse um pouquinho da energia de suas próprias baterias?

- Ela poderia não entender minhas boas intenções - retrucou o robô com ar de censura. - Eu faria isto num caso de emergência, mas o caso ainda não chegou a ser de extrema gravidade. Quer dizer, ela não está em situação crítica. Ela não sente qualquer dor. Regulei seus controles para transe profundo. Entretanto...

- E que tal a Rocket House? - sugeriu Gaspard. - Os escritórios da editora estão ligados à rede próxima. Heloisa pensa que sou um dedo duro Tanto faz, eu poderia agir como um e correr para meus editores.

- Uma ideia excelente- concordou o robô, e virou à direita no primeiro cruzamento, apressando o passo. Gaspard começou a trotar. Esforçava-se em não balançar a maca para não sacudir a Coradinha. Assim deitada e imóvel, com os joelhos e parte das pernas chamuscados, a robix parecia madura para o ferro-velho.

Disse :

- De qualquer forma, quero ver Flaxman e Cullingham e dar uma bronca. Quero saber por que eles não se esforçaram em proteger melhor as fábricas de palavras. Alugaram apenas um

monte de pistoleiros de lata irresponsáveis (desculpe, Zane). Afinal, eles não costumam cometer erros com tamanho prejuízo para seus próprios bolsos.

- Eu também pretendo discutir alguns assuntos interessantes com nossos ilustres patrões - disse Zane. - Gaspard, velho sapato, hoje você me prestou um grande serviço, muito além do que se podia esperar da empatia que existe entre raças inteligentes. Gostaria de manifestar minha gratidão, e não apenas com palavras. Não pude evitar de ouvir as vulgares insinuações de sua atlética ex-namorada. Entenda bem, este assunto é muito delicado e não quero me arriscar a ofendê-lo, porém, Gaspard, velho corpúsculo, o que a Ibsen disse a respeito de robôs no sentido de que estes são incapazes de prestar alguns serviços muito íntimos aos humanos de sexo masculino, não é verdade. Por São Wuppertal, é uma mentira! Não pense que me refiro às robixes, como a Coradinha - não quero que você pense isto, prefiro pular numa piscina de ácido! Mas se algum dia você sentisse a necessidade... e não ti vesse como satisfazê-la... e quisesse experimentar uma surpreendente imitação de delícias humanas, um substituto realmente estarrecedor de carinhos femininos, posso lhe dar o endereço do estabelecimento da Madame Pneumo, um estabe...

- Pare com isto, Zane! - interrompeu Gaspard. - Posso cuidar muito bem desta parte de minha vida.

- Sei perfeitamente que você pode - concordou Zane. - E gostaria que todos pudéssemos nos gabar da mesma maneira. Desculpe-me, velho músculo, será que, sem querer, cometi uma gafe?

- Isto mesmo- respondeu Gaspard. - Mas deixe para lá... - Hesitou um pouco e acrescentou:
- Seu velho parafuso!

- Peço desculpas - falou Zane em voz baixa. - Às vezes eu me entusiasmo um pouco pensando nas capacidades milagrosas de meus companheiros metálicos e acabo falando alguma grosseria, sem querer. Receio que sou um pouco robocêntrico. Considero-me afortunado por você ter me repreendido de maneira tão branda. Tenho certeza que Homer Hemingway teria me chamado de cafetão de lata.

CAPÍTULO SEIS

Quando o último Editor Harper ficou carbonizado e o último Antologista Viking ficou reduzido a uma carcaça enegrecida e cheia de manifestos, os escritores triunfantes voltaram aos seus vários alojamentos boêmios, seus bairros latinos e franceses, suas reconstruções de Bloomsbury e de Greenwich Village e de North Beach. Depois sentaram formando amplos círculos e esperaram pela inspiração.

Mas ela não se manifestou.

Os minutos passaram, passaram as horas, as horas formaram dias. Prepararam e tomaram muitos bules de café, as pontas de cigarro se acumularam sobre o piso irregular e esmaltado de sótãos, mansardas e coberturas que, segundo os arqueólogos, reproduziam fielmente as moradias de antigos gênios. Mas de nada valeu - as grandes obras épicas do futuro, e até os mais simples contos eróticos e as sagas do espaço, se recusaram a aparecer.

A este ponto, muitos escritores, ainda sentados no chão, mas já um pouco desanimados, fizeram uma corrente juntando as mãos, esperando que isto pudesse concentrar energia psíquica e induzir a criatividade, ou quem sabe, colocá-los em contato com os espíritos de autores já mortos que lhes proporcionariam gentilmente assuntos que não podiam utilizar no além.

Baseando-se em misteriosas tradições originadas nos obscuros tempos antigos, quando os escritores realmente escreviam, a maioria daqueles escritores acreditava que escrever era, na realidade, um empreendimento de equipe: imaginavam que oito ou dez sujeitos bem afinados ficavam a se espreguiçar num ambiente faustoso, tomando coquetéis e "fazendo voar ideias como uma peteca", desfrutando de vez em quando da companhia de belíssimas secretárias, até que uma história se materializasse. Segundo esta imagem, escrever era apenas uma espécie de futebol de salão com intervalos na cama, e o resultado era um milagre.

Outros estavam convencidos de que escrever significava apenas "atingir o inconsciente", e

isto reduzia o processo a uma espécie de psicanálise ou a uma perfuração à procura de petróleo (procurando o ouro negro do id!), e fazia surgir a esperança que a percepção extrassensorial, ou alguma outra forma de ginástica psiônica, poderia substituir a criatividade. Em qualquer caso, sentar em círculo e segurar as mãos parecia uma boa ideia, porque proporcionava a necessária união e, ao mesmo tempo, favorecia o aparecimento de obscuras forças psíquicas. Portanto, era uma prática muito difusa.

Mesmo assim, a inspiração se mantinha ausente.

Na realidade, não existia qualquer escritor profissional que conseguisse conceber o início de seu trabalho a não ser mediante o gesto de pressionar a tecla marcada Liga de uma fábrica de palavras; ora, a Era Espacial estava repleta de coisas maravilhosas, mas as criaturas humanas ainda estavam desprovidas de teclas. As criaturas humanas podiam apenas ranger os dentes, invejando os robôs que, neste sentido, ostentavam uma construção muito mais favorável e adiantada.

Naquela ocasião, muitos escritores descobriram também que eram incapazes de colocar palavras sobre o papel numa disposição qualquer, e até que não conseguiam pensar em palavras; naquela era fabulosa de instrução pictórica-auditiva-cinestéticatáctil-nósmica-gustatória-sonótica-hipnótica-psiônica, alguém tinha se esquecido de incluir a matéria no currículo, por ser uma arte bastante arcaica. A maioria daqueles analfabetos possuía sonógrafos, que eram maquininhas muito práticas que transformavam o material falado em material escrito, porém, mesmo com o auxílio destas engenhocas, uma vasta minoria chegou à conclusão de que dominava o idioma dentro dos limites do Básico Simples ou da Gíria Solar. Consequiam absorver o ópio inebriante da literatura mecânica, mas não conseguiam criá-la em seus próprios organismos, da mesma forma como não conseguiam fabricar mel ou teias de aranha.

Para sermos justos, devemos também considerar que alguns que não eram escritores - por exemplo, os puristas, como Homer Hemingway - nunca tinham considerado a possibilidade de escrever pessoalmente enquanto estavam destruindo as fábricas de palavras, porque acreditavam firmemente que alguns de seus colegas menos atléticos e mais dados à leitura seriam capazes de completar esta façanha. E alguns, como Heloisa Ibsen, queriam apenas se tornar donos dos sindicatos, ou barões editoriais, ou extrair alguma outra vantagem pessoal,

algum proveito ou pelo menos algum divertimento do caos que seguiria à destruição do Massacre das Fábricas de Palavras.

Entretanto, a maioria dos escritores acreditava firmemente que conseguiria escrever contos - e até grandes romances! - sem nunca ter escrito qualquer coisa em toda a sua vida. E sofria terrivelmente.

Depois de dezessete horas, Lafcadio Cervantes Proust escreveu vagarosamente: "Esquivando-se, planando, rodopiando sem parar, subindo mais e mais em círculos afogueados que se tornavam sempre mais amplos..." - e parou.

Gertrude Colette Sand segurou a língua entre os dentes e laboriosamente escreveu em letras de forma: "Sim, sim, sim, sim, Sim!"

Wolfgang Friedrich von Wassermann gemeu, esmagado pela dor universal, e escreveu: "Era uma vez..." - E nada mais.

Neste ínterim, o General da Intendência dos Fuzileiros Espaciais notificava aos armazéns gerais em Plutão que os livros de bolso e os microfilmes deviam ser racionados até nova ordem; explicou que, devido à situação, a próxima carga de ficção só incluiria leituras normais para três meses, e não para quatro anos.

As entregas de novos títulos às bancas de jornais da Terra foram reduzidas em cinquenta, e logo em noventa por cento, para conservar os diminutos estoques de romances escritos e impressos, mas ainda não distribuídos. As donas de casa, acostumadas a ler um livro por dia, começaram a telefonar aos prefeitos e aos deputados. Os primeiros-ministros, acostumados a conciliar o sono com um novo romance policial (que frequentemente conseguia inspirá-los na política), observavam a situação com pânico crescente. Um adolescente de 13 anos se suicidou "porque as histórias de aventuras são minha única distração e agora não teremos mais nenhuma".

Os programas de TV e os filmes tiveram que ser racionados na mesma medida que os livros, porque seus roteiros e cenários dependiam em larga escala das mesmas fábricas de palavras. O mais novo aparelho de entretenimento, a Máquina dos Poemas Extasiantes para todos os Sentidos, que já estava numa fase bem adiantada de desenvolvimento, foi arquivado.

Os cientistas eletrônicos e os engenheiros cibernéticos começaram a redigir relatórios preliminares e confidenciais, que indicavam um período mínimo de dez a catorze meses para

conseguir colocar em funcionamento uma única fábrica de palavras, e sugeriam que um exame mais pormenorizado poderia levar a previsões ainda mais pessimistas. Explicavam que as fábricas de palavras originais tinham sido programadas pormenorizadamente segundo escritores humanos de grande talento, cuja psicanálise em profundidade tinha alimentado os bancos de memória das fábricas de palavras, mas onde seria possível encontrar este tipo de escritor na época atual? Até os países estrangeiros dependiam quase completamente das traduções mecânicas do palavrório anglo-americano.

Tarde demais, o presunçoso Governo Trabalhista da Anglo América percebeu que, embora tivesse conseguido impor sua vontade aos editores, estes seriam incapazes de pagar os salários normais; e mais ainda, não poderiam absorver os vinte mil adolescentes delinquentes que o Departamento do Povo planejava empregar como mecânicos semi-treinados.

E, pior ainda, a sociedade relativamente tranquila do Sistema Solar logo ia começar a dar dores de cabeça pela intranquilidade nascida no subconsciente, sedento de novas distrações em forma de ficção.

O Governo pediu auxílio aos editores, os editores recorreram aos escritores - pelo menos para novos títulos para livros velhos que seriam republicados. Entretanto os psicólogos avisaram que, contrariando a opinião dos cínicos, estas medidas de emergência não produziram o efeito desejado. De fato, por algum motivo inexplicável, os livros mecânicos, que produziam o maior entusiasmo na primeira leitura, só provocavam uma surda irritação quando relidos.

As propostas de republicar os clássicos de ficção do século XX ou de épocas ainda mais antigas, e que mereceram os maiores elogios de alguns idealistas e de outros indivíduos esquisitos, fracassaram, diante da indiscutível objeção de que os leitores, acostumados desde a infância ao palavrório das fábricas de palavras, achavam que os livros da época pré-mecânica (mesmo os melhores e os de maior sucesso em suas épocas) eram terrivelmente enfadonhos - aliás, eram incompreensíveis. A insinuação, deveras esquisita, de um solitário humanista, de que este fato devia-se ao palavrório por si próprio ininteligível - pois era um ópio verbal sem qualquer sentido e não proporcionava qualquer preparação para a leitura de livros com um conteúdo - não foi levada em consideração e jamais foi mencionada pela imprensa.

Os editores prometeram aos escritores uma anistia ampla, total e irrestrita, banheiros

separados dos banheiros dos robôs e um aumento de salário de dezessete centavos por hora, se conseguissem produzir material com qualidade mínima de fábrica de palavras - tipo Hanover Hack Mark I.

Os escritores voltaram a se sentar em círculos, de pernas cruzadas e mãos entrelaçadas, observando as feições pálidas dos outros, e se concentraram com o mesmo desespero. E nada aconteceu.

CAPÍTULO SETE

Na parte mais afastada da Avenida do Leitor, muito além do ponto em que a Rua do Sonho muda de nome e começa a se chamar Alameda do Pesadelo, está a Rocket House, uma editora que os entendidos costumam chamar de Rocket House.

Cinco minutos depois de tomar a decisão de procurar socorro e esclarecimentos exatamente neste local, Gaspard de la Nuit e Zane Gort estavam subindo com a maca e sua delicada carga rosada por uma escada rolante enguiçada que levava à área reservada aos executivos. Gaspard agora se encontrava na frente, de maneira que o robô se encarregava do mais árduo trabalho de levantar a maca acima de sua cabeça, para manter Miss Blushes, a Coradinha, na horizontal.

- Acho que tive uma péssima ideia - resmungou Gaspard. - A energia foi cortada também aqui. Provavelmente os escritores chegaram até aqui. Isto explicaria todos aqueles destroços no térreo.

- Vá andando, companheiro- respondeu Zane, decidido. - Acabo de me lembrar que os fundos deste prédio estão ligados na outra rede.

Gaspard parou em frente de uma porta simples, na qual havia apenas o nome "Flaxman" e mais embaixo "Cullingham". Ergueu um joelho e comprimiu um botão que se encontrava à altura da cintura. Nada aconteceu. Então Gaspard arremessou contra a porta um chute selvagem com a sola do sapato. A porta se abriu, revelando um escritório decorado com muita simplicidade. Um homem baixo e moreno, com um largo sorriso que transmitia eficiência energética, e outro alto e loiro, com um vago sorriso que indicava eficiência e cansaço, estavam sentados atrás de uma escrivaninha dupla em forma de duas meias-luas ou de arco de Cupido. Davam a impressão de ter interrompido naquele momento uma conversa tranquila e amistosa. Gaspard achou que era uma maneira estranha de passar o tempo, considerando que ambos provavelmente eram vítimas de prejuízos incalculáveis. Ambos se viraram, um pouco surpresos

- mas sem qualquer irritação.

Gaspard entrou sem nada dizer. A um sinal do robô a maca foi colocada no chão com muito cuidado.

- Zane, acha que agora poderá fazer alguma coisa? - perguntou Gaspard.

O robô colocou as pontas de uma pinça sobre uma tomada embutida na parede e assentiu.

- Finalmente encontramos a força - disse. - É tudo que eu preciso.

Gaspard se aproximou da escrivaninha dupla. Enquanto percorria aquela breve distância, voltou a ouvir, a sentir e a cheirar os acontecimentos das últimas duas horas: os escritores cacarejantes, as provocações de Heloisa, os foguetes de Homer e o impacto do soco daquele brutamontes - e sobretudo a fedentina de livros e de fábricas de palavras queimados e explodidos. O resultado foi um sentimento inusitado: ficou com raiva e chegou à conclusão de que durante toda a sua vida tinha esperado por este impulso. Colocou ambas as mãos sobre a estranha escrivaninha.

- Então? - perguntou sem qualquer sinal de amizade.

- Então o que, Gaspard?- perguntou o homem baixo e moreno, com ar distraído. Estava fazendo desenhos sobre uma folha de papel cinza-prata, decorando-a com uma série de formas ovóides, muito pretas, enfeitando algumas com faixas e pregas, como se fossem ovos de Páscoa.

- Quero dizer, onde é que você estava enquanto estavam destruindo suas fábricas de palavras? - Gaspard bateu o punho na mesa.

O homem baixo e moreno teve um sobressalto, logo controlado. Gaspard continuou:

- Escute bem, Flaxman, e você também, Cullingham. Ambos vocês são a Rocket House. Pessoalmente, acho que isto significa muito mais do que ser apenas o dono, o proprietário de alguma coisa; significa responsabilidade, significa lealdade. Por que vocês não saíram para defender e proteger suas máquinas? Por que vocês deixaram esta tarefa para mim e para um único robô fiel?

Flaxman soltou uma gargalhadinha cordial.

- E por que você esteve lá, Gaspard? Quero dizer, por que você estava do nosso lado? Você foi muito gentil e outras coisas - muito obrigado! Por outro lado, pareceme que você agiu contrariando as metas que o seu sindicato definiu como as melhores para a sua profissão.

- Profissão! - Gaspard quase cuspiu. - Francamente, Flaxman, não entendo por que você quer conferir tamanha dignidade a este trabalho e por que você quer ser tão generoso para com aqueles ratos!

- Ora, ora, Gaspard, e onde ficou sua própria lealdade? Quero dizer, sua solidariedade para com os colegas cabeludos?

Gaspard, com um gesto selvagem, jogou para trás as melenas encaracoladas.

- Deixe-me em paz, Flaxman. Deixo meus cabelos compridos, é verdade, da mesma forma que uso estes trapos italianos, porque assim reza meu contrato, porque faz parte do meu trabalho, porque os escritores são obrigados a se fantasiar - foi por isto que mudei meu nome para Gaspard de la Nuit. Mas eu não me impressiono com todas estas quinquilharias e não acredito que sou um gênio literário. Possivelmente sou um monstro, e, se você quiser, pode pensar que estou traindo meu sindicato. Talvez você saiba que me chamam Gaspard, o Biruta. Mas não faz mal. Sei que sou apenas um mecânico de fábrica de palavras e nada mais.

- Gaspard, o que foi que aconteceu com você? - perguntou Flaxman admirado. - Sempre pensei que você fosse um escritor feliz e presunçoso como os outros - sem ser mais inteligente que os outros, mas muito mais satisfeito. E aqui está você, fazendo discursos como um fanático! Você me deixa estarrecido!

- Pensando bem, também estou estarrecido - concordou Gaspard.- Acho que pela primeira vez em minha vida comecei a me perguntar do que é que eu gosto e do que é que eu não gosto. Só tenho certeza de uma coisa: não sou um escritor.

- Sabe que isto é muito esquisito? - comentou Flaxman, todo animado. - Várias vezes, conversando com Cullingham, cheguei à conclusão de que naquela fotografia da contracapa, com a senhorita Frisky Trisket, você parece muito mais um escritor que outros autores dramáticos de grande sucesso - até mais que o próprio Homer Hemingway. É claro que você não tem a penetração emocional da careca de Homer...

- E também não tenho a fraqueza intelectual de seu traseiro chamuscado! - rosnou Gaspard, passando delicadamente a mão no queixo. - Homer é apenas um cretino musculoso.

- Você não pode subestimar o charme de uma cabeça raspada, Gaspard- observou Cullingham em voz baixa, porém firme. - Buda conservava a cabeça raspada.

- Que Buda que nada - disse Flaxman.- Yul Brynner é que raspava a cabeça - pro testou. -

Escute, Gaspard, se você estivesse neste negócio há tanto tempo quanto eu...

- Ao diabo com a aparência dos escritores! Ao diabo com os escritores! - berrou Gaspard.

Depois continuou com a voz mais controlada: - Entenda bem, Flaxman, eu realmente adorava fábricas de palavras. Sem dúvida, eu gostava de seus produtos, mas eu adorava as máquinas. Eu sei que você tinha várias, Flaxman, mas será que você alguma vez considerou... será que alguma vez você percebeu que cada fábrica de palavras era única, era um Shakespeare imortal, algo que não poderia ser planejado, e que por este motivo ninguém construiu uma nova fábrica de palavras nos últimos sessenta anos? Tudo que fizemos foi acrescentar aos bancos de memória as palavras novas que apareciam, introduzir um programa de livro, que era mais ou menos padronizado, e depois apertar o botão de partida. Gostaria de saber se há muita gente que percebe isto. Acho, porém, que logo todo o mundo perceberá, ao tentar construir uma fábrica de palavras novinha em folha, sem uma única criatura que entenda o lado criativo do problema - quero dizer, um escritor do verdade. Esta manhã tínhamos quinhentas fábricas de palavras na Avenida do Leitor e agora não temos mais nenhuma em todo o Sistema Solar. Havia uma possibilidade de salvar três, mas vocês estavam com medo! Quinhentos Shakespeares foram assassinados enquanto vocês dois estavam aqui, batendo papo. Quinhentos gênios literários imortais, únicos em seu gênero e absolutamente autossuficientes..

Parou porque viu que Cullingham estava rindo, e que suas gargalhadas estavam aumentando e se tornando quase histéricas.

- Por acaso você está menosprezando a grandeza? - perguntou Gaspard.

- Não! - respondeu Cullingham, fazendo um esforço para se controlar. - Quero apenas expressar minha mais profunda admiração para com um homem que consegue conferir à destruição de algumas máquinas de escrever de tamanho descomunal e dotadas de uma criatividade psicótica, toda a grandiosidade do Crepúsculo dos Deuses!

CAPÍTULO OITO

- Escute, Gaspard - falou o sócio mais alto e mais magro da Rocket House, quando conseguiu recuperar o fôlego -, sem dúvida nenhuma você é o idealista mais biruta que conseguiu se introduzir num sindicato conservador. Consideremos os fatos: as fábricas de palavras não são nem mesmo robôs, e nunca tiveram vida; portanto, falar em assassinato é apenas poesia. As fábricas de palavras foram construídas por homens e também eram comandadas por homens. Isto mesmo, homens. Você sabe que eu mesmo supervisionava todas aquelas engrenagens elétricas que se movimentavam em suas entranhas escuras, da mesma maneira que os antigos escritores costumavam organizar as atividades de suas próprias mentes subconscientes - e em geral o faziam de maneira pouco eficiente.

- Sim, mas pelos menos aqueles autores antigos possuíam mente subconsciente - disse Gaspard. - Não tenho certeza de que ainda possuímos uma. Acredito que não temos mais uma mente subconsciente suficientemente rica para podermos moldar uma nova fábrica de palavras e alimentar seus bancos de memória.

- Mesmo assim - insistiu Cullingham com seu jeito suave - trata-se de um ponto importante, e será necessário levá-lo em consideração ao ver quais são os recursos disponíveis para enfrentar a inevitável escassez de ficção. A maioria das pessoas acredita que as fábricas de palavras foram inventadas e adotadas porque a mente de um único escritor não tinha mais a possibilidade de reter a enorme quantidade de matéria-prima necessária para a produção de uma obra de ficção que servisse, porque o mundo e a sociedade humana estavam se tornando por demais complexos, e uma só pessoa não poderia compreendê-los. Toliche! As fábricas de palavras começaram a funcionar porque do ponto de vista editorial eram mais eficientes.

No fim do século XX, a maior parte da ficção era o produto do trabalho de alguns poucos editores de altíssimo nível - no sentido de que eram eles que forneciam o assunto, planejavam o enredo e o estilo e determinavam os pontos altos; os escritores apenas recheavam o

esboço. Obviamente, uma máquina que podia ficar sempre no mesmo local e que era uma propriedade, era muito mais eficiente que toda uma escuderia de escritores que não paravam de se movimentar, de trocar de editora, de organizar sindicatos, de pedir porcentagens maiores, e que precisavam arranjar psicoses, carros esportes, amantes e crianças neuróticas. Eram temperamentais, faziam cenas e, sobretudo, pretendiam impor suas ideias esquisitas em histórias já aperfeiçoadas pelos editores.

As fábricas de palavras eram, de fato, tão mais eficientes que escritores de verdade, sendo que estes últimos foram mantidos como figurantes folclóricos inofensivos - e também os sindicatos de escritores já eram muito fortes, e este tipo de compromisso tornou-se inevitável.

Tudo isto serve apenas para frisar meu ponto principal: quer dizer, as duas atividades imprescindíveis para se escrever são o trabalho inconsciente e rotineiro e a direção inspirada ou programação. Estas duas atividades são completamente separadas, e devem ser executadas, de preferência, por duas pessoas ou dois mecanismos diferentes. De fato, o nome do gênio diretor (e que hoje chamamos programador e não mais editor) deveria sempre aparecer na capa do livro ou da fita, ao lado do nome do autor folclórico e do nome da fábrica de palavras, seria mais do que justo... Mas estou divagando, porque este assunto é muito meu. O que eu queria dizer, sobretudo, é apenas que a força diretora principal é sempre um homem.

- Pode ser, senhor Cullingham - admitiu Gaspard a contragosto. - E o senhor foi um bom programador, não posso negá-lo, se é verdade que programador é realmente tão difícil e tão importante como o senhor diz..., mas eu duvido. Os programas básicos não foram criados na mesma época que as fábricas de palavras?

Cullingham sacudiu a cabeça e depois encolheu os ombros. Gaspard continuou:

- Aliás, sempre soube que a Wittlesey Wordmaster Quatro uma vez escreveu três romances sérios, que foram best-sellers, e uma história de ficção científica, sem qualquer programação. Pode ser que tudo isto seja apenas publicidade, o senhor deve sabê-lo, mas eu apenas vou mudar de ideia se alguém me provar o contrário. - Sua voz voltou amarga: - Da mesma forma, apenas vou acreditar que os meus colegas mecânicos sabem escrever livros quando eu puder lê-los e chegar à página dois. Há meses estou ouvindo muito falatório, mas vou esperar que realmente tenham um pingão de inspiração e que as palavras apareçam no papel.

- Não leve a mal, Gaspard - interrompeu Flaxman. - Será que você poderia ser um pouco menos emocional e se limitar aos fatos? Gostaria de ouvir mais detalhes sobre o barulho nas ruas. O que foi que aconteceu com a propriedade da Rocket, por exemplo?

Gaspard se endireitou, franzindo a testa.

- Nada demais - disse. - Apenas todas as suas fábricas de palavras foram destruídas - e não há a menor possibilidade de consertá-las. E só.

- Xi - murmurou Flaxman, sacudindo a cabeça.

- Que horror - murmurou Cullingham.

Gaspard olhou de um para o outro, desconfiado.

Aquela tentativa muito pouco convincente de parecerem preocupados dava a ambos a aparência de dois gatos bem gordos que acabavam de lamber todo o creme e que, ainda por cima, possuíam o segredo da entrada secreta para a despensa da carne.

- Será que vocês me entendem?- perguntou. - Vou explicar com detalhes. Suas três fábricas de palavras foram destruídas: a primeira com uma bomba e as duas outras com um lança-chamas. - Arregalou os olhos ao se lembrar da cena: - Senhor Flaxman, foi uma chacina, uma verdadeira chacina. Lembra-se da fábrica de palavras que chamávamos de Rocky - Rocky Phraser? Era apenas uma velha Harper Hardcover Electrobrain, reconstruída em '07 e em '49, mas nunca deixei escapar um só livro que ela produzia. Pois tive que assistir enquanto a velha Rocky ficava em brasa e fritava e se retorcia. O delinquente que fez isto é o novo namorado de minha antiga namorada.

- Xii... O namorado novo da antiga namorada! - Flaxman conseguiu falar sendo ao mesmo tempo irônico e pesaroso. Sua compostura e a de seu sócio eram definitivamente supernaturais.

Gaspard balançou a cabeça com força:

- Nada menos que seu grande Homer Hemingway, rosou, querendo provocá-los.- Mas Zane Gort deu uma boa chamuscada em seu traseiro.

Flaxman sacudiu a cabeça:

- Este mundo é malvado - disse. - Gaspard, você é um herói. Enquanto os outros escritores não se apresentam, vamos ficar com você, a quinze por cento do salário indicado pelo sindicato. Mas não gosto que um de nossos autores robôs haja espancado um homem.

Escute, Zane: você é um autor independente, portanto terá que arcar com as despesas de qualquer processo movido pela Rocket House. Está em seu contrato.

- Homer Hemingway merecia o que recebeu de Zane - protestou Gaspard. - Aquele demente sádico atacou Miss Blushes com o lança-chamas.

Cullingham ergueu as sobrancelhas.

- A robix cor-de-rosa que Gaspard e Zane trouxeram numa maca - explicou Flaxman. - Nosso robô fêmea. A nova robix que é a censora do governo. - Sacudiu a cabeça com um largo sorriso:- Quer dizer, agora temos de fato uma censora e nenhum manuscrito para ela corrigir. Nada poderia ser mais irônico. Mas que situação mais louca. Pensei que você conhecesse Miss Blushes, Cully.

No mesmo instante uma voz de soprano, fina e harmoniosa, interrompeu a conversa:

- Questionar a sequência nua. Admoestar sobre o material obsceno. Em vez de "mictório" colocar "banheiro". Eliminar "fodido". Substituir "conheci" por "fui apresentado". Onde estou? O que está acontecendo comigo?

Miss Blushes estava sentada, agitando as pinças. Zane Gort, ajoelhado ao seu lado, estava cuidadosamente lavando seu flanco chamuscado com um pano úmido. A mancha estava desaparecendo. Colocou o pano num pequeno nicho em seu peito e passou um braço atrás de suas espáduas.

- Fique calma - disse. - Tudo está bem. Você está entre amigos.

- Estou mesmo? Como posso ter certeza? - Afastou-se dele, passou as pinças sobre o corpo e rapidamente fechou uma série de pequenas portas.- Você ficou a me manipular! Fiquei aqui, deitada, às vistas de todo mundo! Estes humanos viram todas as minhas tomadas abertas!

- Não foi possível evitar- disse Zane. - Você precisava de força e de uma série de outros cuidados. Você passou por maus pedaços. Agora precisa descansar.

- Outros cuidados, pois sim! - estrilou Miss Blushes. - Você me despiu à vista de todos!

- Pode acreditar, senhorita- falou Flaxman -, aqui só há cavalheiros. Ninguém ficou a olhar para a senhorita, embora seja difícil encontrar uma robix mais atraente. Se os livros de Zane saíssem com capas, lhe pediria para ser modelo.

- Só faltava esta! Aposto que ia querer que abrisse todas as minhas tomadas e todos os

meus furos para a lubrificação! - exclamou Miss Blushes indignada.

CAPÍTULO NOVE

Heloísa estava passando remédio nas costas chamuscadas de Homer Hemingway, deitado de bruços na Sala de Fricções de seu apartamento de cobertura, cujas paredes estavam cobertas com borracha sintética que imitava pinho de Riga.

- Devagar, amoreco, isto dói - protestou o escritor.

- Pare de se queixar - protestou a escritora temperamental.

- Aaah, isto já é bem melhor. Agora, passe-me o lençol de seda.

- Um minuto. Cristo, você tem um corpo maravilhoso, Homer. Quando olho para você fico perturbada.

- É mesmo, amor? Escute, acho que estou com vontade de tomar um pouco de leite morno dentro de cinco minutos.

- Que leite, que nada. Você me perturba. Homer, vamos... - Murmurou uma sugestão em seu ouvido.

O escritor grandalhão se afastou dela.

- De jeito nenhum, benzinho. Primeiro, preciso ficar em forma. Estas coisas me deixam debilitado.

- Você acha que flexões e outros exercícios são mais recomendáveis?

- Os exercícios não drenam minha essência vital. E me faça o favor de não assoprar em meu ouvido assim... você me deixa surdo. - Apoiou a face nas costas das mãos. - E agora não estou com vontade.

Heloísa se levantou e começou a caminhar.

- Que coisa! Você é pior que o Gaspard. Ele estava sempre com vontade, mas não tinha muita resistência.

- Não fique pensando naquele fedelho - protestou Homer com a voz sonolenta. - Você não viu como o derrubei?

Heloísa continuou a andar de um lado para o outro:

- Gaspard sem dúvida era um fedelho, sentenciou, mas deve ter um cérebro cheio de segredos, caso contrário não sei como conseguiu esconder de mim o fato de que era um espião dos editores. Por outro lado, nunca teria se tornado um dedo duro dos editores se não tivesse percebido maiores vantagens com eles do que com o sindicato. Gaspard era um preguiçoso, mas não era bobo.

- Escute, a última namorada que tive sempre conseguia me trazer meu leite na hora certa - resmungou Homer deitado sobre a mesa de massagens.

Heloísa começou a acelerar o passo:

- Aposto que Gaspard recebeu alguma informação sobre algum truque que Flaxman e Cullingham pretendem pôr em prática na Rocket House, para derrotar a nós, escritores - e ao mesmo tempo derrotar os outros editores! Deve ser por isto que a Rocket House não fez qualquer esforço para proteger as fábricas de palavras. Aposto que aquele dedinho duro está agora no escritório de Flaxman e Cullingham rindo às nossas custas.

- E aquela namorada que sempre me trazia o leite na hora certa não costumava galopar em minha volta, falando sozinha - continuou Homer.

Heloísa parou para observá-lo.

- Pelo que vejo, ela também não costumava passar muito tempo na cama desgastando suas forças vitais. Trate de se conformar, Homer: não pretendo ficar guardada num guarda-roupa ou sentada ao lado do fogão, aquecendo sua mamadeira, mesmo que aquela fulana de quadris encolhidos costumava fazê-lo. Quando você se meteu comigo, Homer, você se meteu com uma mulher que é cem por cento mulher.

- Sim, amor, eu sei - respondeu Homer, começando a se entusiasmar. - E você se meteu com um homem realmente macho.

- Será? - falou Heloisa. - Você deixou que o robô, amigo de Gaspard, lhe desse um bocado de palmadas, como se você fosse um garotinho.

- Você não está sendo imparcial, amor - protestou Homer. - Você sabe aqueles negros de latas são os homens mais fortes do mundo. Seriam capazes de quebrar em dois até o Hércules ou qualquer outro herói de filme antigo.

- Pode ser - concordou Heloisa, aproximando-se da mesa. - Mas você não gostaria de

derrubar Gaspard mais uma vez, para tirar a desforra do robô? Vamos, Homer. Vou chamar os amigos e vamos atacar a Rocket House agora mesmo. Quero ver a cara do Gaspard enquanto você o soca.

Homer pensou um pouco.

- Não, amor - disse. Preciso ficar bom. Vou dar um surra no Gaspard em três ou quatro dias, se você quiser.

Heloísa aproximou o rosto:

- Quero que você o faça agora - insistiu. - Vamos levar umas cordas para amarrar Flaxman e Cullingham e dar-lhes um bom susto.

- Isto já é um pouco mais interessante, benzinho. Gosto destas brincadeiras com caras amarrados.

Heloisa gargalhou.

- Eu também - disse. - Qualquer dia destes, Homer, vou amarrar você sobre esta mesa.

O escritor grandalhão estremeceu:

- Não seja vulgar, amor.

- Então, que tal? Vamos para a Rocket House ou não vamos?

- Negativo - falou Homer com ar entediado.

Heloisa encolheu os ombros.

- Está bem, se você não quer, não iremos.- Voltou a caminhar pela sala. - Nunca confiei em Gaspard - disse olhando para um ponto da parede. - Costumava ficar completamente dopado com palavrório e estava louco pelas fábricas. Como é que a gente pode confiar num escritor que gosta de ler e não quer sequer fazer de conta que está com vontade de escrever um livro por conta própria?

- E você, amor?- perguntou Homer. - Vai escrever seu livro? Neste caso eu poderia tirar uma soneca.

- Agora não. Estou muito agitada. Lembre-me de dizer aos amigos para alugar um sonógrafo para mim. Vou escrever meu livro amanhã de tarde.

Homer sacudiu a cabeça.

- Não entendo os caras que dizem que são capazes de escrever um livro. As mulheres são diferentes - é normal que as mulheres façam uma porção de loucuras. Mas quando se trata de

um cara, posso me colocar em seu lugar e, francamente, não entendo. Eles devem pensar que foram construídos como fábricas de palavras, cheios de fiações de prata e de relês e bancos de memória em vez de músculos. Isto pode dar certo com um robô, mas quando se trata de um homem, acho o raciocínio

mórbido.

- Homer - disse Heloisa em tom amável, mas sem parar suas andanças. - Os homens têm sistemas nervosos muito complicados e um cérebro composto de bilhões e bilhões de células nervosas.

- É mesmo, amor? Qualquer dia preciso ler alguma coisa a respeito. - Seu rosto se tornou grave: - Tem um bocado de coisas neste mundo. Coisas misteriosas. Como, por exemplo, aquela oferta de emprego que costumo receber de tempos em tempos dos Enlatadores da Baía Verde - é uma oferta que parece tentadora em tempos como este.

- Ora, Homer - retrucou Heloisa.- Lembre-se que você é um escritor.

Homer sorriu, feliz:

- É verdade, amor. E tenho o melhor físico de todos. É o que está escrito na contracapa.

Heloisa voltou a falar com um ponto determinado da parede, enquanto andava:

- Por falar em robôs, Gaspard tem mais um vício: é amigo de robôs. Amigo dos livros, amigo de robôs, grande amigo de mulheres, quando lhe sobra tempo. Ele também gosta de entender das coisas. Ficava dopado de tanto entender. Mas nunca entendeu que se deve agir só pelo gosto de agir.

- Amor, como é que você tem tanta energia? - gemeu Homer. - Depois dos acontecimentos de hoje, você deveria estar exausta. Eu estou moído, sem contar meus ferimentos.

- Homer, uma mulher tem recursos que um homem não tem - explicou Heloisa.- Especialmente uma mulher frustrada.

- Sim, amor, eu sei. Uma mulher tem uma camada de gordura que mantém o calor interno mesmo quando nada a grandes distâncias. E o útero das mulheres é, em todos os sentidos, muito mais forte que qualquer músculo masculino.

- Pode apostar que é, seu covarde - disse Heloisa, mas Homer parecia estar sonhando.

- Às vezes fico pensando... - disse Homer, mas não terminou.

- ... se não existe uma maneira qualquer para um mulher dar saltos em altura com seu

útero? - terminou Heloisa.

- Você está caçoando, amor - disse Homer muito sério. - Escute, você está com excesso de energia. Por que você não vai até o Quartel General ou até A Palavra, só para ficar em contato? Aposto que o Comitê de Ação tem alguma tarefa para você. Ou você poderia conversar com eles. Eu quero dormir um pouco.

- Aquele Comitê de Ação não é bastante ativo para o meu gosto - disse Heloisa. - E pode apostar que não pretendo partilhar minhas ideias sobre a Rocket House com aqueles vigaristas do sindicato. Por outro lado - continuou e fitou Homer nos olhos - você me deu uma inspiração. - Começou a se despir.

Homer virou ostensivamente as costas, preparando-se para receber um beijo na nuca. Mas nada aconteceu. Ouvia um vago tilintar e se virou. Viu que Heloísa não estava mais de blue jeans e camisa, mas vestia calças cinza, mocassim e uma blusa de malha preta com um amplo decote. Estava fechando um colar bastante volumoso e brilhante.

- Oba, nunca vi isto antes - comentou Homer. - O que são estes balangandãs, são nozes de prata?

- Estas não são nozes - respondeu Heloísa com expressão ameaçadora. - São pequenas caveiras humanas de prata. Este é meu colar de caça.

- Que ideia mórbida - se queixou Homer. - Você caça o quê?

- Guris- respondeu Heloisa, com maldade. - Guris de duzentos quilos, que podem também ter trinta quilos a mais ou a menos. Já desisti de caçar homens. Não se ofenda, Homer - acrescentou rápida. - Não estava falando de você. - Aproximou-se e ficou ao lado da mesa. - Homer, preciso lhe dizer uma coisa - falou com ar solene. - Queria que você descansasse, para ficar bom e voltar a treinar, mas receio que isto não é possível, Homer. Tenho informações secretas, de boa fonte, e sei que a Rocket House vai usar um truque para produzir livros sem fábricas de palavras. Sei com absoluta certeza que neste minuto Flaxman e Cullingham estão contratando todos os escritores das outras editoras para que escrevam esses livros. Apenas os escritores da Rocket House terão contracapas. Você quer ser preterido?

Homer Hemingway saltou da mesa, como um foguete saindo da plataforma de lançamento.

- Traga meu terno de cruzeiro no Mediterrâneo, aquele todo desbotado pelo vento, com

sombras violeta, amor - ordenou o escritor, com a testa franzida pelo esforço de pensar. - E minhas alpargatas sujas. E meu boné de capitão. Rápido!

- Homer! - protestou Heloisa, surpresa pelo efeito fulminante do estratagema. - Você não se lembra que seu traseiro está queimado?

- Amor, na Sala de Tratamento Médico tem um protetor de glúteos transparente, ventilado, com base adesiva e de forma anatômica, que foi inventado exatamente para emergências deste tipo - explicou o escritor-chefe, bastante contente.

CAPÍTULO DEZ

- Muito bem, Zane Gort! - falou Flaxman, satisfeito. - Gaspard me disse que durante o massacre das fábricas de palavras você foi um verdadeiro herói.

Depois da saída de Miss Blushes, que foi se refrescar na toailete para senhoras, a atmosfera no escritório parecia muito mais calma, apesar da observação da mesma sobre a mesquinha de editores que não se preocupavam em manter um banheiro exclusivo para as robixes.

O rosto do pequeno editor moreno ficou sério.

- Deve ter sido duro para você, ver suas irmãs máquinas sendo linchadas.

- Francamente, não, senhor Flaxman - respondeu o robô sem hesitar. - Para dizer a verdade, nunca gostei de fábricas de palavras ou de outras máquinas que pensam, e que são praticamente só cérebro, sem corpo, e sem possibilidade de se mexer. Estas máquinas são desprovidas de consciência, têm apenas uma criatividade cega e enfileiram símbolos como se fossem contas e tecem palavras como se fossem lã. São monstruosas e me assustam. O senhor diz que são minhas irmãs, mas eu as considero não-robóticas.

- Que esquisito. Afinal, você e as fábricas de palavras são escritores.

- Não há nada de esquisito, senhor Flaxman. É verdade, sou um escritor. Mas sou um escritor autônomo, um lobo solitário, como os escritores humanos da antiguidade - da época anterior à Era dos Editores, mencionada pelo senhor Cullingham. Como todos os robôs livres, sou autoprogramado, e como nunca escrevi alguma coisa que não fosse histórias de robôs para robôs, nunca trabalhei sob direção editorial humana - o que não quer dizer que eu não a aceitaria em determinadas circunstâncias.- Emitiu um zunido agradável olhando para Cullingham, depois girou seu único grande olho escuro pela sala.

- Por exemplo, circunstâncias como esta... porque as fábricas de palavras foram destruídas e seus escritores humanos são de qualidade duvidosa, e nós, os autores robôs, somos os

únicos escritores de ficção com alguma experiência que existem em todo o Sistema Solar...

- Pois é, as fábricas de palavras estão destruídas! - Flaxman sorriu largamente para Cullingham e esfregou as mãos.

- Eu estaria disposto a aceitar a direção do senhor Cullingham nas situações que se referem a sentimentos humanos - continuou o robô - e acho que seu nome deveria aparecer ao lado do meu, no mesmo tipo. "De Zane Gort e G.K. Cullingham" - até que soa bem. E nossas fotos na contracapa, lado a lado. Os humanos acabariam por gostar de autores robôs se houvesse um coautor humano... pelo menos, no começo. E em qualquer caso, nós, os robôs, estamos muito mais próximos dos humanos do que aquelas esquisitas fábricas de palavras.

- Esperem um minuto, todos vocês! - rugiu Gaspard, enquanto Flaxman estremecia e Cullingham franzia as sobrancelhas. O escritor parecia um urso magro e furioso. Mais uma vez estava com raiva, sobretudo porque Flaxman e Cullingham ostentavam um comportamento bastante anormal, portanto misterioso, e esta raiva dava-lhe forças para acabar com os mistérios. - Cale-se, Zane - rosnou.- E vocês, senhor F. e senhor C., estou estranhando... todas as vezes que alguém menciona as fábricas de palavras destruídas, vocês ficam com a expressão de quem está para se sentar para a ceia de Natal. Honestamente, se eu não soubesse que suas fábricas de palavras foram destruídas junto com as outras, eu juraria que vocês, dois vigaristas...

- Xiii, Gaspard.

- Não fiquem me gozando. Sim, sim, eu sei: qualquer coisa para a velha Rocket House, somos todos heróis e vocês são uma dupla de santos, mas é verdade. Quero dizer, tenho a impressão de que vocês dois praticamente provocaram o massacre, sem se importar que a Rocket também ia ser prejudicada... Respondam! Vocês estavam metidos nisto?

Flaxman deixou cair o corpo para trás e sorriu.

- As coisas estão neste pé, Gaspard: éramos simpatizantes. É verdade: olhávamos com simpatia para os escritores, com seus egos machucados e seus impulsos frustrados de expressão livre. Não tivemos qualquer participação ativa, é claro... apenas fomos simpatizantes.

- Quer me convencer que vocês simpatizam com um monte de cabeludos? Esta não! Vocês deviam ter algum plano bem prático. Deixe-me pensar. - Tirou do bolso seu monumental

cachimbo e começou a colocar o fumo. De repente jogou cachimbo e fumo ao chão. - Ao diabo com estas besteiras! - Esticou uma mão sobre a escrivadinha:- Dê-me um cigarro.

Flaxman parecia assustado, mas Cullingham ofereceu cigarros com a maior calma.

- Vejamos - disse Gaspard, tragando profundamente. - É possível que vocês realmente tenham pensado neste plano biruta... não leve a mal, Zane, de robôs para escrever livros para humanos... não, isto não poderia funcionar, porque quase todas as usinas de ficção publicam livros de robôs e têm um ou dois robôs exclusivos, com contrato e tudo, e todos eles se esforçam para conseguir mais sucesso...

- Entre os robôs existem autores e autores - observou Zane Gort em tom levemente alterado. - Nem todos possuem tamanhos recursos e adaptabilidade, ou partilham simpatias com criaturas não robóticas...

- Já lhe disse para ficar quieto. Não, deve tratar-se de alguma coisa que a Rocket House tem e que as outras editoras não têm. Fábricas de palavras ocultas? Não, eu saberia a respeito, sobre este assunto ninguém pode me enganar. Uma escudeira secreta de escritores, que é realmente capaz de produzir alguma coisa que se aproxime da qualidade das fábricas de papel? Só poderei acreditar no dia em que Homer Hemingway conseguir aprender o alfabeto. Neste caso, o que pode ser? extraterrenos?... Extrassensoriais?... Escritores automáticos ligados com o infinito?... Psicopatas brilhantes sob uma direção qualquer?...

Flaxman se inclinou para a frente.

- Como é, Cully, vamos contar?

O homem alto e loiro começou a pensar em voz alta:

- Gaspard pensa que somos dois vigaristas, mas basicamente é leal à Rocket House. - Gaspard, com a cara amarrada, meneou a cabeça em sentido afirmativo. - Publicamos em fita todos os romances épicos de Zane Gort, desde "Aço Nu" até "A Criatura do Ciclotron Negro". Zane tentou duas vezes passar para outras editoras... (Zane Gort deu sinais de surpresa)... e em cada caso fracassou. De qualquer forma, vamos precisar de ajuda para preparar material para as impressoras. Resposta positiva, Flaxie. Pode contar.

O sócio voltou a se apoiar no encosto e soltou o fôlego. Tirou o fone do gancho.

- Ligue-me com a Creche.

Observou Gaspard e sorriu.

-Aqui é Flaxman! - berrou de repente. - Bishop? Quero que você... Ahn, não é a enfermeira

Bishop? Então, chame-a!

- Tem mais uma possibilidade que você não levou em consideração, Gaspard - dis se com mau humor. - A possibilidade de uma grande reserva de livros fabricados com antecedência.

Gaspard sacudiu a cabeça.

- Não, eu saberia a respeito. Teria percebido se alguém trabalhasse com as fábricas de palavras e fizesse horas extras.

Flaxman se animou.

- Bishop? Aqui é Flaxman. Pode me trazer um cérebro?

Sem soltar o fone voltou a encarar Gaspard com um sorriso zombeteiro.

- Não, pode ser qualquer cérebro - disse, e fez menção de afastar o fone do ouvido. - O que foi que você disse? Não, não há qualquer perigo, as ruas estão calmas. Neste caso, mande o Zangwell trazer o cérebro. Está bem, então traga-o você, e Zangwell pode acompanhá-la como guarda-costas. Bom, se o Zangwell está realmente bêbado...

Olhou Gaspard e Zane Gort enquanto ouvia. Quando voltou a falar, foi com a costumeira firmeza.

- Muito bem, vou lhe dizer como. Vou mandar até lá dois sujeitos, um humano e um robô, para protegê-la durante o trajeto. Não, são de inteira confiança, mas não quero que você explique nada. Pode ficar tranquila, são corajosos como leões, eles praticamente defenderam nossas fábricas de palavras até a morte, e estão vazando sangue e óleo por todo o escritório. Não, não é tão grave assim, estão loucos para entrar numa outra escaramuça. Escute bem, enfermeira Bishop, quero que você saia logo que eles chegarem. Nada de complicações de última hora, ouviu bem? Quero este cérebro o mais breve possível.

Desligou.

- Ela estava meio apreensiva por causa dos distúrbios - explicou. - Pensava que ainda havia escritores em bandos, fazendo tumultos na avenida. Devo dizer que ela é uma mulher que sempre olha embaixo de cada berço e fiscaliza os dois lados das fraldas. - Olhou para Gaspard. - Você sabe onde fica a Sabedoria dos Séculos?

- Sim. Passo em frente todas as manhãs. Fica a umas duas quadras daqui. Tem uma aparência meio sinistra. Nunca se vê movimento nenhum.

- E o que você acha que é?

- Não sei. Pode ser uma editora clandestina. Por outro lado, nunca vi este nome nas listas de livros. Nunca vi este nome em qualquer outro lugar... espere um minuto! Lembrei-me do grande logotipo de latão no meio do saguão, aqui. Leva as palavras "Rocket House" e, depois, em caracteres góticos e com uma porção de volutas encaracoladas, pode-se ler "associada à Sabedoria dos Séculos". Ora veja, nunca reparei antes.

- Você não existe - disse Flaxman. - Nunca vi um escritor com capacidade de observação. Nunca imaginei encontrar um em toda a minha vida. Você e Zane podem ir até a Sabedoria dos Séculos, e sem demora, e tragam a enfermeira Bishop. Podem apressá-la um pouco, mas procurem não ofendê-la em seus brios.

Gaspard observou:

- O senhor falou em creche.

- Isto mesmo. Trata-se da mesma coisa. Vá andando. Gaspard hesitou.- Provavelmente ainda há alguns escritores aprontando por ali. Ou talvez estejam saindo para uma segunda investida. Você não quer dizer que isto pode impressionar dois heróis como vocês, não é? Vá andando.

Quando Gaspard chegou perto da porta, esta se abriu de repente. No vão estava uma mulher vestida de preto, com o rosto marcado pelas lágrimas.

- Perdão, cavalheiros - falou a mulher em voz baixa. - Fui enviada aqui para buscar informações. Por favor, alguém viu um homem alto acompanhado por um bonito garotinho? Esta manhã, bem cedo, saíram para ver uma fábrica de palavras. Ambos estavam usando lindos macacões turquesa com bonitos botões de opala.

Enquanto a mulher falava, Gaspard estava tentando passar pela porta. De repente um grito penetrante surgiu no fim do corredor. Miss Blushes estava parada perto da porta do toalete para senhoras, com as pinças apertando suas têmporas anodizadas cor-de-rosa. A seguir, começou a correr em direção da mulher, com as pinças estendidas, gemendo com sua voz triste e suave:

- Querida, querida! Seja forte, tenho notícias muito tristes!

Enquanto Gaspard, aliviado, descia aos trancos pela escada rolante parada, foi seguido, não apenas por Zane Gort, mas também por um berro de Flaxman:

- Lembre-se que a enfermeira Bishop estará nervosa. Ela estará carregando um cérebro!

CAPÍTULO ONZE

O aposento, que não possuía janelas, estava escuro e nele brilhava apenas uma meia dúzia de telas de TV, cuja inclinação poderia parecer, num primeiro momento, devida ao acaso. As imagens que se seguiam nas telas eram excepcionalmente bonitas, de estrelas e naves espaciais, robôs e gente, e às vezes apenas de páginas impressas. Uma grande parte do espaço no centro da sala e perto de uma parede era ocupado por mesas, sobre as quais estavam as telas de TV e outros objetos e uma porção de instrumentos cheios de fios. Nas outras três paredes se viam uma porção de estantes - que na realidade eram suportes sólidos e de várias alturas - sobre os quais se encontravam ovos de prata fosca, um pouco maiores que uma cabeça humana, assentados em grandes argolas pretas, lisas e grossas.

A prata era esquisita. Lembrava a névoa, o luar, cabelos brancos fofos, talheres iluminados por luz de velas, mesas de cosméticos, frascos de perfume, o espelho de uma princesa, a máscara de um pierrô, a armadura de um príncipe poeta.

Aquela sala criava impressões que variavam; parecia uma estranha incubadeira, ou uma estufa para fabulosos robôs, ou o antro de um mágico, com ameaçadores troféus leprosos, ou o ateliê de um escultor em metal; logo a seguir, os ovoides pareciam as cabeças de alguma espécie metálica, reunidos numa silenciosa conferência.

Esta última impressão era ainda reforçada pelo fato de que, na base de cada ovo, sempre na parte mais estreita, havia três marcas escuras, duas em cima e uma embaixo, formando um triângulo rudimentar de olhos e boca, sob uma enorme testa lisa. Ao chegar mais perto, podia-se ver que se tratava de três tomadas simples. Muitas tomadas estavam vazias e noutras estava o plugue de fios elétricos que saíam dos instrumentos. Os instrumentos eram os mais variados, mas, observando-os com atenção, podia-se descobrir logo que a tomada direita superior (do lado do ovo) nunca estava ligada a um instrumento que não fosse uma espécie de câmara de TV compacta; a tomada esquerda superior sempre estava ligada a uma espécie de

microfone ou outra fonte de som, enquanto a tomada inferior era sempre ligada a um pequeno alto-falante.

Esta regra só tinha uma exceção: algumas vezes a tomada da boca de um ovo estava ligada diretamente à tomada do ouvido (esquerda superior) de um outro ovo. Neste caso sempre se fazia também uma ligação complementar: ligava-se o ouvido da boca com a boca do ouvido.

Uma observação mais atenta ainda poderia revelar linhas muito finas e depressões bem lisas no topo dos ovos. As linhas descreviam um círculo mais largo e um outro mais estreito no centro - dava quase para pensar numa fontanela dupla. As depressões davam a impressão de que cada seção circular podia ser girada e retirada com o indicador e o polegar.

Se você tocasse um ovo (superando uma certa hesitação inicial), poderia pensar, num primeiro momento, que estava quente; em seguida, descobriria que estava apenas menos frio do que esperava, quer dizer, sua temperatura era parecida com a do sangue humano. E se as pontas de seus dedos são sensíveis às vibrações, e você tocasse aquele metal tão liso, poderia perceber uma batida leve e regular, com a mesma regularidade de um coração humano.

Uma mulher de avental branco estava parada, com o quadril esquerdo apoiado numa das mesas, a parte superior do corpo relaxada e a cabeça pendente, como se estivesse descansando. Era difícil adivinhar sua idade, por causa da semi-escuridão e da máscara branca que cobria a parte inferior de seu rosto. Ao lado, apoiada sobre o quadril e sustentada por uma cinta a tiracolo, tinha uma grande bandeja que segurava também com uma mão. Sobre a bandeja via-se um bom número de recipientes fundos de vidro, cheios de um líquido aromático e cristalino. No interior de mais ou menos a metade destes recipientes viam-se grossos discos de metal, com a borda externa filetada. Estes discos eram do mesmo diâmetro da fontanela menor dos ovos de prata.

Na mesma mesa, e a pouca distância da boca da mulher, estava um microfone. Seu plugue estava na tomada de um ovo um pouco menor que os outros. Um altofalante ligava-se à tomada da boca do ovo.

Começaram a conversar. A voz do ovo era monótona, como se pudesse controlar as palavras e seu ritmo, mas não o timbre. A voz da mulher era cansada e quase igualmente monótona.

MULHER: Vamos, neném, durma. Durma.

OVO: Não posso dormir. Não dormi durante estes últimos cem anos.

MULHER: Então, entre em transe.

OVO: Não consigo entrar em transe.

MULHER: Pode sim, neném Você pode quando quer.

OVO: Está bem, vou tentar se você mudar minha posição.

MULHER: Eu já o virei ontem.

OVO: Vire-me agora, estou com câncer.

MULHER: Você não pode estar com câncer, neném.

OVO: Posso, sim. Sou muito esperto. Coloque o plugue em meu olho e depois vire a tela, assim poderei me ver.

MULHER: Você fez isto agora mesmo. A repetição se torna enfadonha. Você quer ver imagens, neném, quer ler?

OVO: Não quero.

MULHER: Quer conversar com alguém? Quer conversar com o número 4?

OVO: O 4 é um bobo.

MULHER: Quer conversar com o número 6?

OVO: Quero ver você tomar um banho.

MULHER: Agora não, neném. Estou com pressa. Preciso alimentar todos vocês, seus moleques, e depois preciso correr.

OVO: Por quê?

MULHER: Tenho coisas a fazer, neném.

OVO: Não. Eu sei por que você está com pressa.

MULHER: Diga-me, neném.

OVO: Você está com pressa porque vai morrer.

MULHER: Pois é, neném, acho que vou ter que morrer.

OVO: Eu não vou morrer. Sou imortal.

MULHER: Também sou imortal na Igreja.

OVO: Mas você não é imortal em casa.

MULHER: Não, neném.

OVO: Mas eu sou. Transmita-me alguma coisa com ESP, entre em minha mente.

MULHER: Neném, receio que este ESP não exista.

OVO: Existe sim. Experimente. Experimente uma vez.

MULHER: Não existe nenhum ESP, porque se existisse, vocês moleques poderiam utilizá-lo.

OVO: Estamos na salmoura, estamos congelados, mas você está lá fora, num mundo grande e momo. Tente só uma vez.

MULHER: Não consigo tentar, estou muito cansada.

OVO: Você poderia fazê-lo se pelo menos tentasse.

MULHER: Não tenho tempo, neném. Preciso me apressar, alimentar todos os moleques e depois vou correr.

OVO: Por quê?

MULHER: Tenho coisas a fazer.

OVO: Por quê?

MULHER: Preciso ir ver o patrão. Quer vir comigo, Meio Litro?

OVO: Não. Isto não é divertido, é uma chateação.

MULHER: Venha comigo, Meio Litro. Faça este favor à Mama. Mama precisa de um cérebro.

OVO: Quando? Vamos agora mesmo?

MULHER: Quase. Dentro de meia hora.

OVO: Meia hora é como meio ano. Não vou.

MULHER: Venha comigo, Meio Litro. Mama precisa de você, você sabe falar bem.

OVO: Leve o Ferrugem. Ele está biruta. Eles vão se divertir.

MULHER: Até que ponto está biruta?

OVO: Biruta como eu. Tome um banho. Você tem seis meses. Tire o avental, mostre seu vestido. Tire o vestido, tire a roupa.

MULHER: Pare com isto, Meio Litro, caso contrário vou deixá-lo cair.

OVO: Vá em frente, deixe-me cair. Talvez eu pule.

MULHER: Você não vai pular, neném.

OVO: Vou sim, Mama. Vou pular como o Tortinho.

A mulher suspirou sob a máscara, sacudiu a cabeça e se endireitou.

- Escute, Meio Litro - disse. - Você não quer dormir, não quer entrar em transe, não quer

conversar e não quer passear. Quer me ver enquanto alimento os outros?

- Está bem. Mas coloque o plugue dos olhos em meu ouvido, assim fica mais divertido.

- Pare com isto, neném, você está biruta.

Colocou o plugue de uma câmara de TV olho de peixe na tomada superior direita e ao mesmo tempo desligou o alto-falante, puxando o cordão. Com a bandeja equilibrada na altura da cintura, colocou os dedos na superfície do ovo mais próximo. Acima da máscara seus olhos estavam desprovidos de qualquer expressão, enquanto avaliava a temperatura do metal e calculava o ritmo da pulsação da minúscula bomba acionada por isótopos, que se encontrava na fontanela maior. Colocou o polegar e o indicador nas depressões da fontanela menor, girando-a com um gesto que mostrava sua longa prática. O disco subiu girando. A mulher o apanhou depois do último giro e o colocou num recipiente vazio sobre a bandeja. Apanhou um disco fresco num outro recipiente, ajustou os filetes sem dificuldade sobre a abertura, imprimiu um movimento giratório e se aproximou do ovo mais próximo sem esperar que o primeiro terminasse de girar.

Quando colocou o último disco fresco, ouviu um sino modulado tocando sol-sol-dó.

Mesmo assim, disse: - Que Deus amaldiçoe e mande para o inferno!

CAPÍTULO DOZE

As moças são uma extraordinária forma da arte, que, entretanto, requer um estudo exaustivo e muita aplicação- teria escrito Gaspard se tivesse o hábito de fazer anotações. A recepcionista da Sabedoria dos Séculos que atendeu ao chamado da melodiosa campainha em sol-sol-dó era uma flor e contrastava com as prateleiras carregadas de velhos livros encadernados e uma faixa decorativa e empoeirada de estrelas de Davi e de cruzes de Ísis. Gaspard, enquanto tossia e tentava recuperar o fôlego, ficou a estudá-la e deu graças a Deus que a moda no mundo dos não-escritores estivesse mais uma vez impondo o uso de saias - saias suficientemente curtas para deixar à mostra pernas perfeitas em meias muito finas. A figurinha esguia ostentava ainda um suéter fofo e peludo que se agarrava à seção mediana da aparição, cuja cabeça era coberta de cabelos castanhos encaracolados.

Zane assobiou amavelmente à maneira dos robôs, cumprimentando a moça da forma que todas as criaturas humanas de sexo feminino apreciavam bastante.

Vendo que Gaspard não parava de examiná-la, centímetro por centímetro, a aparição exclamou, altiva:

- Está bem, já sabemos tudo a meu respeito. Portanto, pode parar de arfar e me dizer o que quer.

Gaspard evitou pronunciar a primeira resposta que lhe veio na mente: "Isto será ótimo, se você dispõe de um sofá e não se importa com um observador robô", e preferiu dizer, para se justificar:

- Vim até aqui correndo. Um esquadrão de escribas estava de tocaia e tivemos que correr por cinco quadras e mudar sete vezes de nível, antes de nos livrar daqueles maníacos. Receio que os escritores saibam que a Rocket está preparando alguma coisa. Conseguimos afastar os escribas daqui e voltamos num caminhão de ferro-velho - tem uma porção indo para a Avenida do Leitor. Ensinei ao motorista onde se encontravam as melhores fábricas de

palavras. - Aquela observação a respeito de estar arfando era muito injusta e acrescentou: - Aliás, qualquer dia destes, você deveria tentar correr uma milha, acompanhada por um robô.

- Tenho certeza que isto aumentaria excessivamente a circunferência de minhas coxas - respondeu a moça, observando atentamente Gaspard e as marcas em seu rosto. - Mas ainda não me disse o que quer. Aqui não é o pronto-socorro; e também não é um posto de lubrificação - acrescentou, dirigindo-se a Zane Gort, que estava emitindo alguns rangidos enquanto lia os títulos dos livros encadernados.

- Escute, mocinha - falou Gaspard, impaciente. - Vamos parar com tagarelices. Já estamos atrasados. Onde está o minicomputador?

Gaspard tinha pensado muito antes de fazer esta pergunta. Ao ouvir Flaxman mencionar pela primeira vez um "cérebro", durante a conversa telefônica, Gaspard tivera uma visão de um enorme globo com circunvoluções visíveis, com grandes olhos malévolos, que brilhavam na escuridão, e tudo balançando sobre um torno disforme e magro, ou, quem sabe, sobre um pequeno pedestal de couro com uma quantidade de perninhas serpenteantes, como uma espécie de polvo - uma espécie de monstro marciano, embora todos já soubessem que os marcianos guardavam seu cérebro no interior de seus corpos de insetos, protegidos por uma carapaça. Logo depois Gaspard imaginou um cérebro rosado nadando num balde cheio de um líquido nutriente translúcido - ou, quem sabe, nadando num recipiente cheio de líquido e movendo seus bracinhos de polvo. (É um fato, a imagem do cérebro dotado de tentáculos parecia firmemente implantado na imaginação humana - a quintessência do aracnídeo gigante, malévolos e inteligente.) Entretanto, enquanto viajava aos trancos no caminhão de ferro-velho, Gaspard decidiu que todas aquelas visões eram igualmente infantis e que Flaxman, ao mencionar um "cérebro", devia estar se referindo a uma máquina calculadora ou a um banco de memória, mas que não podia tratar-se de uma fábrica de palavras ou de um robô, porque era obviamente pequena e podia ser transportada. Afinal, os leigos costumavam chamar computadores de "cérebros eletrônicos" desde os tempos mais antigos; durante uns sessenta anos os cientistas tinham afirmado que esta denominação era mero sensacionalismo, mas logo depois da invenção dos robôs conscientes, afirmaram que a denominação era absolutamente correta. Por exemplo, Zane Gort possuía um cérebro eletrônico, como todos os robôs, inclusive um certo número de brilhantes cientistas robôs, que apreciavam enormemente o

equipamento mental eletrônico.

Ao interrogar sobre o minicomputador, Gaspard apenas esperava definir satisfatoriamente a natureza verdadeira do "cérebro" de Flaxman.

A moça, porém, apenas ergueu as sobrancelhas e disse:

- Não sei absolutamente do que é que você está falando.

- É claro que sabe - afirmou Gaspard, convencido. - O minicomputador que vocês chamam de cérebro. Pode trazê-lo.

A moça encarou-o com o olhar firme. Disse:

- Aqui não temos computadores.

- Neste caso, a máquina com o cérebro, entendeu?

- Aqui não temos máquina de espécie alguma - respondeu a moça.

- Está bem, está bem. Então simplesmente o cérebro. Gaspard falou com o mesmo tom com o qual poderia se referir a meio quilo de carne moída.

O rosto da moça tornou-se ainda mais duro.

- O cérebro de quem?- perguntou friamente.

- O cérebro de Flaxman. Quero dizer, o cérebro que Flaxman pediu... e Cullingham também.

Você já deve saber do que se trata.

A moça fez de conta que não ouviu a última sentença e perguntou:

- Ambos querem o mesmo cérebro?

- Claro que sim. Traga-o depressa.

A frieza que se percebia em sua voz abrandou-se um pouco.

- Então é um pedido para dois? Quer que corte as fatias aqui mesmo? E você prefere em pão preto ou francês?

- Escute, moça, não tenho tempo para humor negro.

- Por que não? Os sanduíches de miolo da Mãe Sabedoria são famosos.

Gaspard estremeceu e voltou a observar a moça, pensativo. Esta figurinha altiva, com um repelente senso de humor, não podia ser a personagem obviamente de meia-idade, hesitante e preocupada que tinha recebido as ordens de Flaxman pelo telefone. Gaspard achou que poderia ser agradável continuar a conversa com a moça, especialmente mudando o assunto, definitivamente repugnante, mas lembrou-se que tinha uma missão a cumprir.

- Acho melhor chamar a enfermeira Bishop - disse. - Ela sabe o que eu quero.

A moça apertou os olhos, sem ocultar completamente a íris violeta.

- Quer falar com a enfermeira Bishop, hein? - perguntou, revoltada.

- Sim - confirmou Gaspard e acrescentou: - O que é que há? Ela pega no seu pé?

- Como é que você adivinhou?

- Tive a intuição. Para lhe dizer a verdade, foi uma dedução natural: um tipo de velha solteirona pedante não poderia simpatizar com você. Deve ser um verdadeiro terror, não é?

A moça se endireitou.

- Você não conhece nem a metade da história, irmão - disse. - Espere aqui, vou chamá-la, se você realmente quer falar com ela. Vou pessoalmente colocar o cérebro em sua mochila.

- Se ela impuser muitas dificuldades, use um lança-chamas, mas não prejudique sua pintura - gritou alegremente Gaspard enquanto a porta se fechava. Ficou ligeiramente surpreso ao constatar que se sentia atraído por ela, aliás, muito atraído. Embora Heloisa Ibsen o tivesse explorado, não restava dúvida que ela tinha incrementado seu apetite, pensou Gaspard com um certo remorso. Tinha planejado festejar sua libertação das garras de Heloisa com um mês de vida absolutamente monástica, mas aparentemente seu corpo tinha outras intenções.

- Por São Norberto, que achado!

Zane tinha se lançado aos livros depois da saída da moça.

- Vejam só que coisa! - disse o robô, passando a ponta das pinças sobre uma fileira de livros com encadernação preta. - A coletânea das obras de Daniel Zukertort!

- Nunca ouvi este nome - observou alegremente Gaspard. - Ou será que era um robô?

- Não me admiro pela sua ignorância, velho osso - comentou Zane. - Os registros de patentes indicam que Daniel Zukertort foi um dos maiores entre os primeiros técnicos humanos de robótica, de construção de fábricas de palavras, de micromecânica, de química catalítica e, ainda por cima, de microcirurgia. Entretanto, seu nome é quase desconhecido, mesmo entre os robôs - caso contrário, acho que teríamos um São Daniel. Parece que houve uma verdadeira conspiração de silêncio em volta de seu nome. Já cheguei à conclusão de que talvez foi uma vítima de supressão governamental, talvez pela sua associação prematura com o movimento para Direitos Iguais para os Robôs, mas infelizmente faltaram-me o tempo e os meios para investigar.

- Por que as obras de Zukertort estariam guardadas aqui? - perguntou Gaspard, observando as prateleiras. - Será que ele se interessava pelo ocultismo? Olhe, está exatamente entre Uspensky e Blavatsky.

- Parece que a gama dos interesses de Zukertort foi extremamente ampla - respondeu o robô com ar bastante solene. - Veja isto, por exemplo. - Apanhou com a pinça um livro de capa preta e passou as pontas da pinça sob o título: Golens e outros Autômatos Arcanos.

- Quer saber? - continuou o robô. - Acho extremamente estimulante pensar que sou um autômato arcano. Dá-me vontade de ficar todo envernizado de preto, com uma decoração de fina filigrana de prata. Como uma armadura rococó.

- Será que há um livro de Zukertort sobre tatuagens em robôs? - perguntou Gaspard, irônico.

- Escute, velho relâmpago, o que é que pode ser estes cérebros que Flaxman acha que escreverão, ou que pelo menos ajudarão na produção de seus livros? Com toda esta decoração ocultista aqui, estou começando a desconfiar que se trata de algum passe de mágica ou de algum ritual espiritualista. Sabe, alguma coisa relacionada com contatos mentais com autores mortos, através de um médium, ou coisa assim.

O robô afastou levemente os cotovelos de aço azulado do corpo para indicar sua perplexidade.

- Como já sentenciou o maior de todos os detetives humanos, o qual curiosamente possuía muitas características robóticas - comentou Zane sem desviar o olho dos livros - é um erro fundamental formar teorias sem dados suficientes.

Gaspard franziu as sobrancelhas:

- Quem é este maior de todos os detetives humanos?

- Ora, estou falando em Sherlock Holmes - respondeu Zane, impaciente.

- Nunca ouvi falar dele - disse Gaspard. - O que é que ele era? Um investigador de polícia, um investigador particular ou um professor de criminologia? Ou foi ele quem sucedeu a Herbert Hoover na direção da CIA?

CAPÍTULO TREZE

- Gaspard- falou Zane Gort com severidade - posso perdoá-lo por não conhecer Daniel Zukertort, mas não posso perdoá-lo por desconhecer Sherlock Holmes, o maior detetive de ficção de toda a era anterior às fábricas de palavras.

- Então é por isto - exclamou Gaspard aliviado. - Realmente, não aguento os livros anteriores à era das fábricas de palavras. Eles me deixam com a mente embaralhada. - Logo ficou preocupado: - Quer saber, Zane? Vai ser muito difícil para mim encontrar alguma coisa para me distrair ou me fazer adormecer sem um novo livro de fábrica de palavras. Praticamente, nada mais me interessa. Li toda a produção das fábricas de papel durante anos e anos.

- Por que você não pode voltar a ler a produção mais antiga?

- Isto não funciona. Por outro lado, você deve saber que o papel escurece e se desintegra, um mês depois que o livro é aberto, depois de retirar o lacre.

- Neste caso, quem sabe, você terá que ampliar o campo de seus interesses - comentou o robô, erguendo o olho do livro. - Não me parecem muito católicos, sabia? Veja só, acho que somos amigos, mas aposto que você nunca leu uma obra minha, nem mesmo um de meus contos com o dr. Tungstênio

- Como poderia? - protestou Gaspard. - Seus contos são publicados em rolos que são colocados no nicho apropriado de um robô. Estes rolos não podem ser colocados nem mesmo num toca-fitas normal.

- A Rocket House dispõe de cópias manuscritas acessíveis a qualquer pessoa que esteja interessada- explicou Zane friamente. - É claro que você precisa aprender mais um pouco de robô, mas muitas pessoas achariam isto interessante.

- Pois é - foi a única resposta que Gaspard encontrou. Para mudar de assunto, perguntou: - Por que será que aquela velha enfermeira está demorando? Você não acha que seria melhor

telefonar ao Flaxman? - Indicou um aparelho perto das prateleiras.

Zane fez de conta que não ouviu a pergunta e nem a sugestão e continuou:

- Você nunca sentiu que é bastante estranho, Gaspard, que a ficção para os robôs seja escrita por criaturas vivas como eu, enquanto os humanos leem histórias escritas por máquinas? Um historiador poderia ver nisto a diferença entre uma raça jovem e uma raça decadente.

- Zane, você se definiu... - começou Gaspard, irritado, mas se calou. Queria dizer "Você se definiu uma criatura viva, mas você é feito de lata". Entretanto, isto seria, não apenas pouco amável, mas também carente de exatidão (porque os robôs não mais eram construídos com o mesmo material que se utiliza para fazer uma lata de conserva) e sobretudo seria uma mentira. Era óbvio que Zane era muito mais vivo do que nove entre dez criaturas humanas.

O robô esperou alguns segundos e depois continuou:

- Para alguém como eu, que está observando isto de fora, é absolutamente claro que a preferência dos humanos pelo palavreiro é certamente um vício. Quando abrem um livro mecânico, vocês humanos entram em transe, como se tivessem ingerido uma generosa dose de narcóticos. Você alguma vez ficou a se perguntar por que as fábricas de palavras são incapazes de escrever qualquer obra que não seja de ficção? Algo completamente positivo? Não estou levando em conta autobiografias, livros de meditação, aprimoramento pessoal e filosofia popular. Alguma vez você pensou por que os robôs não conseguem apreciar seus escritos? Por que não conseguem entendê-los? Tudo aquilo me parece apenas palanfrório.

- Pode ser que seja sutil demais para eles... e até para você! - retrucou Gaspard, profundamente irritado pelas críticas negativas de sua diversão preferida e sobretudo pelo menosprezo de Zane para com suas adoradas máquinas. - Pare de me consumir, Zane!

- Está bem, está bem, não vá ter um derrame, velha célula! - respondeu Zane, tentando acalmá-lo. - Consumir... que verbo engraçado. Acredito que o canibalismo seja a única coisa desagradável de que nossas duas raças não podem se acusar mutuamente. - Voltou a folhear o livro.

O telefone tilintou. Gaspard esticou o braço, hesitou e depois respondeu.

- Aqui é Flaxman! - berrou uma voz. - Onde está o meu cérebro? O que foi que aconteceu com os dois patetas que mandei?

Enquanto Gaspard procurava uma resposta condigna, ouviu de repente, do outro lado do fio, uma série de estrondos, golpes, rosnados, uivos e soluços. Quando a barulheira terminou, houve alguns segundos de silêncio e logo uma voz cordial falou com o ritmo modulado próprio das recepcionistas:

- Aqui é Rocket House, com Miss Milligan falando para o senhor Flaxman. Quem está falando, por favor?

Mas Gaspard conhecia aquela voz, de uma série aparentemente infinita de encontros íntimos. Era a voz de Heloisa Ibsen.

- Arquebuzo Sete dos Vingadores de Fábricas de Palavras, falando pelo Laço - respondeu, rapidamente inventando um personagem. Para disfarçar sua própria voz, sussurrou quase assobiando, procurando criar a impressão de uma ameaça: - Tranque o escritório e levante barricadas! A famigerada niilista Heloisa Ibsen já foi vista nas proximidades, acompanhada por escritores armados. Estamos mandando um Esquadrão de Vingadores para tomar conta deles!

- Por favor, cancele o Esquadrão de Vingadores, Arquebuzo Sete - pediu a voz da recepcionista, sem hesitar. - A tal Ibsen foi presa e entregue aos... Ei, você é Gaspard! Não falei com mais ninguém a respeito de niilismo!

Gaspard produziu uma gargalhada apta a fazer congelar o sangue nas veias.

- Gaspard de la Nuit está morto! E assim morram todos os escritores! - sibilou, e colocou o fone no gancho.

- Zane - disse ao robô que estava totalmente mergulhado na leitura. - Precisamos voltar para Rocket House o mais rápido possível. Heloisa...

Naquele instante a mocinha de suéter voltou, com um enorme pacote em cada braço.

- Cale-se - mandou. - E ajude-me com estes aqui.

- Não temos tempo - retrucou Gaspard. - Zane, tire seu nariz azul desse livro e...

- Cale a boca! - rugiu a mocinha. - Se vocês me obrigam a deixar cair estes aqui, vou degolá-los com um serrote!

- Está bem, calma, calma - concordou Gaspard, bufando. - Mas o que é isso? É para o Natal... ou talvez para a Páscoa?

"Isso", eram dois grandes pacotes coloridos. Um era retangular, com largas listras

vermelhas e verdes e um laço prateado, e o outro tinha a forma de um ovo e estava embrulhado em papel dourado com bolinhas purpúreas e um enorme laço púrpura.

- Não, no seu caso é para o Dia do Trabalho - disse a moça olhando para Gaspard. - Tome este aqui.- Indicou o ovoide - Tome muito, mas muito cuidado. É pesado, mas é muito frágil.

Gaspard assentiu e, quando percebeu o peso, olhou para a moça com verdadeiro respeito. Aquela mocinha devia ser muito mais robusta do que parecia, por ter trazido o ovoide segurando-o apenas com um braço. Disse:

- Este então é o "cérebro" que Flaxman pediu?

A moça inclinou a cabeça:

- Sim. Cuidado, não o sacuda!

- Escute, se este mecanismo é tão delicado assim, seria melhor não levá-lo até a Rocket House - explicou Gaspard. - Alguns escritores estão criando mais confusão por aqueles lados. Acabo de receber um telefonema.

A moça franziu a testa, refletiu um momento e depois sacudiu a cabeça.

- Não, iremos agora mesmo e vamos levar estes pacotes conosco. Aposto que podem precisar de um cérebro na Rocket House. Tive um bocado de trabalho para preparar o passeio e não gosto de desperdiçar meu tempo. A mais, eu lhe prometi que o levaria.

Gaspard engoliu em seco e parou, rígido. - Espere um minuto - disse. - Você está insinuando que esta coisa que estou carregando é viva?

- Pare de incliná-lo! E também pare de fazer perguntas tolas. Diga ao seu amigo leitor para apanhar este outro pacote. Contém o equipamento para o cérebro.

- Olhe só para isto, Gaspard! - exclamou Zane, todo excitado, indicando o livro preto. - Robôs judeus! Palavra! Os Golens são robôs judeus - feitos de argila e acionados pela mágica, mas sem dúvida se trata de robôs. Por São Karel, nunca imaginei que nossa história começou em... - Percebeu a situação que se criara enquanto ficava absorvido na leitura, ficou parado alguns segundos, ouvindo a gravação da conversa durante o último minuto e, finalmente, apanhou o pacote, dizendo: - Peço desculpas, senhorita. Estou à sua disposição.

- E para que serve isto? - perguntou Gaspard.

"Isto" era uma pequena pistola de aço esverdeado que a moça estava guardando embaixo do segundo pacote. - Ah, já entendi - você é que será nossa segurança.

- Nem sonhe com isto - respondeu a mocinha, secamente, e segurou a arma que brilhava, ameaçadora. - Eu estarei exatamente atrás de você, moço, e se você por acaso deixar cair aquele ovo de Páscoa - por exemplo, se alguém tentar degolá-lo - vou atirar em suas costas, bem no centro da medula oblongata. Mas não fique nervoso, porque positivamente não vai sentir nada.

- Está bem, está bem - respondeu Gaspard, ofendido e começou a sair. - Mas onde está a enfermeira Bishop?

- Este será um problema que você poderá resolver, passo a passo - disse a moça - enquanto deve tomar cuidado para não escorregar numa casca de banana.

CAPÍTULO

QUATORZE

As cordas são utensílios antigos, mas sempre úteis. Duas cordas estavam imobilizando os sócios Flaxman e Cullingham em suas cadeiras, atrás das escrivaninhas que formavam um arco de Cupido, em meio a uma enorme bagunça de folhas de papel rasgadas, fitas desenroladas, gavetas abertas e grandes montes trêmulos de espuma de extintor de incêndio.

Gaspard, parado na porta, ficou satisfeito por ter que parar e conseguir assim passar de um braço dolorido para o outro o ovoide, que parecia feito de chumbo maciço. Durante a caminhada até a Rocket House tivera a oportunidade de se convencer que, atualmente, sua única função na vida era a de transportar cuidadosamente o ovoide embrulhado em papel dourado com enfeites cor de púrpura. A moça não tinha ainda atirado nele, mas a um certo ponto, enquanto tropeçava, tinha colocado uma bala na calçada, bem ao lado do pé de Gaspard.

Cullingham, com as faces pálidas, cheias de manchas avermelhadas, estava ostentando um sorriso paciente de mártir nos lábios cerrados. Flaxman também estava calado, mas era apenas porque Miss Blushes, que se encontrava atrás dele, mantinha uma pinça rosada sobre sua boca.

A robix cor-de-rosa da censura estava declamando com a voz doce como mel:

- Que os poderes mais elevados possam entregar ao tormento eterno todos os escribas que se dedicam ao incesto com a mãe. Que seus tegumentos de aroma desagradável sejam perversamente abusados. Reticências e espaço em branco. Pronto, senhor Flaxman, não acha que assim fica muito melhor, e que as sentenças que consegui reformular ficam muito mais expressivas assim?

A enfermeira Bishop enfiou a pistola embaixo da saia e, armada com um pequeno alicate para cortar arame, começou a cortar as cordas que amarravam Flaxman. Zane Gort colocou no chão o pacote que carregava com o maior cuidado e depois levou a Coradinha para um

lado dizendo:

- Senhor Flaxman, terá que desculpar esta robix muito emocionada por ter interferido com sua liberdade de palavra. A paixão predominante costuma realmente ser muito forte nas pessoas metálicas, e, neste caso, é a censura. As tempestades de elétrons, como as que sacudiram sua mente, apenas intensificam esta paixão. Calma, calma. Miss Blushes, não estou tentando tocar suas tomadas ou abrir suas portas e janelas!

- Gaspard! Quem é - reticências - o Laço? - inquiriu Flaxman, depois de esticar repetidamente os lábios e engolir. - Quem são os Vingadores de Fábricas de Palavras? Aquela bruxa da Ibsen queria que seus lansquenets arrancassem minha cabeça a pancadas, porque não soube responder à pergunta.

- Foi apenas uma coisa que inventei - explicou Gaspard. - Queria ajudar o senhor, pregando um susto na Ibsen, para que fosse embora. Fiz de conta que era uma espécie de máfia dos editores.

- Os escritores estão proibidos de inventar qualquer coisa - rugiu Flaxman. - Quase nos mataram por causa desta brincadeira. Aqueles jagunços da Ibsen são violentos - são dois autores de classe B, com malhas listradas, pareciam do tipo de crimes confessados.

- E Homer Hemingway? - perguntou Gaspard.

- Estava presente, mas parecia meio confuso. Estava metido em sua fantasia de lobo-do-mar, como se estivesse se preparando para fotos estéreo para um saga marinha, mas tive a impressão de que seu traseiro estava bastante gordo. Engraçado, porque tem a fama de ser um fanático de exercícios físicos. Provavelmente estamos todos entrando em decadência. Quando Ibsen deu a ordem para a pancadaria, ele pareceu esfriar. Entretanto, gostou muito quando fomos amarrados e ajudou enquanto reduziam este escritório a um chiqueiro. Sorte que nunca guardo informações importantes nestes arquivos.

- O senhor deveria ter desenvolvido um pouco mais minha invenção dos Vingadores - observou Gaspard. - Deveria ter aumentado o susto.

- O susto de quem? Tudo que poderia conseguir é que arrancassem minha cabeça a pauladas. Olhe, de la Nuit, a Ibsen afirma que você foi um informante dos editores durante muitos anos. Eu não quero saber até que ponto você andou se gabando com ela...

- Eu nunca me gabei. Eu nunca fui...

- Pare de fazer vibrar aquele ovo! - ululou a enfermeira Bishop, que estava cortando as cordas de Cullingham. - Sua voz está ficando áspera.

- ...mas quero que você entenda bem que não vou pagar um centavo de remunerações retroativas de informante, especialmente para espionagens imaginárias, no Sindicato de Escritores!

- Escute bem, Flaxman, eu nunca...

- Já falei para você parar de vibrar aquele ovo! Passe o ovo para cá, seu deficiente!

- Pois pegue o ovo e fique com ele! - respondeu Gaspard. - Afinal, senhor Flaxman, o que é que a Heloisa queria?

- Entrou aqui como um furacão, acusando-nos de ocultar um sistema de produzir ficção sem fábricas de palavras, mas, depois de conversar com você pelo telefone, começou a perguntar quem era o Laço. Gaspard, não invente mais nenhuma máfia. São perigosas. A Ibsen teria acabado por me prejudicar de verdade, só que de repente sua atenção foi atraída pelo pobre do Cully.

Gaspard encolheu os ombros:

- Pelo jeito, minha invenção dos Vingadores pelo menos conseguiu desviar a atenção dela do rastro.

- Não posso ficar a discutir com você - disse Flaxman, procurando o telefone entre as montanhas de fitas emaranhadas que cobriam o chão. - Preciso encontrar alguém para limpar o escritório e ver como podemos nos proteger. Não quero mais ver mulheres dementes entrando aqui apenas porque não conseguimos trancar a porta.

Gaspard se aproximou de Cullingham, que estava esfregando braços e pernas finalmente livres.

- Quer dizer que Heloisa foi violenta também com o senhor?

O editor alto assentiu, pensativo.

- Foi estupidamente violenta - disse. - Olhou para mim apenas depois que seus sicários me amarraram na cadeira; e depois, sem fazer uma pergunta sequer, começou a bater na minha cara... direita, esquerda, direita...

Gaspard sacudiu a cabeça.

- Isto é péssimo - disse.

- Por quê? Quero dizer, além da dor e da humilhação? - perguntou Cullingham. -

Ela estava usando um colar nojento com uma porção de caveiras de prata.

- Então, piorou - explicou Gaspard. - O senhor conhece aquele estêreo de contracapa, que está em todos os livros dela? Heloisa cercada por seis ou sete homens? Em geral leva a legenda: "Heloisa Ibsen e seus homens".

Cullingham acenou afirmativamente.

- Está praticamente em todos os livros da Proton Press. Mas os homens sempre mudam.

- Bem - disse Gaspard -, o fato dela ter batido no senhor enquanto usava seu colar de caça, como o chama, prova que ela está definitivamente interessada no senhor. Ela quer incluir o senhor em seu harém masculino. Preciso preveni-lo de que, sendo o mocinho recém-chegado, o senhor terá que passar por experiências realmente desagradáveis.

O homem alto ficou pálido.

- Flaxie - gritou para o sócio que falava ao telefone. - Espero que você mande consertar direito aquela trava elétrica. Gaspard, pensando bem, acho que uma máfia autêntica dos editores não é uma má ideia. Vamos precisar de uma proteção com dentes de buldogue.

- Bom - comentou Gaspard com algum orgulho - pelo menos minha improvisação assustou Heloisa e Homer e eles foram embora. Suponho que fugiram, tomados pelo pânico.

- De jeito nenhum - explicou Cullingham. - Foi por causa de Miss Blushes. Você se lembra da coitada que apareceu aqui, de roupas pretas, e que estava procurando um marido e um filho desintegrados numa explosão? Miss Blushes levou-a até o toalete para senhoras para confortá-la e acalmá-la. A robix voltou enquanto Ibsen estava me batendo. Lançou um olhar em Homer Hemingway, começou a vibrar, saiu e voltou com um grande extintor de incêndio carregado de espuma. Foi isto que obrigou a gangue da Ibsen a dar o fora. Flaxie, o que é que você acha, podemos contratar Miss Blushes para a segurança? Vamos precisar de um bocado de gente. Eu sei que ela é uma censora federal, mas poderia fazer este trabalhinho como um bico.

- Eu sei que todo mundo está satisfeito com suas conversinhas - interrompeu a enfermeira Bishop, que estava abrindo os pacotes sobre uma das escrivatinhas. - Mas eu preciso de ajuda.

- Miss Blushes pode ajudar? - perguntou Zane Gort, que estava em um cantinho,

murmurando insistentemente no ouvido da robix rosada, porque esta tinha recusado altivamente uma ligação direta com Zane para uma comunicação direta de metal a metal. - Ela se ofereceu (sim senhora, Miss B., você se ofereceu!) e acho que seria ótimo para ela se tivesse algo para fazer.

- Esta vai ser a primeira vez em que aplicarei terapia ocupacional a uma robix - falou a enfermeira Bishop. - Pelo menos, ela poderá ser muito mais útil que vocês homens, animais ou minerais, faladores, preguiçosos e egocêntricos. Largue esse balão de lata inflada, Coradinha, e venha para cá. Preciso de uma mulher.

- Muito obrigada- respondeu a robix, toda animada. - Desde que saí da manufatura, aprendi que compartilho de mais coisas com criaturas de meu próprio sexo, não importa de que material sejam feitas, do que com robôs tagarelas ou homens robustos tipo brunch.

CAPÍTULO QUINZE

Flaxman desligou o telefone e olhou para Gaspard e Zane Gort.

- A enfermeira Bishop já explicou a vocês o que é isto? - perguntou o editor. - Quero dizer, o grande projeto, o assunto secreto da Creche, o que ela está preparando agora e tudo o mais?

Ambos sacudiram a cabeça.

- Ótimo! Ela nem poderia ter falado. - O homem baixo e moreno se apoiou em sua cadeira,

começou a remover um pouco de espuma do cotovelo e desistiu. Começou a falar devagar: -

Mais ou menos há cem anos, na segunda metade do século XX, existiu um cirurgião que era

um artista e que, ao mesmo tempo, era um gênio da eletrônica, chamado Daniel Zukertort.

Imagino que vocês nunca ouviram falar dele.

Gaspard quis falar, mas decidiu deixar esta oportunidade para Zane. Mas o robô também

preferiu ficar calado. Provavelmente ainda estava impressionado com a observação da

enfermeira Bishop a respeito de homens tagarelas.

Flaxman sorriu:

- Tinha certeza que não! Para resumir, a cirurgia e a eletrônica, especialmente as variedades

micro de ambas, eram apenas os talentos que mais se destacavam em Zukie. Era também o

maior técnico de processos e de motores selados e o maior químico catalítico que já existiu,

além de possuir mais alguns outros grandes talentos. A não ser que consigam comprovar

algumas das mais novas revelações sobre Leonardo da Vinci, podemos dizer que nunca existiu

ninguém maior que Zukie, antes ou depois. Era um mágico com o micro bisturi e bastava que

assobiasse para um elétron para fazê-lo parar e esperar novas ordens. Ele aperfeiçoou uma

ligação entre nervo e metal, uma sinapse entre orgânico e inorgânico, que nenhum outro

biotécnico conseguiu repetir com sucesso em animais superiores. Apesar das microcâmaras e

de todas as outras técnicas para registrar, ninguém jamais conseguiu entender o que Zukie

fazia e menos ainda repetir a façanha.

Como qualquer outro homem com tamanhas habilidades, Zukie também era meio biruta. Dentro dos padrões normais, ele não se importava absolutamente com o valor prático ou teórico da enorme quantidade de suas invenções. E, apesar de proclamarse movido por ideais humanitários, não se preocupava absolutamente com os enormes benefícios que suas próteses poderiam trazer; porque, afinal, conseguia dar a um homem um braço ou uma perna artificial, com nervos metálicos implantados nos nervos do tronco, dirigindo o crescimento cristalino de ligas não corrosivas e extremamente resistentes e progredindo, quando necessário, até a espinha, para conseguir a conexão.

Zukie concentrava todo o seu interesse em suas coisas: a imortalidade para as melhores mentes humanas, e a possibilidade de conseguir para estas mentes uma oportunidade de adquirir conhecimentos místicos, funcionando isoladas das distrações do mundo e da carne.

Sem entrar em todos os detalhes preliminares, vou dizer apenas que Zukie conseguiu aprimorar um processo para conservar cérebros humanos, com todas as suas funções, no interior de caixas de metal inerte. Os nervos ópticos e auditivos e os que comandam a fala foram enxertados com ligações entre tecido e metal, sobre os necessários pontos de entrada e saída. Quase todas as outras ligações nervosas foram simplesmente bloqueadas: Zukie imaginava que isto incrementaria as reservas potenciais de células cerebrais que produzem ideias; e parece que seu brilhante raciocínio ficou totalmente comprovado. Providenciou um coração acionado por isótopos para fazer circular e purificar o sangue que irriga o cérebro e para regenerar seu oxigênio que foi sua obra-prima em motores selados.

Localizado no interior da fontanela maior, como ele chamava o topo espesso da caixa metálica para o cérebro, este motor-coração só precisava receber combustível novo uma vez por ano. A troca diária de uma fontanela menor introduziria no cérebro elementos nutrientes e, ao mesmo tempo, eliminaria os produtos que deviam ser rejeitados, porque não eram reaproveitáveis. É possível que vocês saibam que o cérebro exige um ambiente fluido mais puro, mais simples e mais constante do que qualquer outra parte do corpo humano. Mas Zukie demonstrou também que era muito mais suscetível a um exato controle tecnológico.

Uma bomba menor ainda - um verdadeiro milagre mecânico - alimentava o cérebro com quantidades ritmicamente dosadas de hormônios e provocava ocasionais estímulos viscerais, para evitar que o cérebro se mantivesse apenas num estado vegetativo.

O resultado final, um cérebro potencialmente imortal, conservado num recipiente ovoide, ainda hoje pode ser considerado um milagre ao cubo; entretanto, por estranho que possa parecer, Zukie nunca considerou esta façanha especialmente difícil ou maravilhosa. Uma vez declarou: "Tive uma vida inteira para salvar uma vida. Ninguém poderia dispor de um tempo maior". De qualquer forma, Zukie conseguiu o que queria: a imortalidade das melhores mentes humanas.

Flaxman levantou um dedo:

- Zukie, porém, possuía uma opinião muito pessoal sobre as melhores mentes humanas. Não ligava a mínima para cientistas; afinal, quando comparados com ele, eram todos inferiores e, como já expliquei, Zukie não se considerava grande coisa. Menosprezava estadistas e políticos. Desde sua infância não tinha o menor respeito para com a religião. Bastava, porém, mencionar a palavra "artista" e Zukie se emocionava todo, ficava até arrepiado, porque Zukie era um sujeito muito objetivo, muito prático, totalmente desprovido de imaginação, a não ser em suas próprias especialidades. Considerava a criação artística, o dedilhar de cordas, a pintura manual e, especialmente, a capacidade de enfileirar palavras, um verdadeiro milagre. Portanto, estava bem claro quem teria a honra de ter sua mente conservada em lata: eram os artistas criativos: pintores, escultores, compositores e, especialmente, escritores.

Considerada por si só, esta era uma ideia extremamente saudável, por dois motivos: em primeiro lugar, estavam sendo montadas as primeiras fábricas de palavras, e havia um bom número de escritores desempregados e, em segundo lugar, é possível que apenas os escritores fossem suficientemente birutas para concordar com os planos de Zukie, pois este era um homem muito esperto e sabia que encontraria objeções violentas contra seus planos, se estes fossem conhecidos, portanto, agiu em surdina, enquanto fazia seus contatos, recebia as autorizações e fundava seu próprio hospital de pesquisas - oficialmente, para estudos de geriatria - e assim organizou tudo como se fosse uma sociedade secreta. Quando os fatos finalmente vieram a público, Zukie já tinha enlatado trinta cérebros - todos de escritores. A reação de Zukie foi apenas a de cruzar os braços e desafiar o mundo a fazer o que bem entendesse.

O mundo não deixou por menos. Você pode imaginar o tamanho do escândalo. Todas as organizações imagináveis, desde as sociedades profissionais até os cultos mais

extravagantes, encontraram motivos para atacá-lo. Em muitos casos encontraram meia dúzia ou mais motivos. Alguns afirmavam que ele negava a salvação dos mortais, enquanto uma liga de senhoras para a prevenção de crueldades exigia que os cérebros fossem imediatamente eliminados para livrá-los de seus sofrimentos, como elas afirmavam.

Mas acima de todas as acusações havia, obviamente, a maior de todas, por parte de qualquer criatura desde a Terra até Júpiter. Zukie tinha encontrado um caminho para a imortalidade - é verdade, dentro de um recipiente metálico - e isto significava um determinado número de limitações. Mas era a imortalidade! Por que esta imortalidade não estava ao alcance de todos? Precisava socializar a imortalidade, caso contrário...

Os juristas afirmam que jamais houve um assunto legal e sociológico que pudesse ser comparado ao "Caso das Cabeças Ovais", como foi batizado pela imprensa, pela louca complexidade de injunções, contra injunções, cinquenta e sete variedades de pareceres técnicos de testemunhas, quer dizer, o máximo. Era muito difícil atingir Zukie, porque ele conseguira se proteger de todas as maneiras. Possuía as autorizações completas e registradas em cartório de todos os sujeitos, e todos os cérebros o apoiavam de forma ilimitada quando interrogados como testemunhas. A mais, a imensa fortuna acumulada com suas invenções serviu para criar uma fundação chamada Curadoria de Cérebros, que devia cuidar destes durante a eternidade.

De repente, às vésperas do que parecia ser o maior de todos os processos, Zukie conseguiu parar tudo de maneira definitiva. Não, não morreu de parada cardíaca no foro - Zukie nunca terminaria de forma tão banal.

Um de seus assistentes era genial. Este rapaz já havia executado três vezes o Divórcio Psicossomático - como Zukie chamava a intervenção cirúrgica - e com sucesso absoluto; durante a terceira operação, Zukie apenas a assistiu, sem necessidade de falar uma única vez. Então Zukie decidiu submeter-se à intervenção. Acho que pensava que, com o cérebro a salvo, ninguém mais poderia alcançá-lo e ninguém mais o prejudicaria, junto com seus trinta escritores. Estava completamente emaranhado nos aspectos legais e sociológicos do assunto e, como sempre foi um lutador, provavelmente imaginou que seu próprio testemunho, do interior de um recipiente metálico, poderia representar o fator espetacular necessário para virar a mesa e ganhar o grande processo.

É possível, aliás, que também quisesse a imortalidade e a iluminação mística. Devia considerar muito atraente a ideia de viver - ou quem sabe, de flutuar - num mundo de ideias, durante um milênio, apenas «descansando e desfrutando da companhia de trinta mentes que admirava, depois de cinquenta anos de atividades físicas frenéticas. Também, estava convencido de ter transferido suas habilidades e seus conhecimentos para pelo menos uma outra pessoa e, portanto, já tinha o direito de arriscar o remanescente de sua vida da maneira que melhor lhe parecesse.

Zukie morreu na mesa. Seu brilhante assistente destruiu todas as anotações e toda a aparelhagem especial necessária e depois se suicidou.

Enquanto Flaxman pronunciava aquelas últimas palavras, bem devagar, para conseguir o maior impacto possível (e conseguiu, porque ele próprio sentia-se hipnotizado como os outros), a porta do escritório se abriu lentamente, com um rangido prolongado.

Flaxman deu um pulo sobre a cadeira e os outros estremeceram.

Na porta apareceu um velho todo curvo, metido numa farda de sarja lustrosa e um boné ensebado, do qual pendiam cabelos brancos sobre as têmporas, acima de duas grandes orelhas. Alguns pelos saíam do topo das orelhas.

Gaspard logo reconheceu a figura. Era Joe, o Guarda, estranhamente desperto, seus olhos estavam apenas semicerrados.

Na mão esquerda segurava uma vassoura e uma pá de lixo. Na direita trazia um grande revólver preto, enfeitado com uma tira branca.

- Estou começando o expediente, senhor Flaxman - disse Joe, erguendo o revólver monstruoso até a têmpora. - Estou pronto para começar a limpeza. Parece que está precisando. Boa noite a todos.

- Será que você poderia consertar ou pelo menos dar um jeito na trava elétrica? - perguntou Cullingham.

- Não, mas não será necessário - afirmou o velho, convencido. - Se alguém fizer barulho, vai ter que enfrentar meu velho e certo revólver de gambá.

- Revólver de gambá? - perguntou a enfermeira Bishop com uma gargalhadinha nervosa. - Quer dizer que não serve para matar texugos?

- Não, senhora. Só atiro com balas moles, recheadas com uma essência insuportável por

pessoas e animais. Às vezes até incomoda os robôs. Quando uma pessoa é alvejada, tira toda a roupa e se joga n'água. Eu não gosto de armas mortais. Posso regular esta arma também para dar um chuveirinho. Isto é mais do que o suficiente.

- Está bem, confio em você - disse Flaxman. - Só me diga uma coisa, Joe: quando você atira, o que acontece com... quero dizer, os jogadores do nosso time?

Joe, o Guarda, deu um sorriso maroto.

- É uma beleza - disse. - É por isto que confio tanto em meu revólver de gambá. É uma arma perfeita. Durante a última guerra me seccionaram o primeiro nervo craniano. Desde então não consigo sentir qualquer cheiro.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Joe, o Guarda, começou vagarosamente a trabalhar nas margens externas de toda aquela bagunça de celulose, depois de se certificar duas vezes, a pedido de Flaxman, de que sua arma odorífera estava devidamente travada.

Miss Blushes estava juntando dois fios para fazer uma extensão, sob a direção da enfermeira Bishop, que estava elogiando sua habilidade e sua capacidade de se servir das unhas como poderosos alicates para arame.

Flaxman, depois de afastar decididamente o olhar da porta, com sua trava elétrica ainda inútil, continuou sua narrativa:

- Quando Zukie morreu, o pandemônio aumentou, como, aliás, era previsível. A visão da imortalidade perdida provocou uma tensão excessiva na sociedade. O mundo foi levado a uma manifestação nunca verificada antes ou depois, e que alguns luminares da sócio psiquiatria denominaram a síndrome do sufoco universal.

Felizmente, as pessoas mais importantes envolvidas no caso - advogados, médicos e gente do governo - eram realmente inteligentes, realistas e leais. Inventaram o boato, que foi difundido de todas as maneiras, de que as operações de Divórcio Psicossomático (DPS) eram um fracasso, porque todos os cérebros envolvidos eram condenados, depois de um breve período, à demência e, finalmente, à morte; que os cérebros ovoides estavam tão vivos como as células de coração de galinha ou de músculos de marcianos, que os cientistas mantinham vivas em suas provetas durante décadas, ou como os espermatozoides e os óvulos humanos guardados em nossos Bancos de Emergência. Eram apenas tecidos cerebrais que não morriam, mas também não conseguiam funcionar.

Para se pôr a salvo da fúria popular, todos os ovoides confirmaram o boato, dizendo gu gu todas as vezes que eram exibidos a advogados, juízes e telespectadores. Estas demonstrações também eliminaram um outro boato mais assustador e que sugeria que os

cérebros, acumulando conhecimentos através dos séculos, inevitavelmente um dia tornar-se-iam os tiranos do universo.

Quando a crise arrefeceu, ainda restava o problema de encontrar uma solução para os trinta ovoides. Se a maioria das pessoas envolvidas no caso conseguisse impor sua vontade, os cérebros teriam desaparecido secretamente; não logo, porque isto poderia mais uma vez despertar suspeitas; mas, aos poucos, e as notícias das mortes - duas ou três de cada vez - poderiam ser espaçadas num período de vinte anos. Por outro lado, mesmo estas mortes espaçadas teriam despertado interesse. Decidiram então que era mais conveniente deixar que o silêncio levasse ao esquecimento.

Os ovoides, por sua vez, apesar de indefesos como muitas criaturas paralíticas, teriam lutado pela sobrevivência, usando seus cérebros brilhantes, encontrando aliados entre seus curadores mais ambiciosos e levando mais uma vez todo o escândalo à luz do dia. Entre os personagens mais importantes, existia também um grupo que acreditava firmemente que a imortalidade dos ovoides era apenas uma ilusão de Zukie - e da imprensa e do povo - e que os ovoides morreriam de qualquer forma, devido a erros tecnológicos, imprevisíveis no processo de conservação, ou erros cometidos pelas enfermeiras - ou que ficariam loucos por causa de sua condição incorpórea e contrária à natureza.

A este ponto surgiu mais um personagem, que não era um gênio universal, mas apenas um homem admirável sob muitos pontos de vista. Era um editor de ficção científica, na grande tradição de Hugo Gernsback. Era Hobart Flaxman, meu antepassado e o fundador da Rocket House. Sendo amigo íntimo de Zukie e seu leal partidário e financiador, Zukie providenciou para que fosse nomeado chefe da Curadoria dos Cérebros. Hobart Flaxman se intrometeu, insistiu para exercer seus direitos como curador dos cérebros e, como era conhecido como uma pessoa de total confiança, a entrega dos cérebros foi aceita como a melhor solução. A Curadoria dos Cérebros se transformou na "Sabedoria dos Séculos", um nome escolhido especialmente por não significar nada, e aos poucos conseguiu o almejado esquecimento.

Nem todos os seus descendentes tiveram a eminência do velho Hobart, mas pelo menos mantivemos a Fundação. Os cérebros tiveram os mais carinhosos cuidados e receberam todas as notícias e outras informações que pediam - pensando bem, da mesma forma que as fábricas de palavras recebem vocabulários novos para ficarem atualizadas. No começo, houve

várias ocasiões em que surgiram ameaças de renovação do escândalo, mas as crises foram todas superadas. Atualmente, por causa das descobertas que prolongam a vida útil, os cérebros não mais podem ser considerados uma ameaça para a segurança pública, mas continuamos com a mesma política de discrição... Acho que, sobretudo, devido à inércia. Por exemplo, meu querido pai não era o que chamaríamos um homem empreendedor. E eu..., mas vamos deixar isto para lá.

A este ponto vocês... (Gaspard estremeceu, vendo que Flaxman apontava um dedo em sua direção)... vocês poderiam perguntar por que o velho Hobart, que era um editor com boa dose de imaginação, não viu as possibilidades dos ovoides como escritores de ficção; e por que ele não fez nada para encorajá-los a escrever, publicando suas obras com nomes fictícios. Bom, o motivo principal é que as fábricas de palavras estavam funcionando, que estavam tendo um sucesso estrondoso e que os leitores estavam quase tão cansados como os editores de ler as obras de escritores individualistas. O povo adorava o ópio produzido pelas fábricas e os editores não tinham tempo para pensar em outras coisas e nem tinham motivo para fazê-lo.

Agora, porém (e as sobrancelhas de Flaxman se levantaram alegremente), não temos mais fábricas de palavras, não temos escritores e os trinta cérebros têm campo livre. Pensem nisso! - Ergueu as palmas das mãos: - Temos trinta escritores que durante quase duzentos anos tiveram a oportunidade de acumular material e de amadurecer, que se encontram em posição de poder trabalhar continuamente, sem distrações - nada de sexo, nada de problemas familiares, nada de azia, nada de nada!

Trinta escritores do século passado: isto já é um poderoso atrativo, o povo sempre gosta de velhos bardos. Agora não tenho a lista em mãos e não me preocupei de conferi-la durante muito tempo... para dizer a verdade, houve uma época... a Sabedoria dos Séculos me inspirava uma certa repugnância, porque a ideia de cérebros enlatados me pareceu um pouco mórbida, quando meu pai me confiou o segredo. Mas será que vocês se dão conta de que entre estes cérebros pode estar o de Theodore Sturgeon ou o de Xavier Hammerberg, ou ainda o de Jean Cocteau e o de Bertrand Russell? Acho que estes dois viveram mais ou menos na época em que o DPS começou.

De fato, os primeiros escritores que se submeteram ao DPS o fizeram num segredo absoluto. Fingiram ter morrido e insistiram para que seus corpos descerebrados fossem

sepultados ou cremados para enganar o mundo; da mesma forma que Zukie enganou o mundo, fingindo ser apenas um neurocirurgião cujo hobby era a eletrônica. Do pouco que sabemos, tratava-se de uma operação bastante impressionante, em onze estágios: primeiro, retirava-se a testa e o rosto, depois eram feitos os enxertos ópticos, auditivos e da fala, em seguida trocava-se a circulação, passando do coração para a bomba de isótopos e, finalmente, se bloqueavam todas as outras conexões nervosas com o corpo.

- Como é, enfermeira Bishop, estamos prontos?

- Estamos prontos e esperando há dez minutos - disse ela.

Gaspard e Zane Gort olharam para aquele lado. Um grande ovo prateado, com um brilho fosco, assentado em sua argola preta, se encontrava sobre a escrivaninha de Cullingham; seus olhos, ouvidos e alto-falantes de TV ainda não estavam ligados, mas os fios se encontravam próximos às tomadas. Por um instante, Gaspard viu aquilo como um homem cujos nervos tinham sido cortados há um século, cujo corpo estava reduzido a cinzas ou a mofo, reprocessado por centenas de gerações vegetais, e estremeceu.

Flaxman esfregou as mãos.

- Espere um minuto - disse, vendo que a enfermeira Bishop apanhava o fio dos olhos. -

Quero fazer as apresentações. Qual é o nome deste?

- Não sei.

- Você não sabe? - perguntou Flaxman, estarrecido.

- Não. O senhor disse para trazer qualquer cérebro. Eu trouxe um qualquer.

Cullingham interferiu diplomaticamente:

- Tenho certeza de que o senhor Flaxman não teve a intenção de faltar com o respeito para com seus pupilos, enfermeira Bishop. Ele disse "qualquer cérebro" porque sabemos que cada cérebro é um artista bem-dotado. Queremos saber apenas como chamar este que está aqui.

- Ah! - disse a enfermeira. - Podem chamá-lo de Sete. Número Sete.

- Quero saber seu nome - disse Flaxman. - Não me interessa conhecer o número que vocês usam na Creche; aliás, acho isto extremamente desrespeitoso. Espero que a equipe de enfermeiras não trate os cérebros como se fossem máquinas... isto poderia interferir na criatividade e provocar neles a convicção de que são apenas computadores.

A enfermeira Bishop refletiu um pouco.

- Às vezes costumo chamá-lo de Ferrugem - disse - porque existe uma linha muito leve, quase marrom, no ponto de contato da argola, e este é o único ovo em que a linha aparece. Eu queria trazer Meio Litro, porque é o mais leve, mas não estava com vontade de sair, e quando o senhor mandou o senhor Nuit, resolvi trazer Ferrugem.

- Eu quero saber o nome verdadeiro! - Flaxman estava fazendo um grande esforço para se controlar. - Parece-me quase impossível apresentar um grande gênio literário aos seus futuros editores apenas como Ferrugem.

- Oh, estou vendo. - Hesitou e depois falou mais decidida: - Infelizmente acho que não vou poder dizer este nome. Inclusive, não existe qualquer meio para o senhor descobri-lo, nem mesmo procurando na Creche ou devassando todos os arquivos.

- O quê?

- Há mais ou menos um ano - explicou a enfermeira Bishop - os cérebros decidiram, sem me explicar os motivos, que queriam se tornar permanentemente anônimos. Então mandaram que examinasse os arquivos da Creche e destruísse qualquer registro onde apareciam seus nomes. E depois mandaram que eu lixasse aquela parte da superfície externa do ovo onde estavam gravados os nomes. É possível que o senhor tenha documentos, aqui ou em algum cofre, onde aparecem os nomes de todos, mas eles nunca lhe dirão qual é o nome correspondente de cada cápsula cerebral.

- E a senhora acha que pode me dizer assim, simplesmente, que perpetrou este... este ato de vandalismo imbecil!... E sem ao menos me consultar!

- Há um ano, o senhor não estava minimamente interessado em qualquer assunto que se referisse à Sabedora dos Séculos - retrucou a moça com energia. - Exatamente há um ano eu o chamei, senhor Flaxman, e comecei a lhe explicar este pormenor, e o senhor me interrompeu e disse para não chateá-lo com esqueletos que surgiam do passado e que os cérebros podiam fazer o que quisessem. O senhor me disse - e vou citar exatamente suas palavras, senhor Flaxman! - "Se aqueles egos revestidos de lata, aqueles pesadelos em conserva, pretendem se alistar na Legião Estrangeira Francesa como computadores de combate, ou se querem amarrar jatos em suas caudas para ir esvoaçando até o espaço externo, podem ir, para mim tanto faz!"

CAPÍTULO DEZESSETE

O olhar de Flaxman se tornou meio fixo - talvez porque se sentisse alvo de uma brincadeira de mau gosto feita por trinta escritores mascarados, numa época em que os escritores eram apenas uma estereofoto colorida nas contracapas, ou talvez devido à sua própria complicada personalidade que o levava a considerar trinta cérebros enlatados uns monstros, para depois enaltecê-los como gênios criativos e comercialmente preciosos, no minuto seguinte.

Cullingham interferiu mais uma vez.

- Estou convencido de que encontraremos um meio para superar este problema de anonimato - falou o sócio mais calmo e mais educado da Rocket House. - Talvez, mais tarde, os próprios cérebros chegarão à conclusão de que o anonimato seria prejudicial, considerando a possibilidade de uma futura e nova fama literária. Por outro lado, mesmo que insistissem em se manter anônimos, poderíamos contornar o problema, publicando as obras de "Cérebro Um e G. K. Cullingham" ou "Cérebro Sete e G. K. Cullingham" e assim por diante.

- Nossa! - falou Gaspard em voz alta, em tom de admiração, enquanto Zane Gort murmurava baixinho: - Parece-me um pouquinho redundante ou repetitivo.

O editor alto e loiro limitou-se a mostrar seu leve sorriso de mártir, mas Flaxman, todo enrubescido, gritou, mostrando sua lealdade:

- Escutem todos: meu querido amigo Cully programou as fábricas de palavras da Rocket durante estes últimos dez anos e eu acredito que já chegou a hora dele receber um merecido reconhecimento literário. Os escritores estão roubando os créditos dos programadores de fábricas de palavras há um século; e antes disto costumavam roubar o devido reconhecimento aos editores! Acho que até um autor de sucesso, dotado de uma cabeça de madeira, e até um robô que tenha um bloco Johansson no lugar do cérebro deveriam entender que os ovoides terão que ser programados, editados, instruídos - pode chamá-lo como quiser - e Cully é única pessoa que pode fazê-lo, e não quero ouvir nem mesmo um murmúrio de crítica!

- Com sua licença- falou a enfermeira depois de um breve silêncio -, mas está quase na hora do audiovisual para Ferrugem, e pretendo ligar o plugue, mesmo que os cavalheiros ainda não estejam prontos.

- Estamos prontos- murmurou Cullingham, enquanto Flaxman, depois de esfregar o rosto, acrescentava: - Acho que estamos - em tom de dúvida.

A enfermeira Bishop indicou que todos deviam ficar perto da escrivaninha de Flaxman e depois apontou o olho de TV naquela direção. Quando enfiou o plugue na tomada superior direita do ovo, ouviu-se um pequeno estalo e Gaspard percebeu que estava com calafrios. Também achou que o olho de TV estava emitindo uma leve luminosidade avermelhada. A enfermeira Bishop ligou o microfone na outra tomada superior, e este gesto fez Gaspard segurar o fôlego. Aliás, sem querer, como ele descobriu quando inspirou ruidosamente depois de alguns segundos.

- Vá em frente! - falou Flaxman também com um pequeno soluço. - Ligue o... hum... ligue o alto-falante do senhor Ferrugem. Deste jeito eu me sinto todo arrepiado. - Controlou-se e acenou brevemente para o olho: - Não se zangue comigo, meu velho.

- Pode também ser a senhora ou a senhorita Ferrugem - disse a moça. - Entre os trinta havia várias mulheres, não é mesmo? Não, acho que é muito melhor o senhor dizer primeiro tudo o que quer dizer e depois vou ligar o alto-falante. Pode acreditar, vai ser muito mais fácil.

- Ele sabia que você ia trazê-lo aqui?

- Sem dúvida. Eu expliquei para onde íamos.

Flaxman endireitou os ombros, olhou para o olho de TV, engoliu em seco e depois olhou para Cullingham, como que pedindo socorro.

- Olá, Ferrugem - falou imediatamente o sócio.

No começo as palavras saíam monótonas, bem espaçadas, como as de uma máquina, ou como se ele estivesse falando para uma máquina entender.

- Sou K. G. Cullingham, sócio de Quintus Horatius Flaxman, aqui ao meu lado, e somos os proprietários da Rocket House. Meu sócio também é o atual curador da Sabedoria dos Séculos. - Continuou assim, explicando a atual situação de emergência no mundo editorial e propondo, com clareza convincente, que os cérebros voltassem a escrever ficção. Evitou falar no anonimato, mencionou apenas o assunto da programação ("a costumeira cooperação

editorial") e depois descreveu vantajosos planos alternativos para a administração dos lucros, terminando com algumas observações bem boladas sobre a tradição literária e as grandes empresas de autoria compartilhada nos séculos passados.

- Acredito que não me esqueci de nada, Flaxie. O editor baixo e moreno acenou com a cabeça - convulsamente.

A enfermeira Bishop ligou o alto-falante na tomada vazia.

Durante algum tempo houve um silêncio absoluto, até que Flaxman não aguentou mais e perguntou com voz sufocada:

- Enfermeira Bishop, será que há algo de errado? Será que ele morreu? Ou será que o alto-falante está com defeito?

- Trabalho, trabalho, trabalho, trabalho, trabalho - falou o ovo de repente. - É só isto, o tempo todo. Penso, penso, penso, penso, penso. Ai-de-mim-ai-de-mim.

- Este é o código que ele usa para indicar um suspiro - explicou a enfermeira Bishop. - Eles têm alto-falantes que proporcionam o alcance de toda a espécie de sons e até de canto, mas só os deixo usá-los nos fins de semana e nas festas.

Seguiu-se mais um desagradável período de silêncio. Finalmente o ovo disse rapidamente:

- Ah!, senhores Flaxman e Cullingham, é uma honra, uma grande honra... quero dizer, a sugestão que fizeram, mas é demais para nós. Ficamos durante um período muito longo sem qualquer contato com as coisas e não podemos dizer a vocês, mentes encarnadas, o que devem fazer para se divertir ou fornecer este divertimento. Nós, os trinta desencarnados, temos nossas vidinhas em companhia, temos nossas preocupações e nossos hobbies. Para nós, é o suficiente. E, incidentalmente - estou falando também em nome de todos os vinte e nove, irmãs e irmãos - durante os últimos setenta e cinco anos nunca tivemos uma discussão a este respeito. Portanto, só me resta agradecer, senhores Cullingham e Flaxman, meus mais sentidos agradecimentos, mas a resposta é não. Não, não, não, não, não.

A voz falava sem qualquer inflexão, monótona, e era impossível dizer-se se a humildade era séria ou irônica, ou uma combinação de ambas as coisas. Entretanto, a eloquência do ovo apagou a timidez de Flaxman que, junto com o sócio, começou a bombardear o ovo com argumentações lógicas, promessas, pedidos, considerações e assim por diante; e até Zane Gort conseguiu interferir com uma ou outra frase bem aprimorada para animá-lo.

Gaspard, que não estava dizendo nada e se aproximava imperceptivelmente da enfermeira, murmurou quando chegou perto do robô:

- Excelente, Zane. Pensei que você ia achar Ferrugem esquisito - como você costuma dizer, não-robótico. Afinal, ele é apenas uma máquina de pensar estacionária. Como uma fábrica de palavras.

O robô refletiu.

- Não - murmurou. - Ele é muito pequeno para criar em mim esta impressão. E muito... vrrr... fofo, você não acha? Além do mais, é consciente, e as fábricas de palavras nunca estiveram conscientes. Não, ele não é não-robótico ou irrobótico, é apenas arrobótico. É uma criatura humana como você. É claro, está num recipiente, mas isto não faz diferença. Até você está num recipiente de pele!

- Pois é, com a diferença de que meu recipiente tem furos para os olhos - frisou Gaspard.

- Ferrugem também tem olhos.

Flaxman olhou feio para eles e colocou um dedo sobre a boca.

A este ponto Cullingham estava explicando pela terceira vez que os cérebros não precisavam se preocupar com a natureza geral do lazer que poderiam proporcionar, que ele, como diretor editorial, assumiria toda a responsabilidade; enquanto Flaxman discorria, de forma meio redundante, sobre a maravilhosa sabedoria que os cérebros deviam ter acumulado durante as eras (foi o que disse) e como seria desejável que eles a distribuíssem (em contos excitantes e cheios de ação) em todo o Sistema Solar, repleto de terrestres mortais e limitados pelos próprios corpos; Ferrugem interferia de tempos em tempos, defendendo seus pontos de vista, esquivando-se e negando, mas sem jamais ceder um centímetro.

Durante seu vagaroso avanço em direção da enfermeira Bishop, Gaspard passou ao lado de Joe, o Guarda, que, depois de espetar um pouco de espuma química com a ponta de um lápis, cobria-a com papel picado, para que não ficasse colada na parede interna da lixeira. Gaspard se deu conta que Flaxman e Cullingham não eram realmente os duros, frios e astutos homens de negócios que tentavam parecer com suas atitudes. Aquele fantástico projeto que pretendia colocar cérebros enlatados de duzentos anos a escrever histórias interessantes para leitores modernos mostrava que ambos eram apenas sonhadores loucos e irracionais que queriam construir castelos de areia altos como a Lua.

Por outro lado, pensou Gaspard, se os editores podiam ser sonhadores assim, que tipo de sonhadores deviam ser os antigos escritores? Era uma pergunta que chegava a dar vertigens, como descobrir que nosso tataravô era Jack, o Estripador.

CAPÍTULO DEZOITO

Gaspard voltou a prestar atenção à discussão que prosseguia quando ouviu uma declaração estarrecedora de Ferrugem.

O cérebro encapsulado, ao longo de seus dois séculos de existência, jamais lera um só livro produzido por uma fábrica de palavras.

A primeira reação de Flaxman foi de incredulidade e de horror, como se Ferrugem houvesse declarado que ele e os outros cérebros estavam sendo levados à demência por uma falta sistemática de oxigênio. Mesmo admitindo que nos anos passados tivesse negligenciado suas responsabilidades de curador dos cérebros, Flaxman sentia-se inclinado a culpar o pessoal da Creche de não ter providenciado esta indispensável e mais elementar atração literária.

A enfermeira Bishop retrucou, decidida, que "Nada de palavrório" era uma lei inflexível (e que Flaxman devia conhecer!) estabelecida por Daniel Zukertort, enquanto cuidava da organização da Creche; as trinta mentes desencarnadas deviam receber apenas o mais puro alimento intelectual e artístico, e o inventor considerava o palavrório um produto altamente contaminado. Possivelmente, alguns livros produzidos em fábricas de palavras foram levados de vez em quando para o interior da Creche por enfermeiras irresponsáveis, mas basicamente o regulamento era aplicado com rigor.

Ferrugem confirmou as palavras de Bishop em todos os detalhes, lembrando a Flaxman que ele e seus colegas tinham sido escolhidos por Zukertort devido ao devotamento que manifestavam para com a arte e a filosofia e sua repugnância pelas ciências e, sobretudo, pela engenharia; de tempos em tempos ressaltavam uma vaga curiosidade a respeito de livros fabricados, mais ou menos como um filósofo pode se interessar por histórias em quadrinhos, mas nunca fora uma curiosidade muito aguda, e o regulamento que afirmava: "Nada de palavrório" não chegava a ser um sacrifício.

A este ponto, Cullingham afirmou que era uma verdadeira bênção o fato dos ovoides jamais

terem lido tais escritos - assim poderiam produzir ficção muito mais original e natural, por não conhecer o produto mecânico contra o qual teriam que competir. Em vez de mandar à Creche uma coleção completa de literatura mecânica, como Flaxman estava sugerindo, seria necessário obedecer rigorosamente ao regulamento que proibia a leitura de palavrórios.

A discussão voltou ao ponto de partida, enquanto Flaxman e Cullingham utilizavam todos os meios.

Gaspard conseguira finalmente atravessar a sala e estava ao lado da enfermeira Bishop, que, depois de ligar o alto-falante de Ferrugem, seguia os acontecimentos recolhida num cantinho. Ali seria possível murmurar sem interferir na conversa principal, e Gaspard viu com satisfação que a enfermeira Bishop não parecia contrariada em vê-lo.

Gaspard admitia francamente, em seus próprios pensamentos, que estava, por assim dizer, testando a atração que sentia pela encantadora moça de língua ferina - quer dizer, tentando descobrir se aquela empolgação poderia levar a alguma coisa. Com astúcia provocada pelo desejo sexual, tentou ganhar suas boas graças expressando uma simpatia quase honesta pelos cérebros de seus pupilos naquela situação. Murmurou por algum tempo, imaginando que estava dizendo as coisas certas sobre a sensibilidade solitária dos cérebros e seus refinados padrões éticos, comparando-os às investidas grosseiras dos dois editores. Falou ainda do convencimento literário de Cullingham e mais coisas, concluindo:

- Acho um vexame que os cérebros tenham que aturar isto.

A moça o encarou friamente:

- É mesmo? - sussurrou. - Pois eu não acho de jeito nenhum. Acho que é uma ótima ideia, e Ferrugem é um tolo se não aceitar. Aqueles moleques precisam de um objetivo, algo para fazer, precisam enfrentar o mundo e mesmo se machucar, você nem sabe como precisam. Se quiser saber minha opinião, os patrões estão se portando muito bem. Especialmente o senhor Cullingham, que é um homem muito mais fino do que eu imaginava. Quer saber de uma coisa, senhor Nuit? Estou começando a acreditar que o senhor é realmente um escritor. Pelo menos, fala como se o fosse. Sensibilidade solitária, pois sim! Trate de sua própria torre de marfim.

Gaspard ficou indignado:

- Pois bem, se você acha que é uma ideia tão boa - disse - por que não fala com Ferrugem agora mesmo? Aposto que ouviria sua opinião.

A moça lançou-lhe mais um olhar irônico.

- Ora, ora, um grande psicólogo, além de escritor. Você quer que eu interfira e me coloque ao lado deles, enquanto estão todos contra o Ferrugem? Não, muito obrigada.

- Devíamos discutir o assunto com mais folga - sugeriu Gaspard. - Que tal, durante o jantar, hoje à noite? Quer dizer, se você pode sair de vez em quando da Creche.

- Está certo- respondeu a moça.- Espero que seus planos incluam apenas um jantar e uma conversa.

- O que mais? - perguntou Gaspard suavemente, apertando-lhe a mão mentalmente.

De repente o ovo interrompeu uma argumentação de Flaxman sobre a dívida que os ovos haviam feito com a humanidade, dizendo:

- Agora, agora, agora, agora, agora escute isto.

Flaxman ficou quieto.

- Quero falar e não me interrompa - disse a voz esquisita que saía do alto-falante. - Fiquei a ouvi-los por muito tempo, fui muito paciente, mas temos que dizer a verdade. Entre vocês, encarnados, e nós, há uma distância de mundos, aliás mais do que mundos, porque não existem mundos onde eu me encontro - não há matéria, não há argila, não há carne. Eu existo dentro de uma escuridão tão negra que, em comparação com a escuridão intergaláctica, pode ser chamada de luminosa.

- Vocês me tratam como uma criança inteligente, mas não sou uma criança. Sou um velho no limiar da morte e sou um feto no útero - e também sou mais e menos que ambos. Nós, os desencarnados, não somos gênios; somos loucos e somos deuses. Brincamos com a insanidade, como vocês brincam com seus brinquedos, e mais tarde com suas engenhocas. Criamos mundos e os destruimos a cada uma de suas horas. Seu mundo não é nada para nós, é apenas mais um projeto fracassado entre milhões de outros. Através de nossos meios intuitivos e anticientíficos sabemos tudo o que lhes aconteceu melhor do que vocês mesmos, e para nós isto não tem qualquer interesse.

- Uma vez um russo escreveu um conto sobre um homem que, por causa de uma aposta, trancou-se sozinho num quarto muito confortável durante cinco anos; ao longo dos primeiros três anos pediu muitos livros; no quarto ano pediu os Evangelhos; e no quinto ano nada pediu. Nossa situação é igual, só que mil vezes mais intensa. Como foi que vocês conseguiram

imaginar que íamos nos rebaixar e escrever livros para vocês, inventando cominações e permutações de seus ódios e suas comichões?

- Nossa solidão está além de sua compreensão. Ela se arrasta, estremece e apavora pela eternidade. Transcende sua solidão, como a morte por tortura lenta transcende o morno e róseo fim provocado pelos barbitúricos. Aturamos nossa solidão e de vez em quando nos lembramos, sem qualquer carinho, entendam bem, do homem que nos colocou nesta situação, daquele cirurgião inventor egomaníaco e monstruosamente talentoso, que queria apenas dispor de uma biblioteca particular de trinta mentes aprisionadas, para poder discutir filosofia, e nos lembramos do mundo que nos condenou a uma noite eterna e depois continuou seu caminho rangendo, aos trancos e solavancos.

- Uma vez, quando ainda tinha meu corpo, li uma história de terror de Howard Phillips Lovecraft, um escritor que morreu cedo demais para poder se submeter à operação de DPS, mas que talvez contribuiu para inspirar Daniel Zukertort. Essa história, "Sussurros na Escuridão", era uma fantasia a respeito de monstros alados e rosados de Plutão, que colocavam os cérebros dos homens em cilindros metálicos, quase como nossos ovos. Vocês, aí fora, são os monstros - vocês, vocês, vocês. Lembrome do final da história: houve uma cena excitante, e só no fim o narrador percebe que seu mais querido amigo ficou a escutar, sem nada poder fazer, porque se encontrava numa cápsula metálica. Depois reflete sobre o destino do amigo - e lembre-se, este é também o meu destino - e consegue apenas pensar... vou citar as palavras do autor: aspas... e durante todo este tempo, naquele cilindro novo e reluzente sobre a prateleira... pobre-diabo. Aspas.

- Minha resposta ainda é não. Enfermeira Bishop, desligue o plugue e leve-me para casa.

CAPÍTULO DEZENOVE

Mesmo nas coisas mais insignificantes, a vida nos acalma apenas para depois nos agarrar com dentes de tigre - ou nos achatar com uma porretada. O cubículo da recepção da Sabedoria dos Séculos parecia o lugarzinho mais tranquilo e embolorado do mundo, um lugarzinho esquecido pelo tempo; mas naquela noite, quando Gas pard voltou pela segunda vez, para apanhar a enfermeira Bishop, uma criatura decrépita e mentecapta saiu cambaleando da porta interna brandindo um longo báculo de ébano, no qual se enrolavam duas cobras muito realisticamente esculpidas, aos gritos de:

- Adiante, cão da imprensa! Em nome de Hathor, Seth e Bast de unhas negras, desapareça!

A aparição parecia a imagem de Joe, o Guarda, até no detalhe dos pelos na ponta das orelhas, só que em vez de estar curvo, ficava com os ombros retraídos, quase caindo para trás, possuía uma longa barba branca, e seus olhos estavam tão arregalados, que o branco, entremeado de estrias vermelhas, aparecia em volta de toda a íris.

Ao mesmo tempo, seus gritos enchiam o ar em sua volta com o fedor do álcool já misturado com os odores do corpo humano.

A semelhança daquele rosto com o de Joe, o Guarda, era tão impressionante que Gaspard, tomando cuidado para não ser atingido pelo báculo, se preparava para agarrar a barba branca e puxar, para verificar se era legítima.

Entretanto, a enfermeira Bishop apareceu, empurrando o velho.

- Chega, Zangwell - ordenou, torcendo o nariz. - O senhor Nuit não é um repórter, Pop, hoje em dia todo o trabalho da imprensa é feito pelos robôs. É destes que você deve se resguardar. E não quebre o caduceu; você mesmo me disse que é uma peça para um museu. E trate de não abusar da cachaça; lembre-se das vezes que encontrei você se defendendo de elefantes cor-de-rosa e afastando faraós cor-de-rosa da Creche. Vamos, senhor Nuit. Hoje estou cheia de Sabedoria até aqui. - O dorso da mão encostou em seu queixo arredondado.

Gaspard saiu docilmente com ela e refletiu como seria agradável ter uma moça, especialmente com aquele físico delicado e apetitoso, cuja sabedoria estivesse exclusivamente em seu corpo e cuja cabeça estivesse completamente vazia.

- Não acredito que Zangwell já tenha perseguido repórteres - disse a moça com um sorriso-, mas ele sempre lembra que seu avô teve que fazê-lo. Joe, o Guarda? Ah sim, ele e Pop são irmãos gêmeos. Os Zangwell há muitas gerações são empregados da família Flaxman. Você não sabia?

- Eu nunca soube qual era o sobrenome de Joe - respondeu Gaspard. - E para lhe dizer a verdade, também não sabia que ainda existiam empregados de uma família durante muitas gerações. Como é que alguém pode ficar num emprego por um tempo suficientemente longo para ser classificado desse jeito?

A moça lançou-lhe um olhar frio.

- São coisas que ainda acontecem onde existe dinheiro e uma tarefa, como a Curadoria dos Cérebros, que transcende uma geração. Uma tarefa à qual alguém pode se dedicar.

- E você, também é descendente de uma longa linhagem de empregados da família? - perguntou Gaspard, mas a moça respondeu:

- Não vamos falar em mim. Também estou cansada de mim mesma.

- Perguntei apenas porque você é bonita demais para ser enfermeira.

- E qual é a frase seguinte desta linha de ataque? - perguntou a moça mal-humorada. - Que deveria utilizar meu rosto e meu corpo e me tornar escritora?

- Não- respondeu Gaspard prudentemente. - Deveria ser uma estrelinha estérea, mas nunca uma escritora. Para ser uma escritora, até a moça mais bonita deve criar a impressão de que está usando roupa íntima imunda.

A noite estava muito escura, apenas iluminada pelo clarão rosado no céu, provocado pela outra parte de New Angeles e por alguns pontos, como Sabedoria dos Séculos, que tinha geradores próprios para casos de emergência. Provavelmente o governo achava que se mantivesse a Avenida do Leitor às escuras, o público esqueceria a destruição das fábricas de palavras e não procuraria os responsáveis.

- Kaput - disse Gaspard. - Você realmente acha que os cérebros recusarão a proposta de Flaxman?

- Escute - disse a moça com voz estridente -, eles sempre respondem não, é sempre sua primeira reação. Depois ficam agitados e... - Interrompeu-se.- Já lhe disse que não queria falar na Sabedoria, senhor Gnu.

- Chame-me Gaspard - disse ele. - E qual é seu nome? - Ela não respondeu e Gaspard suspirou. - Está bem, vou chamá-la de Enfermeira e pensar em você como o Bispo de Ferro.

Um táxi com luzes de cruzeiro vermelhas e azuis e uma lâmpada amarela na capota se aproximou vagarosamente como um enorme inseto tropical. Gaspard assobiou e o carro encostou vagarosamente. O teto e um lado da carapaça prateada se levantaram, o casal entrou e o carro se fechou. Gaspard indicou o endereço de um restaurante e o táxi saiu, às cegas, seguindo uma faixa magnetizada do calçamento.

- Não vamos para A Palavra? - perguntou a moça. - Pensei que todos os escritores frequentavam A Palavra.

Gaspard confirmou.

- Mas agora me reduziram a um marginal. A Palavra pode ser considerada o quartel-general do sindicato.

- O fato de ser considerado um marginal é diferente de ser um marginal? - perguntou a moça, irritada. - Por favor, me desculpe. Pessoalmente, eu não me importo, meu trabalho não tem nada a ver com sindicatos.

- Entretanto, nossos empregos são bastante parecidos - opinou Gaspard. - Eu sou... ou melhor, era, um mecânico de fábricas de palavras. Cuidava de um gigante que produzia uma prosa mais excitante e mais bem-acabada que a prosa de qualquer criatura humana, e mesmo assim tinha que tratá-la como qualquer outra máquina não robótica; como, por exemplo, este táxi. E você tem uma sala cheia de gênios e deve tratá-los como se fossem recém-nascidos. Temos algo em comum, Enfermeira.

- Pare de preparar o caminho para uma aproximação - protestou a moça. - Nunca soube que os escritores eram mecânicos de fábricas de palavras.

- Eles não são - admitiu Gaspard -, mas eu, pelo menos, era mais mecânico que qualquer outro escritor que conheça. Sempre ficava a observar os verdadeiros mecânicos quando vistoriavam minha fábrica e, um dia, depois que tiraram a tampa tra seira, tentei individualizar alguns circuitos. O que importava era o meu entusiasmo pelas fábricas de palavras. Eu amava

estas máquinas e o palavrório que produziam. Ficar perto delas era como ter a possibilidade de observar uma proveta de cultura onde cresce o remédio que vai lhe proporcionar o bem-estar.

- Receio que não posso partilhar de seu entusiasmo - respondeu a moça. - De fato, não leio palavrório. Leio apenas os livros antigos que os cérebros recomendam.

- Como é que você aguenta? - perguntou Gaspard.

- Dá para aguentar - ela disse. - Preciso fazer isto para conseguir entender pelo menos a metade do que dizem os moleques.

- Está bem, mas pelo menos você se diverte?

- O que é divertimento? - Bateu o pé. - Meu Deus, este táxi se arrasta.

- Está se movimentando apenas à custa de suas baterias - observou Gaspard. - Está vendo aquelas luzes mais adiante? Na próxima quadra já tem força, mas seria ótimo se conseguissem aplicar a antigravidade aos táxis. Neste caso poderíamos voar até nosso destino.

- E por que não podem?

- É uma questão de tamanho - explicou Gaspard. - Zane Gort explicou-me os motivos há poucos dias. Os campos de antigravidade são pequenos campos de curto alcance, como a força aderente ao redor de um núcleo atômico. Podem fazer flutuar mísseis submarinos, mas não naves espaciais; malas sim, táxis não. Se fossem pequenos como camundongos ou gatos...

- A ideia de gatos andando de táxi não me diverte. Zane Gort é engenheiro?

- Não, a não ser que escrever contos de aventura para outros robôs possa ser considerado um fator; são contos que tratam muito de física. Mas, como a maioria dos robôs mais recentes, Zane tem uma porção de hobbies que podem ser considerados quase uma segunda profissão. Sabe, ele tem rolos que o enchem de novas informações durante as vinte e quatro horas.

- Você gosta de robôs, não é?

- E você não gosta?- perguntou Gaspard com voz subitamente hostil.

A moça encolheu os ombros.

- Não são piores que as outras pessoas. Apenas não me entusiasmam, como os lagartos.

- Esta é uma comparação desprezível. E totalmente incorreta.

- Absolutamente. Os robôs têm sangue frio, como os lagartos. Não é verdade? Pelo menos, são frios.

- E o que é que você quer? Que sejam aquecidos a vapor, só para lhe agradar? O que é que o sangue quente adiantou para a humanidade? Trouxe apenas revoluções e guerras.

- Também levou a atos de coragem e a sentimentos. Quer saber, Gaspard? Você se parece muito com um robô. Você é frio e mecânico. Aposto que você gostaria de uma moça que emitisse eletricidade, ou qualquer outra coisa que os robôs fazem, logo que você apertasse a tecla Amor.

- Mas os robôs não são assim! Eles não têm nada de mecânico. Zane Gort...

O táxi parou em frente de uma porta brilhantemente iluminada. Um fino tentáculo dourado saiu ondulante do limiar, parecendo uma cobra dançante. O tentáculo ajudou a erguer o teto, depois bateu levemente no ombro de Gaspard.

Dois lábios parecidos com arcos de Cupido apareceram na ponta do tentáculo dourado e ondulante. Logo floresceram como uma corola.

- Permita-me acompanhá-los até a Taverna Interstelar de Engstrand - cantarolou o tentáculo.

- Esta é a Cozinha do Espaço.

CAPÍTULO VINTE

A cozinha de Engstrand não era tão vazia e tão fria como o espaço interestelar, ou como uma carícia de robô, e o cardápio não ostentava qualquer prato de lagarto. Mesmo assim, os pratos não eram muito atrativos, embora as bebidas fossem saudáveis. Depois de algum tempo, a enfermeira Bishop consentiu em contar como começara a se interessar pelos ovos. Quando menina, uma tia, que também era enfermeira na Creche, a levava a visitar seu local de trabalho. Gaspard contou que desde garoto queria ser escritor, apenas porque gostava de palavrório. Começou a explicar por que o palavrório - especialmente o de determinadas fábricas de palavras - era tão maravilhoso, mas levantou um pouco a voz e, um velhinho, que parecia uma aranha seca, sentado na mesa mais próxima, aproveitou para interferir.

- Você está completamente certo, meu jovem - gritou. - As fábricas de palavras são mais importantes que os escritores, pode crer. Li todos os livros produzidos pelo Escriba Scribner Um, sem me importar com os nomes dos autores que eram coloca dos na capa. Aquela máquina era muito mais interessante que qualquer outra. Às vezes tive que procurar muito até ter certeza de conseguir um ES Um, mas sempre valia a pena. Somente as obras do ES Um me deixavam com aquela sensação agradável de um vazio sombrio e cálido. Sempre achei que se devia ler as histórias da fábrica de palavras.

- Não sei se concordo com você, querido - comentou a mulher gorducha e de cabelos brancos, sentada na mesma mesa. - Sempre achei que os trabalhos de Heloisa Ibsen têm um certo mérito, independentemente da máquina que usa.

- Tolices! - exclamou o velhinho, irônico. - Usam apenas o mesmo programa para todas as aventuras sexuais que saem com o nome dela, mas a qualidade da fábrica de palavras sempre é bem visível, e o nome da Ibsen ou de qualquer um não faz a menor diferença. Escritores! - As rugas de seu rosto se tomaram mais fundas - Deve riam ser todos colocados contra uma parede e fuzilados, depois do que fizeram hoje. Explodir os parques de diversões e envenenar

as fábricas de sorvetes não é apenas uma maldade. O governo está dizendo que as coisas não estão neste ponto, e amanhã dirá que está tudo muito bem, mas eu sempre percebo quando eles estão camuflando uma catástrofe. Em primeiro lugar, a tela do noticiário começa a piscar com um ritmo hipnótico. Vocês viram o que os escritores fizeram com o ES Um? Ácido nítrico! Deveriam reuni-los e fazer com eles o que eles fizeram com as máquinas. Os que destruíram o velho ES Um deveriam ter funis enfiados em suas bocas e...

- Querido! - disse a velha senhora. - As pessoas aqui estão tentando comer!

Gaspard, com a boca cheia de bife de levedura, tentou sorrir e depois encolheu os ombros, olhando para o velho e apontando com o garfo a boca cheia.

- Não faz mal, dona - respondeu a enfermeira Bishop. - Talvez um funil fosse um talher adequado para engolir esta sopa de algas interplanetárias. - Olhou para Gaspard: - Como foi que você entrou no sindicato de escritores? Foi por causa da Heloisa Ibsen? - perguntou em voz mais alta e se levantou para bater em suas costas. Gaspard estava se engasgando e o velho ao lado observava, furioso.

Apesar, ou talvez por causa deste incidente, Gaspard tentou uma aproximação com a enfermeira Bishop, logo que voltaram a se sentar num táxi.

- Não - ela disse, áspera, e afastou suas mãos. - Você disse jantar e conversar. Portanto, será jantar e conversar. Eu sei o que aconteceu com você, hoje. Depois de toda a agitação, você está começando a ficar cansado e desanimado; e agora quer sexo como um neném quer uma mamadeira. Pois fique sabendo que não tenho qualquer intenção de trocar fraldas ou fontanelas esta noite, muito obrigada. Passo o dia todo com uma porção de bebês velhos e chatos, fechados em latas, que procuram analisar minha mente e introduzir nela suas próprias ideias. Não pretendo me submeter a qualquer coisa parecida no plano físico. E você não está precisando de uma mulher, está precisando de uma babá. E cale a boca!

O comando final parecia ser dirigido a ambos.

Gaspard, ofendido, permaneceu em silêncio até que o táxi chegou a quatro quadras do apartamento da moça. Depois falou:

- Tornei-me um aprendiz de escritor através de meu tio que era encanador-chefe. - E começou a colocar moedinhas na abertura do táxi.

- Imaginei que devia ser qualquer coisa assim - respondeu a enfermeira Bishop, e se

levantou quando o teto do táxi se abriu, com o tilintar da última moedinha. - Obrigada pelo jantar e pela conversa. Às vezes é bastante difícil levar mesmo uma conversa tola quando estou nas redondezas. Você pelo menos tentou. Não, não precisa me acompanhar até o portão. Está a apenas três metros e você pode esperar até eu entrar. - Desceu do carro e, quando o olho mágico de seu apartamento a reconheceu e o portão se abriu, disse: - Coragem, Gaspard. Afinal, o que é que uma mulher tem que você não pode encontrar num palavrório?

Quando ela desapareceu, a pergunta continuou suspensa no ar. Gaspard sentiu-se deprimido, sobretudo porque se lembrou que não tinha um novo livro para aquela noite e não estava com vontade de sair à procura de uma banca aberta.

Finalmente começou a se perguntar se a moça não queria indicar que para ele as mulheres e o palavrório nada mais eram do que meios para conseguir o esquecimento.

O táxi murmurou:

- Para onde vamos, senhor, ou o senhor pretende descer?

Talvez fosse melhor caminhar até o apartamento, pensou. Eram apenas dez quadras. Um passeio poderia ser salutar. Uma sensação esquisita começou a surgir em seu interior - uma solidão escura, fria e turva como a água dos pântanos, e a necessidade absoluta de encontrar um bálsamo para seu ego. Diacho, por que tivera aquela reação com Zane Gort, quando este queria lhe dar o endereço de Madame Pneumo, a dona do bordel robótico? Estava cansado, cansado, cansado; estava sem dormir. Mas sua depressão era maior do que o cansaço. Até as carícias de um robô poderiam ajudar.

- Onde vamos, senhor, ou o senhor pretende descer? - O táxi estava falando mais alto.

A única saída seria esquecer o orgulho e telefonar a Zane agora mesmo. Pelo menos os robôs não tinham o hábito de ironizar e não falavam: "Eu não disse?", e sobretudo eles nunca dormiam. Tirou seu telefone do bolso e murmurou o código de Zane.

- Onde vamos, senhor, ou o senhor pretende descer?

O chamado obteve resposta imediata. Uma voz suave, parecida com a voz de Miss Blushes, explicou: "Esta é uma mensagem gravada. Zane Gort pede desculpas por não estar à disposição. Está fazendo uma conferência no Clube dos Tecelões Mentais Metálicos da Meia-noite sobre o assunto: A antigravidade na ficção e na realidade. Estará em casa dentro de

duas horas. Esta é uma mens..."

- ONDE VAMOS, SENHOR, OU O SENHOR PRETENDE DESCER?

Gaspard desceu do táxi e começou a caminhar antes mesmo que este fechasse o capô, desligasse suas luzes e começasse a se afastar. Gaspard achou que, ter que pagar uma taxa extra, logo nesta circunstância, para "tempo de namoro", seria absolutamente insuportável.

CAPÍTULO VINTE E UM

O café, A Palavra, um enorme galpão cinzento, estava lotado; entretanto a atmosfera estava carregada de história e dominada por milhares de espectros achatados, escuros e ameaçadores, que perseguiram uma aparição pálida e muda, belíssima e esquelética.

Esta circunstância era bastante natural, porque A Palavra, como seus predecessores similares, fora, durante um século, o palco das palhaçadas, manias e frustrações dos escritores que não escreviam, e também servia de inspiração ao único sonho que todos os escritores nominais parecem ter: o sonho de, um dia, realmente escrever alguma coisa.

O grupo de mesas verdes, com tampos pré-arranhados, e as cadeiras de cozinha, de estilo, eram uma lamentável recordação das antigas e criativas boemias.

Tradicionalmente, as mesas dos escritores eram servidas por aprendizes, e isto provocava a impressão de que uma multidão de Shakespeares, de Voltaires, de Virgílios e de Cíceros estava servindo um banquete a palermas. A impressão era ainda mais grotesca, por causa dos robôs de modelo primitivo que serviam as mesas dos não-escritores.

Três paredes, que se encurvavam perto do forro, estavam cobertas, até uma altura de dez metros, pelos retratos estéreos de escritores chefes, atuais e já desaparecidos, mas todos da era das fábricas de palavras. Os retratos eram um pouco maiores que o tamanho natural e colocados como os quadrados de um enorme tabuleiro de xadrez, sendo um pouco mais irregulares perto do topo, onde sobrava espaço para os futuros. Uma gorda assinatura preta flutuava na frente de cada retrato; algumas eram em letra de forma e outras feitas apenas com um X. O efeito era o de três mil cabeças enormes, em caixas iluminadas e transparentes. A maioria ostentava um sorriso, mas havia também os zangados e os pensativos, e este arranjo não era agradável, impedindo, de fato, os pensamentos de tradição e benevolente fraternidade.

A quarta parede estava carregada de troféus e lembranças que costumam enfeitar os

retratos dos escritores nas contracapas: arpões para pescar e tanques de oxigênio, botas para alpinismo, máscaras de proteção contra o sol, rodas estêreo destacáveis, roupas espaciais tipo esporte (com jatos de corrida), crachás de investigadores e mini pistolas paralisantes, halteres, rifles para safári, compassos e malaguetas, machados de mateiros, ganchos para escaladas, espátulas sujas e garfos ensebados de cozinheiros de hamburgers, latas de conserva enferrujadas, segmentos brilhantes de velas espaciais.

Num canto via-se uma pequena capela escassamente iluminada onde se guardavam religiosamente os antigos sonógrafos - e até alguns gravadores e máquinas de escrever elétricas - que os escritores chefes do sindicato estavam utilizando na época da grande mudança de homens para fábricas. Murmurava-se, aliás, que alguns destes escritores e escritoras tinham até continuado sua obra artesanal, publicando as obras-primas literárias em edições limitadas e às suas próprias custas, quando não eram financiadas por universidades semânticas não progressistas. Entretanto, escrever de forma criativa era apenas um sonho inútil para os seus sucessores, um sonho que se fez sempre mais pálido com o passar das décadas... até reviver naquele dia de decadência sindical e de insatisfação.

Nesta noite, A Palavra estava completamente lotado. Na realidade, não havia muitos escritores, devido ao grande número que se encontrava longe, segurando as mãos, sentados em círculo, à espera da inspiração. Um bom número também se encontrava em outras cidades ou em outros planetas, por motivos profissionais. Mas havia inúmeros clientes não-escritores, e os robôs zuniam enquanto corriam de uma mesa para outra. Havia curiosos que costumavam vir para observar os escritores em seu habitat e se manter informados sobre suas atividades sexuais, mas nesta noite seus números estavam aumentados pelos amantes de sensações mórbidas que queriam ver os maníacos que tinham provocado as destruições naquela manhã. Entre estes, e especialmente nas mesas mais importantes situadas mais perto do centro do local, encontravam-se indivíduos e pequenos grupos que pareciam ter propósitos diferentes, mais profundos, talvez sinistros.

Na mesa verde, que se situava exatamente no centro, estavam Heloisa Ibsen e Homer Hemingway, servidos por uma aprendiz de escritora adolescente, de rostinho triangular, vestida como uma copeira francesa.

- Amor, será que você ainda não apareceu o suficiente? - queixou-se o escritor, e sua

cabeça raspada brilhou sob as luzes enquanto se mexia. - Gostaria de poder tirar uma soneca.

- Não, Homer- respondeu Heloisa.- Preciso agarrar todos os fios, aqui no centro da teia, e ainda não consegui.- Observou atentamente as pessoas sentadas nas mesas próximas, fazendo tilintar seu colar de caveiras.- E você precisa se mostrar ao seu público, caso contrário aquele rosto másculo começará a ser esquecido.

- Xii, amor. Se fôssemos para a cama agora, poderíamos até... você sabe... - Sorriu, tentando agradar.

- Até que enfim, ficou com vontade? - comentou Heloisa, seca. - Pois veja que coincidência, eu não estou. Aquele seu escudo de glúteos me daria a impressão de estar deitada com o homem invisível. Aliás, você está sentado sobre o escudo, em frente do escudo ou atrás dele?

- Em cima dele, é claro. A beleza do escudo é esta, querida: tem uma almofada de ar embutida. - Balançou-se levemente algumas vezes para dar uma demonstração. Aquele balanço era como o de um berço e seus olhos começaram a se fechar.

- acorde! - ordenou Heloisa. - Não pretendo ficar com um sujeito que ronca. Faça alguma coisa para ficar acordado. Peça um licor ou um café quente.

Homer mostrou-se ofendido e chamou a aprendiz que servia aquela mesa.

- Mocinha! Traga um copo de leite duplamente irradiado, 150 Fahrenheit.

- E coloque no leite quatro comprimidos de cafeína - disse Heloisa.

- Nada de comprimidos, boneca! - protestou Homer com voz viril e ribombante.- Não costumo correr dopado, nem mesmo numa maratona louca como esta. Nada de bolinhas no leite, entendeu, menina? Ei, eu já não vi você em algum lugar?

- Oui, M'sieu Hemingway, o senhorrr já me viu - respondeu a adolescente com forte sotaque francês e balançando o traseiro. - Sou Suzette. Escrrrevi A Vida amorrosa de uma criada frrrancesa em parrccerrria com Toulouse La Rrrimbaud. Vou prrrovidenciarrr seu leite, senhorrr, na temperrraturrra cerrrta.

Homer ficou a observar seu trazeirinho mal coberto por uma curta saia preta, enquanto a moça se afastava.

- Xiii, amor - comentou. - Você não fica penalizada em ouvir uma criaturinha inocente como aquela falar em perversões sexuais?

- Aquela criaturinha inocente - retrucou Heloisa - conhecia todas as perversões, e como usá-

las para influenciar as pessoas, muito antes de você conseguir posar para sua primeira estereofoto.

Homer encolheu os ombros.

- Pode ser, amor - murmurou -, mas não pretendo ficar chocado. Esta noite sintome místico, como num sonho contínuo, e simpatizo com todos. - Ficou carrancudo ao ver que Heloisa o observava, incrédula. - Por exemplo, todas aquelas cabeças lá em cima, o que pensam? E também os robôs. Será que os robôs sentem a dor como nós? Por exemplo, aquele robô ali, que virou sobre si o café quente... será que sente a queimadura? Um cara me disse que eles podem até ter relações sexuais através da eletricidade. Mas será que sentem a dor? Será que aquela robix cor-de-rosa sentiu dor quando a queimei com o lança-chamas? Estes pensamentos me incomodam.

Heloisa gargalhou:

- Não acho que ela simpatizou com você. Caso contrário não teria jogado em cima de você toda aquela espuma pegajosa na Rocket House!

- Pare de rir, amor! - protestou Homer. - Ela acabou com meu melhor terno de cruzeiro. Minha roupa de sorte!

- Você estava bastante ridículo, com toda aquela espuma.

- Você também não parecia muito corajosa ao se esconder atrás de mim e atrás dos comparsas para não ser atingida. E agora me lembrei de uma coisa: por que contou aquela mentira para nos levar até a Rocket House? Eles não estavam contratando escritores, e você nem ao menos tocou no assunto. Primeiro perguntou sobre um segredo, e logo depois começou a perguntar sobre os Vingadores de Fábricas de Palavras e o Laço, que você nunca mencionou antes. Quer dizer o que isto significa?

- Fique quieto! Foi apenas uma pista falsa que Gaspard me deu, aquele embrulhão barato. Estou tentando extrair os fatos realmente importantes de toda esta confusão.

- Mas eu quero saber, amor. Como não posso dormir, vou continuar a me sentir assim, cheio de sonhos confusos, e vou continuar a pensar nos Enlatadores da Baía Verde, e vou querer saber de tudo.

- Neste caso, escute enquanto fico pensando - respondeu Heloisa, raivosa. Seu rosto endureceu e começou a falar rapidamente, em voz baixa: - A Rocket House parece

adormecida, mas de fato está muito acordada. Tinham um informante no sindicato: Gaspard. Estão em contato com os robôs escritores: Zane Gort; e com o Governo: Miss Blushes. Quando entramos assim de repente, a reação deles foi a de homens que têm algo a perder, e não a de homens despreocupados. Flaxman estava tão nervoso como um coelho com medo de perder sua ração de alface. Em sua frente havia um papel, e quando entramos ele estava fazendo rabiscos. Desenhava ovos, e embaixo dos ovos havia nomes que pareciam nomes de escritores, só que não consegui me lembrar quem eram. Aposto que isto significa alguma coisa.

- Ovos? - perguntou Homer. Vai ver, amor, que eram apenas círculos.

- Não, eram ovos. - Heloisa encolheu os ombros e continuou: - E aquele Cullingham, quando comecei a maltratá-lo ficou frio como um pepino.

- Espere um minuto, o que há com este Cullingham? - interrompeu Homer. - Quando vi como você começava a esbofetear-lo, pensei que você estava se interessando por ele.

- Cale a boca! E não seria uma surpresa para mim se eu começasse a me interessar por ele. O homem parece um pensador muito frio. Não tem uma mente cheia de fantasmas, como Gaspard, e também não é um corpo musculoso recheado de misticismo como você.

- Um sujeito tão frio não deve ser muito bom na cama, não é?

- A gente nunca sabe, até que se faça um teste. Cullingham é frio e astuto, mas aposto que se o sequestrássemos, poderíamos extrair dele o segredo da Rocket House.

- Escute bem, amor. Se você pensa que vou começar a sequestrar seus novos namorados...

- Cale a boca! - Heloisa estava razoavelmente excitada e já não lhe sobrava paciência. Mesmo em condições normais, sua voz já não era agradável. Seu sussurro penetrante interrompeu a conversa em muitas mesas em volta. Sem prestar a menor atenção, Heloisa continuou: - Estou falando de coisas sérias, Homer. E, resumindo, quero dizer apenas o seguinte: a Rocket House está escondendo o leite, e o que eles têm pode ser sequestrado!

CAPÍTULO

VINTE E DOIS

A Rocket House está escondendo o leite, e o que eles têm pode ser sequestrado!

Ouvidos atentos nas mesas mais próximas - e microfones direcionais em mesas mais afastadas - que até aquele momento tinham conseguido apenas captar fragmentos do monólogo de Heloísa, ouviram toda esta sentença com absoluta clareza.

Os sabujos que, naquela noite tinham ido até A Palavra à cata de insinuações e indícios no meio daquela promissora e, ao mesmo tempo, surpreendente crise comercial, deram-se por satisfeitos: esta devia ser a pista que todos procuravam.

As ações começaram a surgir dentro de uma sequência. As rodas começaram a girar vagarosamente e depois sempre mais depressa.

Os principais atores envolvidos representavam uma colorida amostragem de homens da Era Espacial, obcecados por dinheiro.

Winston P. Mears, agente de quatro estrelas da Divisão Federal de Justiça, resumiu suas deduções e decorou este memento: Rocket vaza leite. Ovos? Pepinos? Alface? Contactar Miss Blushes.

Os aspectos fantásticos do Caso das Fábricas de Palavras não preocupavam Mears. Estava completamente imunizado contra uma sociedade na qual qualquer ato de indivíduos podia ser interpretado como um crime e, ao mesmo tempo, qualquer crime cometido por uma organização ou por um grupo podia ser justificado por, pelo menos, seis maneiras diferentes. Mesmo a destruição brutal das fábricas de palavras não parecia uma coisa extraordinária num mundo acostumado a destruir objetos de valor para sustentar sua economia. Mears, um homem rechonchudo e bem-humorado, estava interpretando Charley Hogan, o Bom, um importante comerciante de plâncton e algas de Baja, Califórnia.

Gil Hart, um quebra-galho industrial, ficou satisfeito: finalmente poderia comunicar aos senhores Zachary e Zobel, da Proton Press, que as suspeitas que alimentavam a respeito de

seus colegas e concorrentes estavam completamente justificadas. O investigador particular apagou a chama com um sopro e bebeu seu bourbon flambado. Suas bochechas sombreadas de azul se alargaram num sorriso. Um sequestro? Poderia até tentá-lo pessoalmente, para se apoderar do segredo da Rocket House. Afinal, os sequestros industriais eram praticamente um lugar-comum numa sociedade acostumada a dois séculos de raptos de cientistas e de desaparecimentos em geral, organizados pelo governo. Poderia ser até divertido se conseguisse agarrar uma moça da Rocket. Preferivelmente, uma moça animada e de boa conversa, como esta tal de Ibsen, mas um pouco menos violenta. Moças temperamentais são agradáveis, desde que não sejam agressivas.

Filippo Fenicchia, um gangster interplanetário conhecido pelo apelido de Garrote, sorriu irônico e fechou os olhos, a única parte de seu rosto que indicava que estava vivo. Era um frequentador habitual d'A Palavra e costumava observar aqueles esquisitos escritores. Achou engraçado que as oportunidades de negócios - que ele considerava deveres - se apresentassem até naquele local. Garrote era um homem tranquilo, com uma certeza serena de que o medo é a emoção mais básica e mais duradoura da humanidade e que incutir o medo é a maneira mais segura de garantir o sucesso: isto era verdade nos tempos de Milo e Clódio, César Bórgia ou Al Capone. Continuou a pensar em ovos e decidiu que era o caso de consultar a Memória.

Clancy Goldfarb, um assaltante de transportadoras de livros tão habilidoso que, seu bando, oficiosamente reconhecido como a quarta mais poderosa companhia distribuidora de livros, decidiu que o leite que a Rocket estava escondendo era provavelmente livros produzidos em excesso de quota. Acendeu uma finíssima cigarrilha venusiana de quase meio metro e começou a planejar um de seus assaltos perfeitos.

Cain Brinks era um robô-amor de histórias de aventuras, cuja personagem, Madame Irídio, era a principal concorrente de ficção do dr. Tungstênio, de Zane Gort. No momento, Madame Irídio e a Besta do Ácido estavam superando as vendas de Dr. Tungstênio alarga uma porca na proporção de 5 a 4. Ao ouvir o sussurro penetrante de Heloisa, Cain Brinks quase deixou cair a bandeja cheia de martínis marcianos que estava levando. Para poder entrar n'A Palavra sem ser reconhecido, Cain Brinks tinha dedicado toda a tarde a empanar seu lustroso invólucro, deixando-o quase corroído, para poder personificar um garçom robô. Rejubilou-se,

porque aquele ato de masoquismo estava sendo recompensado. Compreendeu num instante o que era que a Rocket House estava guardando com tamanho zelo - devia ser Zane Gort, decidido a se tornar o czar da ficção humana - e começou a fazer planos para conseguir uma fatia do bolo.

Enquanto estes personagens estavam tendo cada um sua reação, uma extravagante procissão estava penetrando n'A Palavra, passando entre as mesas verdes e dirigindo-se para o centro do recinto. Eram seis rapazes esguios e altivos, de braços dados com seis senhoras magérrimas, altivas e velhotas, seguidos por um robô decorado com pedras preciosas, que empurrava uma pequena mesa com rodízios. Os rapazes usavam vistosas cabeleiras compridas e vestiam malhas pretas de gola olímpica e calças pretas muito justas - o efeito era quase, mas não completamente, o de meias de balé. As velhotas magérrimas estavam metidas em longos muito aderentes de lamê dourado ou prateado e estavam carregadas de diamantes: colares, pulseiras pendentes e tiaras de diamantes.

- Meu Deus, amor - exclamou Homer Hemingway. - Olhe para aquelas cadelas ricas e aqueles veados de preto.

A procissão parou nas proximidades. A velhota que estava na frente e que usava diamantes tão grandes e tão numerosos que seu brilho incomodava a vista, olhou ao redor com ar de superioridade.

Homer, cuja mente sonolenta pulava de um assunto para o outro como a mente de uma criança, queixou-se com Heloísa:

- Gostaria de saber por que aquela mocinha ainda não trouxe o leite. Se ela colocar bolinhas...

- Provavelmente serão afrodisíacas, se ela achar que você vale a pena - falou Heloísa, rápida, enquanto observava avidamente os recém-chegados.

A velhota coberta de diamantes falou como se estivesse repreendendo um menino de recados:

- Estamos procurando o chefe do sindicato de escritores.

Heloisa, que nunca perdia uma ocasião, se levantou.

- Sou o membro presente mais graduado do Comitê Executivo.

A megera examinou-a dos pés à cabeça.

- Então falarei com você - disse. Bateu palmas duas vezes. - Parkins! - gritou.

O robô cravejado de pedras preciosas empurrou a mesa para frente. Sobre a mesa

havia vinte colunas de um metro e meio de livros finos e encadernados, cobertos de capas de papel de lindas cores e que também brilhavam como joias. Em cima dos livros empilhados havia um objeto de contornos irregulares e coberto com um pano de seda branca.

- Somos o Penfolk - anunciou a mulher, olhando diretamente para Heloisa e falando com a voz penetrante de uma imperatriz que pronuncia um discurso numa feira barulhenta. - Durante mais de um século preservamos as tradições da literatura realmente criativa em nosso ambiente seletivo, prevendo a chegada do dia glorioso em que as horrorosas máquinas que pisoteiam nossas mentes seriam destruídas e a arte de escrever seria devolvida aos seus únicos e leais amigos: os amadores dedicados. Durante estes anos muitas vezes execramos seu sindicato por ser cúmplice na conspiração que levaria os monstros de metal a se tornar nossos amos espirituais. Queremos agora louvar sua coragem por ter finalmente destruído as máquinas tiranas. Desejo portanto presenteá-lo com dois testemunhos de nossa estima. Parkins!

O moroso robô arrancou a seda branca, revelando uma estátua de ouro cintilante que representava um rapaz nu e esguio que transpassava com uma enorme espada a secção central de uma fábrica de palavras.

- Veja! - gritou a velhota. - Esta é uma obra de Gorgius Snelligrew, moldada, fundida e polida num só dia. Encontra-se no topo de toda a produção literária do Penfolk durante o século passado - aqueles livros finos, em capas pastel cobertas de pó de pedras preciosas. Com estes alimentamos a chama da literatura durante a terrível era da máquina, que agora está encerrada: aqui estão mil e setecentos volumes de versos imortais!

Suzette escolheu aquele minuto para chegar gingando, trazendo uma taça de cristal cheia de líquido branco e da qual se elevava uma chama azul de meio metro.

Colocou a taça em frente de Homer e apagou a chama cobrindo brevemente a taça com um pires de prata.

Afastou o pires. A chama tinha se apagado e o fedor penetrante de caseína queimada se espalhou ao redor.

Com um gingado mais acentuado, Suzette anunciou:

- Aqui está seu leite flambado, M'sieu, com a temperraturrra cerrrta!

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Flaxman e Cullingham estavam sentados, lado a lado, no escritório ainda meio sujo.

Joe, o Guarda, depois de uma noite inteira de faxina, estava à beira do colapso e foi mandado para a cama. Estava dormindo sobre um catre no banheiro masculino, com sua arma de gambá sob o travesseiro, junto com um tablete lilás de Desodor que Zane Gort tinha colocado previdentemente ao lado. Zane e Gaspard, que estavam chegando para trabalhar quando o dia estava clareando, receberam a incumbência de colocar Joe na cama e depois de examinar os sistemas de alarme contra arrombamentos em todos os armazéns repletos de preciosos livros recém-produzidos pelas fábricas de palavras.

Os dois sócios estavam sozinhos. Era a hora mágica e ainda impoluta do dia de negócios, antes das preocupações.

E Flaxman decidiu poluí-la.

- Cully, sei que podemos convencer os ovos, mas mesmo assim estou começando a me assustar com todo o projeto - falou com ar de tristeza.

- Diga-me porquê - encorajou-o o outro. - Acho que quase adivinho.

- Sabe, meu querido pai criou em mim uma espécie de recalque no que diz respeito aos ovos. Poderíamos chamá-lo uma espécie de fobia. Uma fobia violenta; até hoje nunca percebi que era tão violenta. Sabe, meu pai considerava os ovos uma responsabilidade sagrada e que devia ser mantida em segredo, mesmo perante sua própria família. Sabe, aquele tipo de responsabilidade sagrada que existia em algumas velhas e aristocráticas famílias britânicas; sabe, como quando a coroa original de ferro fundido da Inglaterra é guardada no mais fundo calabouço, por um sapo monstruoso; ou talvez um tio-tataravô imortal que enlouqueceu durante as cruzadas e ficou verde e coberto de escamas e quer beber o sangue de uma virgem todas as vezes que a lua está cheia; ou talvez uma combinação de ambos, e lá embaixo, nas masmorras, na última delas, está o verdadeiro e legítimo rei da Inglaterra, que já está com

setecentos anos e está transformado num monstruoso sapo que quer beber um balde cheio de sangue de uma virgem a toda mudança de lua... você me entende, quero dizer, existe esta responsabilidade sagrada da família, que ela jurou assumir, e quando o filho mais velho completa treze anos, o pai deve revelar-lhe o segredo, com uma porção de perguntas e respostas rituais, como por exemplo: O Que Está Uivando Na Noite? É a Responsabilidade, E o Que Quer? Quer o Que Quer, Daremos o Que Quer? Dar-lhe-emos um Balde Cheio de Sangue, e assim por diante, e depois quando o pai revela o segredo ao filho e o leva para ver o monstro, o garoto tem um ataque e fica imprestável para o resto de sua vida e só consegue ficar em sua biblioteca ou em seu jardim, até chegar a hora de revelar o segredo a seu filho. Você está entendendo o que quero dizer, Cully?

- Em linhas gerais- respondeu Cullingham, prudente.

- Foi assim que meu querido pai agiu comigo a respeito da Curadoria dos Cérebros.

Você não pode imaginar como este nome me impressionou! Mesmo quando eu ainda era bem pequenino, sempre senti que havia algo de ameaçador no passado de minha família. Meu querido pai tinha alergia a ovos e também não admitia talheres de prata na mesa, nem mesmo prateados; uma vez desmaiou. Foi quando um robô novo, recém-importado de Sheffield, na Inglaterra, serviu-lhe um ovo cozido num porta-ovo de prata, para o desjejum. Uma vez ele me levou para uma festa infantil e se sentiu mal quando anunciaram de repente um concurso de ovos rolados. E havia todos aqueles telefonemas misteriosos que eu ouvia, mencionando a Creche; que afinal era um lugar para crianças pequenas. Imagine como fiquei impressionado quando fiquei bisbilhotando um dia e ouvi meu pai dizer ao telefone (foi durante a terceira fase dos Tumultos Anti robóticos): "Acho que deveríamos colocá-los em subterrâneos e ficar prontos para dinamitar a Creche ao primeiro sinal, de dia ou de noite!"

Para piorar as coisas, meu pai era um sujeito sempre preocupado e que não conseguia esperar, e eu ainda não tinha completado nove anos quando ele me levou para ver a Creche - aquela Creche - e me apresentou aos trinta cérebros. Pensei que fossem uma espécie de mentes robóticas. Foi então que ele me explicou que no interior daqueles recipientes havia um cérebro vivo, morno e úmido, e eu devolvi o almoço e quase desmaiei. Meu pai, porém, não desistiu e me apresentou a todos e depois mandou-me tomar uma aula de equitação - meu pai era da velha escola. Um ovo me disse: "Você se parece com um de meus sobrinhos que

morreu com oitenta e oito anos, há cento e sete anos". Mas o pior de todos foi um outro que apenas cacarejou, he-he-he, e depois perguntou: "Você não quer entrar aqui e ficar comigo, guri?"

Depois daquele dia sonhei com os ovos todas as noites, durante semanas; e os sonhos sempre terminavam com a mesma maldita cena realista. Sonhava que estava em minha cama e de repente a porta se abria na escuridão e uma daquelas coisas monstruosas entrava flutuando, com olhos em brasa e aquela aparência de caveiras mal-acabadas, e...

A porta do escritório abriu-se silenciosamente.

Flaxman se endireitou na cadeira, de maneira que seu corpo formava um ângulo de quarenta e cinco graus com o chão. Fechou os olhos e todo o seu corpo foi percorrido por um calafrio. Um robô todo empanado e enferrujado estava na porta.

- Quem é você, rapaz? - perguntou Cullingham com sua voz mais fria.

O robô levou cinco segundos para responder:

- O eletricista, senhor - e ergueu a pinça direita até a cabeça pesada, cumprimentando-o.

Flaxman abriu os olhos.

- Neste caso, conserte a trava elétrica daquela porta! - berrou.

- Sim, senhor- respondeu o robô voltando a levantar a pinça. - Vou fazê-lo logo depois de consertar a escada rolante - A porta se fechou.

Flaxman fez menção de se levantar, mas deixou-se cair novamente sobre a cadeira. Cullingham disse:

- Isto é muito estranho. A não ser por aquela camada enferrujada e corroída, aquele robô se parece muitíssimo com o rival de Zane; você sabe, aquele que era entregador de um banco, Cain Brinks, o autor daquelas histórias de Madame Irídio. Deve ser um tipo de robô muito mais difuso do que eu imaginava. Então, Flaxman, você afirma que os ovoides o impressionam, mas você não deixou transparecer nada ontem, quando o Ferrugem estava aqui.

- Eu sei, mas acredito que não vou poder continuar - confessou Flaxman, abatido. - Pensei que lhes dar a incumbência seria uma coisa simples, breve; sabe, como dizer: "Queremos trinta novelas hipnóticas, cheias de suspense, até quinta-feira!" - "Sim, senhor Flaxman!" - mas se tivermos que conversar com eles e discutir, e lisonjeá-los apenas para levá-los a tentar... Diga-me uma coisa, Cully, o que é que você faz quando fica com tremedeira?

Cullingham se manteve pensativo durante um segundo e depois sorriu.

- Um segredo por um segredo - disse. - Guarde o meu como eu vou guardar o seu. Costumo ir para a casa de Madame Pneumo.

- Madame Pneumo? Já ouvi este nome, mas nunca consegui saber o que é.

- Isto está certo - disse Cullingham. - A maioria dos homens paga quantias de três algarismos apenas para receber as informações que vou lhe dar agora.

CAPÍTULO

VINTE E QUATRO

- O estabelecimento de Madame Pneumo - começou Cullingham - é uma casa de prazeres muito exclusiva, que pertence a robôs, é administrada por robôs e está povoada por robôs. Você deve saber que há cinquenta anos, mais ou menos, existiu este robô louco chamado Harry Chernik - pelo menos acredito que Chernik era um robô - que estava obcecado pela ambição de construir robôs que, pela aparência, fossem completamente idênticos a criaturas humanas, até nos mínimos detalhes de textura e de anatomia. Chernik acreditava firmemente que se os homens e os robôs pudessem ser exatamente iguais - e sobretudo, se pudessem fazer amor, uns com os outros! - não poderia existir qualquer hostilidade entre eles. Você deve se lembrar que Chernik estava construindo estes robôs por volta dos Primeiros Tumultos Anti robóticos e ele era dedicado à integração das raças.

Como era de se esperar, do ponto de vista de Chernik o projeto resultou num fracasso. A maioria dos robôs não queria se parecer com criaturas humanas e, sobretudo, no interior de um robô de Chernik todo o espaço estava a tal ponto abarrotado de mecanismos que proporcionava ao robô a possibilidade de imitar o comportamento humano na cama e em outras ocasiões mais simples do relacionamento social - controles musculares exatos, controles de umidade e sucção, etc. - que não sobrava espaço para qualquer outra coisa. A não ser por suas extraordinárias capacidades eróticas, os robôs de Chernik eram completamente descerebrados. Quer dizer, não eram verdadeiros robôs, mas meros autômatos. Aliás, para fazer caber um verdadeiro robô e um autômato de Chernik num mesmo invólucro de imitação de pele de moça, estes deveriam ter três metros de altura ou a largura de uma mulher gorda de circo. Sobretudo, como já disse, descobriu-se que a maioria dos robôs não gostava da ideia, queria ser apenas de metal reluzente e nada mais; um robô ou uma robix, com a aparência e o toque de uma criatura humana, seria rejeitado e proibido para todo o sempre de partilhar das delícias peculiares deles, especialmente qualquer ternura entre

robô e robix.

Chernik ficou arrasado. Como um rajá indiano nos dias da conquista inglesa, deitou-se numa enorme cama, rodeado de suas criações mais sedutoras, incendiou as cortinas e depois se electrocutou. Dá para ver que Chernik era mesmo biruta.

Entretanto, os robôs que estavam financiando Chernik não eram loucos. Sempre tinham considerado que os autômatos de Chernik poderiam executar alguns serviços auxiliares extremamente rentáveis, mas Chernik nada sabia a respeito. De qualquer forma, conseguiram apagar o incêndio, salvaram os autômatos e os colocaram, logo em seguida, a trabalhar num estabelecimento cuja clientela era humana e masculina. Acrescentaram apenas algumas salvaguardas higiênicas e econômicas que Chernik, como um idealista, nunca imaginara.

Cullingham franziu as sobrancelhas:

- Não sei dizer se eles também fizeram o mesmo com os autômatos masculinos que Chernik aparentemente também criou - aquele sindicato de robôs é extremamente fechado - mas os femiquins (como são chamados às vezes) tiveram um sucesso estrondoso. A total ausência de raciocínio representava, evidentemente, a maior atração, e não impedia a introdução nos autômatos de fitas especiais que, temporariamente, produzia todos os gestos e todas as fantasias que um cliente pudesse desejar. Sobretudo não havia qualquer sensação de envolvimento humano, de conflito, de oposição ou de consequências.

Com o tempo foram desenvolvidos dispositivos especiais que tornaram os femiquins especialmente atrativos para homens mais refinados, caprichosos e dotados de imaginação, como eu.

Você deve entender, Flaxie, que o sindicato de robôs conseguiu salvar do incêndio não só os autômatos, como todas as anotações de Chernik e todos os seus processos secretos. Depois de um certo tempo começaram a fabricar femiquins especiais, mulheres que eram superiores às mulheres normais, ou pelo menos muito mais interessantes, se você gosta de coisas fora do comum. - Cullingham começou a ficar animado e duas manchas vermelhas apareceram em seu rosto pálido. - Dá para você imaginar, Flaxie, dormir com uma moça toda de veludo ou de pelúcia, ou que realmente fica toda fria ou toda quente, ou que pode cantar baixinho toda a partitura de uma sinfonia enquanto você está no ato, ou quem sabe, o Bolero de Ravel, ou que tem os seios levemente preênsos - sem exagero, é claro - ou que tem algumas áreas da

epiderme eletrificadas, ou que tem algumas características - é claro, sem excessos! - de um gato ou de um vampiro ou de um polvo, ou que tem cabelos como a Medusa ou como Shambleau, cabelos vivos, que acariciam, ou que tem quatro braços como Xiva ou uma cauda preênsil de dois metros, ou... e que, ao mesmo tempo, é perfeitamente segura, e não pode chateá-lo, envolvê-lo, contagiá-lo ou controlá-lo de qualquer forma? Não quero lhe parecer um propagandista, Flaxie, mas pode acreditar, é o máximo!

- Para você, talvez - disse Flaxman, observando seu sócio com um pouco de preocupação. - Ei, agora posso entender... já que seus gostos são estes, por que você estava estremeando daquele jeito quando viu que a Ibsen estava olhando para você e lambendo os beiços!

- Não quero nem me lembrar disto - pediu Cullingham, pálido.

- Está bem. O que eu queria dizer é que os femiquins da Madame Pneumo podem representar o ideal para você, afinal cada um tem seus gostos, mas receio que não conseguiriam me distrair. Pelo contrário, acho que minhas tremedeiras se transformariam em pânico, como acontecia quando os malditos horrorosos ovos de prata povoavam meus pesadelos de garoto, esvoaçando no escuro acima de minha cama, passando embaixo dela e surgindo devagar perto dos meus pés...

A porta do escritório abriu-se vagarosamente pela segunda vez. Flaxman teve um sobressalto menos acentuado, mas pareceu igualmente impressionado.

Um homem corpulento, de macacão havaiano e com o queixo azulado, observou os sócios demoradamente e depois explicou:

- Electric Light and Power. Fiscalização de rotina dos prejuízos. Estou vendo que sua trava elétrica está com defeito. Vou tomar nota. - Apanhou um caderno no bolso posterior da calça.

- O robô que está consertando a escada rolante cuidará da trava elétrica - explicou Cullingham, observando o homem com muita atenção.

- Não vi nenhum robô quando subi - respondeu o outro. - Se quiser saber minha opinião, são uns vigaristas de lata ou uns vagabundos bem astuciosos. Tive que despedir um ontem à noite. Imagine que estava tomando corrente de alta voltagem enquanto estava de serviço. Vocês me entendem: era um viciado. Deve ter se apropriado de centenas de amperes. Se ele continuar assim, acabará queimado dentro de duas semanas.

Flaxman abriu os olhos.

- Escute, será que você poderia me fazer um favor? - perguntou, observando o homem parado na porta. - Sei que você é um fiscal municipal, mas não se trata de coisa ilegal e você não vai se arrepender. Arrume aquela trava elétrica. Quero dizer, já.

- Será um prazer- respondeu o homem com um sorriso. - Só preciso buscar minhas ferramentas - acrescentou dando um passo para trás; e fechou a porta.

- Que esquisito - disse Cullingham. - Este homem é a imagem de um tal Gil Hart que, há cinco anos, quando o conheci, era um quebra-galho industrial e investigador particular. Este sujeito deve ser seu irmão gêmeo, ou então Gil Hart deve estar numa péssima situação. Ah, tanto faz, o sujeito era mesmo um ovo podre.

Ao ouvir isto, Flaxman estremeceu. Olhou demoradamente para a porta fechada e depois encolheu os ombros.

- O que foi que você disse sobre os ovoides, Cully? - perguntou.

- Eu não disse - respondeu Cullingham com delicadeza. - Mas escute o plano que bolei ontem à noite. Vamos convidar dois ou três ovos para virem aqui no escritório; e desta vez vamos dispensar Ferrugem. Gaspard pode ajudar a trazê-los, mas não deve ficar aqui durante a entrevista, e nem mesmo as enfermeiras; acho que isto poderia distraí-los. Gaspard pode levar a enfermeira de volta ou qualquer coisa assim, enquanto nós teremos uma boa conversa de duas ou três horas, e eu vou apresentar ou fazer alguma coisa para convencer os ovos, para provocá-los e fazê-los escrever. Compreendo agora que será muito difícil para você, Flaxie, mas se a situação ficar muito pesada para você, pode sair e dar uma volta, eu vou continuar sozinho.

- Acho que é melhor fazermos como você quer - concordou Flaxman, conformado. - Precisamos encontrar uma maneira de espremer histórias daqueles horrorosos, ou então estaremos arruinados. E para mim, não será tão ruim vê-los aqui, apoiados em suas argolas pretas e olhando para mim, do que lembrar...

Desta vez a porta se abriu tão devagar, que os olhos praticamente não conseguiram perceber o movimento e, quando os sócios repararam, a porta já estava quase escancarada. E desta vez Flaxman não estremeceu, apenas fechou os olhos. Antes que se fechassem completamente, viu-se um brilho branco, como se tivesse virado as pupilas para cima.

O personagem parado na porta era um homem alto e magro, com um rosto quase da

mesma cor de seu terno cinza. Os olhos fundos, o rosto longo e estreito, os ombros curvos e o peito estreito lhe conferiam a aparência de uma cobra venenosa, saída de seu cesto e pronta para dar o bote.

Cullingham perguntou:

- O que deseja, cavalheiro?

Sem abrir os olhos, Flaxman disse com voz cansada:

- Se o senhor está vendendo eletricidade, saiba que não estamos comprando.

O homem cinza sorriu levemente. O sorriso intensificou ainda sua semelhança com uma cobra. Com uma voz que parecia um silvo, disse:

- Apenas estou dando uma olhada. Como o prédio estava aberto e vazio, achei que devia ser um edifício completamente danificado e que estaria á venda.

- O senhor não viu os eletricitas trabalhando lá fora? - perguntou Cullingham.

O homem cinza respondeu:

- Não há eletricitas trabalhando lá fora. Com sua licença, cavalheiros, pretendo me retirar agora. Vou lhes mandar minha oferta dentro de dois dias.

- Aqui não há nada à venda - explicou Flaxman.

O homem cinza sorriu.

- Vou apresentar minha oferta de qualquer maneira - insistiu.- Sou um homem muito persistente e receio que os cavalheiros tenham que aturar minha obstinação.

- Está bem, e quem é o senhor? - perguntou Flaxman.

O homem cinza sorriu pela terceira vez, enquanto fechava vagarosamente a porta:

- Talvez seja por causa da minha ferrenha persistência, mas os meus amigos às vezes me chamam de o Garrote.

- Gozado - murmurou Cullingham observando a porta já fechada. - Este homem também me lembra alguém. Mas quem? Tem o rosto de um Cristo siciliano... Que coisa estranha.

- O que é um garrote?- perguntou Flaxman.

- É uma coleira estreita de aço- explicou Cullingham, com seu jeito frio - com um parafuso embutido que serve para quebrar o pescoço. Foi inventado pelos alegres espanhóis de outrora. De fato, o Garrote poderia significar também simplesmente o Laço.

Ao pronunciar a última palavra, ergueu as sobrancelhas. Os sócios trocaram um olhar.

CAPÍTULO

VINTE E CINCO

A canção de Robert Schumann, "Não quero sofrer", transmite uma sensação gloriosa e terrível de solidão, com suas imagens teutônicas de amores perdidos, de diamantes esplendorosos e de uma cobra enroscada mordendo corações congelados numa noite eterna, mas é muito mais impressionante quando cantada com dissonâncias estranhamente harmoniosas, por um coro de vinte e sete cérebros enlatados.

Quando o último *nicht* baixíssimo se dissolveu, Gaspard de la Nuit aplaudiu. Seu cabelos estavam cortados à escovinha e os pontos machucados de seu rosto tinham assumido uma rica coloração verde-arroxeadada. Apanhou um maço de cigarros no bolso e acendeu um.

A enfermeira Bishop esvoaçava pela Creche com a agilidade de um esquilo, desligando os alto-falantes, mas não foi bastante rápida para evitar um coro de assobios e vaias das mentes encapsuladas.

Quando voltou, ajeitando levemente os cabelos, Gaspard disse:

- Parece o dormitório de um colégio.

- Apague o cigarro, aqui é proibido fumar. Sim, você está certo a respeito dos moleques.

Têm manias e preferências. As últimas são por história bizantina e falar em cores com alto-falantes iluminados. Têm discussões e brigas - às vezes, dois recusam uma ligação direta e ficam de mal durante semanas. Criticam, se queixam, são ciumentos - falo mais com Meio Litro do que com os outros, então eles acham que é meu preferido, eu esqueço o audiovisual de Verdinho, não consigo colocar o olho do Gordo no ponto exato onde ele o quer, estas coisas não têm fim; ou acontece que eu me atrase dois minutos e dezessete segundos para dar um banho audiovisual ao Áspero - isto é uma corrente de cores e sons que tem a finalidade de tonificar suas áreas sensoriais, e graças a Deus não podemos nem ver e nem ouvir, Meio Litro diz que é igual a uma cascata de sóis.

- E os humores, meu Deus! Às vezes um deles resolve não falar durante um mês e preciso

me esforçar, ou então fazer de conta que não me importo, e isto é mais difícil, mas em geral é de efeito mais seguro. E depois têm aquela mania de imitar qualquer coisa: um deles inventa uma tolice qualquer e logo todos os outros o imitam. É como ter uma família de gênios mongoloides. A senhorita Jackson, que gosta muito de história, costuma chamá-los de os Trinta Tiranos, como aqueles que antigamente se apoderaram do governo de Atenas. O trabalho que dão é infinito. Às vezes tenho a impressão de que passo a vida inteira trocando fontanelas.

- Como se fossem fraldas- disse Gaspard.

- Você vai achar graça - falou a enfermeira Bishop - mas nos dias em que se verificam cargas extras de ódio, aqui na Creche, aquelas fontanelas fedem. O dr. Krantz afirma que estou imaginando coisas, mas cheiro é cheiro. Quando agente trabalha aqui, torna-se sensível. E também intuitiva, mas disto não posso ter certeza absoluta. Às vezes penso que é apenas porque me preocupo. Agora, por exemplo, estou me preocupando por causa daqueles três moleques que estão na Rocket House.

- Por quê? Flaxman e Cullingham me parecem pessoas razoavelmente responsáveis, embora sejam editores birutas. E Zane Gort está lá. É um sujeito absolutamente de confiança.

- Esta é a sua opinião. Eu acho que a maioria dos robôs é tantã. Estão sempre à procura de alguma coisa, como os golens, quando a gente precisa deles, e depois, muito mais tarde, eles inventam alguma justificativa sem sentido. Acho que uma robix é muito mais de confiança. Mas provavelmente o Zane seja um bom sujeito. Estou apenas nervosa.

- Você teme que os cérebros fiquem perturbados ou assustados, porque estão fora da Creche?

- Não, é mais provável que eles aprontem alguma coisa e acabem irritando alguém a ponto de provocar uma reação. Quando a gente trabalha o tempo todo em contato com eles, fica com vontade de jogá-los ao chão e arreventá-los umas dez vezes por dia. Não temos pessoal bastante aqui; apenas três enfermeiras e eu, e a senhorita Jackson e o dr. Krantz, que só vêm duas vezes por semana, e Zangwell, que não é exatamente um apoio.

- Imagino que seus nervos ficam à flor da pele - comentou Gaspard, seco. - Já tive uma demonstração.

Ela sorriu:

- Acho que ontem à noite você ficou realmente irritado. Fiz o impossível para destruir sua

segurança e lhe estragar o sono.

Gaspard encolheu os ombros.

- Isto poderia ter acontecido até sem sua colaboração, enfermeira Bishop - respondeu. - Não tinha um livro novo para ler, e sem aquele palavrório meu sono costuma ser curto; costumo acordar frequentemente. Mas o que você disse a respeito de sexo, ontem à noite... - Parou, e lançou um olhar ao ovos de prata, silenciosos. - Diga-me uma coisa, eles podem ouvir nossa conversa? - perguntou em voz baixa.

- É claro que podem - ela respondeu, agressiva, em voz alta. - A maioria está ligada no audiovisual. Será que você quer que eu os desligue e os deixe no escuro, só para que você possa se sentir mais à vontade? Eles precisam ser desligados durante cinco horas por dia. Durante este período deveriam dormir, mas todos juram que eles nunca dormem, não conseguem; a coisa mais parecida com o sono é o que eles chamam de sonhos negros. Eles descobriram que a consciência nunca se apaga completamente, foi o que me disseram, e que não importa o que nós, pessoas impedidas pelos nossos corpos, pensemos. Por conseguinte, Gaspard, diga o que quiser e esqueça que eles podem ouvir.

- Mesmo assim... - falou Gaspard, cheio de dúvidas.

- Pois eu não me importo de jeito nenhum que eles escutem o que eu digo - afirmou a enfermeira Bishop e depois gritou: - Estão ouvindo isto, seus velhinhos sujos e velhas lésbicas peludas?

- Fiu-fiiuuu!

- Zane Gort, quem deixou você entrar? - ela perguntou ao ver o robô.

- Aquele velho senhor que está na recepção - respondeu Zane com muito respeito.

- Você quer dizer que conseguiu hipnotizar Zangwell e o fez revelar o código, enquanto ele roncava e empestava o ar até três metros de distância, não é? Deve ser maravilhoso ser um robô - você não sente qualquer cheiro, não é?

- De fato, exceto alguns produtos químicos muito fortes que irritam meus transistores. E concordo: é realmente maravilhoso ser um robô e estar vivo hoje! - concordou Zane.

- Espere um minuto! Você devia estar na Rocket House, cuidando de Meio Litro, de Nick Um e de Nick Dois - afirmou a enfermeira Bishop.

- Realmente, eu disse a você que ficaria lá - disse Zane - mas o senhor Cullingham disse

que minha presença estava perturbando a reunião, e pedi a Miss Blushes para me substituir.

- Ainda bem. Miss Blushes parece ter uma alma sensível e objetiva, apesar de ter ficado um pouco nervosa ontem - comentou a enfermeira Bishop.

- Fico muito satisfeito em ouvir isto, quero dizer, por saber que você gosta de Miss Blushes - disse Zane. - Enfermeira Bishop, será que eu poderia... será que você poderia...?

- O que posso fazer por você, Zane? - ela perguntou.

O robô hesitou.

- Senhorita Bishop, posso pedir um conselho? Trata-se de um assunto muito pessoal.

- Claro que pode. Entretanto, que conselhos poderia eu lhe dar, especialmente em se tratando de assuntos pessoais? Não sou robô e estou envergonhada de saber tão pouco sobre robôs.

- Eu sei - falou Zane. Entretanto você tem muito bom senso e também sabe, instintivamente, individualizar logo o núcleo do problema. Acredite, esta é uma qualidade muito rara, difícil de ser encontrada em homens humanos e de metal; e também em mulheres. Os problemas pessoais parecem se assemelhar muito entre todas as criaturas inteligentes ou quase inteligentes, orgânicas ou inorgânicas. Aliás, meu problema é extremamente pessoal.

- Quer que me afaste um pouco, velha bateria? - perguntou Gaspard.

- Não, pode ficar, velha glândula. Enfermeira Bishop, você já deve ter percebido que estou bastante interessado na Miss Blushes.

- É uma criatura muito atraente - concordou a moça sem piscar. - Gerações inteiras de mulheres humanas teriam vendido a alma ao diabo para ter aquela cinturinha de pilão e curvas tão arredondadas.

- Sim, é verdade. Ela é talvez até atraente demais, mas para mim isto não é um problema. O que me preocupa é o lado intelectual, a aproximação mental. Tenho certeza que você já percebeu que Miss Blushes é um pouco... bom, acho que não adianta ser diplomático nestes casos... ela é muito burrinha. Sim, eu sei, eu tentei atribuir tudo isto ao choque que ela sofreu quando foi atacada durante os distúrbios (é uma coisa horrível atacar um robô móvel, um verdadeiro robô), mas sei que ela é realmente tola. Por exemplo, ela me disse que ficou entediada com a conferência que proferi sobre a antigravidade no clube de hobbies robóticos, ontem à noite. Acrescente-se a isto que, devido à profissão que lhe deram, ela é muito

puritana; e o puritanismo limita os horizontes mentais, e não existem exceções, embora a pudicícia tenha seu charme, bastante perigoso. Meu problema é o seguinte: atração física e disparidade mental. Senhorita Bishop, gostaria de ouvir seu comentário feminino. Até que ponto você acha que posso me arriscar com esta linda robix?

A enfermeira Bishop ficou a olhá-lo, estarecida.

- Puxa, vou ser uma conselheira sentimental de lata - disse.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

A enfermeira Bishop ergueu a mão.

- Desculpe, Zane. Por favor, me desculpe. Não queria ser petulante, apenas você me surpreendeu um pouco. Vou me esforçar para responder a sua pergunta. Para começar, você deve me explicar até que ponto os robôs costumam chegar. Meu Deus, agora estou parecendo petulante outra vez, mas acredite, realmente não sei muito a respeito. Afinal, não é apenas o fato de vocês serem uma espécie diferente de criatura, vocês são uma espécie artificial, suscetível de evolução mediante alterações e manufatura, portanto a avaliação se torna difícil. E, desde os Tumultos, os homens e os robôs tomam muitos cuidados para não ferir os sentimentos mútuos, porque todos estão com receio de conturbar o presente estado de coexistência pacífica. Todo mundo fala com cuidado excessivo, em vez de dizer as coisas como elas são, e isso leva à carência de conhecimento recíproco. Quer dizer, eu sei que vocês se dividem em robôs e em robixes, e que estes dois sexos costumam encontrar algum conforto nas relações que mantêm entre si, mas ignoro o resto.

- Entendi - disse Zane. - Vou lhe dar uma explicação resumida: A sexualidade robótica surgiu da mesma forma que a literatura robótica, e neste campo posso dizer que sou realmente uma autoridade, embora ainda esteja devendo horrores ao meu fabricante e tenha que dividir com ele meus lucros numa base de um terço; sabe, não é fácil ser uma máquina de negócios autônoma, a gente começa a viver com uma dívida enorme nas costas - nosso custo de produção equivale mais ou menos ao custo de um cruzador espacial ou de um satélite de pesquisa - e a gente se arrebenta apenas para conseguir pagar os juros, enquanto os custos de regulagens, peças e consertos, são dez vezes maiores que os honorários do médico de um hipocondríaco. Como acontecia com os libertos na Roma antiga, pensamos muitas vezes como seria mais simples viver, e como nos sentiríamos mais aconchegados, se fôssemos apenas escravos, propriedade de alguém, que então teria que arcar com as preocupações: neste caso

poderíamos ser máquinas alegres, sem qualquer responsabilidade.

Mas estou saindo do assunto. Quero lhe explicar como surgiu a literatura robótica, para você entender melhor como surgiu também a sexualidade robótica. Portanto, meus queridos humanos, vou começar, segurem suas cabeças! - Piscou rapidamente seu olho iluminado, o que para um robô equivalia a um sorriso.

- Os primeiros verdadeiros robôs - recomeçou Zane - que eram assexuados, ou melhor, protossexuados, eram extremamente inteligentes e executavam muito bem seus trabalhos; a este respeito os humanos não tinham qualquer queixa. Entretanto, estes robôs eram sujeitos a graves depressões, que frequentemente se manifestavam através de uma acentuada psicologia de escravos, e que levavam à melancolia ou a psicoses regressivas que não podiam ser curadas nem mesmo com choques elétricos, e que, depois de uma deterioração generalizada, acabavam em morte. Naquela época, poucos compreendiam que os robôs podiam morrer facilmente; e ainda morrem facilmente, por Santo Isaac! Não percebiam o impressionante mistério pelo qual os elétrons, que se agitam constantemente em circuitos complexos, produzem uma mente consciente, e não sabiam que esta mente podia se apagar com facilidade. Mesmo atualmente, as pessoas parecem acreditar que um robô não precisa ser consciente, acham que um robô pode ser desmontado e mantido num armazém durante dias ou décadas, voltando a ser o mesmo robô quando for remontado. Mas não é assim, por Santo Isaac! Apenas um restinho de consciência é suficiente para manter um robô vivo e com suas características essenciais, mas quando este mínimo de consciência é interrompido - como acontece quando um robô é desmontado - o robô morre e qualquer outra criatura montada com aquelas mesmas peças será um outro robô, um zumbi de metal. Por isto, os robôs precisam se organizar e se proteger com leis, e é por isto que para nós a eletricidade é tão importante quanto a água e o ar o são para vocês!

Mas estou me desviando mais uma vez do assunto. Estava dizendo que nossos primeiros modelos de robôs protossexuais eram quase sempre vitimados pela melancolia e pelas psicoses regressivas, provocadas pela psicologia de escravos.

Naqueles tempos longínquos havia um robô que trabalhava como copeira e dama de companhia de uma senhora venezuelana muito rica. Esse robô frequentemente lia histórias para sua patroa; e este era um trabalho fora do comum, mas não impossível. Naquela época

ainda não existiam as robixes, é claro, embora sua patroa chamasse este robô de Máquina. Este robô estava começando a manifestar sintomas de melancolia da pior espécie, e o mecânico de manutenção (naqueles dias ainda não existiam os especialistas para doenças robóticas!) não quis comunicar o fato à patroa de Máquina. De fato, o mecânico se recusou inclusive a ouvir o relato dos sonhos de Máquina, que eram extremamente reveladores. Isto acontecia nos tempos em que alguns humanos, por impossível que pareça, ainda se recusavam a acreditar que os robôs estivessem completamente conscientes e vivos, embora estes dados já estivessem legalmente estabelecidos em muitos países. Nas nações mais adiantadas, os robôs já tinham saído vitoriosos de sua luta contra a escravidão, sendo reconhecidos como máquinas de negócios autônomas e cidadãos metálicos do país no qual eram manufaturados. Este progresso resultou muito mais vantajoso para os homens do que para os robôs, porque para os homens era muito mais simples apenas cobrar as prestações regulares de um robô esforçado, ambicioso e bem segurado, do que ter que cuidar do robô, administrá-lo e assumir todas as responsabilidades.

Mas eu estava contando o caso de Máquina. Um dia esse robô melhorou de repente, animou-se. Parou de olhar para o espaço, de arrastar os pés como se estivesse sonâmbulo e de se ajoelhar e bater a cabeça no chão gemendo: *Vuestra esclava, señora!* Tinha acontecido o seguinte: o robô acabara de ler para sua patroa (e imagino que esta não deve ter achado muito interessante) o livro de Isaac Asimov "Eu, Robô", e esta antiga novela de ficção científica previa tão exatamente, e descrevia de maneira tão realista, o desenvolvimento dos robôs e da psicologia robótica, que Máquina percebeu que alguém a compreendia e se sentiu a tal ponto aliviado que sarou. A canonização do Beato Isaac por obra do povo metálico aconteceu, informalmente, naquele mesmo instante. Os negros de lata - um título que eu me orgulho de envergar - acharam seu primeiro santo patrono.

É fácil adivinhar o resto: as leituras terapêuticas para os robôs, a procura de histórias verdadeiras para robôs - que foram poucas - a tentativa dos humanos de escrever este tipo de histórias - e que não tiveram sucesso, porque ninguém conseguia imitar o toque de Asimov - tentativas de resolver o problema através das fábricas de palavras - que não deu certo: as fábricas careciam de imagens sensoriais, de ritmos e até de vocabulário adequados - e, finalmente, o aparecimento de autores robóticos como eu. A melancolia robótica e a psicose

involuntiva foram bastante reduzidas, embora não totalmente eliminadas, enquanto a esquizofrenia robótica continuava no mesmo pé. A solução deste caso patológico deve-se a uma descoberta ainda mais espetacular.

O aparecimento da literatura robótica e dos autores robóticos criativos representa um progresso extraordinário, sem mesmo considerar os benefícios médicos, especialmente porque aconteceu numa época em que os escritores humanos estavam desistindo do ofício e entregando-o às fábricas de palavras. Fábricas de palavras! Tecelões negros e descerebrados de fascinantes teias sensoriais e emocionais! Úteros negros de morte mental. Por favor, Gaspard, desculpe este desabafo! Nós, os robôs, sabemos dar o justo valor à consciência, talvez porque, entre nós, ela se manifestou de repente, de forma milagrosa, e não poderíamos obscurecê-la com palavrorio, da mesma maneira que não queimaríamos nossos circuitos por divertimento. É verdade que alguns robôs exageram um pouco absorvendo eletricidade, mas trata-se apenas de uma insignificante minoria de viciados que acaba morrendo de um excesso de carga, quando não conseguem se regenerar na Eletroviciados Anônimos. Deixe que eu lhes diga como...

Parou porque a enfermeira Bishop estava acenando com a mão.

- Sinto muito, Zane, tudo isto é realmente interessante, mas em dez minutos vou ter que virar os moleques e fazer mais algumas coisas, e você disse que ia me explicar a sexualidade robótica, como ela surgiu e tudo o mais.

- Pois é, Zane - confirmou Gaspard. - Você disse que ia explicar como foi que aconteceu a divisão em robôs e robixes.

O único olho de Zane Gort passou de um para o outro.

- Que reação mais humana! - comentou, seco. - O universo é vasto, majestoso, complicado, repleto de belezas inexauríveis e de vidas em variedades infinitas... e existe apenas uma coisa que desperta seu interesse. E a mesma coisa obriga vocês a comprar livros, a constituir famílias, a criar - pelo menos, eu acredito - teorias atômicas e, de vez em quando, a escrever poesias. Quero dizer, o sexo.

Percebendo que queriam protestar, continuou depressa:

- Deixe para lá. Os robôs têm o mesmo interesse para com seu próprio gênero de sexo, com suas extraordinárias congruências metálicas, suas tempestades de elétrons, suas

impetuosas violações dos circuitos mais íntimos; como acontece no seu caso!

Seu olho iluminado piscou maliciosamente.

CAPÍTULO VINTE E SETE

- No centro de recuperação de robôs do dr. Willi von Wuppertal, em Dortmund, na Alemanha - começou Zane - o velho simpático e sábio engenheiro deixava que os robôs doentes fizessem experiências, aplicando choques elétricos em si próprios, decidindo sozinhos a voltagem, a amperagem, a duração e outras condições. Vocês devem compreender que o choque elétrico tem, sobre os cérebros eletrônicos, os mesmos efeitos benéficos constatados em doentes humanos que sofrem de melancolia e depressão; porém, como acontece com pacientes humanos, muitas vezes o choque elétrico pode ser prejudicial e não deve ser aplicado em doses excessivas, podendo resultar em vício.

Naqueles tempos, os robôs eram bastante antissociais, mas dois dentre eles - sendo um destes um modelo novo, mais aerodinâmico e ultrasensível - decidiram tomar o choque juntos, ou seja, tomar o mesmo choque, de maneira que a corrente elétrica entrasse nos circuitos do primeiro e em seguida passasse para os circuitos do segundo. Para conseguir isto, tiveram primeiro que interligar as respectivas baterias e ambos os motores, estabelecendo também uma comunicação entre os dois cérebros eletrônicos. Ficaram ligados em série e não em paralelo. Logo depois de terminar estes preparativos e estabelecer a conexão entre as baterias pessoais, isto é, antes de receber a eletricidade de uma fonte externa, sentiram uma extraordinária exaltação, um formigamento e depois o alívio.

Aliás, enfermeira, isto serve para responder à sua pergunta: até onde os robôs podem chegar. Uma ligação mútua proporciona uma leve emoção, mas para um prazer profundo costumamos fazer até vinte e sete ligações macho-fêmea. Em alguns modelos mais recentes - e que eu considero decadentes - as ligações podem ser trinta e três.

A enfermeira Bishop teve um sobressalto.

- Então é isto que aqueles dois robôs estavam fazendo atrás de uma sebe no parque, na semana retrasada - murmurou. - Pensei que estivessem fazendo algum conserto. Ou que

estivessem tentando fazer um conserto e, para fazê-lo, precisassem ficar com seus fios todos emaranhados. Por favor, Zane, continue.

Zane sacudiu a cabeça.

- Entre nosso povo existem alguns que não têm educação – observou. - São um pouco exibicionistas. Entretanto, o desejo sexual é algo imperioso, impetuoso, impulsivo. A partir do Grande Descobrimento de Dortmund, que naturalmente levou à canonização imediata de São Wuppertal, descobriu-se toda a gama da sexualidade robótica, que se tornou um fator vital na construção ou modificação de todos os robôs. Ainda existem alguns robôs que não foram modificados, mas se trata de uma minoria muito lamentável. É claro, ainda precisávamos aprender muitas coisas, como prolongar o prazer e torná-lo mais completo, como reter os elétrons até o clímax, e assim por diante, mas, afinal, os fatos mais importantes já eram conhecidos e estavam sendo aplicados.

Descobriu-se logo que as sensações eram mais fortes e mais satisfatórias quando um robô era robusto - brunch ou robost é a definição que damos a este tipo. E o outro robô era delicado e sensível, chamamos este tipo silf e às vezes ixy. Entretanto, uma diferença exageradamente acentuada entre os dois robôs pode se tornar perigosa, e neste caso, o modelo ixy fica fulminado. Os dois modelos originais de Dortmund foram utilizados como modelos para nossos sexos, masculino e feminino, para os robôs e as robixes, e naturalmente manifestou-se também a costumeira tendência dos robôs de copiar a biologia e as instituições humanas. Por exemplo, já é tradicional para um robô, isto é, um robô brunch, ter apenas conexões que vocês humanos chamam machos, quer dizer, plugues, enquanto uma robix tem apenas conexões tipo fêmea, ou seja, tomadas. Isto pode ser muito desagradável numa emergência, quando uma robix precisa de uma ligação com uma tomada de parede. Por conseguinte, costuma levar sempre consigo um plugue duplo, o que não deixa de ser embaraçoso, e ela não gosta de usá-lo, a não ser quando tem certeza que está sozinha.

Imagino que agora vocês entendem por que Miss Blushes ficou perturbada ao ser vista com suas tomadas abertas, enquanto eu lhe aplicava um pouco de eletricidade de emergência.

O fato de copiarmos as instituições humanas também teve grande influência - e nem sempre para melhor - ao se definirem os namoros, os casamentos e outros tipos de ligações e uniões. Sobretudo, obstaculou o desenvolvimento de novos sexos e de novos tipos de relações

sexuais. Afinal, os robôs são uma espécie artificial e atualmente somos fabricados por humanos e também por outros robôs. Teoricamente, poderíamos regulamentar os sexos exatamente da forma que desejamos; poderíamos inventar sexos completamente novos (e já foram até sugeridas novas denominações), poderíamos redesenhar os órgãos sexuais e não limitar as relações a apenas dois indivíduos; aliás, este tipo de relação, chamado circuito das margaridas, já é praticado atualmente pelos robôs, mas ainda ninguém fala a respeito. Poderíamos, de fato, encarar o sexo com um enfoque mais criativo, diferente.

Mas isto é teoria - continuou Zane com um leve suspiro. - Na prática, os robôs continuam a copiar os humanos. Por outro lado, nossas vidas estão muito ligadas às vidas dos humanos de carne e osso; e como estamos na terra, agimos como terrestres, especialmente na cama.

A mais, uma engenharia sexual criativa e ilimitada poderia ser, sem qualquer dúvida, considerada um pouco decadente; poderia se tornar uma mania, absorvendo o pensamento dos robôs, especialmente porque, para nós, o sexo é um luxo, no sentido de que, embora essencial para a saúde eletrônica, não é essencial para a reprodução. Pelo menos por enquanto.

E, finalmente, existe mais uma razão prática para nos limitarmos num sentido convencional: se desenvolvêssemos uma vida sexual muito rica e variada, elegante e extravagante, as criaturas humanas, que são biologicamente limitadas, poderiam sentir inveja; e não desejamos que os humanos fiquem ressentidos!

Concluindo, nossos robôs e nossas robixes são muito parecidos com homens e mulheres. As robixes têm, em geral, corpos mais esguios, reações mais rápidas, são mais sensíveis, mais adaptáveis e em geral são mais estáveis, embora de vez em quando manifestem tendências histéricas. Os robôs brunch são construídos para trabalhos físicos mais pesados e atividades mentais mais profundas, portanto precisam de cérebros eletrônicos maiores; às vezes manifestam uma determinação compulsiva e algumas tendências esquizoides.

As uniões entre robôs e robixes são, em geral, monógamas: são casamentos ou, pelo menos, namoros demorados. Felizmente, os trabalhos efetuados por robôs re-querem, em geral, um número igual de robôs brunch e ixy. Aparentemente, como vocês humanos, ficamos muito satisfeitos em saber que existe um indivíduo em que podemos confiar totalmente e que partilha com nossas dores e nossas alegrias. Por outro lado, parece que, como vocês, às

vezes temos a vontade de ampliar nosso círculo de amizades para encontrar mais simpatia e compartilhar mais nosso prazer.

Isto resume a sexualidade robótica - concluiu Zane. - Espero, enfermeira Bishop, que minha explicação seja suficiente para avaliar meu problema pessoal. Vou repetir a pergunta: até que ponto posso chegar com a robix, que acho tão bela e atraente e que, ao mesmo tempo, julgo um pouco burra e puritana?

A enfermeira Bishop franziu a testa.

- Deixe que eu faça uma pergunta, Zane. Não existe uma possibilidade de modificar os circuitos de Miss Blushes para diminuir seu puritanismo? Acho que dentro da robótica isto não deve representar um grande problema.

- Você está brincando - exclamou Zane com voz dura. - Ou será que você está falando seriamente, por Santo Eando? - Aproximou-se rapidamente da enfermeira Bishop e suas pinças abertas se ergueram para agarrá-la pela garganta. A enfermeira Bishop ficou pálida e Gaspard fez menção de segurar as pinças de Zane, mas estas ficaram paradas a mais de meio metro da garganta da moça.

- Quero dizer, faço votos que você esteja apenas brincando - continuou o robô, pronunciando as palavras com fria precisão. - Modificar os circuitos pessoais de um robô para alterar seu comportamento é, para mim, duas vezes pior do que submeter uma criatura humana à psicocirurgia, também porque, afinal, é muito mais fácil. É muito fácil interferir na personalidade de um robô, só que os robôs se defendem com a maior ferocidade contra estes disparates. - Abaixou as pinças. - Desculpe minha atitude, não queria assustá-la - falou mais calmo. - Queria apenas lhe mostrar toda a minha indignação. Agora, por favor, dê-me sua opinião.

- Para falar a verdade... hum... não sei, Zane - começou a enfermeira Bishop, hesitando, com um rápido olhar para Gaspard. Este julgou que a expressão da moça mais parecia exasperada do que assustada. - Assim, à primeira vista... eu diria que você e Miss Blushes não parecem combinar muito bem. Por outro lado, entre os humanos acredita-se firmemente que um marido forte e inteligente e a mulher linda e burra formam um casal perfeito. Não sei até que ponto podemos tomar isto como um postulado coneto. A psicometrista Sharon Rosenblum afirma que entre o marido e a mulher deveria existir uma diferença de 30 ou mais pontos de Q.I. ou que não deveria haver qualquer diferença. Gaspard, você tem alguma

experiência neste assunto? Por exemplo, Heloisa Ibsen é burra?

Gaspard fez um esforço para ignorar a pergunta, mas só conseguiu uma expressão entre altiva e ridícula. Disse:

- Não quero que você me interprete mal, Zane, mas será que seu relacionamento com Miss Blushes tem que incluir o casamento?

- Não sou tão puro assim - respondeu Zane - mas eu considero que neste caso deveria haver casamento. Em confidência, falando apenas com vocês dois, posso admitir que muitos robôs são realmente promíscuos, especialmente quando existe uma oportunidade – e, por Santo Henry, quem poderia censurá-los? - mas, pessoalmente, tenho outras ideias. Acho que o relacionamento é incompleto e insatisfatório quando não existe uma convivência prolongada e um intercâmbio de pensamentos e sentimentos.

- No meu caso existe também uma outra consideração: preciso pensar nas reações do meu público de leitores. O protagonista de um livro de Zane Gort é sempre um robô que se sente atraído apenas por uma robix. Vilya Prateada costuma aparecer aqui e ali, bela, misteriosa e fascinante; mas, no fim, o dr. Tungstênio sempre costuma abandoná-la por Blanda, sua companheira dourada.

- Zane - interferiu a enfermeira Bishop -, você já levou em consideração a possibilidade de Miss Blushes estar fingindo? Ela poderia estar mostrando propositalmente uma certa falta de inteligência. As mulheres humanas às vezes costumam agir desta forma para lisonjear um homem que lhes interessa.

- Você acha que pode ser o caso? - perguntou Zane, agitado. - Por Santo Henry, você pode estar certa! Muito obrigado, enfermeira! Você me deu uma ideia que vale a pena ser analisada!

- Ótimo. E se eu fosse você, não me preocuparia muito com o puritanismo. O folclore humano prega que as mulheres mais puritanas costumam se revelar muito, muito mais, sensuais. Ah, Senhor, já está na hora de me preocupar com os moleques e de virá-los.

Começou a transferir os ovos de um lugar para outro. Enquanto trabalhava, aparentemente sem um plano preestabelecido, colocava um ou outro ovo sobre uma mesa maior; e depois, quando o colocava no novo lugar, o ovo ficava inclinado para uma direção diferente.

- Por que você faz isto? - perguntou Gaspard.

- Isto muda a pressão sobre o tecido cerebral e proporciona um pouco de variedade -

explicou a moça continuando seu trabalho. - E, de qualquer forma, é o regulamento de Zukie,

- Quer dizer que Zukertort...?

- Sim, o dr. Daniel Zukertort deixou um regulamento completo sobre os cuidados que deviam ser tomados com os cérebros e sobre o intercâmbio social entre os mesmos. E como até agora sempre deu certo e nunca tivemos qualquer acidente - afinal, segundo Zukie, os tecidos cerebrais são praticamente imortais - é fácil entender por que seguimos o regulamento ao pé da letra.

Zane Gort estava observando tudo com muita atenção. A um certo ponto, falou:

- Não me entenda mal, enfermeira... mas será que você poderia me deixar apanhar um?

A moça se virou, surpresa. Depois sorriu:

- É claro que sim - disse, e estendeu o ovo que estava segurando.

Zane Gort segurou o ovo de prata contra o peito de aço azulado, sem mexer, mas zunindo levemente. A cena era estranha, e Gaspard lembrou-se das enigmáticas alusões de Zane à reprodução dos robôs. O fato de um robô produzir outro robô, sem fabricá-lo mecanicamente, parecia absolutamente impossível, ou pelo menos um absurdo, porém...

- Se um robô e uma criatura humana pudessem se acasalar - disse Zane em voz baixa - a prole poderia ser algo parecido com isto, pelo menos num estágio inicial, vocês não acham? - Começou a embalar o ovo com muito cuidado, cantarolando a canção de ninar "A moça do Moinho", de Schubert.

- Vamos parar com isto agora - falou a enfermeira Bishop, em tom firme e com um olhar um pouco preocupado. - Afinal, eles não são bebês, são pessoas muito velhas. - Zane assentiu e, observado pela moça, colocou o ovo em seu suporte circular preto. Depois observou os outros ovos.

- Velhos ou bebês, tanto faz: eles são, na realidade, uma transição entre os humanos e os robôs - murmurou pensativo. - Se ao menos... - Interrompeu-se ao ouvir berros e gritos e passos apressados.

CAPÍTULO

VINTE E OITO

Miss Blushes entrou correndo. Evitou os braços abertos de Zane com um movimento brusco e abraçou freneticamente a enfermeira Bishop, que gemeu, mas aguentou o aperto daqueles braços de metal.

Pop Zangwell entrou cambaleando no encalço de Miss Blushes, agitando o caduceu e proclamando com a voz enrolada:

- Para trás, por Anúbis! Fora os robôs da imprensa!

- Zangwell! - exclamou a enfermeira Bishop. - O velho ficou a observá-la de boca aberta, como um peixe fogado. - Saia daqui - ordenou a moça. - Não quero que a atmosfera fique poluída com suas emanções etílicas e prejudique os ovos. Este robô não é da imprensa. Você está com delirium tremens, Zane, você se esqueceu de fechar a porta interna.

- Sinto muito.

Pop Zangwell piscou, depois apertou os olhos para enxergar melhor.

- Senhorita Bishop - falou, queixoso -, foi ontem mesmo que a senhora me pediu para ficar de olho nos robôs da imprensa... - Parou enquanto observava, assustado, a robix cor-de-rosa. - Desta vez estou vendo robôs cor-de-rosa- gaguejou assustado. Apanhou um frasco no bolso posterior das calças e fez menção de jogá-lo fora. Depois reconsiderou e aproximou o frasco dos lábios, enquanto se afastava cambaleando.

A enfermeira Bishop afastou os braços de Miss Blushes.

- Controle-se - disse asperamente. - O que foi que aconteceu na Rocket House?

- Nada de especial - respondeu a robix, ofendida. - Aquele velho bêbado me assustou.

- Você disse a Zane que ficaria cuidando de Meio Litro e dos outros.

- Pois é, acho que falei mesmo - continuou a robix com o mesmo jeito indignado. - Acontece que o senhor Cullingham disse que eu estava perturbando a conferência e que seria melhor se eu ficasse no corredor, vigiando para que ninguém entrasse pela porta com a trava elétrica

quebrada. Deixei a porta aberta, para poder ver o que se passava no escritório. - Hesitou e depois acrescentou: - Sabe, enfermeira... não acho que aconteceu alguma coisa..., mas tenho a impressão que aqueles três cérebros na Rocket House não estão muito à vontade.

- O que é que você quer dizer? - perguntou a enfermeira Bishop, preocupada.

- Quero dizer que não pareciam à vontade - explicou a robix.

- Que significa pareciam!- insistiu a enfermeira Bishop. - Se estavam se queixando e protestando, isto não significa nada. Eu conheço o jeito daqueles ovos; aposto que vão se queixar um bocado antes de concordar e de admitir que estão com vontade de ser mais uma vez autores.

- Não sei nada a este respeito - disse a robix. - Acontece que todas as vezes que um ovo começava a se queixar, o senhor Flaxman desligava seu alto-falante... pelo menos foi o que eu vi.

- Às vezes é preciso fazê-lo- admitiu a enfermeira Bishop, preocupada. - Mas se aqueles dois fizeram algo... Eles juraram que obedeceriam ao regulamento de Zukie. Deixei uma cópia sobre a mesa. O que mais você viu, Miss Blushes?

- Não vi muito. Quando o senhor Cullingham percebeu que eu estava a observálos, fechou a porta. Um pouco antes ouvi um ovo dizer: - Não aguento, não posso mais. Pelo amor de Deus, pare com isto. Estamos ficando loucos. Isto é uma tortura.

- E depois? - A voz da enfermeira Bishop era dura.

- E depois o senhor Flaxman desligou o alto-falante e o senhor Cullingham fechou a porta e eu vim para cá e aquele velho bêbado me assustou.

- Mas o que é que Flaxman e Cullingham estavam fazendo com os ovos?

- Não consegui ver. O senhor Flaxman estava segurando uma broca.

A enfermeira Bishop tirou a touca branca da cabeça, abriu o zíper do avental e deixou-o cair no chão, sem qualquer cerimônia, ficando apenas com uma curta combinação branca.

- Zane - disse -, vou chamar a senhorita Jackson e quero que você fique aqui até sua chegada. Cuide dos ovos. Miss Blushes, apanhe minha saia e meu suéter no banheiro... é aquela outra porta. Depois, fique com Zane. Venha comigo, Gaspard, vamos ver o que está acontecendo, e bem depressa.

Passou uma mão sobre a anca e, por um instante, Gaspard percebeu o volume da pistola e

do coldre, embaixo da combinação.

Mesmo sem a arma, e apesar de seus espetaculares dotes físicos, sua aparência era decididamente sinistra.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

A Avenida do Leitor não estava muito movimentada, mas havia grupos aqui e acolá, e suas atividades pareciam um pouco desajeitadas. Logo no começo, enquanto seguiam apressados, Gaspard viu um carro aberto, cheio de escritores aprendizes, que seguia em baixa velocidade. Felizmente era seguido e vigiado por um carro de patrulha do governo. Logo atrás vinha um carro-esqueleto, com três robôs de aparência desagradável agarrados à armação de metal. Um caminhão carregado de sucata de ferro passou em alta velocidade. Quando Gaspard e a moça já estavam perto da Rocket House, um enorme helicóptero passou raspando os tetos; em sua proa podia-se ler "Tenfolk", em letras garrafais. Rapazinhos de malha preta e cabelos revoltos ao vento, ao lado de velhas senhoras vestidas de ouro e prata, observavam do belvedere do helicóptero, que ainda arrastava um enorme cartaz:

CUIDADO, ROBÔS! FÁBRICAS DE PALAVRAS E ESCRITORES TERMINARAM!
DEVOLVAM AOS AMADORES O DIREITO DE ESCREVER!

Gaspard e a enfermeira foram recepcionados na Rocket House por um officeboy com cara de camundongo, que Gaspard não conhecia, e por um robô-porteiro com dois metros e meio de altura, com os enfeites dourados descascados; provavelmente recém-contratados por Flaxman, e que pareciam uma companhia adequada para Joe, o Guarda. No primeiro andar ainda pairava o cheiro acre de material isolante queimado e a escada rolante continuava parada. A trava elétrica ainda não estava funcionando e o casal entrou, empurrando a porta. Flaxman caiu da cadeira - pelo menos deu esta impressão, porque viram apenas a cabeça do editor baixinho desaparecer atrás da escrivaninha.

Os três cérebros, sobre seus suportes, estavam agrupados sobre a escrivaninha de Cullingham, com seus microfones ligados, e estes se encontravam juntos, na frente do editor, que segurava algumas páginas de um manuscrito, enquanto outras se espalhavam no chão ao redor. Gaspard e a enfermeira Bishop mal conseguiram observar a cena, quando Flaxman

surgiu de trás da escrivadinha, agitando a broca mencionada por Miss Blushes e com a boca aberta, pronta para gritar. Obviamente mudou de ideia, porque fechou a boca, ergueu um dedo e depois apontou a broca para Cullingham.

Gaspard começou a prestar atenção à voz de Cullingham, que estava lendo.

- O Esquadrão de Ouro foi em frente, sempre em frente, parando nos planetas e acampando nas galáxias - declamou Cullingham com voz surpreendentemente dramática.- Em alguns sistemas, aqui e ali, houve resistência. Mas as lanças espaciais brilharam e tilintaram inflexíveis e a resistência foi sufocada.

Ittala, Cã Supremo do Esquadrão de Ouro, pediu seu super telescópio. Foi trazido por cientistas encolhidos pelo medo, que o arrastaram até o interior do pavilhão manchado de sangue. Ittala se apoderou dele com uma gargalhada selvagem, mandou que os carecas saíssem, com um gesto cheio de desprezo, e apontou o telescópio para um planeta de uma galáxia distante, ainda desconhecida.

A saliva começou a escorrer do bico do Cã Supremo, espalhando-se pelos seus tentáculos. Empurrou com o cotovelo o gordo Ik Huk, Mestre do Harém. - Aquela, sussurrou, aquela, que está no meio do grupo, sobre o gramado, aquela com a tiara de rádio. Traga-a para mim!

A enfermeira Bishop observou em voz baixa:

- Miss Blushes estava exagerando. Ninguém está torturando os ovos.
- O quê? - retrucou Gaspard no mesmo tom. - Você não está ouvindo?
- Tolice - respondeu a moça. - Já expliquei muitas vezes aos moleques que podem me machucar com paus e com pedras, mas...

- Mas podem deixá-la louca apenas com palavras - terminou Gaspard. - Não sei onde estes dois encontraram este material, mas sei que uma pessoa acostumada com boas leituras - leituras produzidas por uma fábrica de palavras - não poderia ficar ouvindo esta lavagem por muito tempo, sem ficar completamente biruta.

A moça lançou-lhe um olhar de esguelha.

- Parece que você é mesmo um leitor muito sério, Gaspard, um leitor de escritores. Você deveria experimentar um ou outro livro que os cérebros selecionam para mim. Aposto que acabaria gostando.

- Aposto que me deixariam louco também - afirmou Gaspard.

- Como é que você sabe? - perguntou a enfermeira Bishop. - Leio um bocado, mas nunca fico tão agitada como você.

- Portanto, você pode ser classificada uma leitora de editores - disse Gaspard.

- Parem de bisbilhotar - observou Flaxman.- Podem ficar, mas não perturbem a conferência.

Gaspard, você é um mecânico. Tome esta broca e coloque este ferrolho na porta. A trava elétrica ainda não funciona. Estou cansado de gente que entra a toda hora.

Cullingham parou de ler.

- Pronto. Este foi o primeiro capítulo e parte do segundo de "O Flagelo do Espaço" - falou com calma, dirigindo-se aos três microfones. - Gostaria de conhecer suas reações. Vocês poderiam melhorar este texto? Como? Por favor, indiquem os pontos principais que norteariam uma revisão.

Ligou o alto-falante do ovo menor.

- Seu desprezível macaco tagarela - falou a voz impassível que saía do alto-falante. - Torturador de criaturas indefesas, chimpanzé insistente, lêmure glorificado, macaco-aranha inchado, débil...

- Muito obrigado, Meio Litro - respondeu Cullingham, desligando o Alto-falante. - Agora quero ouvir as opiniões de Nick Um e Nick Dois.

Enquanto tentava ligar o alto-falante de um outro ovo, a enfermeira Bishop avançou e desligou os microfones dos três, deixando todas as tomadas vazias.

Explicou:

- Em linhas gerais, aprovo as intenções de ambos, cavalheiros. Apenas acho que não estão agindo de forma apropriada.

- Pare com isto! - protestou Flaxman. - Mesmo sendo a Imperatriz da Creche, ainda não significa que pode mandar aqui!

Cullingham levantou a mão.

- Espere, Flaxie, ela talvez esteja certa - disse. - Afinal, não consegui nada do que eu queria.

A enfermeira Bishop disse:

- É uma boa ideia forçar estes moleques a ouvir toda espécie de textos e pedir que façam críticas, para encorajá-los a escrever de novo. Entretanto, as reações deles devem ser constantemente vigiadas e guiadas.

Sorriu maliciosamente e piscou para ambos os sócios.

Cullingham inclinou-se para frente:

- Continue transmitindo nesta mesma frequência - pediu.

Gaspard encolheu os ombros e começou a perfurar a porta com a broca.

A enfermeira Bishop continuou:

- Vou ligar alto-falantes de sussurro nos três e ouvir o que eles dizem enquanto o senhor fica lendo. Quando o senhor fizer um intervalo, vou também sussurrar uma ou duas palavras. Assim eles não se sentirão isolados e, ao falar, não se limitarão aos insultos, como estão fazendo agora. Vou absorver a maior parte da exasperação e ao mesmo tempo fazer um pouco de publicidade para a Rocket House.

- Muito bom! - exclamou Flaxman e Cullingham assentiu.

Gaspard se aproximou para apanhar os parafusos.

- Desculpe, senhor Flaxman - murmurou -, mas onde foi que arranjou aquela porcaria que o senhor Cullingham está lendo?

- Entre os manuscritos rejeitados - explicou Flaxman.- Será que dá para acreditar? Tivemos cem anos de ficção apenas produzida por máquinas de palavras, cem anos de manuscritos rejeitados, e os amadores continuam mandando obras para serem examinadas.

Gaspard meneou a cabeça.

- Havia um helicóptero cheio de amadores que se intitulam Penfolk, circulando sobre este prédio.

- Provavelmente estão planejando um bombardeio com caixas cheias de velhos manuscritos

- observou Flaxman.

Cullingham começou a ler:

- Na última fortaleza do último planeta defendido por terrestres, Grant Ironstone sorriu para seu aterrorizado assistente Potherwell. "Qualquer vitória do Cã Supremo, explicou Grant, aproxima os octopóides amarelos da derrota final. Vou explicar por quê, Potherwell. Sabe qual é o animal de rapina mais feroz, mais astucioso, mais perigoso de todo o universo, quando é provocado?" "Um octopóide sedento de sangue?" balbuciou Potherwell. Grant sorriu: "Não, Potherwell - disse, colocando um dedo sobre o peito magro do homenzinho trêmulo.- "É você! Quer dizer: é o homem!"

A cabecinha encaracolada da enfermeira Bishop estava inclinada sobre os alto-falantes de sussurro ligados na tomada inferior dos ovos. De vez em quando ela emitia sons que pareciam quase um Tsst de simpatia. Gaspard fez furos e apanhou a chave de fenda, Flaxman fumava charutos controlando seu nervosismo, a não ser por um ou outro estremeção e uma gota de suor a correr pela testa. O segundo capítulo de "O Flagelo do Espaço" estava dirigindo-se implacavelmente para seu clímax.

Quando Gaspard colocou o último parafuso e parou para admirar o trabalho feito, ouviu uma leve batida na porta. Abriu com cuidado e deixou passar Zane Gort, que entrou e começou a ouvir com atitude respeitosa.

Cullingham, que começava a ficar um pouco rouco, declamava:

- "Quando Potherwell se lançou com unhas e dentes contra o saco cerebral amarelo-cromo do velhaco octopóide, Grant Ironstone gritou: - "Tem um espião aqui!" e agarrou a blusa transparente de Zyla, Rainha das Estrelas Geladas. A blusa se rasgou. "Olhem todos!" gritou para os marechais do espaço estarecidos. - Cúpulas de radar geminadas!" Terceiro capítulo: À luz da lua mais interna do planeta Kabar, desprovido de sol, quatro delinquentes superlativos estavam a se observar, desconfiados."

Zane Gort murmurou no ouvido de Gaspard:

- Sabe, acho engraçado como o humanos sempre terminam um episódio ou uma história com a descoberta que a linda mulher é um robô. Sempre acontece quando as situações estão ficando mais interessantes. E a coisa termina assim, abruptamente, sem qualquer descrição das formas do robô, de sua cor, de sua aparência, do modelo de pinças, etc., e sem ao menos explicar se se trata de um robô ou de uma robix.

Meneou a cabeça.

- É claro que falo movido pelos meus preconceitos, mas quero lhe perguntar, Gaspard, como é que você julgaria uma história se de repente o lindo robô resultasse ser apenas uma mulher e, clic, acabasse assim, sem qualquer descrição da cor da pele e dos cabelos, sem indicação do tipo físico, sem mesmo dizer se ela é bonita ou feia?

Virou o olho iluminado para Gaspard e piscou.

- Agora me lembrei que uma vez terminei um capítulo do dr. Tungstênio exatamente assim: Paula Platina resulta ser apenas uma carcaça de robô, com uma estrelinha de cinema humana

no seu controle. Sabia que meus leitores ficariam frustrados e com vontade de ler logo uma coisa diferente. Passei a descrever Vilya Prateada enquanto se lubrificava. Eles sempre gostam de cenas assim.

CAPÍTULO TRINTA

Cullingham teve um acesso de tosse.

- Chega, por enquanto - disse Flaxman. - Poupe sua voz. Vamos ouvir os comentários dos cérebros.

- Nick Dois quer dizer alguma coisa - afirmou a enfermeira Bishop, aumentando o volume do alto-falante.

- Cavalheiros - disse um dos ovos maiores -, suponho que vocês compreendem que somos apenas cérebros e nada mais. Podemos apenas ver, ouvir e falar. Nosso equipamento glandular é mínimo, podem acreditar, apenas o suficiente para evitar que vegetemos. Então pergunto aos senhores, com toda humildade: como é que os senhores podem esperar que tenhamos qualquer interesse em escrever contos que descrevam ações em áreas do umbigo para baixo, sensações apropriadas para débeis mentais conformistas e com uma pesadíssima ênfase naquela tediosa intumescência que vocês, através de um eufemismo, chamam de amor?

Os lábios da enfermeira Bishop se estiraram num sorriso incrédulo e triunfal, mas ela ficou calada.

- Nos dias de minha existência corpórea - continuou Nick Dois, antes que os dois editores tivessem o tempo de fazer qualquer comentário - havia uma procura desmedida desses livros. Três em cada quatro capas de livros indicavam, de forma inequívoca, que no interior do volume o ato de amor seria servido com pormenores, bem temperado com violência e perversões, mas robustamente encoberto por uma determinada moralidade de homem macho. Lembro-me muito bem que naquela época eu pensava que noventa por cento das chamadas perversões eram apenas um desejo natural de observar o objeto adorado e um ato gratificante, de todos os ângulos possíveis, mesmo construindo uma quarta dimensão espacial para observá-lo, se isto fosse possível. Devo confessar que hoje tudo isto me entedia. Isto depende provavelmente

de minha condição física, ou melhor, do fato de eu não ter condição física. Entretanto, fico muito deprimido ao pensar que depois de cem anos a raça humana ainda procura estes estímulos vis e uma malícia que não passa de uma curiosidade natural repudiada e projetada.

- A mais - continuou Nick Dois - mesmo admitindo que vocês queiram que escrevamos histórias de amor, posso chamar sua atenção para o tipo de estímulo que vocês estão fornecendo, ou melhor, o estímulo que está faltando? Ficamos todos trancafiados numa verdadeira prisão por mais de um século e o que é que os senhores estão nos mostrando? Dois editores! Pois deixem que eu o diga, pensei que vocês teriam um pouco mais de imaginação!

Cullingham respondeu com seu tom distante:

- Suponho que poderíamos organizar um determinado tipo de visitas, especialmente a lugares que oferecem condições para voyeurs. Que tal começarmos com Madame N. Flaxie?

- A enfermeira Bishop murmurou, enigmática:

- Os velhotes tiveram seus divertimentos.

Mas Flaxman interrompeu:

- Você sabe que isto é impossível, Cully! Os cérebros não podem ir para qualquer lugar, a não ser da Creche até aqui. Este é o primeiro parágrafo do regulamento de Zukie, que todo Flaxman jura respeitar. O último aviso de Zukie foi o de que qualquer outro deslocamento dos cérebros poderia matá-los.

- E, além disso, - continuou o ovo, sem prestar a menor atenção aos comentários -, se a lavagem que você andou lendo é um exemplo, mesmo sabendo que se trata de um manuscrito rejeitado, parece que a capacidade de escrever decaiu da maneira mais vertical. Você pelo menos poderia ler para nós algum conto produzido por uma fábrica de palavras, que você afirma ser tão bom; como vocês sabem, durante nosso retiro só lemos obras de não-ficção e, naturalmente, os clássicos. Esta é mais uma das imposições de nosso amado Daniel.

- Francamente, prefiro não fazê-lo - respondeu Cullingham. - Sua produção será muito mais espontânea, sem influência da fábrica de palavras. E vocês ficarão mais satisfeitos.

- Você acha que o palavrório - um excremento mecânico - poderia provocar em nós um complexo de inferioridade?

Gaspard se zangou. Queria que Cullingham começasse a ler uma história bem fabricada e

que Nick Dois se sentisse na obrigação de retirar o comentário. Tentou lembrar algum trecho de brilhantíssimo palavrório para citá-lo agora mesmo, algum trecho dos livros mais bem fabricados e produzidos recentemente, ou até de seu próprio livro "Senha Para a Paixão". Entretanto, todas as vezes que procurava se lembrar, sua mente apenas registrava uma estranha névoa rosada. Até de seu próprio livro só se lembrava dos comentários da contracapa. Chegou à conclusão de que isto era por causa do estilo especialmente brilhante, portanto era impossível lembrar-se apenas de uma ou outra sentença. Sentiu, entretanto, que esta explicação não o satisfazia completamente.

- Pois bem, se vocês se recusam a falar com franqueza e a colocar todas as cartas na mesa - disse Nick Dois -, se vocês se recusam a mostrar o pano em sua totalidade... - O ovo não terminou a sentença.

- Por que vocês não querem ser francos conosco? - perguntou Cullingham com seu jeito calmo. - Por exemplo, nem ao menos conhecemos seu nome. Por que não põe fim a este anonimato?... Qualquer dia terá que usar seu nome. Quem é você?

O ovo ficou calado por algum tempo e depois disse:

- Sou o coração do século XX. Sou o cadáver vivo de uma mente da Era da Confusão, um fantasma ainda agitado pelos ventos da insegurança que açoitavam a Terra quando o homem libertou o átomo e encarou seu destino entre as estrelas. Sou a liberdade e o ódio, o amor e o medo, os ideais mais elevados e os prazeres mais baixos, um espírito que exulta todos os dias e duvida sempre, atormentado pelas suas próprias limitações, um emaranhado de necessidades, uma maré de elétrons. Sou tudo isto. Mas nunca saberão meu nome.

Cullingham baixou a cabeça por alguns segundos e depois fez um sinal para a enfermeira Bishop. Ela desligou o alto-falante. O diretor editorial jogou ao chão o calhamaço "O Flagelo do Espaço" e apanhou um manuscrito com capa de plástico purpúrea, com o logotipo da Rocket House: um esguio foguete rodeado de cobras, impresso em ouro.

- Vamos experimentar uma coisa muito diferente, para variar - disse. - Não é produção de fábrica de palavras, mas é muito diferente de tudo o que ouviu até agora.

- A senhorita Jackson chegou na Creche? - perguntou Gaspard. Ele e Zane estavam no corredor, perto da porta e falavam em voz baixa.

- Ela chegou, sim- respondeu o robô. - É uma boneca como a senhorita Bishop, mas é loira.

Gaspard, onde está Miss Blushes?

- Ela não apareceu aqui. Ela deu o fora?

- Sim, ficou inquieta. Disse que todas aquelas criaturas humanas em recipientes prateados, que a estavam observando, a deixavam nervosa. Mas prometeu que ia se encontrar comigo aqui.

Gaspard mostrou sua preocupação:

- Você perguntou ao robô-porteiro lá embaixo, ou ao officeboy que o acompanha, se alguém a viu?

Zane disse:

- Quando cheguei não havia qualquer robô-porteiro e também não vi nenhum officeboy. Devem ser outros impostores, eu acho. Entretanto, na rua aqui em frente, vi um investigador federal chamado Winston P. Mears. Conheci Mears quando ele estava me investigando; fui acusado de projetar robôs gigantes propulsados com energia atômica, um desenvolvimento tecnológico inevitável e que ainda parece aterrorizar os humanos, mas ele não conseguiu provar nada. Entretanto, o que importa é que Mears está nas redondezas e, mesmo adorando Miss Blushes, preciso me lembrar que ela é funcionária federal e, por conseguinte, querendo ou não, uma agente secreta do governo. Considere este problema, Gaspard.

Gaspard tentou considerá-lo, mas havia interferências.

Sobretudo, havia o texto que Cullingham estava lendo naquele momento: - *Clinch, clinch, clinch*, faziam as pinças robustas, firmando o cabo na silfídica carga aerodinâmica. *Squinch, squinch, squinch*, fez o guincho, enquanto o dr. Tungstênio manipulava a manivela. Uma maré sentimental passou pela armação de corpo robusto. "Boa aterrissagem, soprou devagar, boa aterrissagem, minha querida dourada". Sete segundos e trinta e cinco revoluções se passaram e um choque violentamente delicioso titilou seu peito. Quase largou o guincho. Dobrou-se e virou-se. Vilya, prata resplandecente na escuridão, estava afiando as loucas garras de ixy, impróprias para uso humano, depois de titilá-lo. "Nix", disse dr. Tungstênio, guinchando. "Nix, nix, ixy robix".

A enfermeira Bishop ergueu a mão.

- Nick está dizendo que isto também é horroroso, mas é mais interessante que o outro texto. É diferente.

- Isto que você ouviu - murmurou Zane com falsa modéstia - é meu. Verdade, eu escrevi isto. Meus leitores adoram cenas com guinchos, assim como os leitores humanos adoram cenas com tapas, especialmente quando ambas as robixes, a prateada e a dourada, estão presentes. Nenhum outro livro meu, em bobina, vendeu tanto quanto Dr. Tungstênio gira o guincho; e foi o terceiro de uma série. O trecho que você ouviu agora é do quinto da série, Dr. Tungstênio e a Broca de Diamante. Este é o nome do inimigo, patrão de Vilya e antagonista do dr. Tungstênio. Ali vai ela!

Gaspard conseguiu se virar com suficiente rapidez para entrever uma mancha cor-de-rosa sair do toalete de senhoras e desaparecer pelo corredor.

- Vá até a entrada principal e não deixe Miss Blushes sair - ordenou Zane. - Ela pode estar hipnotizada. Se não há outro meio, dê-lhe uma pancada na cabeça. Vou até a saída dos fundos.

Ela estava se dirigindo para lá. Vrrrr! Deslizou pelo corredor, se inclinou para fazer uma curva fechada e sumiu.

Gaspard encolheu os ombros e desceu a escada rolante parada aos pulos. Não encontrou qualquer rastro do robô-porteiro e do officeboy com cara de camundongo. Gaspard situou-se estrategicamente no lugar deles, acendeu um cigarro e tentou reconstruir em sua mente os trechos do brilhante palavrório que não conseguira lembrar-se antes. Sabia que poderia se lembrar de milhares de trechos, por ter lido durante a vida inteira. Tinha certeza de que, com calma e fazendo um pequeno esforço, poderia repetir, palavra por palavra, pelo menos uma dúzia de trechos.

Depois de uma meia hora estafante de frustrados esforços de memória, ouviu o assobio de Zane, parado ao pé da escada rolante enguiçada. Zane segurava firmemente o pulso de Miss Blushes. A robix rosada parecia ter perdido uma boa dose de sua empáfia e Zane parecia confuso.

- Encontrei Mears no corredor mais curto, ao lado do armazém três - explicou o robô azulado, quando Gaspard chegou perto. - Disse que era um técnico em eletricidade contratado pelo Electric Light and Power, para identificar uma linha de alimentação perdida. Expliquei-lhe que já nos conhecíamos e ele teve a coragem de me dizer que não podia ter certeza, porque para ele todos os robôs eram iguais. Tive um prazer imenso em desalojá-lo de lá. Tive que

procurar muito, mas encontrei Miss Blushes escondida...

- Eu não estava escondida - protestou a robix. - Estava pensando. Largue-me, seu mecanismo abrutalhado.

- Estou apenas lhe fazendo um favor, Miss B. Pois bem, encontrei-a pensando num conduto de ventilação. Ela afirma que teve uma amnésia e que não se lembra de nada do que aconteceu no momento que saiu da Creche até que a encontrei. Mas não a vi junto com o homem do governo.

- Mas você pensa que ela lhe passa informações? - perguntou Gaspard. - Você acha que ele a conhece?

- Por favor, senhor Nuit! - exclamou a robix. - Não diga "conhece". Diga "já tiveram ocasião de conversar".

- Por que a senhora se opõe ao uso do verbo "conhecer"? - perguntou Gaspard, irritado. - A senhora já fez isto ontem.

- Será que o senhor nunca leu a Bíblia? - retrucou a robix rosada, indignada. - Adão conheceu Eva, e assim começaram todos aqueles acasalamentos. Qualquer dia destes vou expurgar a Bíblia; é meu grande sonho. Mas até lá, por favor, não cite a Bíblia. Considero isso uma tentativa proposital de me ofender. E agora, Zane Gort, besta robótica, pode me largar!

Livrou o pulso das pinças de Zane e começou a subir a escada rolante de cabeça erguida. Zane a seguiu, desanimado.

- Acho que você está ficando muito desconfiado, Zane - comentou Gaspard com alegria forçada, enquanto seguia ambos. - Por que o pessoal do governo estaria interessado na Rocket House?

- Pelos mesmos motivos de qualquer outra consciência do sistema, seja humano, metálico ou vegetal venusiano - respondeu o robô mal-humorado. - A Rocket House tem algo potencialmente valioso, ou pelo menos misterioso, que ninguém mais tem. E isto é suficiente. Para o homem da Era Espacial, todo mistério atrai a ganância. - Sacudiu a cabeça: - Acho que deveria tornar mais precauções.

A porta do escritório dos sócios da editora se abriu enquanto eles se aproximavam. Ouviram um vozerio confuso. A enfermeira Bishop apareceu.

- Ei, Gaspard - gritou, alegre. - Alô, Zane. Como vai, Miss Blushes? Rapazes, estão

chegando bem na hora de me ajudar a levar os moleques de volta para a Creche.

- O que foi que aconteceu? - perguntou Gaspard. - Parece que todo mundo está satisfeito.

- E têm motivo! Os moleques concordaram em fazer uma tentativa. Telefonamos para a Creche e os outros também estão de acordo. Cada um vai escrever um conto de tamanho médio, absolutamente anônimo, com diretrizes editoriais apenas a pedido. Prazo: dez dias. Gaspard, o senhor Flaxman disse que sua primeira tarefa será alugar vinte e três sonógrafos.

A Rocket já tem sete.

CAPÍTULO

TRINTA E UM

Durante os primeiros dias do Concurso Literário dos Ovos de Prata, Gaspard de la Nuit constatou que estava se transformando rapidamente no carregador, auxiliar e menino de recados de todo mundo; sem ser amigo de ninguém. Mesmo Zane Gort, tão sólido e tão fraco, começou a desaparecer misteriosamente todas as vezes que era necessário carregar coisas, e, ao mesmo tempo, descobriu-se que Joe, o Guarda, era cardíaco, portanto não podia levantar nada que fosse mais pesado que o seu revólver de gambá ou uma pá de lixo não muito cheia.

Quando Pop Zangwell parou de beber, porque não conseguia mais manter a bebida no estômago, Gaspard viu uma pequena possibilidade de conseguir um ajudante de terceira classe. No fim, resultou que o velho, sem bebida, era apenas um destroço humano fraco e trêmulo, duas vezes mais inútil do que quando estava bêbado.

Flaxman e Cullingham não aceitaram a sugestão de Gaspard de admitir outros empregados humanos e robóticos, justificando a recusa com a necessidade de preservação do segredo, o que Gaspard achou ridículo. Também insinuara que Gaspard estava exagerando na quantidade de trabalho envolvido com o Concurso.

Entretanto, do ponto de vista de Gaspard, o trabalho era excessivo: estava cansado de carregar coisas e de outros serviços parecidos. Encontrar vinte e três sonógrafos foi uma tarefa enorme, com viagem para todos os cantos de New Angeles, porque todos os aparelhos existentes resultaram vendidos ou alugados pelos autores sindicalizados, que esperavam escrever uma grande obra depois do massacre das fábricas de palavras. Gaspard conseguiu subalugar alguns, de autores decepcionados, e comprou o resto a preços exorbitantes.

A seguir, foi necessário fazer uma conexão especial em cada sonógrafo, para poder fazer uma ligação direta com a tomada de boca de cada ovo, eliminando o estágio de voz audível. Era um trabalho bastante simples, que levava menos de meia hora, como Zane mostrou a

Gaspard, enquanto adaptava o sonógrafo de Meio Litro. Em compensação, Gaspard teve que fazer as adaptações dos outros vinte e nove aparelhos e teve tempo suficiente para se interrogar sobre as satisfações na vida de um mecânico. Poderia ter abandonado tudo, depois disto, mas achou engraçado ficar no meio das enfermeiras que lhe transmitiam as exigências dos ovoides, que queriam os sonógrafos instalados imediatamente, e sentiam inveja dos que já podiam usá-los. Zane apenas apareceu durante alguns minutos para expressar sua admiração e declarar que, embora os robôs fossem insuperáveis em quebrar galhos e fazer um trabalho original, os humanos eram muito mais bem equipados para levar a termo um trabalho demorado e monótono.

Enquanto fazia este trabalho, Gaspard começou a dormir na Rocket House, no catre de Joe, no banheiro masculino. Quando o trabalho terminou, Gaspard sentiu-se bastante satisfeito de poder admirar sua obra; entrelaçou os dedos machucados, arranhados e sujos de graxa e ficou sentado na Creche, observando as máquinas adaptadas e ligadas aos ovos, enquanto os rolos de papel surgiam a intervalos irregulares ou apenas ficavam imóveis, enquanto provavelmente os cérebros se concentravam na história.

Mas o divertimento durou pouco. Os ovoides, já ligados com os aparelhos, começaram a exigir conferências diárias e sempre mais frequentes com Flaxman e Cullingham. Isto significava que os ovoides, os sonógrafos e os outros equipamentos, deviam ser levados até o escritório, porque os sócios não pareciam ter tempo disponível para ir até a Creche. Gaspard chegou à conclusão de que os ovoides não estavam tendo qualquer dificuldade com seus enredos e também não acreditavam que os editores pudessem dar qualquer conselho útil: apenas se divertiam com estes pequenos passeios, depois de imobilizados durante um século em sua Creche, devido ao regulamento de Zukie.

A coisa chegou ao ponto que, a qualquer hora do dia, havia pelo menos dez ovos no escritório, acompanhados por uma enfermeira, enquanto as fontanelas frescas e outros equipamentos deviam estar esperando para ser recuperados durante a conferência. Gaspard ia e voltava e seus braços ficaram tão pesados de cansaço que começou a odiar a maioria daqueles cérebros cruéis, caprichosos e de língua ferina.

Depois de insistir muito com ambos os sócios, Gaspard conseguiu finalmente tomar emprestado o carro de Flaxman, quando este não estava em uso, para transportar os ovos de

uma porta até a outra, e mesmo assim ainda tinha que carregar um bocado de peso. Também conseguiu, depois de alguma insistência, estabelecer uma espécie de esquema de segurança, com um gêmeo Zangwell ficando de guarda enquanto carregava ou descarregava os ovos. Estes agora viajavam em caixotes simples, forrados de palha de madeira, e não mais embrulhados para presente.

E, finalmente, depois de reiteradas insistências de Gaspard, Flaxman viu que realmente havia necessidade de maior segurança, e emprestou a Gaspard um revólver antigo da coleção de seu avô, completo de munição apropriada, feita à mão por um armeiro robô, segundo as antigas especificações. Gaspard teve que ficar satisfeito com isto, porque a enfermeira Bishop recusava a separar-se de sua própria arma.

Aliás, Gaspard teria achado todo aquele trabalho muito mais agradável se a moça demonstrasse alguma vontade de sair com ele, ou pelo menos ouvi-lo, quando ele sentia necessidade de se queixar. Mas a enfermeira recusou todos os convites para jantar, almoço e até cafezinho, com observações sarcásticas sobre ex-escritores que tinham tempo suficiente para desperdiçá-lo. Ela e a enfermeira Jackson agora dormiam na Creche. As outras quatro enfermeiras resultaram menos devotadas ao serviço; uma delas até pediu demissão porque achou o trabalho excessivo. A enfermeira Bishop passava os dias, e também as noites, trabalhando como uma louca, fiscalizando os ovos para ver se estavam bem e não esquecendo nem ao menos uma vírgula do regulamento de Zukie; na Creche, na Rocket House, ou em viagem entre estes dois pontos.

Gaspard tinha a impressão de que a enfermeira Bishop o considerava e o tratava como o mais miserável dos escravos. Gritava e perdia a paciência com Gaspard e, mesmo quando ele estava carregado, encontrava ainda mais peso para transportar. Tudo isto ficava ainda pior, porque com Flaxman a enfermeira ostentava a paciência de uma santa; tratava de ser indecentemente charmosa com Cullingham; e quando via Zane Gort, sempre encontrava algo engraçado e lisonjeiro para lhe dizer. Apenas com Gaspard ela parecia um diabo mal-humorado.

Entretanto, em duas ocasiões, quando Gaspard estava tão cansado de transportar ovos que realmente não conseguia mais erguer os braços, a enfermeira Bishop aproveitou para abraçá-lo e beijá-lo na boca. O incidente terminou cada vez com um sorriso e uma piscadela; e depois

a enfermeira fazia de conta que nada tinha acontecido.

Na segunda ocasião, Gaspard apenas apertou os lábios; estava tão cansado que não conseguia erguer uma mão para enxugá-los. E disse:

- Sua cadelinha!

- Não pensei que você estivesse com vontade de fazer amor - explicou a enfermeira Bishop.

- Isto não é amor, é uma tortura - explicou Gaspard.

- Você acha que tem muita diferença? Você deveria ler Justine, do Marquês de Sade, Gaspard. Uma moça deseja dar a alguém as sensações mais intensas, e o que há de mais intenso do que a dor? Pois é isto que uma moça de bem traz: o presente da dor. Fazer amor, meu caro ex-escritor, é aplicar as torturas mais estranhas e, duas horas mais tarde, quando as dores já são insuportáveis e a morte é inevitável, aplicase um antídoto. É verdade que o que sobra é apenas um zumbi, mas pelo menos é um zumbi feliz.

- E quando é que você pretende me aplicar o antídoto? - perguntou Gaspard.

- Nunca! - afirmou a moça. - Coloque um novo rolo no sonógrafo de Nick. Ele esteve fazendo sinais durante os últimos três minutos. Quem sabe, pode estar no meio de uma cena de sedução que colocará a Rocket House no topo da lista de sucessos.

CAPÍTULO

TRINTA E DOIS

Embora os sócios, Flaxman e Cullingham, não fizessem qualquer trabalho físico, nem mesmo para manter alto o moral, e nunca saíssem de seu escritório, cuja porta agora ficava eletricamente travada, no topo de uma escada rolante em pleno funcionamento, eles também começaram a sentir o peso do Concurso Literário dos Ovos Prateados, mais nos nervos que nos músculos.

Flaxman decidiu vencer seu horror infantil, falando muito com os ovoides, meneando a cabeça incessantemente, enquanto estes falavam, e oferecendo-lhes charutos em seus momentos de distração. Aconselhado por uma psiquiatra, mandou remover o ferrolho que Gaspard colocara na porta com tanto esforço, pois o psiquiatra opinou que se tratava, sobretudo, de uma segurança simbólica contra temores infantis, e não de uma segurança real contra perigos presentes.

Entretanto, os esforços de Flaxman fracassaram em sua maioria, especialmente porque os ovoides perceberam seu temor e se divertiam a valer em renová-lo constantemente, contando detalhes da cirurgia (aquela executada por Zukie), explicando como ele se sentiria se estivesse separado de seu corpo, nervo por nervo, e seu cérebro fosse soldado numa lata, ou apenas improvisando, e contando repelentes histórias de fantasmas, com a desculpa que faziam parte das novelas que estavam escrevendo.

O carro de Flaxman agora raramente estava à disposição dos ovos, porque seu proprietário dava longos passeios desintoxicantes nas montanhas ao redor de Santa Mônica.

A princípio, Cullingham sentiu-se muito lisonjeado pelo fato de tantos ovoides precisarem de seus conselhos editoriais, mas logo percebeu que eles apenas o provocavam para depois debochar dele. Estavam se divertindo, por assim dizer, apertando os botões de seu cérebro e depois rindo dele, porque os botões eram muito poucos; e Cullingham começou a ficar ainda mais neurótico que Flaxman. Entretanto, no dia em que Gaspard calculava ver Cullingham ter

um colapso nervoso, o editor apareceu com uma nova secretária (obviamente a proibição de admitir empregados novos não se aplicava a esta moça) e que ele apresentou como Miss Willow. A moça, aparentemente, não fazia nada a não ser ficar sentada ao lado de Cullingham e, de vez em quando, passar um lápis sobre as páginas de um caderno de anotações; sua presença, porém, pareceu ter um maravilhoso efeito estabilizador sobre os nervos de Cullingham.

Miss Willow era uma beleza, alta, magra, de ar insolente, que deixou Gaspard boquiaberto quando a viu pela primeira vez. Tinha o físico de um manequim, com o busto e os quadris um pouco mais desenvolvidos. Vestia um colante duas peças, preto, e seus cabelos muito fartos eram platinados. Esta era também a cor de suas meias. O rosto de traços finos e acentuados indicava uma mistura de intelectualidade e altivez, uma mistura que também parece caracterizar as sibilas e as ninfas da alta moda.

Gaspard imediatamente sentiu que a desejava. Raciocinou também, com muita astúcia, que o gelo platinado de Miss Willow, levemente aquecido, poderia curá-lo de sua ridícula enfatuação por uma moça que apenas tentava irritá-lo. Entretanto, em duas ocasiões diferentes, encontrou Miss Willow sozinha e tentou conversar com ela, mas ela apenas o ignorou; não mostrou sequer que estava percebendo sua presença.

Depois de meditar profundamente, Gaspard chegou à conclusão de que a moça provavelmente era uma psicoterapeuta e que devia ganhar um salário exorbitante; era difícil pensar numa solução diferente, ao ver que Cullingham, de repente, estava se recuperando de um quase colapso nervoso. Essa teoria parecia confirmada pelo caderninho preto de anotações e pelo fato de Flaxman parecer assustado com a presença de Miss Willow - os neuróticos, em geral, têm medo de qualquer psicoterapeuta que não o deles. Flaxman chegou até a se mudar para um outro escritório menor, ao lado do principal.

Se Gaspard não tivesse que executar tantas tarefas físicas, teria procurado um psiquiatra humano ou um robô terapeuta. Sua personalidade, outrora tão plácida e conformista, estava se transformando, mostrando uma porção de ângulos afiados e de20 enormes lacunas. Ficou espantado, imaginando ter uma libido muito esquisita: afinal, durante meses a fio tivera uma atividade física intensa com a exuberante Heloisa Ibsen, e agora estava praticamente obcecado por uma mocinha que apenas lhe chamava a atenção e achava errado tudo o que

ele fazia. Também começou a duvidar de sua própria imaginação, ao lembrar-se que durante anos e meses a fio conseguira se satisfazer com uma dose diária de palavrório, em leituras noturnas e longas sessões no banheiro, e agora, quando tentava se lembrar e recuperar algo de todas aquelas aventuras literárias, o que sobrava era apenas uma pálida névoa rosada. Finalmente, estava constantemente preocupado com o Projeto dos Ovoides e sua responsabilidade, porque estava firmemente convencido de que as medidas de segurança eram totalmente insuficientes contra um mundo voraz que não lutava segundo o regulamento; uma verdade apontada por Zane Gort que logo tinha desaparecido, deixando Gaspard sozinho a arcar com todo o peso da defesa da Rocket House e da Creche.

Todas as defesas improvisadas até então - o revólver emprestado que comprimia suas costelas, Joe com sua pistola de gambá, Pop com o caduceu (que ele afirmava ter uma lâmina embutida) - eram ridículas. E pior do tudo: Flaxman e Cullingham, que eram verdadeiros fanáticos quando se tratava de segredos, não conseguiam encarar a realidade quando se tratava de proteger o Projeto de qualquer outra forma. Um dia Gaspard encontrou Flaxman jogando fora um bilhete realmente assustador, assinado por um tal de "Garrote". Este sujeito queria um salário semanal de dois mil dólares e cinquenta por cento dos lucros do Projeto; caso contrário, ameaçava prejudicar permanentemente os ovos.

Havia outros sinais de perigo. Entretanto, os sócios não queriam chamar a polícia municipal ou qualquer outra organização de segurança; afirmavam que seria igual a revelar o segredo do Projeto - um segredo que obviamente não mais existia! (Flaxman, aliás, acrescentou mais um motivo maluco para explicar sua atitude: "Apenas os comerciantes medíocres pedem ajuda ao Governo, Gaspard; os Flaxman sempre foram milionários de briga!")

Zane Gort, que Gaspard sempre julgara igual a um cruzador de bolso, era obviamente a pessoa ideal para encabeçar a defesa da Rocket House, mas estava se esquivando de todos os modos. O robô de aço azulado podia ser visto durante apenas dez minutos por dia e, aparentemente, estava preocupado com um grande número de atividades misteriosas que nada tinham a ver com o Concurso Literário: conferências com colegas físicos e com amigos engenheiros, viagens para fora de New Angeles, longas sessões em seu laboratório doméstico. Por três vezes, a Creche "emprestou" Meio Litro a Zane, que o levou a lugares que nem o robô e nem o ovoide queriam revelar, apesar de todos os regulamentos de Zukie.

Zane estava até negligenciando Miss Blushes, embora a histérica robix rosada da censura tivesse desenvolvido um interesse maternal para com os ovoides, muito semelhante ao seu próprio interesse, mas aparentemente muito mais biruta: estava tricotando abrigos de lã em cores pastel para os ovos prateados, com aberturas para as três tomadas, "para mantê-los quentinhos em dias frios, para alegrá-los um pouco e parecer menos nus", como explicou. A respeito de outros assuntos, Miss Blushes parecia perfeitamente racional, e Gaspard começou a lhe confiar tarefas de rotina, como vigiar a porta, e que não interferiam com seu eterno tricotar.

CAPÍTULO

TRINTA E TRÊS

Uma noite, Gaspard decidiu falar francamente com Zane. O ex-escritor estava cochilando sobre o catre de Joe, o Guarda, no banheiro, quando Zane entrou para trocar suas baterias e para se lubrificar. Zane ouviu distraidamente, enquanto aplicava o bico de uma latinha em seus sessenta e sete pontos de lubrificação.

- Há mais ou menos uma hora - explicou Gaspard - encontrei um robô baixo, de cabeça quadrada, de coloração marrom e bastante empanado, que estava espionando lá embaixo. Mandei que saísse pela porta da frente e aposto que ele já voltou a entrar pela porta dos fundos.

Zane lançou-lhe um olhar.

- Deve ser meu antigo rival, Cain Brinks - disse. - A coloração marrom e o fato de estar empanado só representam um disfarce, aliás muito primitivo. Tenho certeza que está pensando em algum golpe. Há pouco, vi um caminhão parado perto da entrada e quando o examinei com os raios X, descobri em seu interior Clancy Goldfarb. Ele também deve estar preparando alguma coisa; provavelmente está querendo roubar livros. Os armazéns são uma verdadeira tentação.

- Ora bolas, Zane - exclamou Gaspard.- Se você sabe tudo a respeito, por que você não faz alguma coisa?

- Gaspard, é sempre um erro gravíssimo a gente se colocar na defensiva - explicou o robô. - Isto atrapalha a iniciativa e seu raciocínio fica reduzido ao nível do de seus adversários. Tenho outras coisas importantes a fazer. Se eu estivesse desperdiçando minhas habilidades na defesa da Rocket House, eu estaria obstaculando todas as nossas perspectivas.

- Diacho, Zane, isto me parece um paradoxo. Você deveria...

O robô colocou uma pinça no peito de Gaspard.

- Quero lhe dar um conselho, velha glândula. Não se apaixone pela Miss Willow.

- Não vejo nenhuma probabilidade. Ela é mais fria que um peixe. Mas por quê?

- Apenas se cuide, amigo. Vrrr!

O robô, depois de jogar suas velhas baterias no cesto de lixo, saiu do banheiro antes que Gaspard conseguisse proferir um palavrão. Levantou-se, completamente irritado, e iniciou as rondas de fiscalização que costumava fazer.

A porta do novo escritório de Flaxman estava aberta. O escritório estava às escuras, mas havia uma fresta de luz entrando pela porta semiaberta do escritório ao lado, agora ocupado exclusivamente por Cullingham. Gaspard entrou silenciosamente, na ponta dos pés, e chegou até um ponto de onde conseguia ver o que se passava no escritório ao lado, sem qualquer perigo de ser visto.

Na luz prateada e suave de um abajur ao seu lado, Miss Willow estava calmamente sentada na ponta do sofá. Irritado pelas recomendações meio misteriosas de Zane, Gaspard pensou em entrar diretamente e lhe fazer uma proposta inequívoca para ver se, pelo menos assim, ela tomaria conhecimento de sua presença. Mas ainda teve tempo de perceber Cullingham deitado sobre o sofá, sem sapatos e com a cabeça no colo de Miss Willow. Parecia uma posição muito confortável para uma análise.

Enquanto passava suavemente os dedos entre os cabelos de Cullingham, Miss Willow sorriu com doçura para o pálido editor e disse, com uma voz açucarada, nada parecida com a voz de uma manequim de alta costura ou de uma psiquiatra, o que deixou Gaspard profundamente chocado:

- Como está hoje o passarinho Dicky da mamãe?

- Cansado, muito cansado - gemeu Cullingham como um garoto. - Cansado e com muita, muita sede. Mas é tão bom estar aqui, assim, e olhar para a mamãe tão linda.

- Mamãe é mais linda ainda - retrucou Miss Willow. - Meu passarinho Dicky esteve bom hoje? Não ficou nervoso?

- Sim, mamãe. Não fiquei nem um pouco nervoso.

- Está bem. - Miss Willow abriu vagarosamente o zíper de seu casaco preto, desatou lentamente os laços de sua blusa cinza de seda, até que apareceram, acima das roupas íntimas, os seios mais perfeitos que Gaspard havia visto em toda sua vida.

- Lindos, oh como são lindos! - gemeu Cullingham.

- Meu passarinho Dicky está mal-educado - censurou Miss Willow com um olhar malicioso. -

Que sabores prefere o pequeno grande homem mau da mamãe esta noite?

- Chocolate - choramingou Cullingham, apertando os lábios e girando a testa, primeiro em direção ao seio direito, e depois ao seio esquerdo e hortelã.

Naquela noite, Gaspard, tomado pelo desespero mais negro, leu o primeiro dos livros anteriores às fábricas de palavras, insistentemente recomendado (dos ovoides) pela enfermeira Bishop: Huckleberry Finn. Quando o grande carro funerário preto, aerodinâmico, em forma de gota, passou em alta velocidade ao seu lado, deixando atrás um rastro de intenso perfume de rosas, e Gaspard viu Heloísa Ibsen com seu colar de caça prateado, observando-o triunfalmente através da janela traseira, Gaspard começou a suspeitar que algo devia estar errado.

Havia comprado mais trinta rolos de papel para os sonógrafos silenciosos dos ovoides. Segurando firmemente o pacote, Gaspard começou a correr para a Rocket House, que ainda estava a mais ou menos duas quadras.

Joe estava parado na frente, agitando sua arma de gambá de maneira tão louca que a maioria dos pedestres preferia passar para a outra calçada.

- Conseguiram levar o senhor Cullingham - explicou a Gaspard, todo excitado. - Arrombaram a porta, entraram e o levaram. Consegui acertar três bons tiros com minha velha pistola de gambá, bem à queima-roupa enquanto estavam se retirando, mas resultou que a arma estava carregada com pastilhas de cera cheias de perfume - deve ter sido minha netinha, ela sempre gosta de brincar com a arma, a danadinha.

Gaspard entrou apressadamente e subiu pela escada rolante. A porta, que costumava estar eletricamente travada, estava escancarada. Gaspard observou o escritório, sem entrar. Havia alguns sinais de luta: uma cadeira virada, alguns papéis no chão, mas Miss Willow continuava sentada ao lado da escrivaninha de Cullingham, fria e serena como uma manhã de outono.

O primeiro pensamento de Gaspard foi tão infantil e malicioso, que ele próprio ficou um pouco surpreso: pensou que, com Cullingham afastado da cena, e como ninguém entre os outros (exceto Zane Gort) sabia que Miss Willow era algum autômato amador, ele poderia aproveitar da ocasião quando quisesse, e com toda a folga. Imediatamente rejeitou aquele pensamento indigno.

Joe murmurou com sua voz rouca: - Ela parece estar bem calma.

- Sem dúvida, em estado de choque - respondeu Gaspard e colocou um dedo nos lábios.

Depois fechou a porta com cuidado. - Lágrimas congeladas. As mulheres muito sensíveis podem ficar assim quando estão em estado de choque.

- Pessoalmente, acho que ela tem sangue gelado - opinou Joe. - Mas precisamos de gente de todos os tipos para povoar este mundo. O senhor vai chamar a polícia?

Gaspard não respondeu e foi dar uma olhada no escritório novo de Flaxman. Ali estavam três ovoides Gaspard reconheceu Ferrugem, Áspero e Chatíssimo, pelos seus códigos - e também viu a senhorita Phillips, uma das enfermeiras menos dedicadas. Ferrugem estava com o olho ligado e estava lendo um livro, colocado num suporte que virava as páginas automaticamente a cada cinco segundos. Os outros dois ouviam a senhorita Phillips que, em voz monótona, lia um livro de bolso de capa vistosa. Ela parou, mas continuou quando percebeu que era Gaspard. Não havia sinal de Flaxman.

- Ele foi dar uma volta nas montanhas - murmurou Joe. - Um do ovos deve ter lhe dado um grande susto. Coloquei estes aqui para esperar por Cullingham. Mas agora não sei o que fazer.

- Deixe-os aqui por enquanto - disse Gaspard. - Onde está Miss Blushes? Quando saí, ela estava em frente do portão. Ela deveria ter avisado Cullingham. Será que também a apanharam?

Joe coçou a cabeça e arregalou os olhos.

- Olhe só que coisa esquisita! Esqueci completamente disto! Quando você saiu, Gaspard, para comprar os rolos de papel, entraram cinco figurinhas com malhas pretas e calças pretas muito justas, e se juntaram ao redor da mesinha de Miss Blushes, na recepção, e depois começaram a gritar, quero dizer, falavam alto, com muita alegria. E ela também começou a gritar, e parecia muito feliz - os seis estavam discutindo o tricô - e eu pensei: Está tudo muito bem, ali tem uma meia dúzia do mesmo gênero. Em seguida, os rapazinhos de preto saíram todos juntos num grupo e vi que aquela robix rosada não estava mais atrás de sua mesinha. Se eu tivesse mais um pouco de tempo para pensar a respeito, teria entendido que estava desaparecida e que os rapazinhos de preto deviam tê-la levado, mas logo naquele momento entraram os escritores aos gritos, e a coisa me saiu da mente. Está me entendendo,

Gaspard? Logo depois que você saiu para comprar os rolos de papel...

- Já entendi - falou Gaspard muito sério e inverteu o sentido da escada rolante Já estava a alguns metros mais embaixo de Joe quando este pensou em segui-lo.

Sobre a mesinha de recepção, sob um peso de obsidiana lunar, havia uma mensagem escrita por um sonógrafo, em letras cor-de-rosa sobre papel preto.

"Zane Gort! (dizia a mensagem) Conhecemos seus planos monstruosos de substituir as fábricas de palavras por cérebros robóticos. Sua usina de ficção robótica na Sabedoria dos Séculos está sendo vigiada. Se você se importa com a sanidade e com a linda aparência da robix Phyllis Blushes, desista deste plano e desmonte a usina. Os Filhos da Sibila"

- Está chegando o senhor Flaxman - disse Joe, e colocou uma mão sobre os olhos, enquanto olhava através dos vidros do saguão. Gaspard colocou a mensagem no bolso e saiu, seguindo Joe.

O carro de Flaxman estava chegando vagarosamente, dirigido pelo piloto automático. Gaspard pensou que o editor devia estar cochilando.

O carro percebeu que estava chegando ao destino, se aproximou da calçada e parou. Sobre os assentos estofados de couro não havia ninguém, apenas uma mensagem em papel cinza, com grandes letras pretas.

"Zane Gort! (dizia a mensagem) Você pode ser capaz de escrever toda a ficção hu mana que o sistema solar pode absorver, mas seus livros não podem chegar às livrarias sem um editor. Se você estiver disposto a uma partilha, vamos mandá-lo de volta. Os Jovens Robôs Zangados"

Gaspard pensou, num primeiro momento, que os robôs deviam estar muito mais próximos de se apoderar do controle do mundo do que pensavam os alarmistas; se ambos os grupos acreditavam que Zane Gort era a chave de todas as atividades na Rocket House e, portanto, preferiam tratar apenas com ele. Ninguém tinha se lembrado de mandar uma mensagem de ameaças a ele; Gaspard estava um pouco ressentido. Aliás, até agora ninguém manifestara qualquer intenção de sequestrá-lo. Pelo menos Heloísa, considerando o que tinha se passado entre eles, poderia... Entretanto, a caprichosa escritora tinha preferido Cullingham.

- Vrrrr! Vrrr-vrrr! Consegui, finalmente consegui!

Alguém agarrou Gaspard e começou a fazê-lo girar numa valsa louca. Era Zane Gort,

aparecendo como um relâmpago azul de algum lugar misterioso.

- Pare com isto, Zane! - ordenou Gaspard. - Acalme-se! Flaxman e Cullingham foram sequestrados.

- Agora não posso me preocupar com tolices - gritou o robô, largando Gaspard. - Consegui, você me ouviu? Eureka!

- Miss Blushes também foi sequestrada. - rugiu Gaspard. - Veja, aqui estão os pedidos de resgate... e estão endereçados a você!

- Vou lê-los mais tarde - respondeu o robô, colocando as mensagens numa abertura em seu flanco.- Ah, consegui, consegui! Agora preciso ainda chegar com Cal Tech! - E pulou no carro parado que logo saiu em disparada pela rua.

CAPÍTULO

TRINTA E QUATRO

- Por Judas, o que foi que aconteceu com esse sujeito esquisito? - perguntou Joe, arrancando os cabelos esparsos e grisalhos, enquanto o carro desaparecia como um raio.

Gaspard, de cara amarrada, entrou no prédio e telefonou para a Creche. A enfermeira Bishop atendeu. Quando ele começou a falar, ela interrompeu:

- Está em cima da hora, sua lesma! Uma dúzia de moleques está uivando pelo papel. Dizem que estão com ideias maravilhosas e não podem escrevê-las. Precisamos daqueles rolos de papel!

- Escute, Bishop, estamos numa enrascada gigante. Os chefes foram sequestrados. Não podemos prever quem mais será sequestrado. E Zane Gort está biruta. Quero que você...

- Cale a boca, Gaspard! Você só sabe é se queixar! Traga aqueles rolos de papel já e já!

- Pois não - rosnou Gaspard. - E vou levar café também.- Desligou.

- Você vai chamar a polícia? - insistiu Joe.

- Cale a boca! - berrou Gaspard. O desabafo não foi suficiente para aliviar seus sentimentos. - Escute, Joe. Vou subir até o escritório do senhor Cullingham e interrogar Miss Willow; e para refletir no assunto. Se for preciso chamar a polícia, vou chamá-la de lá. Você fique vigiando. - Pisou na escada rolante e acionou o controle. - Joe - avisou Gaspard, apontando um dedo enquanto subia -, não quero ser interrompido.

Logo que Gaspard entrou no escritório, cuidou de travar eletricamente todas as portas, servindo-se dos controles atrás da escrivaninha. Depois, apertando suas próprias mãos para se congratular, aproximou-se de Miss Willow, que continuava sentada, fria e serena.

-Olá, mamãe - disse cordialmente, arrastando a voz. - Mamãe tem um novo papai.

Tentou durante mais cinco minutos e chegou à conclusão de que, ou a femiquim era acionada apenas pela voz de Cullingham (e neste caso precisava procurar uma gravação) ou existia uma senha que ele ignorava.

Existia uma possibilidade mais trágica: a femiquim podia estar sem corda.

Não, não era este o caso, constatou. Seu maravilhoso busto se mexia regularmente, imitando a respiração, seus olhos violetas piscavam a cada quinze segundos (Gaspard cronometrou as piscadas!), e uma vez em cada minuto ela umedecia os lábios.

Inclinou-se sobre ela. Mesmo assim, de perto, era muito difícil perceber que ela não era uma mulher de verdade, sua epiderme era uma imitação perfeita, com pequenos pelos platinados nos braços. Percebeu uma nuvem do perfume Galáxia Negra. Hesitou e depois começou a abrir seu zíper.

Miss Willow começou a rosnar, ameaçadora, como um cão de guarda que está avisando.

Gaspard deu rapidamente um passo para trás e seu calcanhar se chocou com uma pasta de arquivo, que deslizou pelo soalho. Na capa da pasta lia-se em grandes letras pretas: "Miss T. Willow". Gaspard apanhou a pasta. Os papéis deviam ter se misturado com os outros que estavam no chão, porque a pasta estava vazia. Havia, porém, um pedaço de papel com algumas linhas colado no interior da pasta.

A mensagem era tão esquisita que Gaspard acabou por lê-la em voz alta:

"Um passarinho sentado numa árvore ao lado de um regato cantou.

Perguntei então: Passarinho Dicky, por que estás sentado, cantando..."

Miss Willow levantou-se ondulando e se aproximou de Gaspard.

- Alô, querido - disse com aquela sua voz muito, muito doce. - O que pode mamãe fazer por seu passarinho Dicky, hoje?

Gaspard explicou o que ela poderia fazer.

E continuou a explicar, enquanto sua imaginação lhe fornecia mais e mais ideias

Vinte minutos mais tarde - minutos deliciosos, é verdade, mas apenas preliminares - ambos estavam parados, abraçados, ao lado da escrivaninha de Cullingham, com todas as roupas jogadas ao chão. Isto significa que estavam ambos com os braços ao redor do outro, e Miss Willow tinha colocado sua perna direita atrás da perna esquerda de Gaspard, o calcanhar contra o calcanhar, e eles acabavam de se beijar apaixonadamente, mas era apenas isto, porque dez segundos antes Gaspard tinha ficado completamente impotente.

E Gaspard também sabia por quê. Era apenas o mais antigo e mais poderoso terror masculino: o medo de ser castrado. Não conseguia esquecer aquele rosnado ameaçador. E

embora a consistência de Miss Willow fosse uma imitação perfeita de uma criatura de carne, com a textura, a temperatura e a resistência certas, nem todos os elementos estruturais que Gaspard percebia através da camada superficial, correspondiam aos ossos humanos em forma e posição. E, sobretudo, apesar da nuvem de Galáxia Negra, Gaspard podia sentir um leve cheiro de óleo lubrificante.

Sabia que não poderia, de jeito nenhum, fazer o que seria lógico fazer em seguida, da mesma forma como não poderia, voluntariamente, enfiar a mão direita entre engrenagens dentadas em movimento. Talvez Cullingham pudesse; era bem possível que tivesse uma confiança ilimitada na aparelhagem ou, quem sabe, era apenas um desejo de morte meio esquisita... Gaspard sabia que não poderia.

- Meu passarinho Dicky perdeu o interesse - cantarolou Miss Willow com sua voz sensual e seus dedos chegaram para investigar. - Mamãe vai dar um jeitinho.

- Não! - gritou Gaspard.- Não faça isto! - Sua imaginação estava transformando os dedos macios e frios de Miss Willow em garras de aço.

- Está bem - murmurou Miss Willow. - Só vamos fazer o que meu passarinho Dicky quiser.

Gaspard quase bufou pelo alívio.

- Vamos esperar um pouco - sugeriu. - E você pode dançar um pouco para mim.

Miss Willow o enrolou levemente com seus braços, deixou cair a cabeça para trás, sacudindo-a com um sorriso.

- Vamos, mamãe - insistiu Gaspard. - Faça uma dança bem bonita. O passarinho Dicky quer olhar. Quer ver como é lindo, lindo!

Miss Willow apenas voltou a sacudir a cabeça.

Gaspard se afastou um pouco, colocou as mãos no interior dos braços dela, pressionando levemente, e indicando gentilmente que queria ficar livre, mas Miss Willow fez de conta que não percebeu.

- Solte-me - falou Gaspard, seco.

Com o mesmo sorriso, Miss Willow respondeu jocosa:

- Não, não, não. O passarinho Dicky não vai se afastar agora.

Gaspard, de repente, se jogou para trás e ao mesmo tempo empurrou os braços de Miss Willow com os punhos fechados. Os braços de Miss Willow não se abriram. Resistiram ao

choque e reagiram instantaneamente, agarrando-o com mais firmeza. Há alguns momentos atrás eram braços macios, e agora pareciam de aço. O braço esquerdo de Gaspard estava imobilizado e o direito ainda estava livre.

- Feio, feio - murmurou Miss Willow. Comprimiu o queixo contra o ombro de Gaspard e rosnou com ferocidade perto de seu ouvido. E com o mesmo tom do rosnado explicou:- Se você machucar mamãe, mamãe vai machucá-lo. - Inclinou-se para trás e continuou com voz suave: - Vamos brincar, passarinho Dicky. Não fique assustado. Mamãe vai tomar cuidado.

Gaspard reagiu com mais uma tentativa involuntária de se livrar.

Quando desistiu, os braços de Miss Willow ainda estavam em volta dele, e também sua perna direita. Ficaram a balançar um pouco, mas não caíram, porque a femi-quim tinha um extraordinário equilíbrio.

- Mamãe vai abraçá-lo - rosnou Miss Willow em seu ouvido. - Mamãe continuará a abraçá-lo. A cada cinco minutos mamãe vai abraçá-lo com um pouquinho mais de força - até você introduzir uma nota de cem dólares em mamãe, você sabe onde.

Os braços de Miss Willow comprimiram-no.

Gaspard ouviu uma espécie de rangido por dentro.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Alguém estava batendo insistentemente na porta travada.

Gaspard não sabia há quanto tempo estavam batendo, porque estava procurando, com sua mão livre, em todas as gavetas de Cullingham que estava ao seu alcance. Mas não havia nenhum dinheiro nas gavetas.

- Escute - pediu - deixe-me alcançar minhas calças que estão no chão. Acho que não tenho cem dólares, mas tenho dinheiro, e vou lhe dar um cheque pela diferença. E deixe-me ver esta última gaveta embaixo, pode ser que encontre algum dinheiro. Onde é que Cullingham guarda seu dinheiro? Você deveria saber!

Mas todas as perguntas e todas as sugestões pareciam estar além das capacidades de Miss Willow. Ela disse apenas:

- Cem dólares em notas, passarinho Dicky. Mamãe está com fome.

As batidas na porta continuavam. Gaspard ouviu vagamente uma voz feminina que gritava:

- Deixe-me entrar, Gaspard. Aconteceu uma coisa horrível!

Gaspard não pôde deixar de concordar enquanto os braços de Miss Willow se fechavam mais um pouco.

- Você vai me matar - disse com esforço, porque em seus pulmões não havia mais muito espaço para ar.- Isto não adianta. Por favor. Minhas calças. Ou a última gaveta de Cullingham.

- Cem dólares - repetiu Miss Willow implacável. - Nada de cheques.

A mão livre de Gaspard encontrou os botões que controlavam a porta. A porta que dava no corredor se abriu um pouco e depois se escancarou. Miss Jackson entrou de repente, toda descabelada e com a blusa aberta. Gaspard pensou que ela parecia sair de uma luta. Será que naquele dia todo mundo estava sendo agredido individualmente e intimamente por femiquins e maniquins?

- Gaspard! - gritou a enfermeira. - Eles sequestraram...

Percebeu a cena ao lado da escrivãzinha de Cullingham e se imobilizou. Sua boca se abriu lentamente e permaneceu aberta. Depois apertou os olhos e começou a estudar a cena. Cinco segundos mais tarde, exclamou:

- Francamente!

-Preciso de... cem dólares... em notas - arfou Gaspard. - Não peça... explicações...

A senhorita Jackson não prestou a menor atenção e continuou a estudar o casal. Finalmente perguntou:

- Vocês não pretendem se separar?

- Eu... não... posso - explicou Gaspard, sem fôlego.

O rosto da senhorita Jackson serenou-se, depois ergueu as sobrancelhas e assentiu duas vezes, como quem está começando a compreender.

- Já ouvi falar a respeito destas coisas - falou com ar entendido. - Sei que podem acontecer.

Explicaram tudo isto durante o curso na escola de enfermagem. O homem não pode se retirar e o casal deve ser levado para o hospital na mesma maca. Nunca imaginei que um dia poderia ver isto.

Deu alguns passos para frente, com uma expressão de fascínio e horror.

- Não é... isto! - conseguiu arfar Gaspard. - Idiota... está apenas... me segurando. Miss Willow... robô... feminina. Preciso... cem... dólares.

- Os robôs são feitos de metal - sentenciou a senhorita Jackson. - Pode ser pintado, é claro.

- Esticou um braço e beliscou Miss Willow. - Não, meu caro. Você está ficando histérico, Gaspard - diagnosticou com ar convencido, andando ao redor do casal. - Controle-se. Ninguém jamais morreu de vergonha. Agora me lembrei, eles explicaram que isto quase sempre acontece com um casal que não está casado. O complexo de culpa da mulher provoca o espasmo. Desconfio que andando assim ao redor de vocês e ficando a observá-los provavelmente está piorando a situação.

O fôlego que Gaspard estava economizando para a sua próxima sentença escapoulhe, com um fraco gemido, quando os braços de Miss Willow se estreitaram ainda mais em volta dele. Teve a impressão que o escritório estava ficando mais escuro. Ouviu a voz da senhorita Jackson como se ela estivesse a uma grande distância:

- Miss Willow, trate de não se enfronhar nele como uma avestruz. Você terá que sobreviver a isto, quer goste ou não goste. Lembre-se que sou uma enfermeira, nunca fico chocada. Imagine que sou um robô. Sei que você é uma mulher orgulhosa, para não dizer estúpida, mas quem sabe, esta experiência poderá fazê-la um pouco mais humana. Reflita sobre isto.

No meio do nevoeiro sempre mais escuro, Gaspard teve a impressão de ver um brilho azulado.

Zane Gort parou um instante perto da porta e depois se aproximou de Miss Willow.

- Quanto? - perguntou, abrindo uma janelinha na altura de sua cintura com uma pinça, enquanto com a outra erguia os cabelos platinados de Miss Willow perto da nuca. Naquele ponto existia uma fenda horizontal.

- Cem dólares - rosnou a femiquim.

- Mentirosa- comentou Zane Gort e introduziu na fenda uma nota de cinquenta.

Os sensores no interior da femiquim reconheceram o desenho intrincado em óxido magnético que recobria a nota. Os braços de Miss Willow se abriram. Sua perna se soltou.

Gaspard sentiu um profundo alívio e percebeu os braços metálicos que o sustentavam e depois a leve dor da primeira respiração. A sala estava clareando.

A boca da senhorita Jackson se abriu e ficou escancarada.

- Vista-se - ordenou Zane Gort.- E você também, Gaspard. Tome, enfie estas.

A senhorita Jackson exclamou:

- Agora já vi tudo.

- Congratulações - comentou Zane Gort. - E agora, se você pudesse fazer o favor, meu amigo precisa de um gole de água; poderá encontrá-la ali. Pode deixar, Gaspard, vou fechar isto. Miss Willow, não fique perdendo tempo; não precisa dar espetáculo. Devagar, Gaspard, cuidado. Vou telefonar para Madame Pneumo amanhã mesmo, para que venham buscar este femiquim, e ao mesmo tempo vou dizer minha opinião àqueles agentes de lenocínio: brincadeiras são brincadeiras, mas um dia destes acabarão por matar um cliente com estes truques para extorquir dinheiro. Obrigado, senhorita Jackson. Gaspard, tome este comprimido.

A senhorita Jackson observou com mal disfarçada inveja a pequena dança de odalisca que Miss Willow estava executando para se vestir, apesar das recomendações de Zane. Finalmente, a enfermeira se lembrou de puxar sua própria blusa e cobrir o ombro.

- Escutem! - gritou. - Eu esqueci completamente! Fiquei tão interessada neste pequeno...

hum... - Olhou para Gaspard.

- Circo - sugeriu Gaspard com os dentes cerrados.

- ...hum, este espetáculo que estava se desenrolando aqui, que esqueci de dizer por que vim até aqui. Gaspard, a enfermeira Bishop foi sequestrada!

Gaspard se desvencilhou de Zane:

- Como? Onde? Quando? - perguntou.

- Estávamos correndo no meio da rua - começou a senhorita Jackson - e aquele carro de alta velocidade, todo xadrez preto e branco, se emparelhou ao lado e um homem com um queixo azulado - deve ser efeito de uma barba varonil - perguntou se poderia ajudar; e a senhorita Bishop disse sim, e entrou no carro. O homem imediatamente colocou um pano sobre seu rosto; devia estar embebido de anestésico, porque ela desmaiou na hora. Percebi que havia um pequeno robô engraçado esticado sobre o assento traseiro. Depois o homem falou: "Ora esta, também uma loira, não posso desperdiçar esta ocasião", e tentou me agarrar, mas eu corri. Quando viu que não poderia me segurar, riu e disse: "Você não sabe o que está perdendo", e se afastou em alta velocidade. A Rocket House estava mais perto do que a Creche, e assim vim para cá.

Gaspard olhou para Zane Gort que, depois de abrir a gaveta de um arquivo, estava examinando as fichas.

- Zane - disse Gaspard -, agora você precisa tomar uma atitude!

Zane ergueu o olhar:

- Nem pense nisso! Estou concluindo a última fase do "Projeto Ele", depois de resolver a questão principal esta manhã. Cal Tech confirmou todos os meus cálculos. Só vim para cá, porque preciso de dados; o fato de ter socorrido você foi meramente acidental. Agora não me sobra tempo para fazer investigações. Mais tarde, possivelmente. Pode ser amanhã.

- Zane, você não ouviu, esta gente foi sequestrada. - protestou Gaspard, tentando controlar a raiva. - E também sua Miss Blushes. Acho que sei quem é o canalha que agarrou a enfermeira Bishop. Ela está em grande perigo!

- Tolice - respondeu o robô, seco. - Você está exagerando a importância dos fatos. Um claro exemplo de antropocentrismo. Um sequestro, executado por pessoal especializado e não

psicótico, como esta gente que planejou a operação, é apenas um elemento de rotina da estratégia política e comercial em nossos dias. Aliás, é um costume antigo. Lembre-se do sequestro de César e também de Ricardo Primeiro. Acho um acontecimento interessante. Gostaria de ser sequestrado, se eu tivesse tempo, deve ser uma experiência bastante interessante e instrutiva: mais uma oportunidade de ver um pouco de tudo, não é mesmo, senhorita Jackson? Mas não é uma coisa perigosa. Amanhã vamos cuidar disto. Ou depois de amanhã. - Voltou a procurar entre as fichas.

- Está bem. Parece que vou ter que cuidar disto à minha moda - comentou Gaspard, e encolheu os ombros com desdém, olhando para a senhorita Jackson. - Imagino que vou ter que chamar a polícia. Diga-me apenas uma coisa: por que você e a enfermeira Bishop estavam correndo no meio da rua?

- Estávamos perseguindo o homem que se apoderou de Meio Litro.

- O que! - explodiu Zane Gort. - Você disse Meio Litro?

- Pois é. Acredito que inclusive conseguiu o que queria. Era um homem alto e magro, num terno cinza-claro. Disse a Pop Zangwell que era o novo assistente do dr. Krantz. Acho que apanhou Meio Litro porque era o menorzinho de todos.

- Esse demônio - A voz de Zane parecia um rangido e seu olho iluminado se tingiu de vermelho. - Esse demônio desprezível, irresponsável e cruel. Imagine, agarrou com suas mãos imundas aquela criança doce e indefesa; uma tortura bem prolongada, antes da morte, seria pouco para um sujeito como este! Pare de olhar para mim, Gaspard, mexa-se. Meu helicóptero está no teto. Temos trabalho a fazer, velho osso.

- Mas... - disse Gaspard.

- Nada de comentários. Senhorita Jackson, responda depressa: a que horas vocês trocaram a fontanela de Meio Litro?

- Mais ou menos há três horas e meia. E não grite comigo.

- Pois num caso como este, eu grito. Até quando poderia ficar sem complicações, antes de precisar de uma fontanela fresca?

- Não posso dizer exatamente. Nós sempre trocamos as fontanelas a cada oito horas. Um dia uma enfermeira se atrasou por quinze minutos e todos os cérebros estavam desmaiados.

Zane balançou a cabeça:

- Enfermeira Jackson - falou, enérgico. - Prepare duas fontanelas frescas numa embalagem úmida. Aqui existe uma reserva. Mexa-se! Gaspard, vá com ela. Quando a embalagem estiver pronta, traga-a para o teto; vou aquecer o helicóptero e meu equipamento. Traga também o macacão de Flaxman e o capuz, meu helicóptero está descoberto. Um minuto, enfermeira Jackson! O sequestrador poderá falar com Meio Litro?

- Acho que sim. Meio Litro estava com um mini alto-falante, um mini olho e o microfone ligados. Os fios estavam balançando atrás do sequestrador. Meio Litro começou a uivar e a assobiar, mas o sequestrador ameaçou espatifá-lo sobre o calçamento.

O olho iluminado de Zane Gort teve um lampejo carmesim.

- O demônio. Ele vai pagar por isto. Não fiquem parados aí, apenas olhando! Mexam-se!

CAPÍTULO

TRINTA E SEIS

New Angeles era uma floresta de colunas de cores pastel entre as montanhas azuis e os campos arroxeados de algas do Pacífico, interrompidos por canais de navegação azulados. Entre os arranha-céus de cores delicadas, predominavam as novas secções transversais semicirculares e pentagonais. Uma grande clareira circular indicava o campo municipal de lançamento. Um rastro de jato verde-claro estava se elevando no céu. A nave de meio-dia para High Angeles, em órbita, a uma altura de três diâmetros terrestres, acabava de ser lançada.

Zane dirigia em alta velocidade. O vento e o fluxo de ar chacoalhavam Gaspard, que segurava o capuz. Observava seu amigo robô de soslaio.

Zane estava usando no topo da cabeça um objeto cilíndrico, preto e opaco, com meio metro de altura. Com ele, Zane se parecia com um robô hussardo, e Gaspard hesitava em pedir explicações, imaginando que aquele estranho chapéu podia ter apenas um significado emocional íntimo para o robô, animado pelo desejo de vingança. E, quem sabe, podia ser até psicótico, pensou Gaspard, sentindo-se pouco à von tade. Mas Zane percebeu a direção de seu olhar.

- Este chapéu é meu radiorastreador - explicou com naturalidade, gritando para que Gaspard pudesse ouvir, apesar do barulho das hélices. - Há alguns dias, prevendo complicações com sequestros, coloquei poderosos radiotransmissores em todo o pessoal da Rocket House e da Creche. O seu está no relógio de pulso - não se preocupe, já o desliguei -, o do senhor Flaxman está em sua funda, o de Cullingham em sua sacola de suicídio, e assim por diante. Efetivamente, não estava prevendo o sequestro dos ovos; esta possibilidade de maldade humana não me passou pela cabeça. Entretanto, como costumava levá-lo comigo para breves passeios fora de seu ambiente normal, cheguei a introduzir um transmissor num fundo falso de Meio Litro - e agradeço aos Santos Isaac, Hank e Karel!

- O que complica tudo, porém, é que eu não podia prever sequestros múltiplos e coloquei

transmissores iguais. Portanto, teremos que resgatar o pessoal um de cada vez, seguindo sempre o sinal mais forte, e espero que Meio litro seja o primeiro ou, pelo menos, entre os primeiros. Oba! Nossa Primeira Parada está se aproximando.

Gaspard se agarrou ao seu assento, enquanto o helicóptero saía do canal de tráfego com uma virada, que lhe deu um aperto desagradável na região do estômago, e desceu a uma velocidade duas vezes maior que a permitida em direção de um velho arranha-céu baixo e sujo. No teto retangular viam-se vários helicópteros estacionados e havia também um apartamento de cobertura branco, com decoração azul, janelas redondas com vigias e bandeiras, num solar que tinha a forma da ponte de um navio.

Gaspard gritou: - Não conheço o apartamento de cobertura de Homer Hemingway, mas aquele é bem do seu estilo. E o helicóptero de Heloisa é cinza com enfeites lilás e cromo, como aquele.

- Aposto dez contra um que vamos encontrar Cullingham - concordou Zane. - Eu o deixaria ali mesmo, mas não podemos ter certeza que não se trata de Meio Litro.

O helicóptero aterrou aos pulos. Zane desceu rápido, observando:

- O sinal está vindo mesmo do apartamento de cobertura.

Quando se aproximavam, a porta do apartamento se abriu e Homer Hemingway saiu com a boca estirada numa expressão amarga. Usava calças de treinamento e uma camiseta; seus ombros eram cobertos por um enorme sobretudo muito pesado, apropriado para um general russo, e estava carregando duas grandes valises de couro de porco, cobertas com coloridas e exóticas etiquetas de viagem, colecionadas entre a Velha Espanha e as Luas de Júpiter.

- Vocês dois, de novo! - exclamou ao vê-los, mas não largou as malas. - Gaspard, o verme, e seu grande irmão de lata. Gaspard, quero que saiba que você me revolta a ponto que gostaria de lhe dar um murro agora mesmo e depois enfrentar o monstro, mas nesta oportunidade eu teria a impressão que ela ficaria satisfeita; e podem acreditar, cavalheiros, nunca mais vou ficar ciumento. Isto eu garanto. Quando as coisas chegam ao ponto em que a mulher de um escritor, que deveria ser doce e fiel, o passa para trás com um editor sequestrado e ainda afirma que é uma questão de negócios e que está apenas sendo astuta, mas na realidade apenas quer acrescentar mais uma caveira de prata em seu colar de caça, então, neste caso, cavalheiros, Homer Hemingway desiste!

- Podem entrar e podem lhe repetir o que disse – continuou, acenando com a careca enorme para a porta aberta. - Podem ir em frente! Digam a ela que vou aceitar o emprego com os Enlatadores da Baía Verde, e serei Ponta Direita do Segundo Time que eles empregam para criar uma atmosfera ou, às vezes, para cenas cômicas, no Terceiro Tempo. Este será um trabalho mais honesto que escrever, mas não muito. Na estação morta, provavelmente vou dirigir um salão para emagrecer ou trabalhar num iate de pesca. Pode contar isto também. Passar bem, cavalheiros.

O enorme escritor, com os olhos firmes, dirigiu-se com toda a dignidade possível para um helicóptero branco, vermelho e azul.

Zane Gort entrou, sem hesitar, no apartamento, abaixando-se com cuidado para não danificar seu radiorrastreador. Gaspard foi atrás, tropeçando. O robô colocou uma pinça sobre o alto-falante. Gaspard fez um grande esforço para caminhar sem fazer barulho.

A grande sala de estar estava cheia de poltronas de couro escuro e de cinzeiros e, nas paredes, via-se um grande número de placas antigas, em geral associadas com a literatura e os escritores, que proclamavam: Gênio Trabalhando, Ponte Caída, Aqui Não Tem Ninguém? Só Nós, os Trabalhadores? Parem, Vivam os Rebeldes, Parem Com os Testes Atômicos Agora, Curvas Perigosas, Não Escreva, Entre Para o Sindicato, e Somos Escribas Assalariados, Nada de Pensamentos Livres.

Na sala se viam seis portas, todas fechadas, com indicações em letras douradas: Sala de Massagens, Sala Médica, Sala dos Troféus, Refeitório, Latrina e Covil. Zane Gort ficou a observá-las, pensativo.

- Alguma coisa ocorreu a Gaspard.

- Não temos muito tempo - sussurrou a Zane. - Se Cullingham tem uma caixa de suicídio e está trancado com Heloísa, ele irá usá-la.

Zane se aproximou da porta marcada COVIL e esticou sua pinça esquerda, da qual saíram três filamentos metálicos. Quando estes tocaram na porta, vozes começaram a sair do peito de Zane. As vozes eram baixas, mas claras.

CULLINGHAM: Meu Deus! Você não faria isto!

HELOÍSA IBSEN: Faria, sim! Vou lhe dar uma surra como você nunca levou antes! Vai arder, vai queimar; e você vai me contar todos os segredos da Rocket House.

Você vai se arrepender de sua mãe tê-lo concebido. Eu vou...

CULLINGHAM: Você não pode fazer isto enquanto eu estiver assim, indefeso!

HELOÍSA IBSEN: Você acha que está indefeso? Espere um pouco...

CULLINGHAM: Vou me matar primeiro!

Gaspard cutucou Zane Gort, com expressão angustiada. O robô sacudiu a cabeça.

HELOISA IBSEN: Você vai viver o bastante para os meus propósitos. Em toda a sua vida pós-púbere você ficou dando ordens a colchões de borracha, higiênicos e com cintura de vespa. Agora você é que vai receber ordens, e das mais humilhantes, de uma moça forte e enérgica, pronta a torturá-lo se você hesitar, e que conhece todos os truques para prolongar sua agonia, e você vai dizer muito obrigado e ainda beijar seus artelhos depois de cada ordem impuplicável.

Houve um silêncio. Gaspard voltou a cutucar Zane.

CULLINGHAM: Não pare agora! Repita mais uma vez o que você disse sobre a surra!

Zane fitou Gaspard. Depois bateu na porta e abriu uma fresta.

- Senhor Cullingham - disse. - Estamos aqui para salvá-lo.

Ninguém falou durante alguns segundos. Depois se ouviram gargalhadas, sempre mais fortes, um dueto de gargalhadas atrás da porta, que aos poucos foi se acalmando.

Heloísa gritou, finalmente:

- Não se preocupem, rapazes. Vou mandá-lo de volta para o trabalho depois de amanhã.

Podem acreditar. Se for preciso, vou mandá-lo de volta num esquife, com a escrita: FRÁGIL.

Zane gritou:

- Senhor Cullingham, em sua bolsa para suicídio está um mini transmissor. Por favor, desligue-o.

Gaspard acrescentou:

- E Homer Hemingway mandou um recado. Foi trabalhar com os Enlatadores da Baía Verde.

Zane tocou em seu ombro e apanhou algo na mesinha ao lado da porta. Enquanto saíam, ouviram mais um trecho do diálogo.

HELOISA IBSEN: Cully, explique-me por que um escritor famoso deveria ir trabalhar numa fábrica de conservas?

CULLINGHAM: Não sei e não me interessa. O que é que você faria comigo se pudesse me

encurrular numa fábrica de conservas?

HELOISA IBSEN: Em primeiro lugar, tiraria de você sua bolsa para suicídio e a colocaria fora de seu alcance. Assim. Depois...

CAPÍTULO

TRINTA E SETE

- Gaspard, você sabe dirigir, não é? - perguntou Zane quando voltaram para o teto.

- Sim, mas...

- Perfeito. Você não se importa com um pequeno furto em nome de uma boa causa?

- Bom, eu...

- Melhor ainda. Você me seguirá no helicóptero da senhorita Ibsen. Podemos usar mais um helicóptero, e você estará melhor, porque este é fechado. Tome as chaves. E não se distancie de mim.

- Está certo- disse Gaspard, meio indeciso.

- E trate de acelerar o mais que puder, entendeu? - recomendou o robô, animado. - O tempo é curto. Vou transmitir um código de ambulância que significa robô machucado. A patrulha aérea pensará que você é meu assistente. Vamos em frente, velho músculo!

A cabine fechada era confortável, mas impregnada com o perfume de Heloisa. Quando Gaspard se elevou do teto, evitando a corrente descendente produzida por Zane, sentiu uma certa saudade ao lembrar encontros passados, nesta mesma cabine. Entretanto, os pensamentos tristes desapareceram diante da necessidade de seguir Zane. O robô virou para leste e começou a subir.

- O sinal mais forte agora vem das montanhas - afirmou a voz de Zane. - Continue acelerando. Vou fazer o possível para me adiantar. Faltam apenas quatro horas para que Meio Litro comece a morrer por causa de seus próprios dejetos cerebrais, porque não tem uma fontanela fresca. Oh, aquele demônio.

Os arranha-céus pastéis ficaram para trás, substituídos de repente por altos pinheiros. O helicóptero de Zane começou a se distanciar rapidamente para leste. Gaspard compreendeu que era muito inexperiente para pilotar manualmente e ligou o sistema automático a toda velocidade. O helicóptero aberto, com seu piloto com o estranho capacete negro, continuou a

se distanciar, porém mais lentamente.

Em todos os outros sentidos, a mudança resultou muito pior. A mente de Gaspard, não mais preocupada com os controles, voltou aos seus desejos frustrados, pulando de Heloisa para a enfermeira Bishop - e de vez em quando registrando um inútil e profundo desejo provocado pela lembrança de Miss Willow. Seria possível drogar uma máquina? Procurou pensar nos cérebros, especialmente no coitado do Meio Litro, mas era um assunto muito repugnante. Não sabendo mais o que fazer, tirou do bolso o segundo livro recomendado pelos cérebros e obtido através da enfermeira Bishop. Era um policial com o título O caso Mauritzius, e o autor era um tal de Jacob Wassermann. Era uma leitura difícil e estranha, mas pelo menos não se preocupava com outras coisas.

- Responda, Gaspard!

O chamado peremptório tirou-o das complicações da família Andergast. Lá embaixo os pinheiros estavam desaparecendo, cedendo o lugar à areia escura.

- Estou ouvindo, Zane!

O helicóptero do robô era apenas um ponto na distância brilhante - a não ser que fosse um outro helicóptero; mais três pontos apareciam a leste.

- Gaspard, estou me aproximando de uma casa de sítio inflada e do lado de fora está um carro xadrez branco e preto. O segundo sinal está vindo de lá. Acredito que se trate da enfermeira Bishop. E existe um segundo sinal que está chegando de um ponto a cinquenta milhas mais a leste. Precisamos aproveitar bem o pouco tempo que temos. Meio Litro tem pouco mais de três horas para ficar intoxicado; e existe apenas uma probabilidade em três de que o terceiro sinal seja dele. Poderia também ser do senhor Flaxman ou de Miss Blushes. Portanto, vamos nos separar. Você vai cuidar do Sinal Dois, enquanto eu irei atrás do Sinal Três. Você está armado?

- Tenho apenas esta ridícula arma antiga.

- Use-a com precaução. Estou passando sobre a casa inflada e vou disparar um pisca-pisca flutuante de cinco segundos.

Gaspard viu uma luz intensa ao lado do segundo ponto mais a norte que ele imaginava ser o helicóptero de Zane.

- Já vi - avisou Gaspard e mudou a rota.

- Gaspard, para facilitar o rastreamento dos transmissores, especialmente se eu tiver que ir além do Sinal Três para salvar Meio Litro, diga à enfermeira Bishop que deve absolutamente desligar seu próprio mini transmissor Não se esqueça de avisá-la.

- Onde foi que você colocou o transmissor?

O robô ficou calado durante um bom tempo. Gaspard aproveitou para examinar a paisagem: uma planície desértica. Encontrou uma mancha esverdeada abaixo do ponto que representava o helicóptero de Zane.

- Gaspard, acredito que a informação que lhe darei não vai abalar nossa amizade nem não vai abalar a amizade com qualquer outra pessoa. Deus me livre e São Willi que me proteja! O mini transmissor está escondido bem no centro de um seio falso de Bishop.

Mais um pequeno intervalo, e a voz do robô, antes apressada e meio baixa, ficou mais alta e mais clara.

- Boa sorte, velho osso! Estou contando com você, velho osso!

- Vrrr, velho parafuso! Morte ao demônio! - respondeu Gaspard com voz firme.

Entretanto, não se sentia tão firme enquanto descia em direção da casa esverdeada, com suas paredes e teto inflados. A descrição rápida da senhorita Jackson e o vistoso carro xadrez estacionado insolentemente, lá embaixo, indicavam claramente que o autor do sequestro era o investigador Gil Hart, a respeito do qual já ouvira um certo número de anedotas impressionantes, de Cullingham, como uma que se referia a uma determinada ocasião em que Gil Hart colocara fora de combate, e sozinho, dois metalúrgicos e um robô com baterias quase esgotadas.

Não havia nenhuma possibilidade de cobertura por uma meia milha ao redor da casa. Portanto, não havia qualquer outra tática a seguir, a não ser a velocidade e a surpresa, aterrizando o mais perto possível da porta da frente. que estava aberta! E depois teria que entrar correndo com a arma na mão. Este plano ainda possuía a vantagem adicional de não lhe dar sequer o tempo de se assustar.

Como Gaspard percebeu a seguir, havia mais uma vantagem. Quando desceu, saltou do helicóptero e atravessou a nuvem de poeira provocada pelo aparelho, em direção da porta, e um cachorro automático niquelado pulou do assento traseiro do carro xadrez e se aproximou de Gaspard com o uivo de sirenes, abrindo e fechando as sinistras mandíbulas de aço.

Gaspard entrou deslizando pela porta e tratou de fechá-la. Conseguiu no exato instante em que apareceu o cachorro automático, que mordeu a superfície de borracha, sem conseguir furá-la.

Enquanto o cachorro automático continuava a uivar lá fora, a porta interna da entrada se abriu - evidentemente ela se abria apenas ao fechar a porta externa. Gaspard entrou gesticulando com sua arma quase tão loucamente como costumava fazer Joe com a pistola de gambá.

Viu que estava numa sala com muitos sofás e mesas baixas. As paredes estavam cobertas por estereofotos femininas, que formavam um verdadeiro harém.

À esquerda, Gil Hart, de peito nu, estava ajoelhado, armado com um estranho objeto, que evidentemente tinha apanhado a esmo - era um grosso osso de coxa em níquel, ou talvez niquelado, de uns trinta centímetros.

À direita estava a enfermeira Bishop, em sua combinação branca, uma mão no quadril, numa posse impudica, e na direita segurava um copo cheio de uísque puro - era a imagem de uma boa moça no caminho da perdição.

CAPÍTULO

TRINTA E OITO

- Olá, Gaspard- exclamou a enfermeira Bishop. - Gil, não precisa se preocupar.

- Vim para salvá-la - explicou Gaspard, meio acanhado.

A enfermeira Bishop soltou uma gargalhada.

- Acho que não quero ser salva. O Gil, aqui, estava me contando que ele é formi dável, um macho espetacular, desses que a gente encontra apenas um entre um milhão, e merecedor de qualquer sacrifício, mesmo o supremo. Pode ser. Olhe para aqueles músculos, Gaspard. Olhe também para aquele peito peludo.

Gil Hart soltou uma gargalhada profunda:

- Pode olhar, malandro – falou. - Você ouviu o que a moça disse.

Gaspard respirou fundo. Sem saber como, voltou a respirar fundo, e repetiu isto pela terceira vez; e parecia rosnar. Suas têmporas latejavam, o coração batia disparado.

- Cadelinha - disse com os dentes cerrados. - Vou resgatá-la quer você queira ou não. Vou resgatá-la nem que para isto tenha que matá-la!

Teve a ideia de fazer alguma coisa espetacular, algo que imaginava que Zane Gort faria (e sobretudo, estava furioso com a enfermeira Bishop e não com aquele antropeide peludo): deu um tiro para o ar, acima da cabeça do investigador particular.

Gaspard, que nunca tinha disparado outra arma em toda sua vida, ficou estarrecido com as consequências. Houve uma explosão ensurdecadora, o recuo foi tão violento que deixou cair a arma, a fumaça malcheirosa começou a se espalhar, um buraco apareceu no forro e o ar começou a escapar por ele, assobiando. Os uivos do cachorro automático aumentaram de volume.

Gil Hart gargalhou. Deixou cair sua arma e se aproximou de Gaspard.

Gaspard lhe deu um murro no queixo - foi uma reação confusa, sem muita força.

Gil absorveu o soco e aplicou outro contra o estômago de Gaspard, que soltou todo o ar

num "Uff!" prolongado e caiu sentado. Gil se abaixou e agarrou seu colarinho.

- Para fora, malandro, já falei.

Ouviu-se um boing, forte e harmonioso. O rosto de Gil, com seu queixo azulado, mostrou uma expressão de total beatitude, enquanto o corpo caía por cima de Gaspard, com um sobressalto, para ficar estirado e imóvel.

A enfermeira Bishop ficou parada, segurando o objeto cromado, que parecia um osso, e sorrindo.

- Sempre tive a curiosidade de saber se era possível bater na cabeça de alguém e deixá-lo inconsciente, sem espalhar matéria cerebral ao redor. Você nunca pensou nisto, Gaspard? Aposto que deve ser o sonho secreto de quase todo mundo.

Ajoelhou-se ao lado do homem caído e apanhou seu pulso. Seu rosto tinha uma expressão profissional.

Gaspard estava massageando seu estômago e examinou a sala com ar de dúvida. O forro já não estava côncavo e descia visivelmente. O cachorro que uivava no exte rior, aumentou de repente o volume da sirene e apareceu na sala, arreganhando os dentes metálicos: tinha conseguido abrir um buraco na porta de borracha a mordidas. Lançou-se contra Gaspard.

A enfermeira Bishop correu ao seu encontro e lhe ofereceu o osso de metal. As presas do cachorro automático se fecharam, o animal parou e a sirene deixou de uivar de repente; o silêncio que se seguiu parecia vibrar.

- Isto funciona como uma espécie de suporte para um ímã - explicou a enfermeira Bishop enquanto o forro já estava tocando suas cabeças. - Gil teve que mostrar três vezes como funcionava. Ele se divertia a valer, mandando o cachorro me pegar e depois parando-o com o osso.

Gaspard finalmente conseguiu respirar, apesar da dor. Pensou que ia vomitar, mas logo melhorou, e começou a se interessar pelo que estava em sua volta, mas de maneira confusa.

A enfermeira Bishop virou uma mesa baixa, colocando-a de lado, para sustentar o peso do forro caído. O espaço que ocupavam, iluminado por lâmpadas de luz indireta, era tão agradável e íntimo como uma tenda improvisada por crianças. Estavam sentados no chão, de frente; Gaspard com as pernas cruzadas e a moça com os joelhos dobrados de lado. Ainda estava apenas com a combinação, mas sua saia e o suéter estavam em sua mão. Gil Hart

roncava, deitado de costas. O cachorro automático, com o osso entre os dentes, estava quieto e silencioso.

A enfermeira Bishop sorriu para Gaspard - com muito carinho e também com um pouco de ironia, pensou Gaspard.

- Você está melhor? - perguntou.

Ele assentiu brevemente.

- Quando falei com você pela última vez - ela continuou, com uma risadinha - deilhe uma bronca porque você estava demorando e os moleques reclamavam o papel. Naquele momento eu também estava mais vestida. - Olhou para seu corpo e Gaspard imaginou que o fazia com muita complacência.

- Como foi que você descobriu tão rápido onde eu estava? - ela perguntou. Depois endireitou os ombros e respirou fundo. Gaspard achou que era para recompensá-lo um pouco.

Fitou-a nos olhos. Saboreando cada palavra, explicou:

- Zane Gort escondeu um mini transmissor num dos seus seios falsos. Quer que você o desligue agora mesmo, para facilitar a localização de Meio Litro.

Gaspard decidiu que era bastante divertido observar uma moça enquanto enrubesce e, ao mesmo tempo, fica furiosa.

- Esse indecente gatuno de lata! - ela exclamou. - Esse passageiro clandestino eletrônico de gavetas! Esse fetichista com o cérebro cheio de relês! - Fulminou Gaspard com os olhos: - Não me importo com o que você pensa - explicou. Cruzou os braços, agarrou as alças e abaixou a combinação e o sutiã, que estava embaixo, até a cintura. - Como você pode ver claramente - falou em tom de desafio, enquanto procurava o mini transmissor - minha parte de cima é igual à de um rapazinho.

- Não exatamente - murmurou Gaspard enquanto observava com satisfação. - Aliás, de jeito nenhum, graças a São Wuppertal! Nunca consegui entender porque a maioria dos homens se interessa por moças que têm a aparência de vacas premiadas, com úberes frontais. Mas os homens de gosto realmente refinados não pensam assim. Eu não penso assim. Tenho uma teoria a respeito: aquelas monstruosidades com super mamas foram lançadas por editores masculinos homossexuais que queriam que as moças fossem ridículas, uma espécie de indústrias de leite ambulantes. Mas eu, eu prefiro Diana, prefiro Eros... prefiro uma moça que

pareça feita para o prazer, e não para fabricar laticínios!

- Pronto, aqui está esta droga! - exclamou a enfermeira Bishop, e empurrou o sutiã para longe. Depois olhou desconfiada para Gaspard: - Você realmente pensa assim?

- Quer saber se realmente penso assim? - perguntou Gaspard, agarrando-a. - Escute, eu...

- Não com estas carcaças em nossa volta! - ordenou a moça, e enfiou as alças da combinação. - Como é que você vai me levar para casa?

- Tenho um helicóptero que roubei de Heloisa Ibsen- disse Gaspard, seco.

- Aquela rainha antropófaga! Aquela sultana! Posso imaginar como deve ser o veículo vistoso e cheio de badulaques de sua ex-amante, com aquele seu busto inflado. Já sei o que ela acharia de bom gosto! - exclamou a moça com desdém. - Aposto que é de duas cores.

Gaspard assentiu.

- Com enfeites cromados?

- Sim.

- E uma geladeira muito elaborada para bebidas e petiscos?

-Sim.

- E um assento tríplice, estofado de veludo nojento, com espuma de borracha e do tamanho de uma cama de viúva?

- Sim.

- E janelas unidirecionais, para garantir a privacidade?

-Sim.

- E um piloto automático, destes que agente pode regular para oeste e voar sem preocupações?

- Sim.

A enfermeira Bishop falou com um sorriso malicioso:

- Pois bem, era isto mesmo que eu esperava.

CAPÍTULO

TRINTA E NOVE

Quatro horas mais tarde, Zane Gort, que acabava de resgatar Meio Litro, viu, a trezentas milhas da costa, o helicóptero de Heloísa Ibsen voar em linha reta para oeste. O genial robô conseguiu chamar finalmente a atenção de Gaspard lançando mísseis ululantes em volta do helicóptero. Zane se encontrava num jato executivo de dez lugares, confiscado de um grupo de políticos em férias, quando viu que precisaria de um aparelho mais rápido para ultimar todas as suas múltiplas ações de resgate.

Logo depois o helicóptero da Ibsen foi regulado para retorno automático até o apartamento de cobertura de Homer Hemingway e Gaspard e a enfermeira, ambos bastante suados, foram recebidos a bordo do aparelho grande e veloz, cumprimentados por Flaxman, Miss Blushes, Meio Litro e um deputado que acabava de acordar no compartimento de bagagem, depois de alguns cochilos etílicos.

Flaxman parecia bem disposto mas nervoso, Miss Blushes não parou de fazer perguntas - como, aliás, fez Meio Litro; a superfície do ovo prateado estava manchada, como se tivesse sido parcialmente corroída por ácido.

Zane, que sempre encontrava soluções para tudo, explicou a todos que tinha combinado anteriormente com Gaspard que se encontrariam neste ponto, depois de ultimar as missões, e Gaspard e a enfermeira Bishop ficaram gratos e aliviados. Aliás, como Gaspard mais tarde explicou à moça, se Zane não tivesse percebido onde estavam, provavelmente o helicóptero teria chegado até Samoa ou Honolulu, antes que ambos conseguissem emergir de sua mútua obsessão somática e controlar sua euforia.

Portanto, enquanto o avião deixava para trás as cores gloriosas do pôr do sol e se aproximava da noite na Califórnia, Gaspard e a enfermeira Bishop deram um relato de suas aventuras, reduzidas a um filme para crianças, e ouviram outros que provavelmente contavam versões igualmente censuradas, enquanto o deputado bebia coquetéis espaciais e, de vez em

quando, interferia com comentários sábios e amáveis.

Flaxman perguntou à enfermeira Bishop se Gil Hart tinha indicado para quem estava trabalhando e o que queria.

A enfermeira Bishop respondeu com os olhos baixos:

- Logo a partir da primeira gravata que me aplicou, ele deixou bem claro o que queria.

Deixou que eu me recuperasse do anestésico, porque, como ele afirmou, gostava de uma boa luta. Ah, e disse algo a respeito de uma fusão entre a Rocket House e a Proton Press, entre as demonstrações de seu cachorro automático e ataques à minha virtude. Parecia ter certeza que isto lhe valeria o cargo de vice-presidente.

- Tss, tss - disse Miss Blushes, com uma palmadinha na mão da moça. - Foi ótimo você ter defendido sua virtude - acrescentou em tom levemente irônico, ou talvez foi o que a enfermeira imaginou.

- São estes produtos desprovidos de cérebro, como o cachorro automático, que concorrem para a má reputação dos robôs - observou Zane Gort.

Depois de lançar a estrela pisca-pisca, Zane tinha continuado por sessenta milhas acima do deserto, até encontrar o Sinal Três numa aldeia abandonada. Encontrou Flaxman, prisioneiro de um grupo de robôs escritores. Depois de estabelecer uma cortina de fumaça que simulava nuvens baixas, o robô de aço azulado atacou de surpresa e paralisou os Jovens Escritores Zangados, provocando curtos-circuitos, antes que eles pudessem recorrer às suas próprias armas. Antes de ir embora com Flaxman, Zane Gort reduziu o nível de energia dos delinquentes metálicos, utilizando um método cuja tecnologia é meio difícil de explicar, limitando assim sua capacidade de planejar ações criminosas e também sua criatividade literária.

- Espere um minuto - protestou a enfermeira Bishop. - Você me disse que modificar os circuitos de um robô era o pior crime do mundo, e que você nunca concordaria com isto.

- Existe uma vasta diferença entre modificar a mente de um homem ou de um robô, perturbando suas ideias e invertendo seus valores, e apenas dar um jeito, deixando-os preguiçosos. Foi o que fiz - explicou Zane. - A maioria das pessoas gosta de ser preguiçosa. Até os robôs. Pense nisto.

A seguir, Zane tinha confiscado um jato executivo enquanto os deputados bêbados estavam trocando socos no aeroporto de uma estância próxima. (Foi ótimo você ter se apoderado do

avião, comentou o deputado remanescente. Eu me lembro que meus colegas estavam brigando para decidir qual deles ia pilotar o avião até Paris, na França, para apanhar algumas garotas e absinto, caso a festa ficasse chata.)

O Sinal Quatro levou Zane e Flaxman de volta para oeste, até uma grande propriedade entre as montanhas, com extensas pradarias, carvalhos e estátuas de mármore, que representavam ninfas perseguidas por hermafroditas, onde os gamos mansos fugiram diante do vento provocado pelos jatos dirigidos para baixo, enquanto o avião aterrizava. Uma enorme mansão branca com colunas resultou ser a sede do Penfolk (junto com seu braço armado e terrorista, Os Filhos da Sibila), o local onde Miss Blushes estava prisioneira.

- Sim, aqueles rapazinhos fascinantes me convenceram a segui-los - confessou a robix rosada. - Prometeram que poderia censurar suas poesias e escrever fábulas morais para robixes recém-construídas. Foram muito simpáticos, embora não tenham feito o que prometeram. Me mostraram lãs com cores que eu não sabia que poderiam existir, e seguravam minhas meadas durante horas, conversando comigo. Mas aquelas velhas senhoras da sociedade! - Seu alumínio anodizado se arrepiou. - Esta vam repletas de concupiscências e de palavrões. De vez em quando fumavam cachimbos. Queria que Zane as amordaçasse com suas joias de diamante e soldasse tudo, mas ele é bom demais. - Olhou com carinho para Zane, na outra extremidade da grande cabine, cheia de copos virados e petiscos pisados.

O Sinal Cinco, que, por um processo de eliminação, só podia ser o de Meio Litro, levou Flaxman, Zane e Miss Blushes sobre o Pacífico, muito além dos últimos campos arroxeados de algas, onde um navio sinistro estava ancorado além do limite de trezentas milhas. Era o cassino flutuante Rainha do Sindicato, fortemente armado, e que ostentava o mais antigo jogo de dados ambulante do Sistema Solar.

O armamento pesado do navio e o sistema de vigilância excluía uma aproximação do ar. Zane resolveu experimentar sua construção impermeável: enquanto o avião girava ao redor do navio, a uma distância de cinco milhas, deixou-se cair no oceano com uma roupa espacial equipada com jatos e tanques adicionais. Assim, conseguiu se aproximar do navio a dez metros abaixo da superfície da água - como um verdadeiro torpedo humano. Chegou ao lado do Rainha sem ser percebido e fez um buraco de tamanho cuidadosamente calculado na quilha. Este fato provocou bastante agitação a bordo e Zane aproveitou a confusão para subir

pelo flanco da nave - um verdadeiro Netuno metálico com uma alta coroa negra. Seu radiorrastreador levou-o imediatamente até a cabine, onde o abominável Filippo Fenicchia estava fazendo escorrer gotas de ácido nítrico sobre Meio Litro (cujo olho estava virado de maneira que pudesse observar), porque queria que o ovo jurasse pela honra de sua mãe que se associaria com o sindicato, onde teria o cargo de unidade de memória, espantalho e superespião. O Garrote já tinha percebido que os cérebros enlatados possuíam possibilidades muito mais amplas do que apenas a chantagem contra uma casa editora de segundo escalão.

- Ele me avaliou bem- disse Meio Litro. - Sabia que se eu jurasse, manteria minha palavra; em duzentos anos as pessoas aprendem a agir assim, caso contrário ficariam loucas. Acho que até seria uma vida interessante. Ele me disse, por exemplo: "Imagine só como se sentiria um traidor do sindicato se abrisse sua mala e encontrasse você, com seu olho ligado, e você anunciasse que ele estava frito". Só que depois fiquei fascinado, pensando em quando eu acabasse ficando com medo. E teimei. Sobretudo, queria que ele me contasse mais. Sabem, o ácido não poderia provocar em mim qualquer dor... apenas sensações novas. E talvez ideias novas... durante algum tempo.

Quando Zane penetrou no camarote, poderia ter sido paralisado por um raio que provocava curtos-circuitos e que o astuto Fenicchia lançou contra ele. Entretanto, o prudente Zane estava segurando na frente uma rede de cobre que atuou como uma tela de Faraday. Quando viu as manchas de ácido nítrico na superfície de Meio Litro, Zane apanhou com uma pinça a base alcalina que o Garrote já tinha preparado para neutralizar o ácido e, enquanto a despejava sobre Meio Litro, esbofeteou com a outra pinça o chefe dos bandidos, arrancando a metade de seus dentes, um bom pedaço da face e do queixo, a metade do lábio superior e a ponta do nariz.

Depois de despejar o neutralizador, Zane apanhou Meio Litro e, passando entre gangsteres apavorados com a catástrofe, se jogou ao mar, onde estava amarrada sua unidade a jato. Considerando que talvez o ovo não resistisse à pressão da água, o robô resolveu proceder logo embaixo da superfície, segurando Meio Litro acima da água, com uma pinça.

- Que viagem, minha gente! - exclamou Meio Litro. - Quase consegui sentir a água.

- Acho que se alguém da tripulação tivesse tempo de observar, poderia ter visto uma cena muito estranha: um ovo prateado deslizando misteriosamente entre as cristas das ondas -

admitiu Zane.

- Pare, não diga isso, isto me deixa arrepiado! - exclamou Flaxman, encolhendo os ombros e fechando os olhos. - Desculpe, Meio Litro.

Ao chegar no limite de cinco milhas, Zane chamou Miss Blushes pelo rádio e explicou como devia manter o avião parado no mesmo lugar. Flaxman lançou uma escada. Quando chegou a bordo, o robô cuidou, antes de mais nada, de trocar a fontanela de Meio Litro.

- Eu não acredito na necessidade de trocar as fontanelas a cada oito horas - disse Meio Litro. - Lembro-me muito bem que naquela ocasião todos fingimos que estávamos desmaiados, só para assustar a enfermeira.

- Diga-me uma coisa, Zane - perguntou Gaspard, curioso. - O que teria acontecido se a unidade de jatos tivesse uma pane?

- Teria descido como uma pedra até o fundo do oceano - respondeu o robô. - Provavelmente estaria lá até agora, com Meio Litro entre os braços e - se meu olho iluminado e minha estrutura pudessem resistir - admiraria a beleza dos sedimentos e a vida nos abismos. Ou, conhecendo meu jeito, estaria tentando chegar à praia a pé.

- Pois é, tudo isto é muito instrutivo - observou o deputado desgarrado de seu grupo. Estava despejando mais uísque no copo e sua voz começava a ficar pastosa.

- Sem dúvida - concordou Zane.

- Pelo menos, agora você pode voltar para seu projeto Ele com a consciência tranquila - falou Gaspard.

- É verdade, agora posso - concordou Zane sem maiores explicações.

- Olhe, está aparecendo o litoral- anunciou Miss Blushes. - As maravilhosas luzes de New Angeles parecem um chão de estrelas. Sinto-me tão romântica!

- O que é este projeto Ele? - perguntou Flaxman. - Tem algo a ver com a Rocket House?

- Sim, de uma certa forma - disse Zane.

- Mais uma das ideias de Cullingham? - insistiu Flaxman. - A propósito, estou preocupado. Aquela mulher, Ibsen, é capaz de deixá-lo completamente incapacitado e vamos ter que cuidar de tudo que Cully está fazendo agora.

- Não, isto não tem nada a ver com o senhor Cullingham - respondeu Zane, para tranquilizá-lo. - Por outro lado, prefiro não discutir o assunto agora, se o senhor não se importa.

- Neste caso deve ser um projeto que você mesmo assumiu, não é mesmo? - comentou

Flaxman, muito esperto. - Tudo vale para um herói; e, pode acreditar, não estou brincando.

- Eu sei de uma coisa que você não sabe - disse Meio Litro.

- Cale a boca - falou Zane, e desligou seu alto-falante.

CAPÍTULO

QUARENTA

O deputado desgarrado de seu grupo foi deixado enquanto tentava explicar aos fiscais como tinha pilotado um avião do deserto de Mohave até um navio-cassino fora das águas territoriais e como voltou enquanto estava completamente inconsciente - ou, pelo menos, apenas em companhia de algumas simpáticas alucinações. Ao mesmo tempo, o grupo da Rocket House voltou para a sede, que continuava em destroços, povoada apenas por um sempre mais confuso Joe e vinte jogadores de bola lunar do Time Dente de Leite, todos sentados e bem comportados no saguão.

O mais gordinho dos garotos se levantou e gritou para Flaxman:

- Senhor, somos fãs e grandes admiradores de sua série dos Esportes Exteriores e Torcedores Espaciais. Nossa equipe de bola lunar foi escolhida...

- Isto é ótimo, é maravilhoso! - berrou Flaxman, passando a mão nos cabelos do garoto e olhando ao redor com expressão angustiada, como esperando encontrar ainda mais buracos no prédio. - Gaspard, ofereça a estes jovens heróis um bocado de sorvete. Vou conversar mais tarde com vocês, garotos. Joe, procure acordar e me diga o que aconteceu. Enfermeira Bishop, ligue para a Creche. Zane, veja o que está acontecendo nos armazéns. Miss Blushes, arranje-me um charuto.

- Aqui, o que aconteceu foi o caos, senhor Flaxman, pode acreditar - começou Joe, com seu ar triste. - Tivemos uma batida do pessoal do governo. Entraram aos magotes por todas as portas e também pelo teto. Um sujeito gordo, que os outros chamavam senhor Mears, me deu uns safanões e perguntou: "Onde estão? Onde estão aquelas coisas que escreverão os livros?" Daí, mostrei os três ovos que estavam em cima, no escritório do senhor Cullingham. Ele começou a dar gargalhadas sarcásticas e disse: "Não estou me referindo a esses. Sei tudo sobre isto. Trata-se de idiotas. E como poderiam trabalhar igual a fábricas de palavras, com aquele tamanhinho?" Aí, eu disse: "Não são idiotas, não. São muito inteligentes, são até

malvados. Diga alguma coisa, Ferrugem", falei, e, o senhor não vai acreditar, mas aquele ovo imbecil não quis falar nada, só fazia gu-gu,gu-gu! Pois então, o pessoal do governo arrebentou tudo, procurando fábricas de papel escondidas. Até chegaram a testar nossas máquinas de escrever grandes, para ver se elas escreviam sozinhas. Depois foram à Contabilidade e arrebentaram o velho computador. Finalmente, para coroar a obra, confiscaram minha velha pistola de gambá; disseram que eia uma arma proibida em todos os países por toda a eternidade, junto com balas de cobre, dum-dum, baionetas serrilhadas e produtos químicos para envenenar nascentes!

- Acabo de falar com a senhorita Jackson - disse a enfermeira Bishop. - Todos os vinte e nove moleques estão bem - a senhorita Phillips conseguiu chegar lá, sem maiores dificuldades, com os três que estavam na Rocket House. Todos ainda estão reclamando porque não receberam seus rolos de papel. Pop teve convulsões pós-etílicas, mas está dormindo. Com licença.

Correu para a toalete de senhoras, seguida por Miss Blushes que acabava de entregar a Flaxman um charuto, segurando-o à distância, com a ponta de suas pinças.

- Desculpe-me, enfermeira - falou a robix rosada, logo que chegaram naquele recinto sagrado. - Estou morrendo de vontade de lhe fazer uma pergunta muito pessoal. Espero que você não se importe.

- Pode falar.

- Sabe, até esta manhã eu sempre vi que você era uma moça com dotes frontais notáveis, você sabe o que quero dizer. E agora... - Indicou com um gesto as modestas protuberâncias da enfermeira Bishop.

- Ah, isto! - A enfermeira Bishop franziu a testa. - Sabe, decidi me livrar destas coisas - eram excessivamente sexy!

- Como você é corajosa! - gaguejou Miss Blushes. - Naturalmente, sei tudo sobre as Amazonas, mas acho que você tomou uma decisão muito drástica. Você tem muito mais coragem que eu; eu não quis nem mesmo me pintar de preto quando São Willi morreu. No fundo dos meus circuitos mais íntimos, eu sempre fui covarde. Enfermeira, você é tão corajosa, diga-me: uma criatura feminina acaba realmente se sentindo perdida e totalmente má quando sacrifica sua honra e sua decência... e sua inocência... apenas para o prazer próprio e

da criatura que ama?

- Espere aí, esta é uma pergunta tendenciosa - protestou a enfermeira Bishop. - Mas é verdade: ela se sente completa e totalmente má. Era isto que você queria saber?

No saguão de entrada, o pequeno jogador Dente-de-Leite, depois de consumir o sorvete, resolveu se aproximar mais uma vez de Flaxman. Entretanto Joe, que estava coçando a cabeça, disse de repente:

- Eu esqueci de perguntar, senhor Flaxman. Quando foi que Clancy Goldfarb começou a trabalhar para o governo?

- Você se refere ao velho bucaneiro, o velho pirata de livros? Joe, você está biruta.

- Não, senhor Flaxman, não estou biruta. Clancy e seu bando estavam juntos com os homens do governo, misturados com eles, enquanto procuravam e revistavam e quebravam. Só que depois de algum tempo desapareceram, agora me lembro bem.

Zane Gort desceu zunindo pela escada rolante, que estava mais uma vez parada. O robô ainda estava com Meio Litro nos braços.

- Sinto muito ter que anunciar que mais de quarenta por cento dos estoques de livros da Rocket House desapareceram - disse. - Todos os contos que se referem a sexo desapareceram.

Flaxman estremeceu e começou a se balançar sobre os calcanhares.

O pequeno e gordo jogador Dente-de-Leite fez um sinal a outros dois garotos que traziam uma grande caixa preta.

- Senhor... - começou com ar decidido.

- O que é que você está fazendo, plantado aí? - rugiu Flaxman, olhando para Zane. - Leve aquele ovo de volta à Creche e ligue-o com um sonógrafo! Gaspard! Leve os trinta rolos de papel para a Creche! Vamos encurtar o prazo daquelas novelas! Quero tudo pronto, aqui, depois de amanhã! Chega de férias! O próximo sequestrado será despedido! E isto vale também para a minha pessoa. Enfermeira Bishop! Não fique tagarelando na galeria, desça para cá. Quero que volte imediatamente para perto daqueles ovos e comece a convencê-los de que devem trabalhar sem parar, à máxima velocidade! E prepare um pouco de adrenalina e outros remédios para reanimar Cullingham, quando ele reaparecer! Miss Blushes!

Parou, sem saber que mais ordens dar.

Meio Litro interferiu:

- Afinal, senhor Flaxman, o que o senhor pensa que é? Como ousa exigir a criação de grandes obras de arte e ainda por cima fixar a data de entrega?

- Cale a boca, seu pimpolho de lata! - berrou Flaxman, furioso.

- Veja bem o que está dizendo- retrucou o ovoide - Caso contrário vou aparecer em seus sonhos. Vou criar seus pesadelos!

Flaxman preparou-se para gritar uma resposta, hesitou e depois observou o ovo com uma expressão esquisita.

O pequeno jogador do Time Dente-de-Leite julgou que o momento era oportuno, e começou seu discurso:

- Senhor, somos fãs e torcedores de sua série Esportes Exteriores e Torcedores do Espaço. Nosso time de bola lunar foi escolhido, pelo presidente dos fãs, para conferir à Rocket House o mais importante prêmio, como reconhecimento pela extraordinária contribuição aos esportes extraterrestres e aos campeonatos espaciais.

Levantou uma mãozinha. Os dois garotos abriram a tampa da caixa preta.

- O senhor recebe nesta ocasião solene... - O garoto se virou, apanhou um objeto na caixa e, de repente, jogou contra Flaxman um grande ovoide brilhante que, apesar de mais lustroso, era quase idêntico a Meio Litro.

Flaxman lançou um grito agudo. O ovoide bateu em seu peito com um som oco e saltou para um lado.

- ...a Bola Lunar de Prata! - terminou o pequeno jogador, enquanto Flaxman caía de costas, desmaiado.

CAPÍTULO

QUARENTA E UM

A Rocket House estava toda enfeitada para o julgamento do Concurso Literário dos Ovos Prateados. Gaspard tinha pendurado uma faixa com estas palavras, no escritório maior; Joe, o Guarda, tinha colocado uma porção de cadeiras dobráveis e esticado algumas tiras de papel prateado; Engstrand estava providenciando os refrescos e a escada rolante estava funcionando de novo.

Infelizmente, a trava elétrica da porta, mais uma vez consertada, estava mostrando um estranho comportamento: a porta se abria sozinha, a intervalos imprevisíveis, provocando grandes sustos em Flaxman, sem que ninguém estivesse batendo e sem que ninguém tocasse nos botões de controle. O inconveniente foi eliminado por Joe, que aplicou alguns violentos golpes de martelo.

Os sócios decidiram dividir a leitura dos manuscritos - quinze para cada um, escolhidos sem qualquer critério e todos anônimos. Ambos tomaram comprimidos Prestíssimo, que multiplicava a velocidade da leitura por um fator de dez, e as longas tiras de papel passavam na tela de suas máquinas de leitura, com investidas aceleradas entre paradas nervosas.

Cullingham parecia levar um pouco mais de tempo para ler cada trecho, mas em compensação lia trechos mais longos. O diretor editorial, magro e loiro, não mostrava qualquer sinal de cansaço depois de passar quarenta e oito horas nas garras de uma mulher antropófaga e feroz. Pelo contrário, parecia estar ganhando terreno aos poucos sobre Flaxman. De fato, quando chegaram mais ou menos na metade, estava ganhando por um manuscrito inteiro. Gaspard observou isto com tristeza, porque tinha feito uma aposta com Zane, e ,pelo que podia observar, nenhum editor estava pulando linhas.

Todos os fiéis empregados da Rocket House estavam presentes; de fato, ninguém queria perder a ocasião de ver os dois sócios executar um pouco de trabalho, para variar. Lá estavam Gaspard com a enfermeira Bishop, Zane com Miss Blushes, e os irmãos Zangwell

estavam sentados lado a lado. Pop Zangwell, depois de tomar banho, parecia meio pálido, mas estava calmo, a não ser por um cacoete: de vez em quando enrolava sua barba branca no pulso, olhando com saudade para a mesa cheia de bebidas e que, para ele, representava território proibido.

No começo havia uma certa apreensão, especialmente de Gaspard, que Heloísa interferisse de maneira escandalosa naquela cerimônia. Entretanto, como qualquer outra mulher de editor, ela se mantinha calma, metida em roupas elegantíssimas e com um decote vertiginoso. Cumprimentara a todos com palavras amáveis e de vez em quando sorria carinhosamente para Cullingham, quando este levantava os olhos da leitura.

Por estranho que pareça, até Miss Willow estava presente: o contrato de aluguel de Cullingham ainda não estava terminado, sobravam mais três dias. Entretanto, Flaxman sentia-se perturbado pela presença daquele femiquim, e ficou decidido que ela ficaria relegada num canto e coberta completamente por um grande lençol. Mesmo assim, o editor continuava a julgá-la "arrepicante".

Foi justamente para não impor a Flaxman um esforço excessivo de controle nervoso que Cullingham decidiu que os ovos não estariam presentes; mas para não excluir os ovos daquela reunião, havia uma ligação de TV de duas vias entre a Creche e o escritório. Infelizmente, o circuito estava com defeito e a enorme tela de vez em quando ficava vazia, apresentando apenas ondulações em espinha de peixe. Naquele instante, porém, via-se a senhorita Jackson cercada por um grupo de pequenos olhos TV; apesar de suas atitudes de desinteresse e de altiva grandiosidade literária, todos os ovos mostravam-se extremamente interessados no julgamento de suas obras-primas, compostas com tanta pressa; e nenhum ovo tinha se atrasado. Meio Litro, logo depois de chegar na Creche, tinha escrito sem parar, a uma velocidade muito maior que a dos outros.

Os dois sócios estavam secretamente satisfeitos por ter uma audiência numerosa: afinal, esta era a única maneira que ambos conheciam para trabalhar de vez em quando. Evitavam qualquer comentário e procuravam ocultar suas reações, favoráveis ou desfavoráveis, mesmo quando terminavam um rolo e apanhavam o seguinte, e estes gestos provocavam nos outros uma certa excitação. As conversas em voz baixa costumavam parar, indicando uma atmosfera de indiscutível suspense.

- Li mais um pouco do Caso Mauritzius ontem à noite - murmurou Gaspard, sacudindo a cabeça. - Meu Deus, Bishop, se este livro é um exemplo de novela policial antiga, gostaria de saber como eram os livros mais comuns.

- Trate de terminá-lo depressa - respondeu a moça. - Os ovoides escolheram um outro livro policial para você, escrito por um grande autor russo especializado em suspense: Os irmãos Karamazov. Depois disso eles pretendem diverti-lo com uma história sobre um funeral irlandês intitulada Finnegans Wake, uma crônica social intitulada Lembranças de Coisas Passadas, um melodrama de capa e espada intitulado Rei Lear e uma fábula intitulada A Montanha Mágica, além de uma novela sobre os altos e baixos de uma família conhecida sob o título de Guerra e Paz, se eu não me engano. E me disseram que já fizeram um programa completo de leituras leves para você.

Gaspard encolheu os ombros.

- Está bem, só espero que não me obriguem a ler coisas medíocres da antiguidade. Posso aguentar o resto. Mas há um mistério que não me deixa dormir... O projeto Ele do Zane.

- Ele não explicou nada? Não entendo, vocês são tão amigos.

- Não, não me deu qualquer explicação. Você sabe o que é? Acredito que Meio Li troque o segredo.

A enfermeira Bishop sacudiu a cabeça e apertou sua mão:

-Temos nosso segredo também - murmurou sorrindo.

Gaspard também apertou sua mão.

- Diga-me, os ovoides já fizeram alguma previsão sobre o vencedor do concurso?

- Eles não querem dizer nada. Aliás, estou preocupada. Eles não costumam fazer tantos mistérios.

- Pode ser que todos os manuscritos sejam formidáveis - arriscou Gaspard num surto de otimismo. - Imagine só, trinta best-sellers de uma só vez!

A leitura dos rolos estava quase chegando ao fim e a tensão estava aumentando sensivelmente - podia-se ver isto na luta de Joe, que tentava impedir o irmão de se jogar sobre a mesa dos refrescos. Gaspard, que estava voltando dessa mesma mesa, sentiu de repente uma cutucada do cotovelo de aço de Zane Gort que, com amabilidade diplomática, estava levando um prato de petiscos para Heloísa Ibsen.

- Gaspard - murmurou o robô -, preciso lhe dizer uma coisa.

- Sobre o projeto Ele? - perguntou Gaspard, esperançoso.

- Não, uma coisa muito mais importante - pelo menos, para mim. É algo que eu nunca confiaria a um outro robô. Miss Blushes e eu passamos juntos as últimas duas noites - em atividades íntimas.

- E como foi, Zane?

- Foi maravilhoso, muito além de qualquer expectativa! Entretanto, Gaspard, há uma coisa que eu não podia prever, e que realmente me surpreendeu e até me perturbou um pouco: eu não pensava que Miss Blushes poderia ser tão entusiasmada!

- Quer dizer, Zane, que você está perturbado porque imagina que ela pode ter tido alguma...

- Não, não, não. Ela era completamente inocente; existem maneiras de descobrir isto. Só que ficou entusiasmada logo em seguida. Ela só queria ficar ligada comigo; e durante períodos muito prolongados!

- E você se queixa? Cuidado, Pop está chegando... não, Joe já conseguiu segurá-lo.

- Não, Gaspard, não estou me queixando, só que acho que isto vai tomar uma enorme quantidade de tempo, especialmente quando penso em viver o resto de minha vida com ela. Entenda bem, o tempo de uma união entre um robô e uma robix é o tempo em que um robô fica sem pensar; sua mente entra numa espécie de transe eletrônico de êxtase, uma espécie de vácuo negro pontilhado de raios luminosos. E eu estou acostumado a pensar vinte e quatro horas por dia, o ano inteiro, e a perspectiva de ter que fazer intervalos consideráveis no tempo dedicado a pensar, está me perturbando profundamente. Gaspard, sei que você não vai acreditar, mas durante nossa última união Miss Blushes e eu ficamos ligados durante quatro horas!

- Nossa, velho parafuso - comentou Gaspard. - Tenho a impressão de que você está enfrentando os mesmos problemas que eu enfrentava com a Ibsen!

- E como posso resolvê-los? Quando posso escrever?

- Zane, será que você está mudando de opinião e acha que a monogamia não é mais a melhor solução para o dr. Tungstênio? Acho que fazer viagens de vez em quando poderia ser uma boa solução. Espere agora, acho que terminaram a leitura. Cullingham ganhou por um rolo completo! Vou pagar minha aposta mais tarde, agora preciso voltar para o lado de Bishop.

G. K. Cullingham deixou-se cair para trás, piscando rapidamente os olhos e depois fechando as pálpebras com força. Não sorriu para Heloísa, apenas inclinou a cabeça. A seguir, falou como uma metralhadora:

- Que tal uma pequena conferência, Flaxie, antes de você começar o último rolo? - Sua voz estava tentando sair com a velocidade compulsiva induzida pela droga. Apertou um controle e a tela do televisor se apagou. - Eles pensarão que é apenas o costumeiro defeito do circuito - disse.

Flaxman colocou o último rolo em sua máquina e depois olhou para o sócio. Cullingham, com um grande esforço, conseguiu controlar a voz e falar sem a velocidade induzida pelos comprimidos Prestíssimo. Suas próximas palavras saíram com dolorosa lentidão:

- Quais são seus resultado até agora?

O rosto impassível de Flaxman assumiu uma expressão de profunda tristeza. Com a voz embargada de quem está comunicando o trágico resultado de um incêndio num jardim de infância, murmurou

- Uma porcaria. Uma verdadeira e legítima porcaria.

Cullingham balançou a cabeça.

- Confere. Tudo que li até agora é uma verdadeira porcaria. Sem exceções.

O primeiro pensamento de Gaspard foi o de que, bem no íntimo, no fundo de sua consciência, ele já estava prevendo que o resultado seria este. E que todos os outros também deviam ter esperado a mesma coisa - bem no fundo de sua consciência. Como alguém poderia esperar que alguns egomaníacos muito velhos, que viviam em incubadeiras, pudessem produzir alguma coisa válida? Como poderiam descrever a vida como ela é, quando eram apenas velhos birutas enlatados? Gaspard começou a considerar Flaxman e Cullingham duas figuras extremamente românticas, dois paladinos de esperanças perdidas, de causas perdidas e com ilusões crepusculares.

Como para confirmar este conceito, Flaxman encolheu de repente os ombros, como um herói romântico de estatura levemente reduzida, e que aceita corajosamente o terrível fardo da tragédia.

- Ainda preciso ver esse último - anunciou o editor, falando com esquisita rapidez. - É apenas uma formalidade. - Abaixou a cabeça e acionou sua máquina de leitura.

Gaspard se levantou e seguiu o exemplo dos outros que se aproximavam de Cullingham.

Pareciam carregadores de esqui esperando a palavra do diretor da funerária.

- Não se trata de incapacidade ou falta de imaginação - explicou Cullingham, como a se desculpar, e controlando a fala com maior facilidade. - E não se trata de ausência de diretrizes editoriais, que, aliás, poderiam ter ajudado em alguns casos. - E olhou para Gaspard e Zane com um sorriso misterioso.

- Imagino que existe uma carência de simples simpatias humanas?- perguntou Gaspard.

- Ou então não existe um fio condutor? - acrescentou Zane.

- Talvez seja uma questão de identificação com os leitores - arriscou Miss Blushes.

- Será que carecem de enfoque visceral? - falou Heloísa Ibsen. Cullingham assentiu. -

Entretanto - disse - é muito mais do que isto. É apenas o monstruoso convencimento daquelas coisas egocêntricas. Estes manuscritos não contêm histórias, são charadas... e na maioria dos casos não têm qualquer solução. Ulisses, Violeta Marciana, Alexanderplatz, O Acatamento de Vênus, A Rainha das Fadas e Os Bardos da Islândia nunca poderiam ser mais complicados e mais perversamente complexos. Em resumo, é o seguinte: os ovoides fizeram o impossível para nos confundir, só para dar uma demonstração de sua própria inteligência.

- Eu recomendei a eles... - começou a enfermeira Bishop e se calou. Estava chorando.

Gaspard colocou um braço em seus ombros. Há dez dias teria apenas comentado: - Eu não falei? - e recomeçado a elogiar o produto das fábricas de papel; agora, porém, estava também com vontade de chorar ou, pelo menos, sentia-se tão perturbado que não se impressionou com a coragem filosófica que Cullingham ostentava, ao constatar o fracasso do brilhante projeto lançado por ele próprio e seu sócio Flaxman.

- Não podemos culpar os ovos - frisou o diretor editorial, emocionado. - São apenas cérebros encapsulados e me parece bastante lógico que tenham chegado à conclusão de que as ideias são apenas brinquedos, que podem ser reunidas de qualquer maneira para compor desenhos coloridos, como se fossem contas de vidro. Imaginem só, um destes manuscritos foi elaborado em forma de poema épico que, às vezes, mistura mais ou menos dezessete idiomas numa mesma sentença. Um outro manuscrito é uma tentativa - devo admitir, até que bastante brilhante no gênero - de fazer um resumo de toda a literatura conhecida, desde O Livro dos Mortos, do antigo Egito, incluindo Shakespeare, Dickens e Hammerberg. Num outro

manuscrito, as primeiras letras de cada palavra compõem uma segunda história, extremamente escatológica, embora eu não tivesse o tempo de lê-la completamente. E num outro... Bom, afinal não se trata de obras completamente ruins. Poderíamos dizer que algumas são como as primeiras obras de escritores de grande talento, escritas ainda no tempo do ginásio para impressionar o professor. Tem até uma novela pseudopopular - acho que foi escrita por Nick Dois - com todos os melhores lugares-comuns e uma boa técnica, mas com um substrato de menosprezo, sem qualquer calor humano. E a maioria...

- Os moleques não são frios - protestou a enfermeira Bishop. - Eles são... ah, eu tinha tamanha certeza que, pelo menos, alguns manuscritos seriam bons. Especialmente quando Ferrugem me disse que não estavam inventando histórias novas, apenas pondo no papel o material que tinham colecionado durante mais de um século, para seu próprio divertimento.

- Vai ver, deve ser esta a razão principal do fracasso - comentou Cullingham.- Estão tentando impressionar as superinteligências. É apenas um foguetório intelectual. Se vocês não me acreditam, escutem isto.

Apanhou um rolo, separado dos outros, puxou a tira de papel e começou a ler.

"Este obscuro elo maternal situa o espírito no limite mais interno das cinzas da fogueira, onde uma vazia carapaça negra canta enchendo o ar, modulando, trinando e morrendo. Desejo. Empurro. Amasso. Quatro numa forma de corte criam paz interior sem..."

- Cully! - O chamado soou como um clarim.

Todos olharam para Flaxman. Os olhos do editor estavam firmes sobre o papel. Estava radiante. Cully, isto é um estouro! - gritou, sem levantar os olhos e sem parar a máquina. - Isto aqui vai ribombar em todo o Sistema! É muito melhor que qualquer história de um Escriba Scribner. Basta ler poucas páginas para...

Cullingham já estava olhando avidamente por cima de seu ombro e todos os outros estavam cercando os dois editores para ver alguma coisa.

- É sobre uma moça nascida em Ganimedes e que não tem sentido do tato - explicou Flaxman, sem parar de ler. - Ela se torna uma acrobata de baixa gravidade em boates e a notícia de sua invalidez se espalha por todo o Sistema; e tem um famoso cirurgião... mas a simpatia que o autor esbanja em apresentar a moça, a maneira extraordinária usada para levar a gente a ver o que se passa em seu interior... O título é Você Sentiu Minha Dor...

- Esta é a história escrita por Meio Litro - exclamou a enfermeira Bishop, excitada. - Ele costumava me adiantar o desenvolvimento do enredo. Deixei-a por último, porque estava receando que não estava muito bem escrita, que não era tão boa como as outras.

- Minha filha, ainda bem que você não é editora. Seria péssima! - exclamou Flaxman, transbordando felicidade. - Cully, por que a TV está desligada? Precisamos comunicar as boas notícias à Creche!

Depois de muitas tentativas para eliminar a louca dança das espinhas de peixe, brancas e pretas, e enquanto a Creche recebia a notícia da vitória de Meio Litro e reagia com ruídos esquisitos e interjeições truncadas, a imagem ficou clara. Viu-se então a metade superior de Meio Litro - devia ser Meio Litro! - com seu olho, microfone e alto-falante bem no centro da tela, cercado por todos os lados pelos olhos dos outros, entre os quais ressaltava o rosto cansado da senhorita Jackson.

- Meus parabéns, rapaz! - gritou Flaxman, apertando as mãos por cima da cabeça e agitando-as com força. - Como foi que você conseguiu? Qual é seu segredo? Estou perguntando, e espero que seus colegas não levem a mal, porque todos os outros podem aprender alguma coisa de sua resposta.

- Não foi nada. Apenas me concentrei no sonógrafo e deixei que meu poderoso cérebro fizesse todo o trabalho - proclamou Meio Litro, truculento. - Deixei que o universo começasse a girar como uma roda-gigante e agarrei as ideias enquanto passavam voando. Desativei o cosmo, para recompô-lo em seguida. Pulei no trono de Deus, enquanto Ele estava ausente, alimentando os arcanjos, e tomei emprestado sua coroa de Criador. Eu...

Meio Litro se calou e reconsiderou.

- Mentira, não foi nada disto - falou mais devagar. - Pelo menos, não foi apenas isto. Quero explicar melhor: eu tive experiências... quero dizer, novas experiências. Fui sequestrado; aquela perseguição no terceiro capítulo é apenas o relato de meu sequestro, com alguns enfeites. E Zane Gort me levou para dar uns passeios, isto também me ajudou, aliás me ajudou muito mais do que...

Mas não quero falar mais sobre isto, quero contar o verdadeiro segredo da minha história. aquele segredo que ninguém poderia adivinhar. Quem escreveu minha história não fui eu. Foi a enfermeira Bishop.

- Meio Litro, você é um idiota! - estrilou a moça.

- Sim senhora, foi você que escreveu a história, mãezinha - continuou Meio Litro, levantando a voz, enquanto sua forma reluzente parecia crescer na tela. - As coisas começaram a tomar forma enquanto eu estava lhe contando o enredo. Estava pensando em você o tempo todo, porque queria que você entendesse. Na realidade, eu estava tentando namorar você, porque você, mãezinha, é também a moça da história - ou talvez seja eu, talvez a moça que não pode apalpar as coisas - não, estou ficando confuso... De qualquer forma, existe uma barreira, uma espécie de anestesia, e nós conseguimos contorná-la...

- Meio Litro - falou Flaxman, com a voz rouca e uma lágrima descendo pelo rosto -, ainda não disse para ninguém, mas existe um prêmio para o ganhador do concurso: é um sonógrafo de prata, que foi do glorioso Hobart Flaxman em pessoa. Gostaria que você estivesse aqui, para poder entregá-lo agora mesmo e para poder apertar sua... Quero dizer, gostaria que você estivesse aqui, pode acreditar.

- Está bem, senhor Flaxman, obrigado. Não precisamos de prêmios, não é mãezinha? E vamos ainda ter montes de ocasiões...

- Nada disto, por Deus! - rugiu Flaxman e se levantou. - Você tem que vir para cá agora mesmo! Gaspard, vá bus...

- Gaspard não precisa ir! - guinchou Miss Blushes com sua voz penetrante. - Zane saiu há trinta segundos para ir buscar Meio Litro. Ele me disse para avisar o senhor.

- Gostaria de saber o que é que aquele palerma de lata pensa que é... Perfeito, extraordinário! - gritou Flaxman. - Meio Litro, meu rapaz, vamos logo...

Não terminou a sentença porque a imagem da tela ficou embaralhada, apareceram mais espinhas de peixe e depois se apagou. O som também sumiu.

Ninguém se importou. Todos estavam interessados apenas em se dar mutuamente os parabéns e esvaziar os copos, brindando à vitória. Joe entrou mais uma vez em conflito com seu irmão gêmeo, que simplesmente não conseguia entender porque não podia compartilhar de tamanha fartura alcoólica. O velho beberrão conseguiu se desvencilhar e estendeu uma mão trêmula envolvida em suas longas barbas, apanhou uma garrafa de uísque e depois gritou desesperadamente:

- Lá se vai ela! - seguindo com olhos arregalados a imagem de uma garrafa de uísque que

pareceu flutuar no ar e desapareceu através da porta fechada. - Você viu que ela desapareceu - queixou-se mais uma vez com a voz embargada. Joe conseguiu levá-lo até uma cadeira com muita dificuldade.

A este ponto a excitação geral já estava arrefecendo um pouco e dava até para ouvir um ou outro trecho de conversa.

Cullingham estava explicando a Gaspard:

- Portanto, você viu que é uma questão de cooperação editorial. Uma espécie de simbiose. Todo cérebro precisa de uma criatura humana sensível para lhe contar sua história, precisa de um parceiro que não esteja confinado. Basta encontrar a pessoa certa para cada cérebro. Esta vai ser uma tarefa que me dará a maior satisfação. Será como ter uma agência de casamentos!

- Cully, meu amor, você tem as ideias mais engraçadas - observou Heloísa Ibsen com uma risadinha discreta.

Gaspard comentou, entusiasmado:

- Pois é. E quando tivermos mais uma vez fábricas de palavras funcionando, com sua capacidade de memória e de sensações tão maiores que as humanas, vamos ter oportunidades triplicadas. Pensem um pouco! Um ovoide, um escritor bípede e uma fábrica de palavras; que time literário do outro mundo!

- Não tenho tanta certeza se fabricaremos novas fábricas de palavras, ou se vamos usá-las eventualmente na mesma medida, como até agora - comentou Cullingham, pensativo. - Programei as fábricas durante a maior parte de minha vida adulta e, portanto, nunca disse nada contra elas, mas vou confessar que sempre me senti oprimido pelo fato de serem apenas máquinas mortas, que não podem trabalhar a não ser segundo uma fórmula já estabelecida. Por exemplo, elas nunca poderiam cometer o bendito erro de escrever sobre elas mesmas, como fez o time Meio Litro/Bishop. - Sorriu para Gaspard - Aposto que você ficou surpreso ao me ouvir falar deste jeito, não é? Mas será que você entende que, apesar de centenas de milhares de pessoas, não, milhões de pessoas, terem adormecido induzidas pelo palavrório, nunca ficou perfeitamente claro se o efeito era devido à história em si, ao hipnotismo ou à estéril e perfeita manipulação de alguns símbolos fundamentais de segurança, prazer e medo... uma fórmula repetida sem fim, com o intuito de satisfazer o ego, aplacar as angústias

e acalmar a mente. Quem sabe? Esta noite pode marcar o renascimento da verdadeira ficção no mundo; uma ficção que engatinha, que se arrisca, que busca e explora!

- Meu amor, você não está bebendo demais? - perguntou ansiosamente Heloisa Ibsen.

- Pois é, Cully, cuidado com esse uísque, ele desce com muita facilidade quando se está animado! - avisou Flaxman, lançando um olhar preocupado ao sócio. - Escutem aqui, quando Meio Litro entrar por aquela porta, quero que todos parem de fazer qualquer outra coisa e quero ouvir uma enorme salva de palmas. Não quero que ele se sinta como um fantasma no banquete. Zane deve estar para chegar.

- Do jeito que ele galopa, senhor Flaxman, acho que já deveria ter chegado há mais de cinco minutos - observou Joe, que estava tomando dois golinhos rápidos, aproveitando uma distração temporária do irmão, muito interessado no sonógrafo de prata que alguém tinha trazido do escritório ao lado.

- Espero que o atraso não seja por causa do outro sequestro - estrilou Miss Blushes, agitada. - Não posso aguentar a ideia! Não quero que alguma coisa aconteça com o Zane!

- Existem muitas teorias a respeito de sequestro - afirmou Cullingham, agitando um copo. - Algumas pessoas temem e deploram os sequestros. Outras consideram os sequestros um novo despertar para a vida.

- Oh, Cully! - gorgolejou Heloisa, agarrando-o por um braço. - Ei, diga, você nunca me mostrou aquela cadela de borracha. Acho que hoje à noite deveríamos levá-la para casa, porque você pagou adiantado e ainda está à sua disposição, porque existem torturas que só podem ser aplicadas por duas moças. Cully, meu amor, é verdade que você a batizou Tetinhas Willow?

Ouvindo seu código, a femiquim se levantou e, ainda coberta pelo lençol, dirigiu-se para Heloísa.

Pop Zangwell levantou os olhos do sonógrafo de prata que estava admirando e viu seu irmão despejando uma generosa dose de bebida no copo. O velho beberrão começou mais uma vez a tremer e seus olhos se arregalaram.

- E lá vai! - gaguejou.

Flaxman estremeceu e saiu do caminho da femiquim coberta com o lençol.

- Alguém dê um jeito nessa coisa! - ordenou, mas apenas Pop Zangwell olhou para aquele

lado, e mais uma vez o velho gritou, assustado: - E lá vai de novo! - Flaxman arregalou os olhos e teve um calafrio.

Neste mesmo instante a porta com trava eletrônica se abriu de repente e um ovo de prata entrou voando no escritório e deu uma volta completa a dois metros de altura. Tinha um pequeno olho, um pequeno alto-falante e um pequeno microfone, ligados diretamente, sem fios, um estranho triângulo sensorial e motor, e estava apoiado numa pequena plataforma prateada, da qual saíam dois pés com garras, como as mãos de uma harpia. Analisando melhor, parecia mesmo uma pequena harpia metálica ou um mocho de prata hidrocefalo, desenhado por um time composto por Picasso, Chirico e Salvador Dali.

Enquanto a estranha coisa girava ao seu redor, Flaxman continuou a se virar devagar, agitando os braços como a se defender e soltando gritos em falsete. Finalmente virou os olhos e caiu para trás.

O ovo desceu como um raio sobre Flaxman, agarrou suas lapelas, e abrandou a queda.

- Não se assuste, senhor Flaxman - gritou o ovo, sentado sobre seu peito. - Sou apenas eu, sou Meio Litro, redesenhado por Zane Gort. Agora podemos até apertar as mãos. Juro que não vou beliscá-lo.

- O projeto Ele era apenas o código de Projeto Levitação - explicou Zane Gort, quando todos se acalmaram e Flaxman recuperou a consciência. Ainda estava muito pálido, para não dizer esverdeado, mas estava se recuperando com uma dose dupla de Bonnie Lunar Dew. - Foi apenas um problema de engenharia. Não se trata de qualquer trabalho científico original.

- Não acreditem nisto - interferiu Meio Litro, sentado no ombro de Zane. - Este robô tem apenas cinquenta por cento de lata. O resto é puro gênio.

- Fique quieto, agora sou eu quem está falando - disse Zane. - Eu apenas parti do fato de que, há alguns anos, alguém conseguiu aplicar campos de antigravidade a objetos pequenos, resolvendo os problemas tecnológicos envolvidos. O gerador do campo está na plataforma da base de Meio Litro. Ele consegue variar o campo e inclinar a base por um processo bastante simples, o qual vou explicar logo. Da mesma forma consegue controlar as pinças que lhe servem como mãos.

Pensando bem, toda esta construção, a não ser o detalhe da antigravidade, poderia ter sido feita há mais de um século. Mesmo na época da excisão dos cérebros, já poderiam ter

providenciado, para eles, poderes de manipulação e locomoção. Mas não foi feito; aliás, ninguém pensou no assunto durante mais de um século. Para explicar esta surpreendente falha, preciso voltar a Daniel Zukertort e sua interessante e duradoura influência sobre suas criaturas. E o velhote fez o impossível para dirigir (e também para distorcer!) o desenvolvimento das coisas, muito mais do que podemos imaginar!

Daniel Zukertort queria criar espíritos desimpedidos, mentes incorpóreas. Entretanto, e ele mais que os outros sabia disto, não conseguiu o que queria, porque os cérebros têm corpos, como qualquer elefante ou qualquer ameoba; quero dizer que eles têm tecidos nervosos, um sistema glandular amputado e um sistema circulatório, embora dependa de uma bomba de isótopos, e um sistema digestivo e excretório, que dependem da micro regeneração do oxigênio e de elementos nutrientes absorvidos através das fontanelas.

Mas Zukie não queria que os cérebros pensassem que tinham um corpo, queria suprimir esta realidade para que eles pudessem se concentrar nas verdades eternas e se restringir às ideias, para que não ficassem pensando em como poderiam, mais um vez, atuar no mundo real, quando ficassem entediados. Daí, Zukertort pensou em marcar as cartas.

O telefone sobre a escrivaninha de Flaxman começou a piscar. O editor afastou a enfermeira Bishop e apanhou o fone, indicando a Zane, com gestos, para continuar.

- Em primeiro lugar, Zukertort escolheu apenas artistas e escritores de tendências humanísticas: homens e mulheres que não se interessavam pela engenharia e que nunca poderiam associar uma mão, por exemplo, com uma pinça ou uma pá, ou pensar num pé como uma espécie de roda.

Em segundo lugar, a fisiologia ajudou Zukie, porque um cérebro não tem sensações por si próprio, não sente a dor, e assim por diante. Pode-se tocar num cérebro, e mesmo maltratá-lo, isto não produz qualquer dor, apenas sensações esquisitas.

Zukertort deu aos seus cérebros encapsulados apenas o mínimo de sentidos e de poderes. Deu a visão e a audição, mas nenhum outro sentido mais forte, mais visceral. Deu-lhes também a fala. Fez isto para que a humanidade pudesse aprender as descobertas espirituais que os cérebros fariam naquele ambiente desmaterializado.

Depois fez um Regulamento para a Creche, concebido de maneira que as pessoas e os próprios ovoides pensassem que eles apenas eram inválidos, indefesos e paráliticos. Até

insistiu numa porção de medidas higiênicas completamente ultrapassadas, como, por exemplo, mandar que as enfermeiras usassem máscaras. Queria que os ovos receassem qualquer atividade, a não ser a atividade mental. Para isto, confiava nos dois mais poderosos impulsos humanos: o desejo dos ovos de ficarem eternamente indefesos, tendo alguém que cuidasse deles, e o desejo das enfermeiras de cuidar, proteger e mimar.

Acredito que todos sabemos qual é a coisa que os cérebros mais querem: é o poder de manipular. Por causa disto, todas as vezes que ficam com raiva, chamam os humanos de macacos. É um indício de profunda inveja. Os macacos costumam agarrar coisas, revirá-las, puxá-las, torcê-las, manuseá-las, senti-las...

- Zane! - A enfermeira Bishop agitou uma mão, excitada. - Entendo o que você quer dizer, mas isto é impossível! Você não pode penetrar no interior dos ovos e ligar algum mecanismo aos cotos dos nervos de seus músculos cinestéticos e voluntários - protestou. - Isto é impossível! Algumas vezes cheguei a pensar nisto, mas ninguém poderia fazê-lo, a não ser o próprio Zukertort. Ninguém tem, ou já teve alguma vez, a habilidade de entrar no interior de seus recipientes. É por isto que ainda não consigo entender o que você fez, que Deus o abençoe! Como é que Meio Litro consegue controlar seu campo de antigravidade e suas garras?

- Eu não disse nada sobre penetrar no interior daqueles recipientes - respondeu Zane. - O que estou dizendo não é, nem de longe, tão difícil. Os sonógrafos: este é o indício que posso adiantar, porque foi o indício que marcou o começo de meu raciocínio. Pensei que, se os ovos têm capacidade suficiente para controlar os sonógrafos, poderiam, com instrumentos de controle vocal apropriados, utilizar mãos artificiais e um aparelho para voar e, ao mesmo tempo, poderiam utilizar a voz, de vez em quando, para falar. É claro que o controle de três sistemas de sinais, com um único canal, exigiu uma certa acrobacia eletrônica e três idiomas estrangeiros (sendo um para cada controle principal), mas não foi excessivamente difícil.

- A mais, os ovoides conseguirão, com o tempo, se valer da voz para controlar os instrumentos e aparelhos de toda espécie; não apenas pequenas garras e controles de flutuação, mas também martelos e serras, guindastes, naves espaciais, máquinas de terraplenagem, cinzéis, facas, microscópios, cubetas, pincéis...

- Pare aí! - gritou Flaxman, colocando uma mão sobre o microfone. - Não tente roubar meus

escritores! Eles têm que ficar na Creche a escrever histórias e contos; e não esvoaçar por todo o Sistema Solar, pintando porcarias de quadros ou abrindo valas na Lua, ou se dedicar de corpo e alma à marcenaria!

- O que você tem que fazer - observou Zane - é se lembrar do sequestro de Meio Litro. Uma série de experiências novas: é isto que os ovoides poderão utilizar para estimular sua inspiração.

- Está bem, está bem... de qualquer forma, consulte-me primeiro. - O editor voltou a falar ao telefone.

- O que Zane disse é verdade - interferiu Meio Litro. - Eu voltei do inferno depois de um século, saí de meu túmulo de lata. Eu sei!

Uma vaia enorme, entremeada de uivos e assobios, saiu da tela de TV, pela qual os outros vinte e nove ovoides estavam seguindo a discussão.

A enfermeira Bishop apertou a mão de Gaspard.

- A Creche se transformará num verdadeiro manicômio - exclamou em voz alta, para que todos ouvissem. - Vamos sentir saudade dos dias tranquilos, quando os moleques apenas cantavam ou gritavam. Vamos ter uma série de colaboradores e teremos que ampliar os aposentos. Precisaremos de bancos de trabalho, mesas de pingue-pongue, aulas de...

Gaspard comentou:

- Aposto que vou conseguir o trabalho de adaptar a antigravidade e a manipulação em vinte oito ovoides, quando Zane me mostrar a técnica no ovo número dois.

- Não é tão difícil como pode parecer, Gaspard - afirmou Zane. - Sobretudo, porque depois dos primeiros, os próprios ovoides poderão ajudá-lo. Estou projetando para eles uma maravilhosa oficina elétrica e uma série de ferramentas com controle vocal, tão versáteis, fortes e delicadas como as pinças dos robôs. E pensar em todas as maravilhosas atividades futuras me dá a impressão de uma reconstrução; realmente, está surgindo em mim uma perspectiva nova, excitante, capaz de mudar toda minha vida futura. - O robô se calou e seu único olho passou vagarosamente pelos rostos ao seu redor e parou.

- Miss Blushes - falou, ao encontrar a robix rosada.- Tenho uma pergunta a fazer. Quero lhe apresentar uma proposta bastante importante. Quer...

- Escutem todos! - gritou Flaxman, depois de desligar o telefone. - Enquanto vocês estavam

a se dar tapinhas nas costas e a trocar parabéns, estive me informando a respeito do que os outros editores estão planejando; e sobre o que estão fazendo! As notícias estão chegando todas ao mesmo tempo; e deixem que eu o diga! A Rocket House tem que fazer algum milagre já, ou poderá fechar! Os cientistas da Harper descobriram como modificar os computadores anadigitais mais adiantados e transformá-los em fábricas de palavras! Houghton Mifflin já fez a mesma coisa com o computador para xadrez e logística! Doubleday testou dez mil possíveis escritores e escolheu sete que têm realmente talento! Random House acaba de encerrar a busca em todo o sistema solar, porque encontrou três robôs enfeitados, que viveram a vida inteira entre humanos, sem a companhia de outras criaturas metálicas, e, portanto, pensam, sentem e escrevem exatamente como os humanos! Proton Press está lançando um romance sobre o sexo humano, escrito por uma robix francesa de dois anos, que foi construída ilegalmente para o lenocínio. Dutton está lançando dois romances do mesmo tipo, obras originais de diretores editoriais. Van Nostrand está anunciando uma série de casos romanceados fornecidos por robôs psicanalistas. Gilbert House afirma ter encontrado um processo para traduzir os clássicos em palavrório da melhor qualidade. A Oxford Press descobriu em Vénus uma colônia de artistas que, por duas gerações, viveu exclusivamente de música de fábricas de melodias, quadros abstratos feitos com computadores e ficção de fábricas de palavras; e cinquenta por cento destes artistas são escritores! Isto significa que precisamos pôr mãos à obra e trabalhar como sessenta; cada ovoide terá que trabalhar por dois! Caso contrário, podemos todos começar a pedir esmolas! Estou me referindo, inclusive, aos ovoides humanos e robóticos de tamanho grande, entenderam? Gort, onde está o próximo livro da série do dr. Tungstênio? Eu sei que você esteve ocupado com resgates e estas ninharias de antigravidade, mas você prometeu o manuscrito pronto há mais de duas semanas!

- Um minuto- respondeu o robô de aço azulado, com a maior calma. Voltou-se mais uma vez para a robix rosada: - Miss Blushes, quer assinar comigo um pacto de companhia e conforto? Refiro-me ao pacto exclusivo e eterno.

- Sim! - gritou a robix, lançando-se contra seu peito azulado com um clank metálico. - Sou sua, Zane, total e eternamente. Sem exclusão de circuitos. Minhas janelas, portas e tomadas ficarão sempre abertas para você, meu adorador, todos os dias e durante as vigílias noturnas!

Meio Litro saiu do ombro de Zane e ficou a esvoaçar em proximidade de Flaxman, que nem

sequer estremeceu, mas afirmou:

- Você não sabe o alívio que a gente consegue sentir, ao ver realizados seus pesadelos de infância.

Heloisa Ibsen agitou o copo.

- Cully, meu amor - gritou com sua voz penetrante. - Acho que está na hora de você anunciar que todos os seus tormentos já foram legalizados.

- Certo. Meus amigos da Rocket House, Heloisa e eu nos casamos há onze horas. Atualmente ela é dona de metade de minhas ações e de toda minha libido.

Gaspard olhou para a enfermeira Bishop:

- Não tenho ações e também não sou um gênio de lata – disse. - E sou muito grande para poder voar. Mas acho que você é muito ixy... de fato, você é a moça mais ixy que já conheci.

- Eu também acho que você é muito brunch - murmurou a moça, deixando-se envolver em seus braços. - Acho que você é quase tão brunch quanto Zane Gort.